

NÍCOLAS VEREGUE RUIZ

**ESPAÇO PÚBLICO EM LONDRINA (PR):
A MULTIPLICIDADE DOS USOS E FUNÇÕES
DO CALÇADÃO E DO ZERÃO**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

NÍCOLAS VEREGUE RUIZ

ESPAÇO PÚBLICO EM LONDRINA (PR): A MULTIPLICIDADE DOS USOS E FUNÇÕES DO CALÇADÃO E DO ZERÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do Espaço Geográfico
Linha de pesquisa: Produção do Espaço Urbano

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eda Maria Góes

Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

R934e

Ruiz, Nicolas Veregue

Espaço público em Londrina (PR) : a multiplicidade dos usos e funções do calçadão e do Zerão / Nicolas Veregue Ruiz. -- Presidente Prudente, 2021

157 p. : fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Eda Maria Góes

1. Geografia Urbana. 2. Fragmentação socioespacial urbana. 3. Espaço público. 4. Cidades médias. 5. Londrina (PR). I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Espaço público em Londrina (PR): a multiplicidade dos usos e funções do Calçadão e do Zerão

AUTOR: NICOLAS VEREGUE RUIZ

ORIENTADORA: EDA MARIA GOES

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. EDA MARIA GOES (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente

Prof. Dr. MATTHEW AARON RICHMOND (Participação Virtual)
Depto Latin America and Caribbean Centre / London School of Economics

Presidente Prudente, 13 de dezembro de 2021



Aos momentos singelos da vida, às perdas, às pessoas que nos encontram em
dias e noites difíceis, aos olhares, às trocas de experiências, às conversas
profundas e despretensiosas, às risadas espontâneas, ao cotidiano que pulsa,
inspira, nos assombra e nos faz refletir

Aos mais de 610 mil brasileiros e brasileiras que nos deixaram nesse período
por conta da pandemia de COVID-19 e também por conta de uma pandemia de
ignorância, imbecilidade e retrocesso que assola a sociedade brasileira

AGRADECIMENTOS

*Preocupado, viciado
No ritmo frenético de um jovem anos dez
Não sei quando parar
Apegado, delicado
Um medo do silêncio, do vazio, a solidão
Eu quero tudo, eu
Quero descansar, mas também quero sair
Quero trabalhar, mas quero me divertir
Quero me cobrar, mas saber não me ouvir
Quero começar, mas quero chegar no fim
(...)
Eu 'tô pegando leve, tentando descansar
Meu nível de estresse ainda vai me matar
Se a vida vai depressa, com pressa ainda mais
Eu 'tô pegando leve, hoje eu não vou trabalhar
(...)
Dividido, indeciso
Me cansam tantos hipsters e modernos de plantão
Me cansa ser mais um...
Acabado, esgotado
Eu já cheguei no fim, recomecei e aqui estou eu
No fim de novo, eu
Quero me encontrar, mas quero deixar fugir
Já fiquei sozinho, mas eu nunca morri
Às vezes eu canso, é demais para mim
("Pegando Leve" - O terno, 2019)*

Qual é a sensação de terminar um trabalho acadêmico? Qual a sensação de terminar um trabalho acadêmico em tempos de pandemia global que tem nos afetado

profundamente? É uma sensação de dever mais que cumprido e reflete o que foi possível ser feito agora nesse momento tão difícil para a humanidade.

Só foi possível chegar até aqui cuidando da minha saúde mental, da minha subjetividade, dos meus e de estar junto aos meus. De cuidar e de ser cuidado, de olhar para mim mesmo, de olhar para os outros, de pegar leve, de respeitar meus limites, anseios e desejos. De lidar com lutos, ansiedade, despedidas, distanciamento social, mudanças, a situação política caótica... De entender que a vida muda, os sonhos também e que, a todo momento, ela está sendo escrita e reescrita.

Dessa maneira, para conseguir chegar até aqui hoje, muitas pessoas me ajudaram e auxiliaram nessa jornada. Seria, é claro, impossível lembrar-me de todas elas, mas nas próximas linhas, eu busquei listá-las, sempre com aquele receio de esquecer-me de alguém.

Eu começo agradecendo aos meus pais, Julio e Gracia, minha irmã Rebeca e minhas sobrinhas, Lívia Maria e Eloá Elise por serem minha base e fundamento. Minha primeira família, meu primeiro lar, meu primeiro recanto desse mundo. O seio familiar que me constituiu e que cuidou de mim por primeiro, também propiciou as oportunidades e também as discordâncias. Vocês refletem o que sou e o que não sou mais. Eu sou muito grato por ter vocês junto a mim, mesmo nas distâncias que os caminhos da vida nos coloca. Lhes amo muito. Também agradeço minhas tias e tios, primos e primas por fazerem parte da minha vida de maneiras diversas e poder contar com abraços sinceros e verdadeiros sempre que nos reunimos. Vocês também me constituem!

Quero agradecer imensamente a minha namorada Nicolý e a toda a rede de amor, apoio, cuidado, carinho e compreensão mútua que temos. Amor, nossa história até aqui tem sido linda e quero continuar vivendo-a contigo por muitíssimo tempo. Obrigado por acreditar e ver aspectos e qualidades minhas que eu ainda não consigo. O que temos construído até aqui importa, você é e sempre será minha menina e eu o seu menino. Agradeço demais por ter te encontrado e vivido até aqui contigo. Nossa caminhada é sempre junta, unida e única. Te amo, meu amor!

Agradeço também aos familiares da minha namorada que também são minha família: minha sogra Bia, uma pessoa maravilhosa, com seu senso de humor ímpar, sempre fazendo-nos rir muito com uma gargalhada que só de pensar dá vontade de gargalhar junto. Bia, obrigado por tudo o que fez por mim, pelo apoio e pelas palavras de força sempre bem humoradas.

Fabício e Adriely, meus cunhados queridos, lhes agradeço por esses anos de convivência, pelo apoio e auxílios, por fazerem parte desse pombal bagunçado e afetivo que construímos durante esses anos. Benjamin e Ana Liz, lindos do tio de coração e de alma, agradeço pelas manhãs e noites de manha, pela gritaria e sorrisos, pelas risadas, por ajudar-nos a entender que a vida pode ser simples e leve como vocês a veem.

Agradeço também aos outros familiares da namorada que estiveram e estão presentes nesses anos e os que já, infelizmente, não estão mais entre nós nesse plano. Obrigado por tudo!

Agradeço aos amigos e colegas queridos de Prudente que moraram comigo ou trocaram experiências e vivências sinceras e maravilhosas durante o período do mestrado: Luís, Marco Aurélio, Mariana, Gustavo, Guilherme, Tiago, Gisele, Gustavo Leandro, Liriane, Amanda, Ana Carolina, Gabriela, Felipe, Renan, Nayara... dentre outros que sempre estiveram dispostos a conversar, tomar um café, um capuccino, uma cerveja, conversar sobre memes ou política, convidar para um almoço ou janta. A pandemia deu uma atrapalhada imensa na vida social e afetiva da pós-graduação, porém guardo boas lembranças desse período que estávamos mais juntos.

Aos amigos de Londrina que cada um a sua maneira e proximidade estão presentes e fazem parte de mim também: Carlos, Manuela, Emanuela, Gabriel, Kamila, Joice, Luis, Chiemi, Gabriella, Gustavo, Eli, Profa. Bia, dentre outros queridos que sempre estão dispostos a conversar, contar causos e fofocas, comentar sobre tudo, sem censura. Obrigado meus lindos!

Agradeço ao meu psicoterapeuta Alzeir por oferecer e propiciar durante nossas sessões presenciais e online, uma escuta sensível, profissional e tão importante para mim. Em nossas sessões, eu tenho conseguido entender meus papéis e os limites desses papéis na minha própria vida e na vida de outras pessoas. Tem sido uma ajuda muito relevante na compreensão da minha ansiedade e nas tentativas de driblar alguns excessos de perfeccionismo e autocobrança desnecessária... de modo geral, tem sido saudável cuidar de como isso me afeta e afetou minhas ações e seus porquês, nesses mais de dois anos que juntaram mestrado, pandemia, distanciamento social, inúmeras tentativas de tirar carteira de motorista, problemas familiares... enfim... convém repetir-me: se puderem e quiserem... façam terapia!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente pelo apoio acadêmico, institucional e qualificado e aos seus docentes, discentes e técnicos que se dedicam a elevar mais e mais a qualidade e abrangência das pesquisas orientadas, das publicações e dos trabalhos relevantes e comprometidos socialmente a toda sociedade brasileira.

Agradeço também à orientação acertada, séria e comprometida deste trabalho pela Profa. Dra. Eda Maria Góes, a qual me deu espaço para desenvolver meu papel de pesquisador na Geografia e construir a criticidade necessária para dar seguimento na vida profissional. Aos professores doutores Matthew Richmond e Nécio Turra Neto pelas contribuições excelentes na banca de qualificação de mestrado.

Estendo os agradecimentos aos cidadãos que encontrei durante os trabalhos de campo - em conversas informais ou aplicando as enquetes - e aqueles que entrevistei para esta pesquisa. Vocês foram primordiais para a produção dos dados aqui apresentados e analisados e, inclusive, aqueles dados que não consegui analisar, seja por falta de ferramentas analíticas, seja por estarem fora do escopo e dos objetivos deste trabalho.

Enfim, com a defesa deste mestrado, eu encerro um ciclo muito importante na minha vida. Um período que abarca o ingresso e a graduação (licenciatura e bacharelado) em Geografia na Universidade Estadual de Londrina, as experiências no mercado de trabalho na Unifil e na escola de Gastronomia IGA, as tentativas de ingressar na pós-graduação, as mudanças de casa e de cidade, a elaboração do projeto, a execução da pesquisa e a escrita da dissertação...

Ufa! Foram tantas idas e vindas... um período de intensas mudanças, descobertas, incertezas, encontros, desencontros, despedidas, aprendizados.... de muita coisa que me aconteceu... Entretanto, agora, é necessário mirar outras possibilidades e conectar-me com outros desafios, sonhos e devires.

Acho que a gente nunca se despede completamente daquilo que viveu e aprendeu, a gente ressignifica, reelabora, reinterpreta, se livra de alguns excessos, busca o novo e transforma nosso repertório em ferramentas úteis e singulares para lidar com os inúmeros desafios da nossa brevíssima existência terrena. E a essa

existência terrena que eu quero agradecer ao findar essas linhas... que sempre seja possível e saudável, viver!

*Não vou mais aturar
Baixo astral na minha vida
Não vou mais carregar
O peso e a dor que não são minhas
Vou correr na direção daquelas tantas
Coisas lindas que eu anseio
Quero andar ao lado de quem
Assim como eu, enxerga o copo meio cheio
Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vim pro mundo pra viver
Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vim pro mundo pra viver
Vou experimentar
Viver mais livre, leve e solto
Eu vou comemorar
A vida, a morte, o tempo e o sonho
Vou em paz, tudo termina e recomeça
O tempo é firme e segue em frente
Quero mais, pois só sonhando a gente inventa
E sai com algo diferente
Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vim pro mundo pra viver
Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vim pro mundo pra viver
("Eu vou" - O terno, 2019)*

Londrina, novembro de 2021

RESUMO

Nesta dissertação de mestrado, discutimos a relação entre fragmentação socioespacial e a influência do par dialético público-privado nas práticas espaciais dos cidadãos, entendendo seus conteúdos e tais práticas que os produzem cotidianamente, como fundamentais na compreensão das dinâmicas urbanas das cidades médias brasileiras. Os dois espaços públicos escolhidos para esta pesquisa são o calçadão e o Zerão na cidade de Londrina, Paraná. A pesquisa tem como objetivo caracterizar esses espaços no contexto de uma cidade produzida e vivenciada de maneira fragmentada. São utilizados procedimentos metodológicos qualitativos como observações de campo, aplicação de enquetes, entrevistas com os cidadãos e levantamento em mídia digital, além da discussão bibliográfica. Ao final, é elaborada uma caracterização e destaca a multiplicidade de usos e funções dos dois espaços em sua articulação contraditória com os espaços privados.

Palavras-chave: Londrina (PR). Calçadão. Zerão. Espaço público. Fragmentação socioespacial.

ABSTRACT

In this master's thesis, we discuss the relationship between socio-spatial fragmentation and the influence of the public-private dialectical pair in the spatial practices of city dwellers. Their contents and such practices that produce them daily are fundamental in the urban dynamics of medium-sized Brazilian cities. The two public spaces chosen for this research are Calçadão and Zerão in the city of Londrina, Paraná. The research aims to characterize these spaces in the context of a city produced and experienced in a fragmented way. Qualitative methodologies are used, such as field observations, survey application, interviews with citizens and digital media survey, besides bibliographic discussion. At the end, a characterization is elaborated and highlights the multiplicity of uses and functions of the two spaces in their contradictory articulation with private spaces.

Key-words: Londrina (PR). Calçadão. Zerão. Public space. Socio-spatial fragmentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização de Londrina/PR	31
Figura 2 – Esquema do relevo das terras da companhia e linha ferroviária, ao longo da qual se implantou a rede de cidades pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).....	33
Figura 3 – Planta inicial de Londrina (1929).....	34
Figura 4 – Evolução e estrutura urbana de Londrina no início da década de 2010..	36
Figura 5 – Localizações do calçadão e do Zerão na cidade de Londrina	40
Figura 6 – Localização do calçadão em Londrina, em detalhe	42
Figura 7 – Construção do calçadão de Londrina no final dos anos 1970.....	44
Figura 8 – O calçadão de Londrina atualmente, vários períodos do dia	44
Figura 9 – O Zerão em Londrina, em detalhe.....	46
Figura 10 – Vale do Leme no final dos anos 1970 (1) e na década de 2010 (2), Londrina	47
Figura 11 – Anfiteatro e arquibancadas do Zerão, Londrina	48
Figura 12 – Campos de futebol/gramado do Zerão, Londrina	49
Figura 13 – Parquinho/local lúdico do Zerão, Londrina.....	49
Figura 14 – Quadras poliesportivas do Zerão, Londrina	50
Figura 15 – Pista de corrida/caminhada do Zerão, Londrina	50
Figura 16 – O Sabor&Ar no Zerão, Londrina	51
Figura 17 – Margens esquerda (presença das práticas dos cidadãos) (1) e direita (ocupada por propriedades privadas) do Lago Igapó I (2), Londrina	52
Figura 18 – Vista panorâmica do Lago Igapó I (centro da cidade ao fundo), Londrina	52
Figura 19 – Deslocamentos dos cidadãos até o calçadão de Londrina	60
Figura 20 – Deslocamentos dos cidadãos até o Zerão em Londrina	61
Figura 21 – Foto do Instagram oficial do coletivo “Big Oh!” e comentário destacando a importância do momento em que a prática de <i>skate</i> prevaleceu sobre a prática de vôlei na quadra do Zerão, Londrina.....	96
Figura 22 – Quadra que os membros do coletivo “Big Oh!” praticam <i>skate</i> no Zerão, Londrina.....	100
Figura 23 – Frase escrita próximo a mobiliário na quadra do Zerão, Londrina	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento em mídia digital	29
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
Trabalhos de campo e aplicação de enquetes	20
Entrevistas	25
Levantamento em mídia digital	28
1 LONDRINA: ESPAÇO, TEMPO E PRODUÇÃO	31
2 O CALÇADÃO E O ZERÃO E SEUS CONTEÚDOS SOCIOESPACIAIS	
.....	39
2.1 Dois espaços públicos centrais: implantação, elementos e a produção do entorno.....	39
2.2 Compreendendo a relação entre fragmentação socioespacial e espaços públicos.....	56
2.2.1 Uma análise comparativa entre o calçadão e o Zerão	58
2.2.2 O cotidiano no/do calçadão e Zerão: articulação/sobreposição entre espaços públicos e privados e a sua influência nas práticas espaciais dos cidadinos	63
3 OUTRAS POSSIBILIDADES NO CALÇADÃO E NO ZERÃO: MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS, ARTÍSTICAS, CULTURAIS E APROPRIAÇÕES DIVERSAS	85
3.1 O calçadão e o Zerão: do político ao artístico-cultural	85
3.2 O coletivo de skatistas “Big Oh!” no Zerão e sua relação com o espaço público.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE A – ENQUETES APLICADAS.....	114
APÊNDICE B – ENQUETE APLICADA PELO <i>GOOGLE FORMS</i> SOBRE O ZERÃO.....	115
APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	119
APÊNDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	125
Entrevista 1: Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão	125
Entrevista 2: André, 30 anos, membro do coletivo de skate (“Big Oh”) no Zerão.....	132

Entrevista 3: Ivan, organizador do Quizomba no Zerão	138
Entrevista 4: Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão.....	143
Entrevista 5: Gael, 30 anos, frequentador do Zerão	148
Entrevista 6: Valéria, 45 anos, frequentadora do Zerão	152

INTRODUÇÃO

Em tese defendida recentemente e respaldada por dados obtidos no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), Bortolo (2015, p. 35) afirma que em Londrina (PR) há mais de 660 praças, 55 academias ao ar livre, lagos artificiais, dois parques, um bosque, vários centros poliesportivos, dentre outros inúmeros espaços públicos de diferentes tipos e modelos¹.

Esse montante de espaços públicos em Londrina, do ponto de vista analítico, remete ao seu estatuto jurídico. Duhau e Giglia (2010, p. 393, *itálico no original*), na passagem a seguir, comentam sobre o caráter jurídico dos espaços públicos e a respeito da importância de levar isso em conta na análise e compreensão das dimensões urbanas na contemporaneidade:

[...] [E]n lo que respecta a las dimensiones específicamente urbanas, debe destacarse la cuestión del *estatuto jurídico del espacio público*. Nos referimos a la constitución gradual de una esfera o dominio de lo público urbano como *conjunto de espacios jurídicamente públicos*, es decir, de *libre acceso, bajo jurisdicción del poder público y consagrados al uso de todos* (Sabatier, 2002) y, junto con ello, la conformación de lo que podemos denominar un *orden reglamentario urbano* (Duhau y Giglia, 2004), como conjunto de reglamentos *formales* para dicho dominio, que supuso codificar y reglamentar los usos *legítimos* de los espacios públicos, lo que implicó establecer horarios, separar funciones y, en muchos casos, simplemente *prohibir* ciertos usos o actividades en determinados lugares, ya sea confinándolas a otros espacios o simplemente eliminándolas.²

¹ Respeitando as limitações e os objetivos de sua tese, o autor não se debruçou sobre esse montante de espaços públicos em Londrina, nem sobre a totalidade de espaços públicos nas cidades da aglomeração urbana de Londrina (a saber: Cambé, Ibiporã, Rolândia e Jataizinho). Elegeu, nessas cidades, os mais representativos e estratégicos, levando em conta as diferentes formas de produção, usos e apropriação desses espaços em distintas áreas da cidade e com foco nas práticas de lazer dos cidadãos (BORTOLO, 2015, p. 37).

² Em tradução livre: “[N]o que se refere às dimensões especificamente urbanas, deve destacar-se a questão do estatuto jurídico do espaço público. Nos referimos a constituição gradual de uma esfera ou domínio do público urbano como conjunto de espaços juridicamente públicos, isto é, de livre acesso, sob jurisdição do poder público e consagrados ao uso de todos (Sabatier, 2002) e, junto com ele, a transformação do que podemos denominar de ordem regulamentária urbana (Duhau e Giglia, 2004), como conjunto de regulamentos formais para dito domínio, que supõe codificar e regulamentar os usos legítimos dos espaços públicos, o que implicou estabelecer horários, separar funções e, em muitos casos, simplesmente proibir certos usos ou atividades em determinados lugares, seja confinando-as a outros espaços ou simplesmente eliminando-as”.

Para os autores (2010, p. 394), há uma mescla e uma interdependência entre espaços públicos e espaços privados. Do ponto de vista interpretativo, reconhecem a existência de várias “ordens urbanas”³, presentes nas cidades contemporâneas. Segundo eles, para compreender a “[...] problemática actual del espacio público es necesario al mismo tiempo tomar en cuenta el plano de las transformaciones normativas (formales e informales), el de las transformaciones funcionales y el de las representaciones simbólicas”⁴.

Em outra publicação, Duhau e Giglia (2016) ainda argumentam que a partir de modelos de diversas metrópoles – na América Latina, nos Estados Unidos e na França – que a crise do fordismo tem auxiliado na criação dessas “ordens urbanas” como comentado no parágrafo anterior. O que os autores entendem como um sinônimo de “organização social” – ou seja, são cidades produzidas cada vez “mais desconexas e separadas em termos espaciais, sociais e culturais” (LEGROUX, 2021, p. 236).

Essa desconexão e separação, em termos espaciais, sociais e culturais, tem sido denominado de fragmentação socioespacial, processo que está ocorrendo em outras metrópoles latino-americanas e em outras cidades médias brasileiras, como também tem sido estudado e debatido na comunidade acadêmica da área de Geografia há alguns anos (GÓES et al., 2019; LEGROUX, 2021; SPOSITO; SPOSITO, 2020) e dentro deste escopo, algumas dessas pesquisas têm se voltado especificamente ao tema do espaço público (GÓES; RICHMOND, 2021; GÓES; SPOSITO, 2016).

No que se refere aos espaços públicos, é preciso considerar que permitem a convivência de sujeitos com interesses distintos, mediante ou não à discussão e construção de acordos e dissensos que se expressam na sociabilidade pública. As permanências, reuniões menos ou mais contestatórias/deliberativas, e encontros banais e efêmeros, programados ou não, entre os sujeitos diferentes nos espaços públicos, também podem constituir exercícios políticos da vida social.

³ A tipologia proposta pelos autores conferiu inteligibilidade às práticas espaciais dos cidadãos por meio da identificação e elaboração teórica-metodológica de diferentes e distintos contextos urbanos, a nível metropolitano, para a Cidade do México. Esse esquema analítico possibilita uma generalização adequada à superação das tendências particularistas, de estudos de caso, ou genéricas, sem os seus contextos sócio-históricos e socioespaciais apropriados (DUHAU; GIGLIA, 2008, p. 25–6). As potencialidades analíticas dessa tipologia podem ser ampliadas com a adoção de uma perspectiva interescalar, necessária ao entendimento dos processos e dinâmicas que são mais amplos, que impossibilitam a circunscrição temporal e espacial da análise, seja ela mais próxima da perspectiva econômica, como a partir de perspectivas que permitem transformações nas práticas espaciais contemporâneas.

⁴ Em tradução livre: “[...] problemática atual do espaço público é necessário ao mesmo tempo levar em conta o plano das transformações normativas (formais e informais), das transformações funcionais e das representações simbólicas”.

Há heterogeneidade nas práticas socioespaciais nos espaços públicos, como há heterogeneidade no perfil dos sujeitos que os utilizam. Nesse movimento, que a todo momento, se contradiz e se combina, o espaço público pode ser praticado e transformações podem vir a ser geradas. Para discutirmos a respeito dos espaços públicos e das práticas socioespaciais neles realizadas, é preciso levar em conta, impreterivelmente, a produção do espaço urbano. Nesse sentido, o processo de fragmentação socioespacial pode ser entendido como um modo de interpretar a segmentação espacial, social e política das cidades – ampliando o conceito de segregação e autosegregação, combinando desconexão física, descontinuidades do tecido urbano, complexificação do modelo centro-periferia e a proliferação dos *shopping centers* e espaços residenciais fechados, em escalas que articulam o local e o global. São importantes agentes do processo de fragmentação socioespacial, as empresas e as incorporadoras comerciais e imobiliárias que, através de suas escolhas espaciais, condicionam, com maior ou menor intensidade, as práticas socioespaciais dos cidadãos, relacionadas à habitação, mobilidade, lazer e consumo. Trata-se de um processo e uma realidade urbana, dele resultante, engendradas pelos primeiros e agenciadas cotidianamente pelos segundos (GÓES *et al.*, 2019, cap. 2; PRÉVÔT-SCHAPIRA, 2001; PRÉVÔT-SCHAPIRA; PINEDA, 2008; SPOSITO; GÓES, 2013), que também se caracterizam pela tendência à privatização e a diferenciação, tal como a proliferação de *shopping centers* e espaços residenciais fechados sugere, e que impactam diretamente nos espaços públicos e no reconhecimento do direito à cidade.

Gomes e Ribeiro (2018) e Borges (2018), em artigos publicados em número especial do periódico Geografares, dedicado à temática, argumentam que os espaços públicos têm a política como fundamento. A mesma possibilita que a pluralidade de ideias e a diversidade de opiniões estejam presentes. Essa diversidade é representada por diferenças e contestações, tanto individuais, quanto coletivas. Os conflitos podem ser consequências desse compartilhamento de ideais e de coexistências. Portanto, espaços públicos podem congrega, reunir, visibilizar e contrapor – com ou sem violência física – distintos grupos e movimentos sociais – sejam partidários ou não, com diversas ideologias, demandas próprias, lutando por mudanças e reunindo vozes, por vezes dissonantes, por vezes uníssonas, materializadas em assembleias, atos, protestos, carreatas, passeatas, marchas, etc. De acordo com essa perspectiva, a política se evidencia nessas práticas socioespaciais.

De um outro ponto de vista, as potências micropolíticas permeiam a vida social nos espaços públicos. Elas estão vinculadas aos encontros, desencontros e aos acontecimentos inesperados, até mesmo indesejáveis e ao imprevisto – e a resposta ou não a esse imprevisto – de sujeitos que só pelo fato de estarem lá podem incomodar (DOMOSH, 1998). A geógrafa Mona Domosh (1998, p. 211–12), baseada em filósofos e sociólogos, identifica nessas potências/“ações micropolíticas” e nas “transgressões táticas” presentes nos espaços públicos, desafios ostensivos, diretos ou indiretos, às normas e às regras de comportamento dominantes ou de urbanidade, que tendem, a longo prazo, a modifica-las significativamente. Desse modo, as práticas socioespaciais cotidianas nos espaços públicos motivam formas opostas e/ou justapostas de política nas quais as “transgressões”, embora sutis, são profundas.

A fim de contribuir qualitativamente com o debate sobre fragmentação socioespacial e dos espaços públicos, entendemos que é preciso atentar-se às particularidades e singularidades desses espaços, levando em conta uma concepção moderna e mais aberta desse conceito, suas características e relação com a cidade produzida e vivida pelos cidadãos, além das promessas e premissas neles implicadas, seus sentidos, suas subversões e contrahegemonias.

Em uma cidade média como Londrina, estudos recentes (SPOSITO; GÓES, 2019), como dito anteriormente, demonstram que ela tem sido transformada por novas tendências do mercado imobiliário e de práticas espaciais associadas aos novos padrões de trabalho, consumo, lazer e mobilidade à escala urbana. É desse contexto que nossa dissertação parte e tem como objetivo geral realizar a caracterização de dois espaços públicos da cidade de Londrina/PR, o calçadão e o Zerão, no contexto do processo de fragmentação socioespacial que está em curso nessa cidade, contribuindo assim para sua compreensão.

O estatuto jurídico do calçadão e do Zerão em Londrina certamente foi importante para o recorte analítico e empírico desta pesquisa, mas não somente isso. O entendimento das suas formas e dos seus conteúdos espaciais conferem aspectos qualitativos primordiais para a compreensão do espaço público na cidade contemporânea que está sendo produzida e praticada por diversos agentes e outros sujeitos sociais dentro de uma lógica fragmentária – não somente morfológica, articulando-se também à produção do tecido urbano, às práticas espaciais e à constituição de imaginários (MAGRINI; CATALÃO, 2019).

Esse recorte também se justifica pelas semelhanças e diferenças entre ambos. No que se refere às semelhanças entre eles, entendemos que são espaços abertos, que priorizam os cidadãos – como pedestres – em oposição à prioridade dada aos veículos, em tantos espaços urbanos e por também se localizam no centro da cidade⁵.

No que tange as diferenças, o primeiro é uma via voltada, majoritariamente, ao comércio e aos serviços, e o segundo é um parque urbano arborizado, voltado às atividades de lazer, esportivas e culturais. Esses espaços foram escolhidos ainda devido à importância em relação à centralidade, além da relevância e referência simbólica e cultural (JANUZZI, 2006), mais especificamente no caso do calçadão, e por congregar, em diferentes porções e em diferentes períodos do dia, diversas práticas espaciais.

Houve também uma familiaridade do pesquisador com os dois espaços da pesquisa por residir nessa cidade durante a graduação e frequentá-los em seus momentos de atividades esportivas, lazer e consumo. De modo geral, os recortes foram necessários pois reconhecemos que investigar todos os espaços juridicamente públicos da cidade, seria uma tarefa hercúlea e, da mesma maneira, superficial. Com os recortes delimitados, foi necessário pensar e construir procedimentos metodológicos que dessem conta da caracterização desses dois espaços públicos e contribuir com o debate proposto, a partir do levantamento bibliográfico.

Se por um lado, foi possível trabalhar com procedimentos metodológicos qualitativos, por outro, a pandemia de COVID-19 atrapalhou os planos e o projeto de pesquisa elaborado inicialmente. Ele tinha como foco investigar as práticas espaciais dos jovens naqueles espaços a partir de uma perspectiva micropolítica e poderia trazer mais contribuições geoetnográficas, com derivas e percursos comentados, procedimentos metodológicos baseados em investigações defendidas nos últimos anos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, campus de Presidente Prudente (SP), como, por exemplo, as contribuições de Stoian (2019) e Ramos (2017).

A partir da qualificação desta pesquisa ocorrida em junho de 2021, foi possível refinar o nosso recorte, não focar somente nas práticas espaciais dos jovens e aproveitar qualitativamente o referencial teórico já estudado, além de ampliar o olhar para os usos e suas contradições nos/dos dois espaços públicos de uma maneira menos genérica e mais contextualizada.

⁵ As referências de localização (bairros e zonas) da cidade de Londrina são as utilizadas oficialmente pelos órgãos municipais.

A dissertação está dividida entre essa introdução, percurso metodológico, três seções de discussão e análises, as considerações finais e a parte pós-textual com a lista de referências utilizadas, anexos e apêndices. A primeira seção discute a produção do espaço de Londrina e seus aspectos temporais, da conformação e da passagem de uma estrutura monocêntrica à uma estrutura policêntrica e fragmentada, além de outras alterações socioespaciais no decorrer dos tempos.

A segunda seção é dividida em duas subseções, na primeira são caracterizados os dois espaços públicos escolhidos para esta pesquisa e a produção dos seus entornos. Na segunda se discute sobre a relação entre fragmentação socioespacial e a influência do par dialético público-privado nas práticas espaciais dos cidadãos a partir das enquetes, observações de campo e entrevistas realizadas.

A terceira seção traz alguns aprofundamentos para pensar como esses espaços públicos permitem e condicionam as contestações políticas, as manifestações artísticas e as disputas e apropriações (a partir de um coletivo de skate específico) tendo como base as entrevistas, as enquetes e o levantamento em mídia digital.

Dessa forma, na próxima seção são descritos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa de modo que contribua com o entendimento do leitor frente ao desenrolar desta dissertação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa são de natureza qualitativa. Isso quer dizer que nosso percurso metodológico – tanto na aproximação, quanto nos recortes teóricos e empíricos e na investigação dos dois espaços públicos escolhidos – diz respeito, sobretudo, a produzir conhecimentos e informações a respeito daqueles espaços e dos sujeitos que os praticam, a partir de uma análise contextualizada e em profundidade. Não se trata de coletar/catalogar dados e informações (TURRA NETO, 2012).

Dito de outra forma, as metodologias qualitativas utilizadas consistem em estabelecer interações humanas, constituindo certa intromissão na subjetividade dos cidadãos e na relação dialógica entre o sujeito pesquisador e os sujeitos (nos espaços e a partir deles) pesquisados (TURRA NETO, 2012, p. 4) e, guardadas as devidas proporções, entre sujeito pesquisador⁶ e espaços pesquisados.

Isso está em consonância com a perspectiva das Geografias da Vida Cotidiana (LINDÓN, 2006), pois entendemos que as práticas espaciais dos sujeitos, e neste caso, nos espaços públicos, não estão deslocadas, descontextualizadas ou isoladas: seja nas interações sociais com o sujeito pesquisador e com o outro, em suas condições socioespaciais, econômicas e culturais, seja no modo como a cidade está estruturada e é produzida por diversos agentes sociais.

Nas próximas três seções, são arrolados os procedimentos metodológicos utilizados, salientando alguns aspectos conceituais de cada um deles e destacando suas potencialidades e limites para a pesquisa em tela.

Trabalhos de campo e aplicação de enquetes

Os trabalhos de campo no calçadão de Londrina ocorreram entre 29 de janeiro de 2020 e 17 de fevereiro de 2020, totalizando oito. Em dias alternados e períodos variados, permanecemos nas quadras e praças do calçadão, realizando as observações, anotações e fotografando o espaço, além de aplicar enquetes com os cidadãos.

⁶ Incluindo o material documental e bibliográfico levantado e problematizado sobre Londrina e os espaços pesquisados.

Também foram planejados trabalhos de campo no Zerão que ocorreriam na sequência daqueles, porém foram suspensos devido à pandemia de COVID-19 e às consequentes medidas de isolamento e distanciamento social, devidamente respeitadas, a partir de março de 2020.

No início de abril de 2021, no fim da tarde, fomos ao Zerão tirar algumas fotografias a fim de obter alguns registros autorais. Seguimos os protocolos de segurança, usando máscara e mantendo o distanciamento dos cidadãos que estavam ali presentes.

Com a progressiva abertura, vacinação e diminuição de contaminações e mortes por COVID-19 no Brasil, e mesmo assim, respeitando todas as indicações dos órgãos de saúde e comunidades científicas dessa área, como o uso constante de máscara e mantendo o distanciamento social, nos dias 10, 11, 12 e 14 de setembro de 2021, retornamos ao campo para realizar novas observações a aplicar enquetes presenciais no Zerão.

As observações e interações no calçadão auxiliaram no entendimento de algumas características como: elementos construídos, práticas espaciais diversas ligadas ao consumo, lazer, mobilidade, trabalho e, inclusive, às vinculadas à religião e política – partidária ou não – e as que mesclam/combinam mais de uma.

Caminhamos pelo calçadão, paramos para conversar com alguns cidadãos, aplicamos enquetes com alguns deles e registramos observações e fragmentos das conversas no diário de campo, conforme estava previsto no projeto de pesquisa. Os registros nos ajudaram nas análises, sendo assim, conseguimos visualizar, organizar e esquematizar as observações, interações e vivências, que deram novo conteúdo ao que já era conhecido previamente pelo pesquisador em outros momentos, mas não eram problematizadas, com ferramentas teórico - conceituais e metodológicas sistematizadas que apenas uma pesquisa científica pode oferecer.

Utilizamos algumas táticas “quebra-gelo” e de *approach* com os cidadãos⁷, indicadas por Dimenstein e Scocuglia (2017, p. 426–31), tais como: perguntar “Você é daqui?”, “Que horas são, por gentileza?”, “Nossa, que calor, né?” etc., não mencionar ao colaborador que se trata de uma pesquisa da universidade imediatamente, mas deixar claro, depois de construir alguma empatia ou identificação mesmo que rápida, o porquê de estar ali interagindo com a pessoa, entendendo e respeitando sempre a vontade

⁷ No trabalho citado, Dimenstein e Scocuglia (2017) conversaram com (e entrevistaram especificamente) idosos nos espaços públicos de João Pessoa/PB.

daqueles que não gostariam de conversar e interagir. Mesmo levando em conta as diferenças entre os sujeitos alvos das aproximações dessas pesquisadoras, homens idosos, e os nossos, jovens, nessa etapa da pesquisa, consideramos que era importante uma identificação mais geral dos perfis dos cidadãos que frequentam tais espaços públicos.

Conforme apontam as autoras (2017, p. 426–31), a abordagem e a interação com as pessoas nos espaços públicos demandam técnicas como aproximação, construção de certa confiança em relação as pessoas ou grupo de pessoas pesquisadas, bem como permanência regular naquele espaço durante alguns dias ou semanas para realização da pesquisa. Em síntese, a partir das observações de campo e das interlocuções com os cidadãos, é possível que o pesquisador elabore uma narrativa crítica acerca das práticas espaciais, memórias e experiências urbanas dos sujeitos pesquisados nos espaços públicos.

Reconhecemos que para nossa pesquisa, são necessárias: a construção de confiança e das situações de intersubjetividade entre o pesquisador e os cidadãos, das observações e permanência nos espaços pesquisados e da possibilidade da análise e da crítica acerca de suas ações e falas, no contexto em que estão situados, na medida em que influenciam e são influenciados por ele (DIMENSTEIN; SCOCUGLIA, 2017).

Visando complementar as observações e interações no calçadão, durante os trabalhos de campo, foram aplicadas 31 enquetes (disponível nos Apêndices). Elas foram previamente elaboradas durante as reuniões do grupo de pesquisadores vinculado ao terceiro plano analítico do FragUrb⁸. A enquete é uma importante ferramenta exploratória para compreender os tipos e perfis de usuários, além de suas práticas espaciais naquele e em direção a aquele espaço público, como podemos citar exemplos de enquetes aplicadas, como estão descritas nos trabalhos de Góes e Sposito (2016), Stoian (2019) e Góes e Richmond (2021), chegando mesmo a possibilitar análises que vão além de uma aproximação inicial.

Nessas intervenções em campo, nunca paramos alguém que estivesse andando apressadamente ou fazendo alguma atividade física como corrida. Houve vezes também que alguns colaboradores sentaram no banco em que estávamos e puxaram assunto, evidenciando a presença da sociabilidade nesse espaço público. Outros colaboradores

⁸ Esse plano analítico visa compreender os desdobramentos da lógica socioespacial fragmentária sobre o par público-privado (SPOSITO, 2018).

sentavam-se no banco em que estávamos e pediam informações, gostariam que respondêssemos alguma pesquisa de opinião ou de vendas⁹ ou para nos pedir dinheiro, vender doces e artesanato. Em todas as vezes que isso aconteceu, pedíamos que ele ou ela também ajudasse na pesquisa. É importante ressaltar que embora ali houvesse uma espécie de “troca”, nunca houve constrangimento, nem “compra de informações” para a pesquisa, tampouco qualquer obrigatoriedade da pessoa responder a enquête ou conversar por estarmos contribuindo com o trabalho dela.

Tudo foi feito com muito respeito e transparência e em nenhum momento os colaboradores demonstraram estar incomodados/constrangidos. Explicávamos sempre que não haveria qualquer identificação dos respondentes e que as informações produzidas na pesquisa corresponderiam exclusivamente a fins acadêmicos e científicos.

Como dissemos anteriormente, em um primeiro momento, não foram realizados trabalhos de campo no Zerão por conta da pandemia de COVID-19 e das medidas de distanciamento e isolamento social. De modo a tentar dirimir esse impacto na pesquisa qualitativa com os cidadãos, aplicamos enquetes *online* (disponível nos Apêndices) sobre aquele espaço via *Google Forms*¹⁰.

A enquête tinha basicamente a mesma estrutura da aplicada no calçadão, porém com algumas questões adicionais. Ao todo foram 36 enquetes respondidas entre abril e maio de 2020. O *link* de acesso para preenchimento dessa enquête foi divulgado em nossas redes sociais¹¹ para que conhecidos, familiares, colegas, amigos e amigos de amigos pudessem responder, caso frequentassem o Zerão e/ou compartilhassem com quem frequenta o espaço.

Foi uma estratégia que não visou substituir a interlocução presencial, tampouco as observações de campo e os outros registros, porém ela funcionou satisfatoriamente para termos um panorama detalhado do uso, das práticas espaciais e dos diversos elementos e características do Zerão por meio das respostas dos nossos colaboradores. Mas reconheçamos que as condições materiais, a qualidade e a produção dos dados são diferentes.

⁹ Cursos particulares (idiomas, técnicos, profissionalizantes, etc.), planos médicos e odontológicos, por exemplo.

¹⁰ O *Google Forms* é um aplicativo da plataforma *Google* que permite aos usuários elaborarem e responderem enquetes, questionários e formulários para diversos fins.

¹¹ Facebook e Instagram.

Presencialmente, antes da pandemia, via de regra, havia interação e contato direto com os colaboradores, além de algumas observações e conversas adicionais terem sido incorporadas nas anotações no diário de campo. Já o preenchimento da enquête no *Google Forms* pode ser bastante mecânico e não requer nenhum contato direto¹² com o pesquisador no momento das respostas. Certamente, nossa enquête *online* alcançou mais pessoas, porém deixou escapar comentários, observações e reações que poderiam ser importantes para a pesquisa e só seriam tangíveis a partir da verbalização, do contato e da interação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado.

Outro questionamento que nos fizemos foi o seguinte: será que encontraríamos esses respondentes pessoalmente no Zerão? De certo, haveria inúmeros impedimentos, tanto os do pesquisador quanto dos pesquisados, como por exemplo, horários diferentes da observação e do uso e permanência dos sujeitos no espaço, disponibilidade e vontade em responder a enquête no momento de alguma prática recreativa, etc. Enfim, uma série de situações e adversidades. Reforçamos que estamos cientes dos limites e possibilidades da realização deste procedimento metodológico e da qualidade do dado produzido.

Os questionamentos arrolados no parágrafo anterior são válidos e devem ser levados em conta em uma pesquisa qualitativa. Quando fomos ao Zerão realizar novas observações e aplicar novas enquetes, em setembro de 2021, não desconsideramos esse período pandêmico tão conturbado que estamos vivendo. Ainda assim, encontramos um cenário produtivo, todos os cidadãos que abordamos foram bastante dispostos e interessados em responder as enquetes e contribuir com a pesquisa.

Alguns cidadãos até perguntavam “mas para quê você quer saber isso?”, “de qual universidade você é?”, porém todos depois dessas perguntas e de outras, responderam à enquête. Todos foram informados que seus nomes não seriam revelados e os dados só seriam utilizados para fins acadêmicos. Dessa forma, no Zerão, aplicamos 19 enquetes de maneira presencial, totalizando 55 enquetes com aquelas aplicadas *online*.

De modo geral, tanto os trabalhos de campo e as enquetes aplicadas presencialmente, antes e durante a pandemia, e *online*¹³, forneceram embasamento empírico e aproximação qualitativa de uma parcela dos frequentadores do calçadão e do

¹² Na criação da enquête no *Google Forms* tornamos obrigatório que o respondente inserisse seu e-mail pessoal para evitar *spams* ou respostas desrespeitosas.

¹³ A partir das respostas obtidas, elaboramos dois quadros para consulta que estão disponíveis no Apêndice A. Cada coluna corresponde ao número (ou ordem) da pergunta da enquête.

Zerão. Nosso objetivo com a aplicação das enquetes nesses espaços não foi obter uma amostra estatisticamente significativa de respostas, nem conclusões definitivas e absolutas, mas sim, examinar os padrões e diferenças de usuários e de usos desses espaços de uma maneira exploratória.

Entrevistas

As entrevistas que realizamos nesta pesquisa foram fundamentais para uma abordagem e apreensão qualitativa da caracterização desses dois espaços e dos usos que os cidadãos fazem deles. A utilização desse procedimento metodológico, trata-se, portanto, de produzir, em interlocução interessada e assimétrica, as informações sobre as práticas e as experiências cotidianas dos frequentadores do calçadão e do Zerão.

Em linhas gerais, a entrevista é uma “técnica de excelência na investigação social” e um “processo de interação social” que acontece assimetricamente e de maneira interessada, segundo os objetivos do entrevistador, por meio de uma conversa/diálogo “em profundidade” entre aquele e o sujeito entrevistado. Acredita-se que o sujeito entrevistado possua informações, saberes, crenças, atitudes, práticas, etc. que, comunicadas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 143; GIL, 2006, p. 109).

Segundo Colognese e Mélo (1998, p. 143–8), a técnica da entrevista possui variações que permitem classificá-la em cinco aspectos: quanto à padronização e estruturação, à natureza das informações, aos informantes, ao nível de controle e ao roteiro utilizado. A padronização e estruturação, dizem respeito – do tipo mais aberto ao mais fechado – à entrevista não-diretiva (não-estruturada) que tem finalidade exploratória, com atitude de escuta e mínima intervenção do entrevistador e à entrevista padronizada (estruturada) constituída de uma sequência rígida de perguntas, onde a liberdade do pesquisador é quase nula.

Além dessas duas, há ainda uma intermediária – a semidiretiva (ou semiestruturada). Esta é a que mais se aproxima dos interesses da nossa pesquisa pois demanda a participação ativa do pesquisador na formulação das perguntas em um roteiro ordenado, embora flexível. Nesse tipo de entrevista, o entrevistador pode fazer perguntas adicionais e solicitar que o entrevistado contextualize, elucide, retome, e/ou exemplifique algumas questões (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 145).

Quanto à natureza da informação, as entrevistas podem ser escritas¹⁴ ou orais. Nestas, é privilegiado o discurso comunicado pelo sujeito entrevistado em suas “relações implícitas, tensões, conflitos, sentimentos e ideologias” e revelam “os traços de uma época e seu contexto”. Seu conteúdo é mais importante que a quantidade de entrevistados. A participação do entrevistador, nesse tipo de entrevista, também é bastante presente e o registro pode ser feito por meio de gravação e/ou anotação simultânea (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 146).

Quanto aos informantes, as entrevistas podem ser em grupo¹⁵ ou individuais. Sobre o nível de controle, elas podem ser informais – exploratórias/iniciais e sem elaboração de roteiros – ou formais – com elaboração de roteiros. Esses roteiros podem ser específicos¹⁶ ou contextuais. Neste caso, há perguntas e tópicos norteadores que respeitam a problemática da pesquisa em tela. Os roteiros contextuais são extremamente relevantes às análises qualitativas (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 147) e podem e/ou devem estar sujeitos à flexibilização e alterações a depender das heterogeneidades dos entrevistados e das condições da entrevista.

Assim, as seis entrevistas realizadas nesta pesquisa foram semiestruturadas, individuais e formais, feitas de forma oral, a partir de um roteiro contextual previamente elaborado. Além disso, devido às medidas de isolamento e distanciamento social causadas pela COVID-19, elas aconteceram de forma remota síncrona pela plataforma *Google Meet* em junho de 2020 e agosto de 2021.

O roteiro foi dividido em cinco tópicos. O primeiro contempla questões gerais para quem frequenta ambos os espaços, o segundo aborda as questões específicas a respeito do calçadão e o terceiro questões específicas a respeito do Zerão. O quarto e o quinto tópico, indicam, respectivamente, questões para organizadores de eventos e

¹⁴ As entrevistas escritas se aproximam dos questionários e permitem maior controle do entrevistador acerca do registro e conteúdo das respostas, bem como da amostragem, facilitando a análise posterior (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 146).

¹⁵ Realizadas simultaneamente com certo grupo de pessoas que respondem perguntas e indagações do entrevistador sobre um tema ou temas específicos (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 146). As entrevistas de grupo são diferentes dos grupos focais. Nestes há um debate/conversa mediada (relacionada a uma questão/problema) pelo entrevistador entre os entrevistados (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002).

¹⁶ Roteiros compostos de perguntas fechadas, abertas ou semiabertas. Possuem a mesma apresentação do questionário e podem ser preenchidos pelo entrevistador que pergunta ao entrevistado e anota suas respostas. Esse tipo de roteiro é voltado às análises quantitativas e utilizado pela facilidade de atingir um número maior de entrevistados (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 147).

manifestações artísticos-culturais e questões para membros de coletivos¹⁷ e grupos, ambos presentes no Zerão e que tem alguma atividade mais específica ou regular ali.

Como é um roteiro contextual, as perguntas não necessariamente foram feitas na ordem exata no momento da entrevista. Muitas vezes, o entrevistado adiantava o assunto/tema das questões sugeridas e explorávamos aquele assunto pedindo mais detalhes e exemplos, se fosse necessário. Durante a realização das entrevistas, mantivemos o tom mais próximo possível de um bate-papo. A cada colaborador entrevistado eram direcionadas as questões gerais e as questões específicas a respeito do espaço frequentado pelo mesmo ou somente os tópicos direcionados para organizadores de eventos e membros de coletivos.

As entrevistas foram agendadas, via *WhatsApp*, com alguns dias de antecedência em um horário em comum entre entrevistado e entrevistador. Essa foi a maneira que nos aproximados de quatro, dos seis entrevistados. Eles responderam as enquetes aplicadas presencialmente (no calçadão) e *online* (sobre o Zerão) e se mostraram bastante interessados em colaborar nessa etapa, informando seus números de celular para posterior contato para a entrevista. Letícia, Leonardo, Gael e Valéria¹⁸ foram os quatro colaboradores contatados dessa maneira.

A entrevistada frequentadora do calçadão, Letícia, é advogada, tem 26 anos e reside na zona leste de Londrina¹⁹. Os outros três, Leonardo, Gael e Valéria são frequentadores do Zerão. Leonardo tem 22 anos, é estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual de Londrina, reside na zona sul da cidade e é praticante de *parkour* no Zerão²⁰. Gael tem 30 anos, é professor de Educação Física e *personal trainer* e reside no centro da cidade, próximo ao Zerão²¹. Valéria tem 45 anos, é jornalista e empresária no setor de confecção de roupa infantil e reside na zona sul de Londrina²².

Os outros dois entrevistados pertencem a coletivos que se organizam no Zerão. Um deles pertence ao coletivo de skate “Big Oh!”. André tem 30 anos, é ilustrador e

¹⁷ Entendemos que quem quer que fosse entrevistado, não falaria pelo grupo/coletivo como um todo. Decerto, não haveria tempo e ferramentas para que se entrevistasse todos os participantes/membros desse coletivo, mesmo assim, algumas das informações/opiniões podem ser generalizadas.

¹⁸ Os nomes dos entrevistados são fictícios e foram aleatoriamente escolhidos a fim de preservar suas reais identidades.

¹⁹ Entrevista realizada em 22 de junho de 2020, entre 10h e 11h30.

²⁰ Entrevista realizada em 8 de agosto de 2021, entre 9h e 10h.

²¹ Entrevista realizada em 11 de agosto de 2021, entre 10h e 11h.

²² Entrevista realizada em 14 de agosto de 2021, entre 10 e 11h.

reside na zona norte de Londrina²³. Após encontrarmos algumas notícias *online* que indicam sua participação no coletivo (PORTAL BONDE, 2020), entramos em contato com ele por meio de sua conta profissional no Instagram. A troca de mensagens para agendamento da entrevista foi feita pelo *WhatsApp*.

O outro participa do coletivo e da organização do Quizomba no Zerão. Seu nome é Ivan, tem por volta de 50 anos e já havia tido contato com o nosso trabalho, por amigos em comum. Ele é professor do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Londrina e reside na zona oeste da cidade próximo àquela universidade²⁴.

Após a realização das entrevistas, que foram gravadas com autorização dos colaboradores, transcrevemos as mesmas²⁵. A execução desse procedimento colabora com uma leitura e interpretação mais detalhada das informações. A ferramenta ‘Ditado do Office’²⁶ disponível no editor de textos *Microsoft Office Word* foi utilizada para auxiliar nas transcrições, tal funcionalidade não substituiu a audição atenta das gravações originais, embora tenha ajudado no processo de agilização da transcrição.

Levantamento em mídia digital

A fim de ampliar o escopo dos dados produzidos nos trabalhos de campo, enquetes e entrevistas, realizamos um levantamento de matérias veiculadas em mídia digital (notícias) e informações de páginas oficiais nos últimos anos sobre os dois espaços públicos pesquisados. No Quadro 1 constam essas informações, o título, qual foi o espaço público referente e as observações de como chegamos a esse material e em que nos auxiliou.

²³ Entrevista realizada em 22 de junho de 2020, entre 21h e 22h.

²⁴ Entrevista realizada em 24 de junho de 2020, entre 14h20 e 14h55.

²⁵ Em função da importância desse procedimento metodológico e da riqueza do material produzido, disponibilizamos tanto os roteiros, quanto as transcrições de todas as entrevistas realizadas nos Apêndices. Também consideramos que elas poderiam ser incorporadas por outros pesquisadores desses espaços públicos e de temas correlatos.

²⁶ Essa ferramenta consiste em clicar em ‘Ditar’ no *software Microsoft Office Word* (Página Inicial > Ditar) e depois tocar o áudio da entrevista em um tocador de preferência (em nosso caso foi utilizado o *QuickTime Player*). Essa função não transcreve perfeitamente o som em algumas passagens, por isso é sempre necessário ter ouvido a entrevista na íntegra para saber quais partes fazem ou não sentido, se são fiéis aos originais e revisá-las adequadamente.

Quadro 1 – Levantamento em mídia digital

Notícias/informações da página oficial ²⁷	Espaço(s) público(s) referente(s)	Observações
“Londrina: manifestantes participam de ato no calçadão da cidade”	Calçadão	Pesquisa e conhecimento prévio, permitiu ter mais indicações da ideologia dessas manifestações.
Festival de Música de Londrina	Zerão	Mencionado nas enquetes aplicadas <i>online</i> , permitiu ampliar o conhecimento sobre o festival e seus objetivos.
Festival Internacional de Londrina	Zerão	Mencionado nas enquetes aplicadas <i>online</i> , permitiu ampliar o conhecimento sobre o festival e seus objetivos.
Festival Peroba-Rosa	Zerão	Mencionado nas enquetes aplicadas <i>online</i> . Como eu já conhecia o festival, apenas complementei algumas informações.
“Manifestação em Londrina foi tranquila e durou duas horas”	Calçadão	Conhecimento prévio, permitiu ter mais indicações da ideologia dessas manifestações.
“Manifestantes fazem protestos contra racismo e Bolsonaro, no Paraná”	Calçadão	Mencionada pela entrevistada Letícia e de conhecimento prévio, permitiu ter mais indicações da ideologia dessas manifestações.
“Manifestações em apoio a Sérgio Moro e Lava Jato são realizadas em Londrina e Maringá”	Calçadão	Mencionada pela entrevistada Letícia e de conhecimento prévio, permitiu ter mais indicações

²⁷ Cada notícia/informações da página oficial está com as indicações completas na lista final de referências.

		da ideologia dessas manifestações.
“Parada LGBTI+ de Londrina acontece no domingo; saiba mais”	Calçadão e Zerão	Mencionada pela entrevistada Letícia e de conhecimento prévio
“Orquestra de refugiados faz espetáculos no Zerão, em Londrina/PR”	Zerão	Pesquisa. Permitiu ter mais elementos para analisar por ser um dos eventos do Festival de Música de Londrina.
“Londrina: manifestações contra o corte de verba para a educação”	Calçadão	Com participação do pesquisador.
Orquestra Unicesumar	Zerão	Pesquisa.
Sabor&Ar	Zerão	Conhecimento prévio.
“Skatistas promovem evento para arrecadar fundos para reforma da pista de skate do Zerão”	Zerão	Pesquisa. Permitiu o contato com o skatista André e sua entrevista.

Organizado pelo autor (2021).

Assim, no decorrer desse percurso metodológico, elencamos uma chave explicativa para nos ajudar a caracterizar esses dois espaços públicos (enquanto conceito geográfico) de modo a contribuir com o entendimento do processo de fragmentação socioespacial em curso na cidade de Londrina (SPOSITO; GÓES, 2019, p. 96–124). O nosso olhar então se volta aos conteúdos socioespaciais desses dois espaços, de maneira que outros conteúdos que os tangem (como o que toca a política, arte, cultura e performance, etc.) também sejam explorados de maneira menos ou mais detalhada.

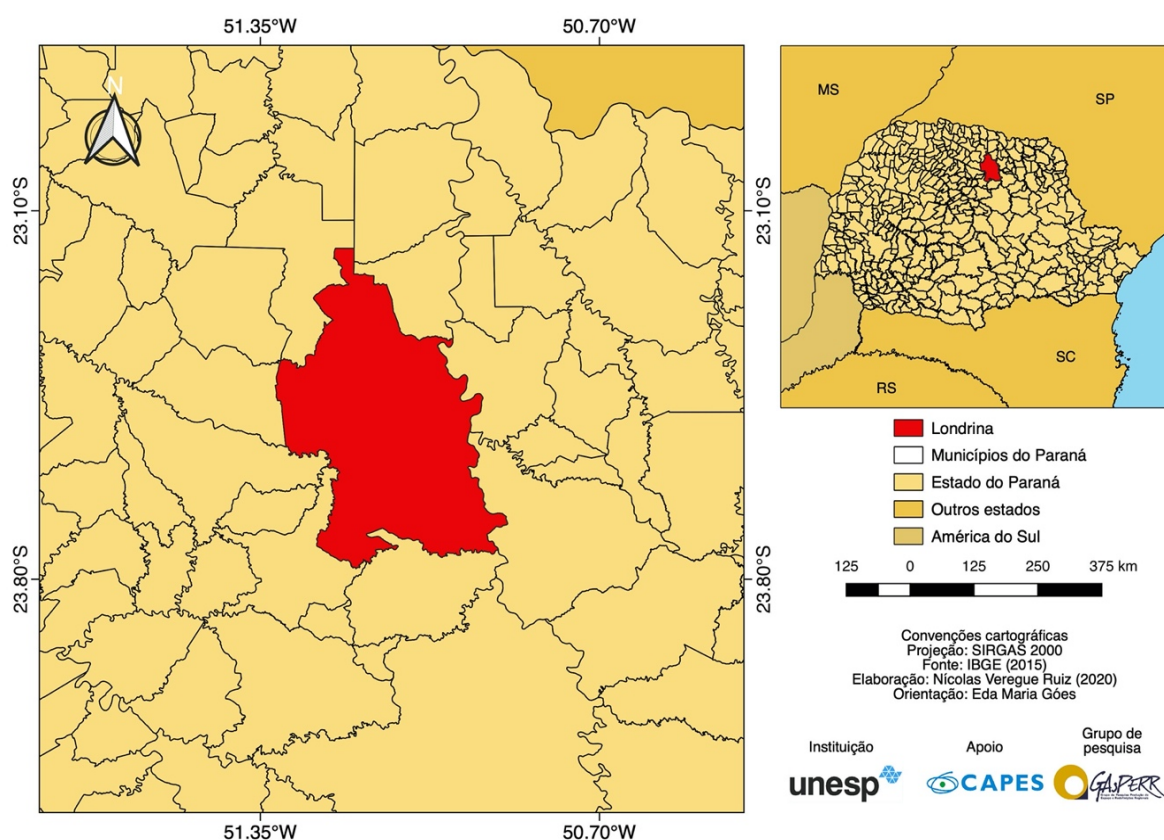
Todos os procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação não fazem sentido sozinhos, mas a produção dessas informações, combinadas a outras e inseridas em um universo teórico e analítico maior pode possibilitar que as perguntas formuladas inicialmente possam ser respondidas.

1 LONDRINA: ESPAÇO, TEMPO E PRODUÇÃO

Nesta seção, trataremos da produção da cidade média de Londrina, no tempo e no espaço. Desde a sua fundação até a conformação e contextualização da sua estrutura socioespacial e forma urbana mais recente, dentro de uma lógica fragmentária (SPOSITO; GÓES, 2019, p. 96–124), a partir de estudos e pesquisas desenvolvidas nos últimos anos.

Londrina é a segunda maior cidade do Paraná, na região sul brasileira (Figura 1), atrás apenas da capital do estado, Curitiba. Conta com 506.701 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010 e 575.373 habitantes conforme estimativa realizada em 2020 (IBGE, 2020). Cidade média que tem importantes papéis vinculados à rede urbana paulista, uma vez que sua origem está associada à expansão cafeeira que se estendeu pelo Planalto Ocidental Paulista (GÓES *et al.*, 2019, p. 37).

Figura 1 – Localização de Londrina/PR



Organizado pelo autor (2020).

Nesta dissertação, estamos compreendendo as cidades médias como as que desempenham papéis de intermediação no âmbito das redes urbanas das quais fazem parte. Não apenas porque favorecem a intermediação de relações das cidades locais com as metrópoles, mas por atraírem recursos e propiciarem circulação de capital importante, devido ao contexto de interações espaciais mais densas. Distinguem-se das *cidades de porte médio*, definidas com base no tamanho demográfico, embora esse aspecto seja considerado, não absoluto (CORRÊA, 2017; GÓES *et al.*, 2019; SPOSITO, 2007).²⁸

Em um contexto de crise internacional (quebra de bolsa de valores de 1929)²⁹, transições e expansão do capitalismo liberal, Londrina foi fundada ao final da década de 1920, pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP)³⁰ e elevada à categoria de município em 1934 (SILVA, 2013a, p. 203). Essa companhia de capital estrangeiro foi responsável tanto pelo projeto, quanto pela execução, primeiramente daquela e depois de outras cidades e núcleos urbanos menores no norte do Estado do Paraná nas primeiras décadas do século XX. Tal empreendimento tinha como objetivo a venda de terras urbanas e rurais, estas então destinadas, majoritariamente, à produção cafeeira (REGO; MENEGUETTI, 2008, p. 37–8; SILVA, 2013a, p. 202–3; ZANON, 2014, p. 62)

De acordo com o planejamento da companhia, em sequência cronológica, quatro seriam os núcleos urbanos principais implantados³¹: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. Além desses, uma série de outros assentamentos urbanos integram a rede urbana projetada pela CTNP. Determinava-se uma distância média de 100 km entre cada um desses núcleos urbanos maiores e até 15 km entre os menores. O eixo de construção e povoamento seguia a orientação do relevo (Figura 2), de acordo com a continuidade da linha férrea, no caso das cidades de maior importância ou estradas de rodagem, quando não houvesse ferrovia (REGO; MENEGUETTI, 2006, p. 93, 2008, p. 52–4; SILVA, 2013a, p. 207).

²⁸ Não vamos acionar o debate acadêmico, social e político envolvendo o conceito de metrópole para Londrina. Para tais discussões conferir Góes *et al.* (2019, n. 12) e Silva (2013a, p. 197–8; 326–8).

²⁹ A quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque de 1929 foi um momento histórico de muitas mudanças e estabelecimento de novos rumos para manutenção das hegemonias econômicas consolidadas.

³⁰ Empresa de capital inglês, criada em 1925, como subsidiária da matriz *Paraná Plantations Syndicate Limited*. Em 1944, os ingleses deixaram a empresa e a CTNP passou ao controle de um grupo brasileiro de acionistas. A partir de 1951, passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) (REGO; MENEGUETTI, 2008, p. 38).

³¹ Eram consideradas cidades, os núcleos urbanos com 100 ou mais quadras, já os patrimônios continham um número inferior (REGO; MENEGUETTI, 2008, p. 52).

Figura 2 – Esquema do relevo das terras da companhia e linha ferroviária, ao longo da qual se implantou a rede de cidades pela Companhia de Terras Norte do Paraná



Fonte: Rego e Meneguetti (2008, p. 52).

O projeto e plano arquitetônico original de Londrina, implantado em 1929, em área correspondente ao atual centro, era bastante simplificado. Apresentava formato retangular³² e tecido formado por ruas e praças em um traçado ortogonal, como em um tabuleiro de xadrez³³ (Figura 3). Sua localização, conforme concepção e execução urbanística e o planejamento regional da companhia, se deu entre o interflúvio dos ribeirões Cambezinho e Quati, em terreno com a topografia de maior altitude do sítio escolhido (SILVA, 2013a, p. 204–5, 2013b, p. 243–5).

³² Encaixado em um retângulo geral de 2,0 x 1,65 km (SILVA, 2013a, p. 204–5).

³³ Com 237 quadras, 54 vias públicas, sendo 50 ruas e quatro avenidas. Há ainda duas vias denominadas alamedas que circundam a área destinada à igreja (SILVA, 2013a, p. 205).

Figura 3 – Planta inicial de Londrina (1929)

Fonte: Silva (2013a, p. 205).

Na década de 1950, por conta de sua relevância para a economia cafeeira, Londrina passou a concentrar riquezas de produtores agrícolas e de empresários que tinham no centro da cidade, a realização do seu poder econômico, por meio do consumo de moradia e de bens de serviço. Londrina concretizou a expressão do desenvolvimento regional que não apenas caracterizou esta fase inicial, mas se sustentou nas décadas de 1960 e 1970, com a modernização da agricultura, o aumento populacional, a industrialização e o fortalecimento do comércio e dos serviços, período no qual vigorou certa imagem de Londrina como “Eldorado” (SILVA, 2013a, p. 207–8).

A industrialização londrinense, acompanhando os desdobramentos do processo nacional, passou a ter mais força nos anos 1960 e 1970, atrelada à agroindústria e ao ciclo cafeeiro que deram origem à cidade e às suas elites. Até os anos 1990, a indústria estava destinada ao beneficiamento de produtos primários. Apenas em meados dessa década, quando a reestruturação produtiva se intensificou no território nacional, passando a incorporar mais efetivamente as cidades médias e integrar-se progressivamente ao capitalismo internacional, Londrina se beneficiou da desconcentração da indústria e passou a receber novas plantas industriais, especialmente oriundas de São Paulo (SAAB; BRAGUETO, 2015, p. 69–83).

A cidade tornou-se um importante centro comercial e de serviços à escala regional, o que pode ser percebido, por exemplo, pela presença maciça de grupos super e hipermercadistas com características e portes distintos, tanto de capital local, que lideram o setor, quanto nacional e internacional. Como já foi comentado, a multiplicação de *shopping centers* na cidade é, igualmente, expressão do papel regional desempenhado (GÓES *et al.*, 2019, p. 29–31).

Desde sua fundação até meados dos anos 1980, Londrina teve forte estruturação monocêntrica. O centro foi, naquele período, expressão espacial dos interesses e das ações de grandes capitais, conservando o papel de convergir e dispersar os diferentes participantes da divisão social do trabalho urbano e regional com foco nos sistemas de transporte ferroviário e rodoviário. Mesmo com a expansão da cidade, o centro se mantinha como ponto de convergência das principais vias estruturadoras (SILVA, 2013b, p. 244–5).

Na década de 1970, outro empreendimento público evidenciava o caráter de convergência do centro, ao mesmo tempo que direcionava a sua desvalorização pelo surgimento de novas centralidades, foi a instalação do transporte coletivo para atender os deslocamentos de grandes distâncias criadas pelo crescimento horizontal de Londrina. Os principais destinos dos itinerários eram o centro principal, pois ainda concentrava grande parte da oferta de produtos e empregos nos setores de comércio e prestação de serviços (SCUDELLER, 2016, p. 16).

Segundo Silva (2013b, p. 245–6), o centro principal, após o acelerado crescimento urbano dos anos 1970, expandiu-se e desdobrou-se, redefinindo sua centralidade e possibilitando o surgimento de novas áreas centrais, como sub-centros, eixos especializados, *shopping centers*, etc. Assim, surgem áreas que atuam conjuntamente com o centro da cidade na divisão territorial do trabalho, assumindo funções antes exclusivas da área central. De um lado, há maior alcance de bens e serviços por parte da população que reside mais distante do centro, por outro, verifica-se a tendência à separação e segmentação das atividades cotidianas.

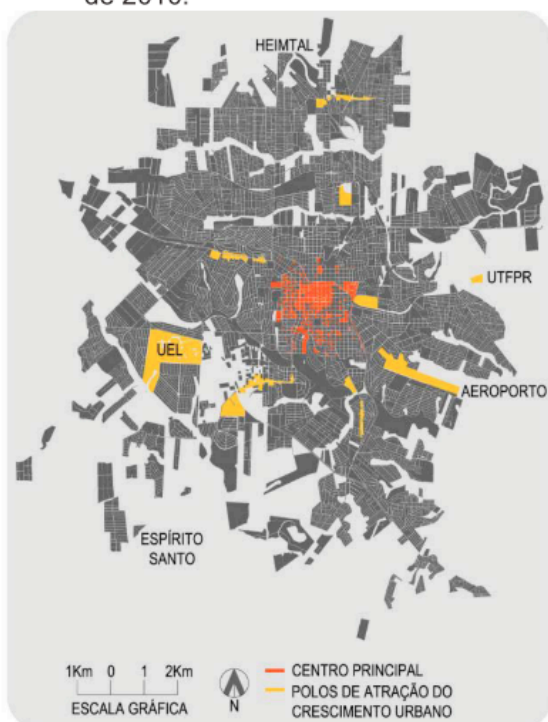
Silva (2013b, p. 246) ainda cita como vetores da policentralidade: a saturação do projeto inicial do centro, a valorização de terras em áreas distantes visando a expansão urbana, a ausência quase total de estoque de terras no centro principal e possibilidades de expansão e adensamento vertical. Com investimentos públicos e privados, os primeiros priorizaram obras de infraestrutura em áreas de expansão e os segundos visaram a instalação de *shopping center* de grande porte, ambos fora do centro principal.

Além disso, a convergência do transporte urbano individual (fluxo considerável de veículos de e para outras áreas) e coletivo (implantação de novos terminais de bairro) também são fatores a serem considerados. Apesar da concentração de estabelecimentos comerciais e prestação de serviços no centro principal (que ainda mantém sua relevância para o conjunto urbano), houve um adensamento considerável dessas atividades em outras áreas, com ingresso de capitais externos que reorganizam e adensam os fluxos na estruturação do espaço urbano (SILVA, 2013b, p. 246).

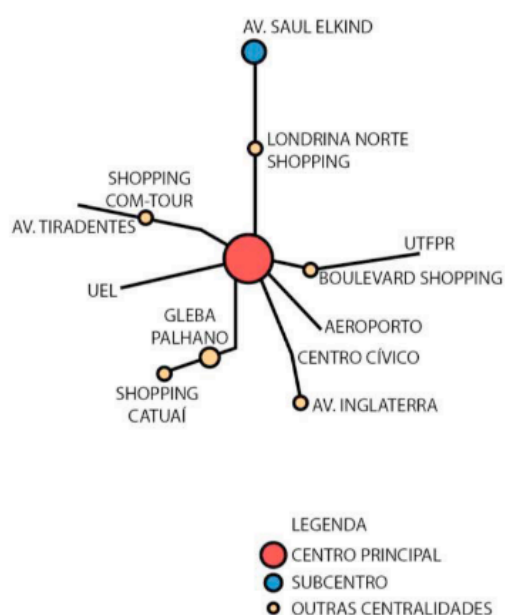
Na dissertação de Zanon (2014), encontramos esquemas e sínteses para entender a evolução e a estrutura urbana da cidade de Londrina com ênfase no centro principal, a centralidade ainda desempenhada por ele e por sub-centros e suas centralidades, como apresentado na Figura 4.

Figura 4 – Evolução e estrutura urbana de Londrina no início da década de 2010

(A) Evolução Urbana no início da década de 2010.



(B) Estrutura Urbana no início da década de 2010.



Dados IPPUL. Fonte: Zanon (2014, p. 124).

De acordo com Zanon (2014, p. 124), a estrutura urbana de Londrina se mostra complexa pelo processo de descentralização, com a adição de outras centralidades no decorrer de sua história, além da constituição do sub-centro na zona norte e formação de uma forte centralidade na zona sul, Gleba Palhano e adjacências, área com

condomínios residenciais fechados de médio-alto e alto padrão, além de *shoppings* de alto padrão como o Catuaí e o Aurora.

As características e os vetores da policentralidade apontados pelos autores supracitados demonstram uma das facetas de um processo mais complexo em curso nas cidades contemporâneas, o de fragmentação socioespacial. Para compreensão desse processo, as práticas espaciais dos cidadãos são incorporadas às análises, além de redefinirem e reposicionarem os papéis e a importância material e imaterial do centro principal e das outras centralidades, ou seja, a dimensão simbólica também é levada em conta.

Nesse sentido, há uma sobreposição de estruturas espaciais para além do modelo centro-periferia – características das cidades latino-americanas por estruturas espaciais mais complexas – multi(poli)cêntricas. As escolhas espaciais das grandes empresas e as práticas espaciais dos consumidores se interpenetram e se contrapõem em um projeto de cidade reticular e fragmentado. Uma combinação e recombinação contraditória dos interesses dessas empresas, recompondo e influenciando os desejos de consumo dos cidadãos, não apenas do que é consumido (bens e serviços) por eles, mas onde se consome (SPOSITO; GÓES, 2019, p. 124).

Segundo pesquisa realizada em Londrina e em outras cidades médias brasileiras³⁴ (SPOSITO; GÓES, 2019, p. 123–4), outros elementos atinentes ao processo de fragmentação socioespacial são relevantes: melhoria das condições socioeconômicas via consumo e diminuição das condições de acesso ao espaço urbano revelada pelas distâncias entre os espaços de morar e os de consumir; crescimento da implantação e da oposição (distância física e barreiras tanto materiais, quanto imateriais) de espaços residenciais fechados dos mais ricos e mais pobres; afastamento espacial dos mais pobres, radicalizado em decorrência da implantação políticas públicas relacionadas à habitação de interesse social; “combinação paradoxal” entre maiores desigualdades na escala da cidade e homogeneidades socioespaciais na escala dos setores que a compõe, revelando a estrutura fragmentada que a caracteriza e a distinção entre as práticas espaciais associadas ao consumo, segundo classes sociais, faixas etárias, grupos e cidadãos.

³⁴ Marília, São Carlos, Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto no Estado de São Paulo.

Tais evidências foram veiculadas a partir dos resultados de pesquisas realizadas nos últimos anos, mais precisamente entre 2012 e 2018. Houve um esforço teórico, metodológico e analítico empreendido por diversos pesquisadores³⁵.

Esse processo ameaça o direito à diferença e à pluralidade, tão característicos da vida urbana, da mesma forma em que aprofunda as desigualdades no que diz respeito ao acesso aos serviços e aos espaços coletivos. Inclusive evidencia as díspares correlações de forças que regem os destinos da cidade a favor da reprodução do capital (GÓES *et al.*, 2019; SPOSITO; SPOSITO, 2020; SPOSITO; GÓES, 2013, p. 298).

Com a estrutura espacial de Londrina contextualizada e a presença dos elementos arrolados acima, o processo de fragmentação socioespacial em curso, são relevantes o conceito de espaço público e a discussão acerca dessa problemática evidenciada na literatura brasileira e estrangeira, além das interpenetrações e as articulações entre espaços públicos e espaços privados, e a multiplicidades de usos daqueles que é o foco da próxima seção deste trabalho.

³⁵ Essa pesquisa foi recentemente publicado no livro nomeado “Consumo, crédito e direito à cidade” organizado por Góes e outros autores (GÓES *et al.*, 2019). É resultado do projeto temático “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e coordenado por Maria E. Beltrão Sposito entre 2012 e 2018.

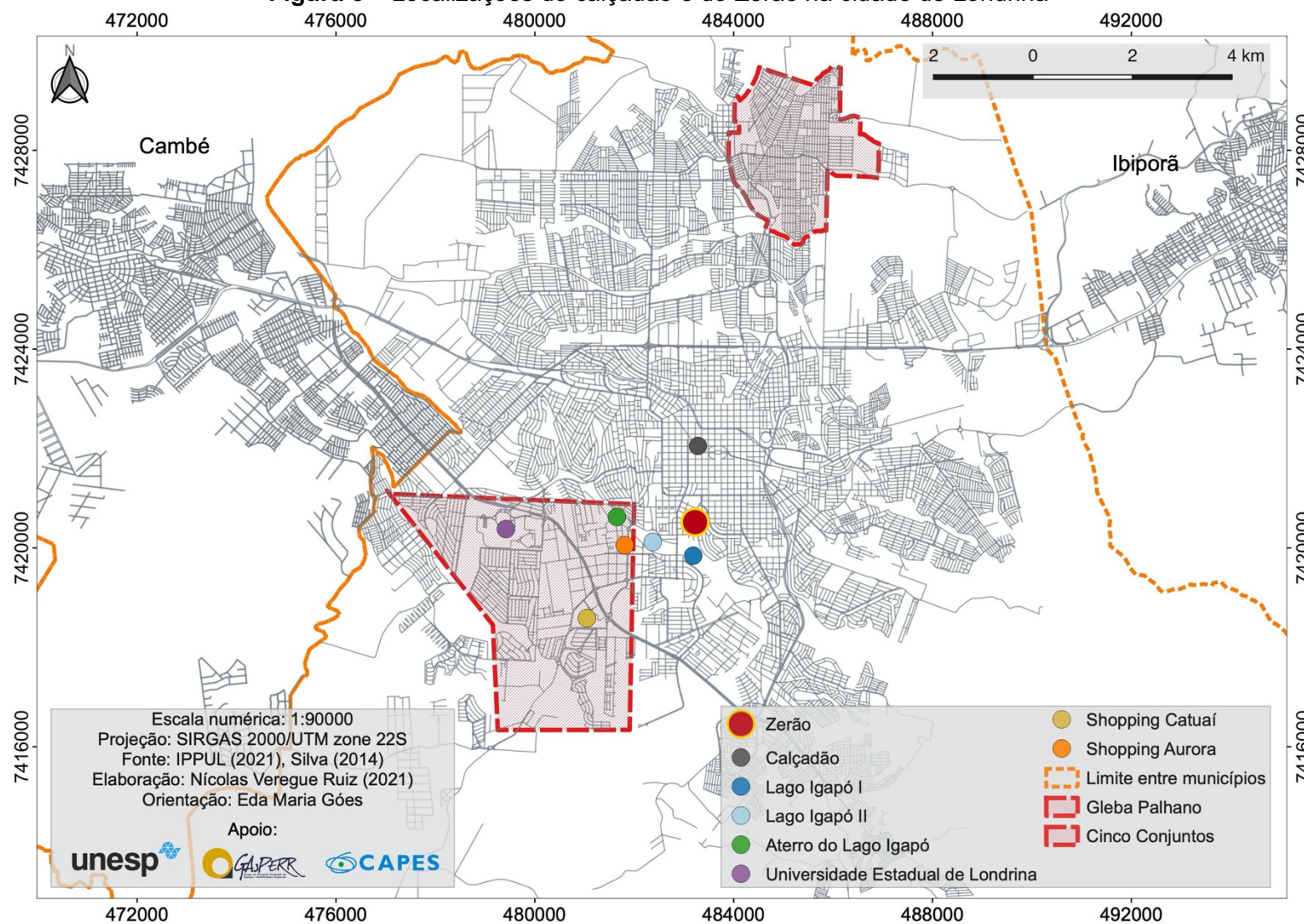
2 O CALÇADÃO E O ZERÃO E SEUS CONTEÚDOS SOCIOESPACIAIS

2.1 Dois espaços públicos centrais: implantação, elementos e a produção do entorno

Nesta seção, exploraremos e compararemos as características gerais dos dois espaços públicos escolhidos para esta pesquisa, o calçadão e o Zerão. Os próximos parágrafos trazem os elementos que os constituem e as contradições que surgem a partir dos seus usos e funções, olhando para a produção desses espaços e de seus entornos.

O calçadão é uma rua de pedestres localizada no centro histórico da cidade e a área de lazer Luigi Borghesi – conhecida popularmente como Zerão – é um parque público também localizado no centro (Figura 5). Além de estarem no centro da cidade, os dois também fazem parte de contextos temporais semelhantes, com uma diferença de menos de dez anos entre suas implantações: o primeiro foi inaugurado no final dos anos 1970 e o segundo, no início dos anos 1980.

Figura 5 – Localizações do calçadão e do Zerão na cidade de Londrina



Fonte: IPPUL (2021) e Silva (2014). Elaboração: Nicolas Veregue Ruiz (2021).

O projeto arquitetônico do calçadão foi elaborado pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner e seguia os moldes da Rua XV de Novembro em Curitiba, capital do Estado do Paraná, configurando uma via exclusiva para pedestres e atividades comerciais³⁶ e é o resultado o calçamento da Avenida Paraná. Quatro praças³⁷ ao longo do calçadão também o compõe (SCUDELLER, 2016, p. 15; ZANON, 2014, p. 94)

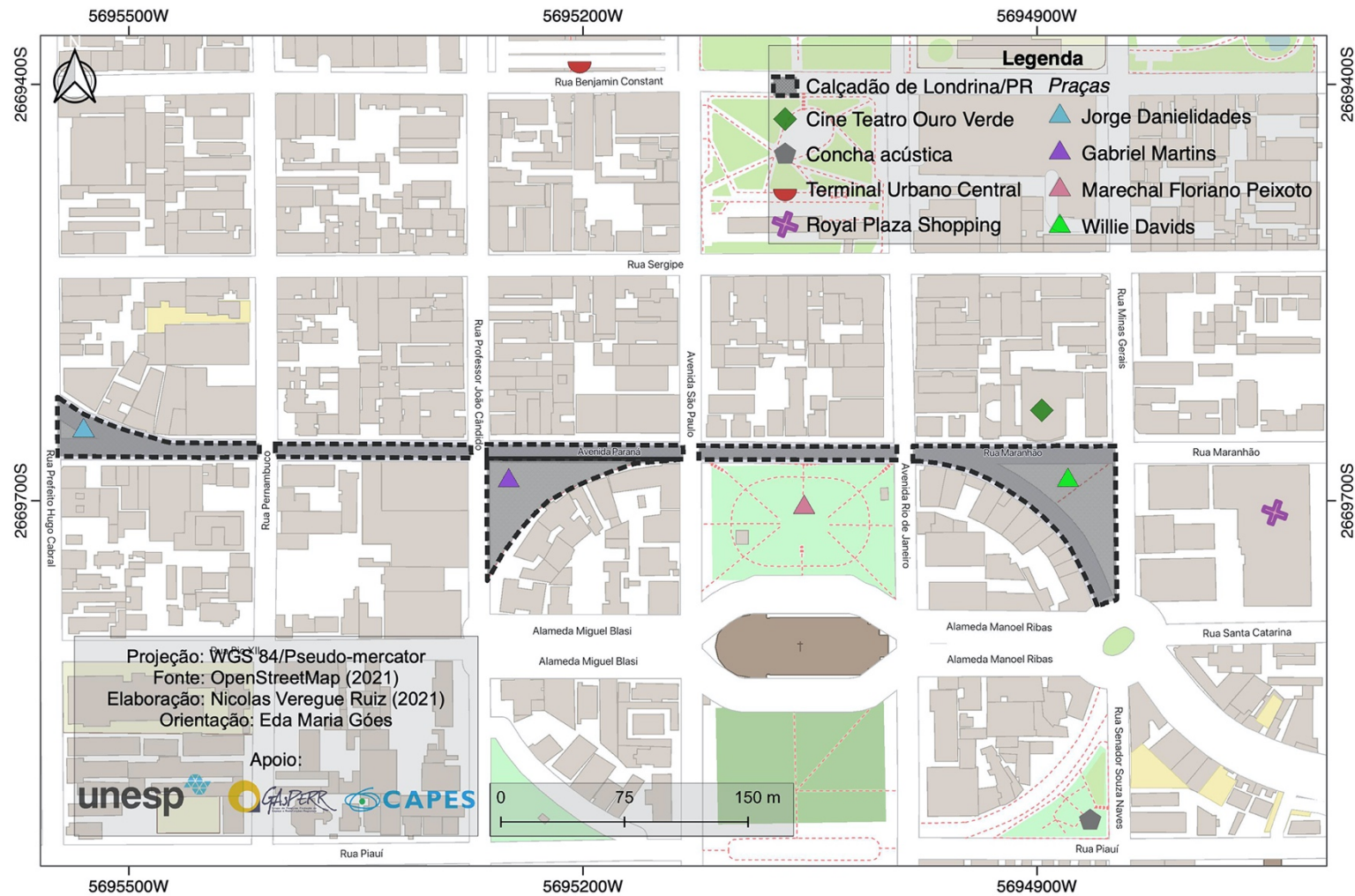
O início do calçadão está na esquina da Rua Prefeito Hugo Cabral (Praça Jorge Danielidades) e a outra ponta na Rua Minas Gerais (Praça Willie Davids). Na terceira quadra, há a Praça Gabriel Martins e, na quarta, a Praça Marechal Floriano Peixoto (GUEDES, 2018, p. 48; ZANON, 2014, p. 94), conhecida popularmente como Praça da Bandeira³⁸ (Figura 6).

³⁶ Quando foi inaugurado, eram apenas três quadras e, atualmente, abrange cinco.

³⁷ Os nomes dados às praças do calçadão seguem a mesma história tradicional, pautada no progresso e na ideologia dominante (DELGADO, 2011): são pessoas que participaram da política partidária da cidade, como é o caso do primeiro prefeito eleito, Dr. Willie Davids, além de figuras da medicina, como o primeiro médico sanitarista, Dr. Gabriel Martins; personalidades de um período de guerra, como Marechal Floriano Peixoto, uma homenagem nacional e um homenageado local, um comerciante, Jorge Danielidades (GUEDES, 2018, p. 40). Esse nomes, sejam eles aceitos ou transgredidos e não aceitos pelos cidadãos, carregam significados e sentidos, objetos de investigação que extrapolariam os limites e objetivos deste trabalho.

³⁸ Essa praça não possui o mesmo piso nem os mobiliários semelhantes aos do calçadão e aos das outras praças, que passaram por uma reforma considerável. Os mobiliários e a decoração ainda são mantidos e datam do início da história da cidade. A localização dela está em um espaço elevado, separado do calçadão apenas por uma rampa de acesso, escadarias e floreiras (GUEDES, 2018, p. 40).

Figura 6 – Localização do calçadão em Londrina, em detalhe



Fonte: OpenStreetMap (2021). Elaboração: Nicolas Veregue Ruiz (2021).

Já a produção do entorno do Zerão está relacionada à implantação do que viria a ser outro espaço público importante contíguo: o Lago Igapó. Alguns anos antes da implantação daquele em 1980, o Lago Igapó³⁹ (conferir mapa da Figura 5) tinha sido idealizado e criado ao final dos anos 1950⁴⁰ como solução para o problema de drenagem do Ribeirão Cambé que corta a porção sul da cidade. Além da solução daquele problema técnico, outro motivo para o represamento foi criar uma área pública de lazer (seu entorno) em um período em que essa opção era ofertada apenas por clubes privados e associações⁴¹ (OLIVEIRA, 2018, p. 65).

Assim, foi reconhecida “a necessidade de oferecer um local público de lazer para a população” e o “objetivo da classe dominante (...) era justamente introduzir a “natureza” na vida social dos londrinenses”, não de uma maneira espontânea, como faziam os moradores de classe social mais baixa, mas de modo ordenado, planejado e por meio de uma obra que conferisse *status* de modernidade à cidade⁴² (OLIVEIRA, 2018, p. 65).

Alguns desses aspectos se combinam com as obras de implantação do calçadão (Figura 7) que representaram, naquele período, o início de uma série de investimentos que buscavam a reestruturação para a área central da cidade, predominantemente comercial e que concentrava os principais serviços urbanos (SILVA, 2013b, p. 245).

O centro e particularmente o calçadão se configuraram como espaço de consumo e lazer, de encontros, passeios com a família, em escala regional. Uma área prioritária para recebimento de inovações: marcas, consumo de tecnologia, cultura – por meio de cinemas e teatros. Essa característica tornou o preço da terra bastante elevado, o que produziu a partir dos anos 1960, um célere processo de verticalização, visando maximizar o aproveitamento da centralidade da área (Figura 8) (SILVA, 2013b, p. 245).

³⁹ Na língua tupi significa “transvasamento de rios” (BORTOLO, 2010, p. 73).

⁴⁰ Foi inaugurado em comemoração do jubileu de prata (25 anos) da cidade – 10 de dezembro de 1959 (BORTOLO, 2010, p. 100).

⁴¹ Londrina Country Club, Associação Cultural e Esportiva de Londrina (ACEL), pertencente à comunidade nipônica, Jôquei Clube e ao Clube de Caça, Pesca e Tiro (todos majoritariamente masculinos) (OLIVEIRA, 2018, p. 64 e seguintes).

⁴² A ideia da construção de um lago teve inspiração na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte/MG e no Lago Paranoá em Brasília/DF e revelava o esforço de integrar Londrina ao ideário modernista e ao movimento de vanguarda brasileiro (BORTOLO, 2010; OLIVEIRA, 2018). Ainda segundo Oliveira (2018, p. 91), o conjunto de lagos do Ribeirão Cambé é considerado um lago único, o Igapó, que foi fracionado em quatro porções. Por esse motivo, é comum a utilização do nome “Igapó” para fazer referência aos lagos em geral, e caso se queira tratar de alguma das porções em específico, adiciona-se um numeral (Lago Igapó I, II, etc.).

Figura 7 – Construção do calçadão de Londrina no final dos anos 1970



Foto: Folha de Londrina em 28 set. 1976. Acervo da Secretaria Municipal de Planejamento de Londrina. Fonte: Scudeller (2016).

Figura 8 – O calçadão de Londrina atualmente, vários períodos do dia

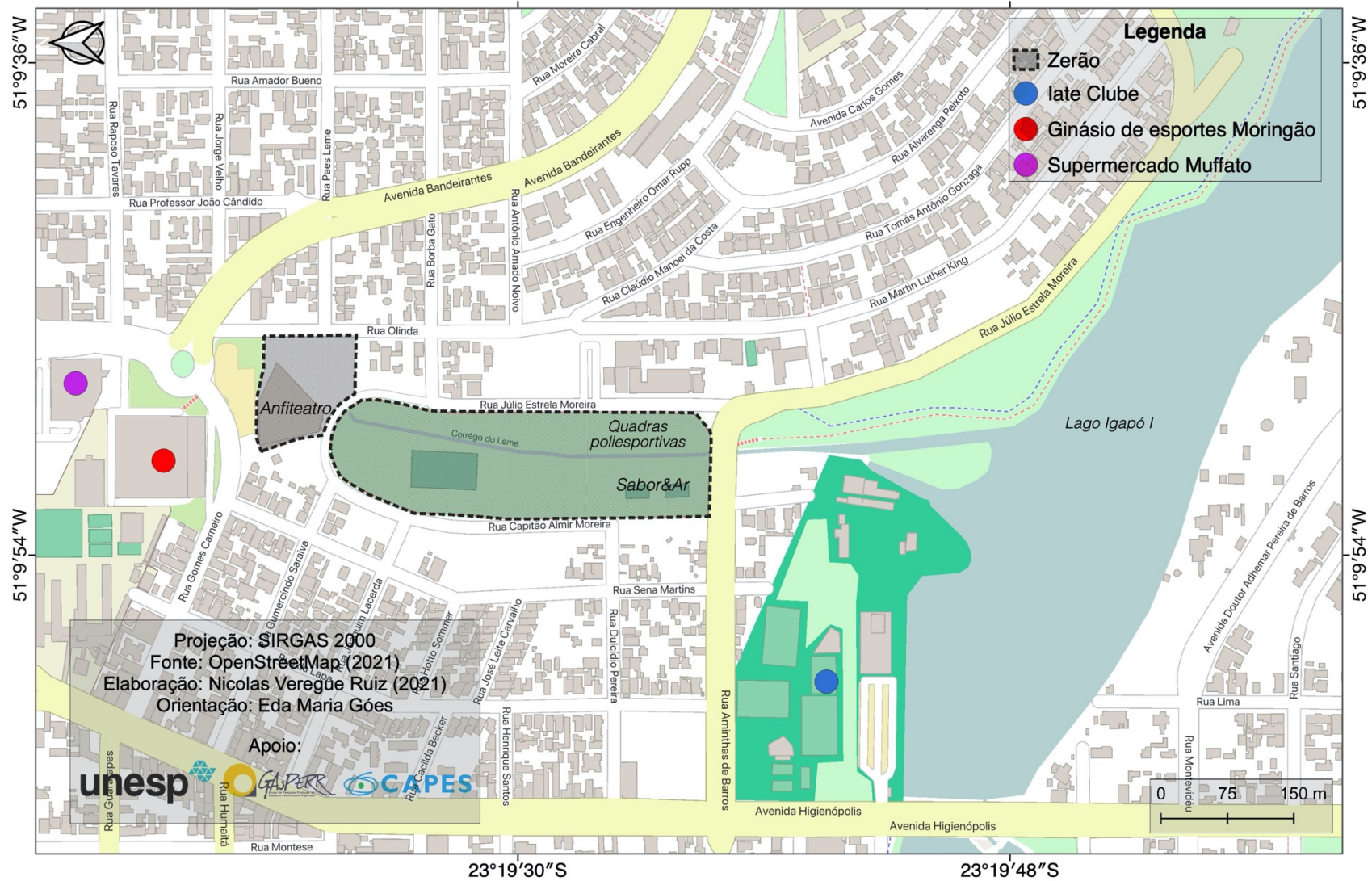


Fotos: Nicolas Veregue Ruiz (2020).

Já a implantação do Zerão (Figura 9 e 10), vinte anos depois do Lago Igapó⁴³, no início dos anos 1980, foi o resultado da urbanização e saneamento que transformou o antigo Vale do Leme e permitiu muitas possibilidades de contato com a natureza, o que agregou e ainda agrega amenidades aos eventos que ocorrem ali. É um diferencial bastante direto em relação ao calçadão de Londrina, onde apenas as praças e algumas árvores estão presentes. No caso do Zerão, a proximidade com o Lago Igapó é marca presente e visível.

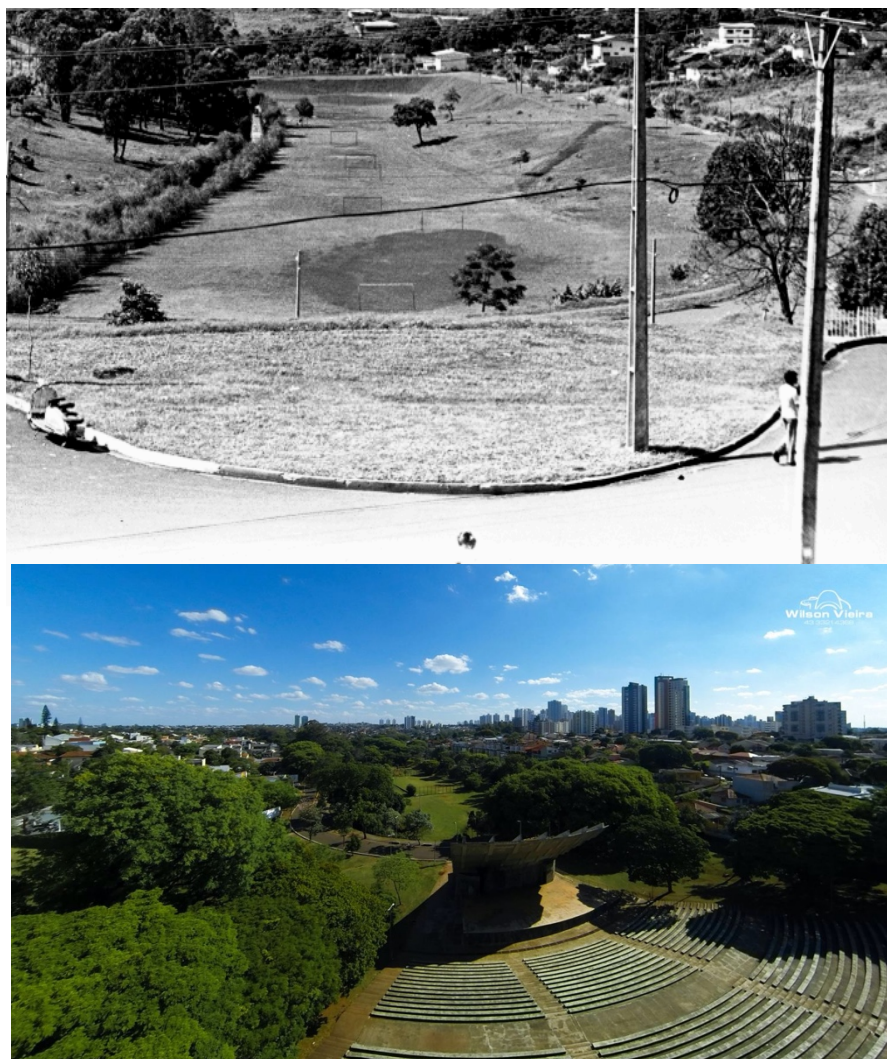
⁴³ De acordo com o projeto e com o que foi executado, o Igapó I tem margens bastante distintas: à esquerda é dotado de equipamentos e acesso dos cidadãos e à direita, a margem é ocupada exclusivamente por residências de alto padrão, edificadas em grandes lotes (BORTOLO, 2010, p. 72 e seguintes; OLIVEIRA, 2018, p. 64 e seguintes). Tanto o lago e o aterro (elementos que compõem o Igapó II) têm se mostrado importantes no processo de valorização imobiliária do seu entorno, experimentando significativas mudanças que diferenciam esse espaço dos demais espaços da cidade. Em conjunto, até os anos 2000, sua margem direita (porção sul) se apresentava predominantemente ocupada por pequenas chácaras ou coberta por massa vegetal, quando foi dado início a um processo de verticalização que a caracteriza como a área de expansão urbana mais expressiva e valorizada da cidade (OLIVEIRA, 2018, p. 93 e seguintes).

Figura 9 – O Zerão em Londrina, em detalhe



Fonte: OpenStreetMap (2021). Elaboração: Nicolas Veregue Ruiz (2021).

Figura 10 – Vale do Leme no final dos anos 1970 (1) e na década de 2010 (2), Londrina



Fotos: Osvaldo Leite (1979) e Wilson Vieira (201?). Fonte: Martins (2011), (obtida no Museu Histórico de Londrina) e Londrinatur (2021).

A proposta inicial de criação do Zerão, foi de cunho essencialmente ecológico, com preservação da natureza na área. Posteriormente, em especial, devido à valorização imobiliária do entorno, se despertaram outros interesses, o que resultou em mudanças sucessivas na paisagem urbana de Londrina (MARTINS, 2011).

O parque compreende uma área arborizada com plantas nativas e exóticas⁴⁴, com 1048m de extensão de pista exclusiva para pedestres. Em 1988, foi construído o

⁴⁴ Algumas das plantas e árvores estão com placas mencionando o nome científico, a família, a origem, o *habitat* natural e o estado de conservação, além de um *QR code* para mais informações a respeito. Segundo informações contidas nas placas, esse projeto foi executado com recursos do Fundo Municipal

anfiteatro (Figura 11), projetado pelo arquiteto londrinense Luis César da Silva. A edificação tem formato de leque, com as arquibancadas ocupando a encosta do fundo de vale. Com aproximadamente 13m de profundidade e 27m de largura, a área do palco é coberta, tendo ao fundo, um conjunto de camarins. No subsolo do palco, há outro anfiteatro destinado aos ensaios de apresentações culturais (MARTINS, 2011, p. 75). O parque ainda possui campos de futebol/gramado (Figura 12), parquinho/local lúdico (Figura 13), três quadras poliesportivas (Figura 14) e a pista de corrida/caminhadas (Figura 15). Há ainda um espaço gastronômico privado chamado Sabor&Ar (Figura 16), o qual exploraremos mais detalhadamente nas próximas seções.

Figura 11 – Anfiteatro e arquibancadas do Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Figura 12 – Campos de futebol/gramado do Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Figura 13 – Parquinho/local lúdico do Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Figura 14 – Quadras poliesportivas do Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Figura 15 – Pista de corrida/caminhada do Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Figura 16 – O Sabor&Ar no Zerão, Londrina



Fotos: Nicolás Veregue Ruiz (2021).

Oficialmente, o Zerão está localizado no Jardim Higienópolis. Embora esse bairro faça parte do centro da cidade, essa referência, do ponto de vista da interpretação, é relativa e deve ser problematizada, uma vez que o Zerão e os espaços públicos contíguos, como os arredores do Lago Igapó, como vimos nos parágrafos anteriores, se inserem no contexto econômico e social dos setores sul e oeste de Londrina.

Durante as décadas seguintes, as áreas do entorno do Lago Igapó foram sendo ocupadas. O poder público local juntamente com os agentes privados (proprietários fundiários, incorporadores e incorporadores imobiliários) atuaram na elaboração de leis,

dotação de infraestrutura (vias de acesso), melhorias e benfeitorias (Figura 17 e 18) (BORTOLO, 2010, p. 130 e seguintes).

Figura 17 – Margens esquerda (presença das práticas dos cidadãos) (1) e direita (ocupada por propriedades privadas) do Lago Igapó I (2), Londrina



Fotos: Márcio Reis (201?) e Yuri Teixeira de Souza (2018). Fonte: Oliveira (2018, p. 68).

Figura 18 – Vista panorâmica do Lago Igapó I (centro da cidade ao fundo), Londrina



Foto: Wilson Vieira (201?). Fonte: Oliveira (2018, p. 69).

Amorim (2015, p. 73) observa que a consolidação do ‘vetor’ sudoeste de valorização imobiliária ocorreu com o surgimento posterior dos “espaços residenciais fechados” – nas extremidades da área – e de edifícios residenciais de alto padrão na margem direita do Lago Igapó, nos últimos vinte anos, o que permite concluir que ela é “especialmente fragmentada, afastada da área central e associada a amenidades ambientais” (como o Zerão e Lago Igapó), contando com “equipamentos comerciais e centros de consumo de grande porte” (*Shopping Catuaí, Carrefour, Aurora Shopping...*).

A partir da década de 1990, o setor sudoeste tornou-se uma área de intensa atividade imobiliária⁴⁵, despertando o interesse de grandes construtoras, incorporadoras e loteadoras. Embora, por definição oficial, exista o “bairro Palhano” (conferir mapa da Figura 5) são diversos bairros unidos⁴⁶ sob essa denominação no imaginário popular e nas estratégias de *marketing* do mercado imobiliário. A expressão “Gleba Palhano” tornou-se uma “marca conceitual” utilizada para denominar os empreendimentos horizontais e verticais de alto padrão na cidade⁴⁷ (AMORIM, 2015, p. 137–142; SILVA, 2014, p. 154 e seguintes).

Levando em conta essas estratégias lucrativas na produção da cidade, que tangem os agentes públicos e privados, o entorno do Zerão é caracterizado pela presença de condomínios verticais e horizontais fechados, chamados “enclaves fortificados” por Caldeira (2000), e estabelecimentos comerciais, bastante valorizadas do ponto de vista do seu valor econômico e do público alvo, portanto, do seu *status*.

Ainda que em Londrina esteja em curso o processo de fragmentação socioespacial citado, como apontado anteriormente, não significa necessariamente, que o centro e consequentemente o calçadão da cidade estejam passando por um processo de gentrificação, como aponta Silva (2013b) em artigo publicado sobre o centro de Londrina.

De uma maneira muito direta, Silva (2013b, p. 249, grifos nossos), analisando esse espaço público e seu entorno, comenta sobre as reformas ocorridas nele nos últimos anos e aponta uma suposta “gentrificação do centro de Londrina” que pode ser problematizada, segundo nosso ponto de vista. Em suas palavras, essas intervenções

são bastante próprias de **processos de gentrificação, concretizados com a retirada** de equipamentos que propiciam a permanência de

⁴⁵ Importantes obras de infraestrutura urbana pública tiveram papel nesse processo.

⁴⁶ A saber: os bairros Universidade, Palhano, Guanabara, Esperança e Vivendas do Arvoredo (SILVA, 2014, p. 154 e seguintes).

⁴⁷ Os condomínios de alto padrão estão localizados apenas nos bairros Guanabara e Palhano, não em toda a “Gleba Palhano”, apenas em uma porção do espaço de cada um destes bairros, mais especificamente entre o Lago Igapó II e a rodovia PR-445 (SILVA, 2014, p. 154 e seguintes).

pessoas nos espaços públicos, como os bancos e o coreto, que serviam de esconderijo de moradores e crianças de rua. [...] A **permanência constante de unidades policiais** também serve para demarcar os novos usos dos espaços **inibir a presença dos “indesejáveis” moradores de rua**.

Em linhas gerais, o processo de gentrificação corresponde a um processo de elitização gradativa (ou renovação do conteúdo social) dos espaços urbanos, de modo que as classes mais pobres sejam retiradas/desalojadas e substituídas por grupos oriundos de classes mais ricas, além de uma reabilitação física (urbanística) dessas áreas (RIBEIRO, 2018, p. 1337–8). É relevante levar em conta que o processo de gentrificação é um modelo explicativo ancorado em realidades europeias e estadunidenses⁴⁸.

Para realizar tal afirmação, o autor (SILVA, 2013b) poderia ter apresentado análises mais aprofundadas e contextualizadas sobre a questão. Suas colocações e argumentos destoam das observações nos trabalhos de campo que fizemos no calçadão. Certamente, os conteúdos sociais do centro e do calçadão estão em constante transformação, conforme as centralidades de Londrina, os usos e as funções daquele, combinadas às práticas, as escolhas socioespaciais e os deslocamentos dos cidadãos em suas atividades cotidianas. Entretanto, afirmar categoricamente que o centro e o calçadão têm enfrentado esse processo de enobrecimento e substituição de seus conteúdos sociais é não contextualizar e situar parte do que aconteceu ao longo da história da cidade, desde os aspectos mais gerais, como a conformação de uma estrutura multi(poli)cêntrica e aspectos relacionados ao conteúdo socioespacial como presença de moradores de rua e os incômodos gerados a partir disso, retirada dos vendedores ambulantes, policiamento, reforma, retirada dos bancos para sentar e dos quiosques, troca dos pisos, etc. Tais aspectos não são suficientes para corroborar a hipótese formuladas pelo autor e subestimam a capacidade dos cidadãos de contestar interdições com suas práticas espaciais e, assim, apesar delas, utilizar o espaço em suas trajetórias na cidade.

O exemplo problematizado no parágrafo anterior demonstra que para analisar não só o calçadão como o Zerão, como produtos e produtores de espacialidades e

⁴⁸ Não é o foco deste trabalho se aprofundar neste conceito, embora se saiba que há linhas teóricas-conceituais ora divergentes, ora convergentes acerca dessas discussões. Para tal ampliação, conferir o artigo de Ribeiro (2018).

temporalidades, implica em reconhecer que a todo tempo estão sendo transformados e ressignificados por seus atributos e entornos. São espaços juridicamente públicos dentro de um contexto urbano fragmentado e cindido, que podem ser compreendidos a partir de uma perspectiva mais aberta daquela e dessa noção/concepção, para tanto, é necessário uma aproximação com os cidadãos e suas práticas espaciais. Ou seja, é necessário olhar para os tipos de usuários que frequentam esses espaços (quantos e quantas vezes na semana) e os meios de transporte que utilizam para acessá-los (como), dentro de um contexto maior de fragmentação socioespacial. São esses cidadãos que os produzem e praticam esses espaços públicos aqui pesquisados, dentre outros, públicos e privados, paralelamente aos demais agentes sociais que também produzem e praticam a cidade. É o que faremos na próxima seção.

2.2 Compreendendo a relação entre fragmentação socioespacial e espaços públicos

O antropólogo catalão Manuel Delgado (2011) traça um importante panorama sobre o conceito de espaço público, analisando os discursos políticos e urbanísticos das últimas décadas. Segundo o autor, as contradições do uso e do poder explicativo desse conceito não ficam evidentes e não são problematizados na literatura em questão. Os valores civis, morais e a urbanidade também são referenciais atrelados a essa discussão.

Delgado (2011, p. 22–4) ainda caracteriza os espaços públicos como derivados da dimensão política da modernidade e da social-democracia burguesa, praticados, estabelecidos e perpetuados, pela classe dominante e pelo Estado. O objetivo de sua produção seria o esmaecimento e camuflagem das desigualdades e das assimetrias socioespaciais. Tal dominação e controle difuso de classe não é violenta, mas consentida, direta ou indiretamente, pelos dominados, o que se conecta com o que é proposto por Henri Lefebvre, segundo Whitacker e Miyazaki (2012, p. 312), quando refletem sobre as formas urbanas. Para os autores, as formas urbanas, em nosso caso os espaços públicos, além de seu habitual sentido plástico e geométrico, abarcam a complexidade de elementos que constituem o espaço urbano produzido. Nas suas palavras: “a forma urbana expressa uma ideologia e uma expressão empiricizada de poder sobre a cidade” (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012, p. 312).

Os espaços públicos são produzidos a partir da mediação entre sociedade e civilidade (Estado). Tais esferas coexistem num plano que interpenetra e recombina diferenças e contradições, características próprias da sociedade, profundamente desigual socioespacialmente e os princípios democráticos, disciplinadores e civis, baseados em leis e normas do Estado que controla difusamente esses espaços. Assim, o espaço público comporta a materialização da ideologia, de modo que as ações materiais presentes nas práticas socioespaciais dos cidadãos sejam reguladas por rituais, definidos pelo aparato ideológico (DELGADO, 2011, p. 24–7).

No que se refere à questão da crise ou regressão dos espaços públicos contemporâneos (SERPA, 2007), corroboramos com as considerações de Souza (2018, p. 187). O autor defende que as finalidades daqueles mudaram, entendendo e concordando com a ideia de que há uma multiplicidade de novos usos e apropriações desses espaços e não, diretamente, declínio, crise ou regressão.

Gomes (2018, p. 117), na mesma perspectiva de Souza (2018) critica a visão idealista, romântica e até utópica de alguns geógrafos e de sua produção científica sobre

a temática, a respeito da crise ou regressão dos mesmos. Sobre isso, o autor complementa:

A dificuldade desses autores é trabalhar fora da referência fantasiosa dos modelos utópicos. Os sintomas de uma destruição por eles apontados podem ser lidos como publicização dos problemas que esses espaços colocam em jogo ou fazem aparecer. A única verdadeira ameaça a eles consiste nas ações que comprometem a publicidade, ou seja, as regras que os estabelecem, a capacidade de gerar exposição e condições comunicacionais. (GOMES, 2018, p. 117)

Devemos atentar também para a necessária diferenciação entre espaço público e vida pública, uma vez que a vida pública ou a realização da esfera pública da vida social e política não é vivenciada somente em espaços públicos, uma vez que ela pode se efetivar em ambientes privados, ainda que de acesso e uso coletivo, como os *shopping centers*. No que concerne aos ambientes privados mencionados, sobretudo os *shoppings centers*, há uma direta regulamentação e controle vertical e unilateral do que é e o que não é esperado no seu bojo de possibilidades subjetivas e objetivas, que limitam a efetivação da esfera pública. Ao mesmo tempo, nos espaços públicos, em que as condições para a realização da esfera pública são, em tese, plenas, ela também pode ser interceptada por práticas de controle, seja do poder público, seja da iniciativa privada, que inviabilizam o seu pleno acontecer (GÓES; SPOSITO, 2016).

Estas múltiplas possibilidades clarificam, a intensa articulação entre o público e o privado, mais que isso, uma efetiva interpenetração entre tais dimensões que ampliam o desafio que se apresenta para análise dessas dimensões. Além disso, para Duhau e Giglia (2008), há uma preferência cada vez maior pelos espaços privados, que converge com as tendências a privatização, evidenciada pela reprodução dos muros dos espaços residenciais fechados, caracterizada por Caldeira (2000), como “cidade de muros”. Assim se constata, além da articulação entre público e o privado, outros processos que evidenciam a importância das relações entre as mudanças nos espaços públicos e o processo de fragmentação socioespacial, tal como discutido nos tópicos seguintes.

2.2.1 Uma análise comparativa entre o calçadão e o Zerão

Uma questão relevante para compreender a relação entre fragmentação socioespacial e espaços públicos é o local de moradia e os meios de transportes utilizados pelos cidadãos para acessá-los. Essa compreensão, ainda que exploratória e que poderá ser melhor desenvolvida em pesquisas futuras, foi construída a partir da aplicação de 31 enquetes no calçadão em janeiro e fevereiro de 2020 e 55 enquetes aplicadas a respeito do Zerão, 36 de modo *online* entre abril e maio de 2020, por conta da pandemia de COVID-19 e 19 aplicadas presencialmente no espaço em setembro de 2021⁴⁹.

De acordo com os resultados das nossas enquetes, conforme é demonstrado nas Figuras 19 e 20, ambos os espaços exercem um “poder de atração” (GÓES; RICHMOND, 2021, p. 11) nos cidadãos respondentes, ou seja, atraem sujeitos que moram tanto na área central, como em outras áreas da cidade.

No caso do calçadão, a maioria dos respondentes (32%) disse que reside no centro ou em algum dos bairros que compõem o centro. O mesmo ocorre com os respondentes do Zerão, 42% dos frequentadores.

De bairros mais distantes e fora do centro (mais de 2 km de distância), no calçadão, 19% mencionaram que residem na zona norte, 13% na zona leste, 6% na zona oeste e 3% na zona sul. O Zerão, embora faça parte do centro, está mais próximo das zonas sul e oeste, o que facilita, em certa medida, os deslocamentos dos cidadãos residentes desde esses setores da cidade até o parque. Essa proximidade do Zerão com tais setores compareceu nas respostas das enquetes da seguinte proporção: 24% e 13%, respectivamente, compondo 36% dos respondentes. Dos setores leste e norte, os cidadãos que responderam que residem nesses bairros, formam, 16% e 4%, respectivamente.

Dos cidadãos que mencionaram que vinham de cidades vizinhas, no caso do calçadão, 26% disseram que vêm de Cambé, Ibiporã e Jataizinho. São respostas que juntas compõem a segunda faixa de respondentes. Quando falamos dessas três cidades, é importante levar em conta as distâncias entre elas: em torno de 13-15 km entre o calçadão de Londrina e Cambé, o calçadão de Londrina e Ibiporã e entre 20-25 km entre

⁴⁹ Para mais detalhes, conferir a seção *Percurso metodológico*.

Jataizinho e o calçadão de Londrina. No Zerão, todavia, apenas Cambé apareceu uma vez como cidade de residência do cidadão.

Um fator que também é relevante é o meio de transporte utilizado para chegar aos dois espaços públicos. Dos usuários que moram no centro, apenas um disse que utiliza motocicleta para chegar ao calçadão, o restante mencionou que vem a pé. Dos respondentes que vêm de bairros fora do centro e das cidades vizinhas já citadas no parágrafo anterior, mais da metade (52%) disse que vem ao calçadão de carro, seguido de ônibus (33%), motocicleta (10%) e a pé (5%). Nenhum dos respondentes mencionou a utilização de bicicleta para ir ao calçadão⁵⁰.

A respeito do Zerão, dos cidadãos que residem no centro, 57% vai ao espaço a pé e o restante (43%) de carro. Dos que residem em bairros fora do centro, a maioria (84%) vai ao espaço de carro e o restante vai a pé ou de bicicleta, com 9% e 6% dos cidadãos, respectivamente. Nenhum dos respondentes mencionou que utiliza motocicleta e poucas vezes em que alguns cidadãos mencionaram que utilizavam ônibus, não era o principal meio de transporte (ou alternados).

⁵⁰ No calçadão, segundo as placas espalhadas pelo espaço, é proibido o trânsito de bicicletas. Entretanto, na entrevista de Leonardo, frequentador do Zerão, ele mencionou que utiliza bicicleta para se dirigir ao calçadão e não entende o motivo dessa proibição. O cidadão também mencionou que nunca foi parado por andar de bicicleta ali pela fiscalização municipal.

Figura 19 – Deslocamentos dos cidadãos até o calçadão de Londrina

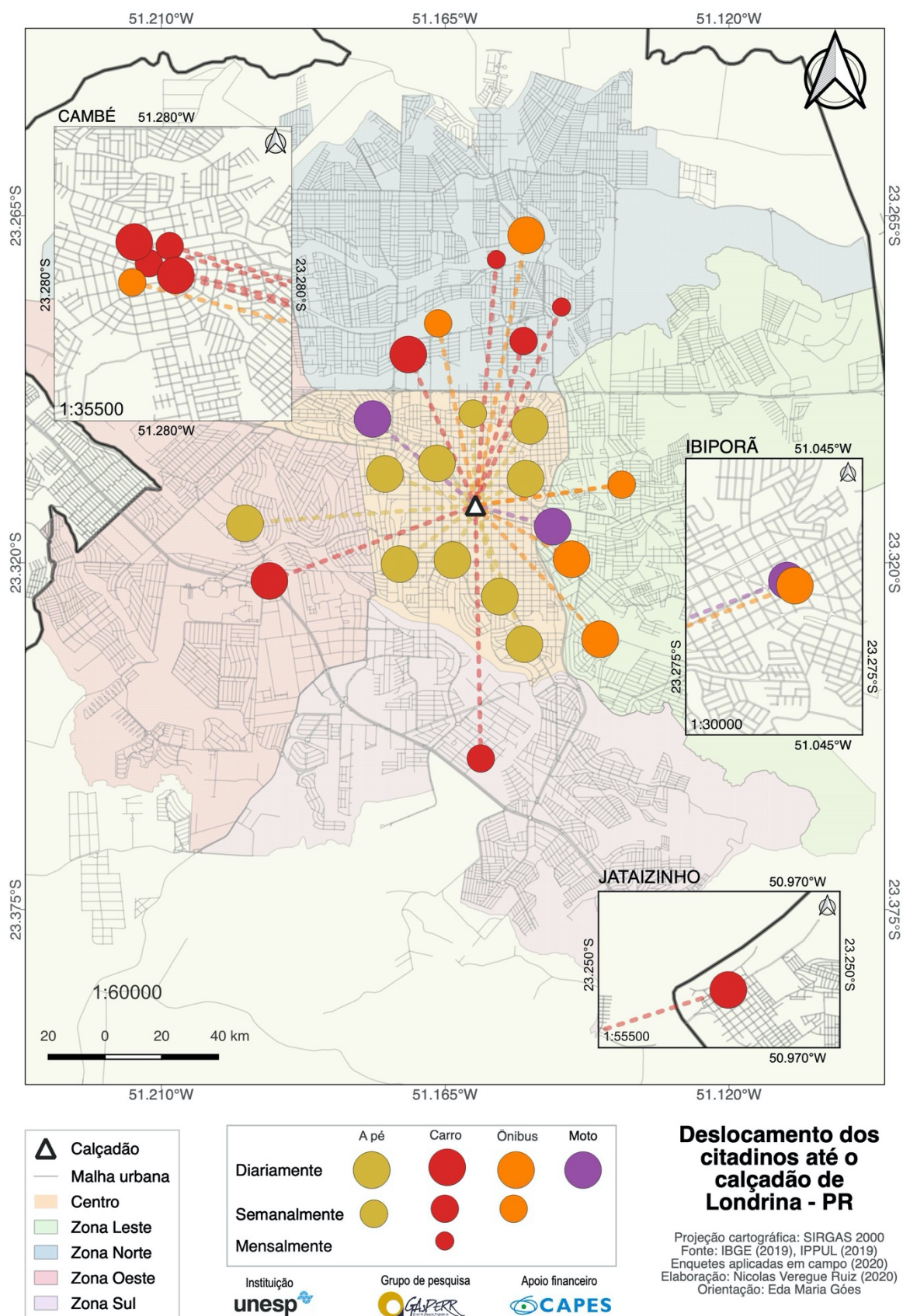
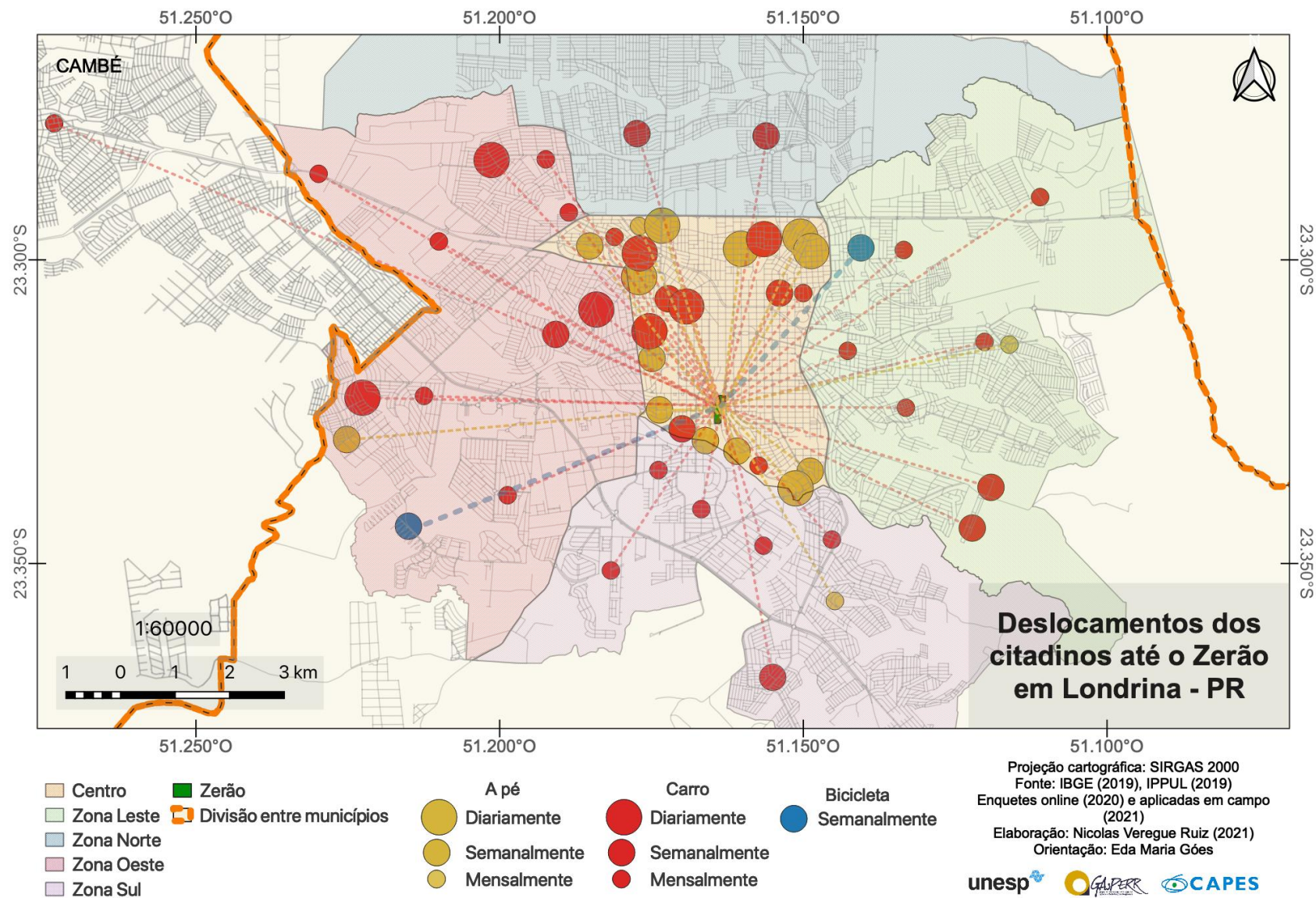


Figura 20 – Deslocamentos dos cidadãos até o Zerão em Londrina



A questão da distância e acessibilidade também estão relacionados com a frequência do uso nos dois espaços públicos pesquisados. Quando o cidadão respondeu que vai ao calçadão ou Zerão três ou mais vezes, então consideramos que frequenta diariamente. Se respondesse uma ou duas vezes na semana, semanalmente. Se frequenta uma ou duas vezes ao mês, mensalmente.

No calçadão, os que frequentam diariamente compõem 68% dos respondentes, seguidos dos que frequentam semanalmente (26%) e mensalmente (6%). Fazendo o recorte entre a frequência e local de moradia, temos o seguinte cenário: dos que moram no centro, 90% vai ao calçadão diariamente e 10% semanalmente. Os cidadãos que moram distantes do centro ou moram nas outras cidades vizinhas já citadas, a distribuição é a seguinte: 57% vai ao calçadão diariamente, 33% semanalmente e 10% mensalmente.

De modo geral, a frequência no Zerão acontece da seguinte maneira: 44% frequentam mensalmente, 33% semanalmente e 24% diariamente. Fazendo o recorte por local de moradia e frequência no parque, temos: residindo no centro, 43% frequentando o Zerão, diariamente, 39% frequenta semanalmente e mensalmente, 17%. Residindo em áreas fora do centro, temos: 63% frequentando o Zerão mensalmente; 28%, semanalmente e 9%, diariamente.

De fato, as funções e elementos presentes nos dois espaços são diversos e atraem diferentes sujeitos para atividades diversificadas. Uma via de pedestres e um parque público são apropriados e têm suas práticas realizadas pelos cidadãos de maneiras diferentes. Entretanto, olhando para esses resultados, eles podem sugerir uma diversidade de usuários de diferentes localidades e essas diferenças e sobreposições compõe uma vida pública singular na cidade de Londrina.

Comparativamente, o que chama nossa atenção é a presença de apenas um respondente de Cambé no Zerão, ao contrário do que aconteceu com as enquetes aplicadas no calçadão que compareceu também cidadãos residentes de outras duas cidades, Ibiporã e Jataizinho.

Os resultados das enquetes aplicadas no Zerão sugerem um uso mais intensivo de cidadãos residentes do centro, e dos setores oeste e sul, diferentemente dos resultados do calçadão, que tem um uso intensivo tanto de moradores do centro (a pé), como de moradores de outras áreas da cidade (de carro, moto e ônibus). Embora a presença de cidadãos de bairros mais distantes do centro no Zerão (mais de 2 km de distância) não pode e não deve ser desconsiderada.

Nos parágrafos anteriores, foram realizadas comparações entre o calçadão e o Zerão, a partir da aplicação de 86 enquetes exploratórias acerca desses espaços. O foco dessas comparações foram os deslocamentos, os meios de transporte e os locais de moradia dos cidadãos que os utilizam. Isso nos auxiliou a refletir sobre a fragmentação socioespacial em Londrina e a relação desse processo em curso com a produção e apropriação dos espaços públicos.

Em suma, os referidos espaços são utilizados pelos cidadãos (não por todos e não de todos os setores da cidade), ou seja, não estão “abandonados”. Assim, além de perguntar quem são esses cidadãos, como vêm e de onde vêm e realizar os recortes analíticos necessários, é preciso também explorar qualitativamente as questões abertas que foram feitas nas enquetes exploratórias e as observações de campo e deter um olhar mais atento para as entrevistas realizadas com os cidadãos que colaboraram com a pesquisa em tela. É o que faremos nas próximas seções.

2.2.2 O cotidiano no/do calçadão e Zerão: articulação/sobreposição entre espaços públicos e privados e a sua influência nas práticas espaciais dos cidadãos

A diversidade e a multiplicidade de usos e funções nos/dos dois espaços públicos investigados pode ser consentida, assimilada e recriada pelos cidadãos por meio de suas práticas espaciais. Há ainda diversas sobreposições e articulações na produção desses espaços com a produção dos espaços privados. Nos referimos a uma redefinição do par público-privado, própria do processo de fragmentação socioespacial, que é vivenciado pelos cidadãos no cotidiano urbano em cidades médias brasileiras, como Londrina (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 153 e seguintes, 2019, p. 105 e seguintes). Assim, tais articulações e sobreposições comparecem direta ou indiretamente nas relações e interações entre os próprios sujeitos (intersubjetividade) e entre esses e seus espaços de vida na cidade (LINDÓN, 2006, p. 357).

Dessa maneira, nos parágrafos a seguir levamos em conta essa perspectiva, a partir dos dados produzidos a partir das outras questões (Anexo B) que fizeram parte das enquetes exploratórias aplicadas, das observações de campo nos espaços públicos pesquisados e das entrevistas realizadas com os seis cidadãos, dialogando com autores e autoras que trabalham com estes temas na Geografia e áreas correlatas, sempre com foco no debate socioespacial e urbano.

Tanto as enquetes como as observações de campo indicaram o calçadão como um espaço do trabalho ou para chegar ao trabalho. Conversamos com alguns vendedores ambulantes, durante as observações, e eles nos disseram o seguinte: “o calçadão é onde você encontra todo mundo...” e “onde todo mundo vem gastar...”, “a galera sempre tem uma moedinha no bolso no calçadão, sempre consigo fazer meus 30, 40 reais por dia por aqui...”, complementando que não gosta de vender seus doces em semáforos por que o fluxo de carros é rápido e ninguém quer ou gosta de parar e abrir o vidro dos seus carros por medo de assaltos.

Para esses cidadãos que vivenciam o centro e o calçadão para o trabalho, a representação dele como um espaço de todos continua poderosa e se objetiva no cotidiano de quem trabalha no calçadão. Especificamente, para quem é vendedor ambulante, a vivência cotidiana nesse e em outros espaços urbanos, pode atribuir a tal expressão, o significado de diversidade e heterogeneidade, tão necessárias para as vendas (informais) e, portanto, para a sobrevivência dele e de sua família. Nesse sentido, se contrapõe à exclusividade, cada vez mais atribuída positivamente a certos espaços, como os *shopping centers*, espaços residenciais fechados (“enclaves fortificados”, nas palavras de Caldeira (2000)), e mesmo à Gleba Palhano em Londrina, como citado em seções anteriores.

Quando falamos das diferenças, aberturas e sobreposições entre espaços públicos e privados, levamos em conta as práticas espaciais de outros cidadãos, também observadas *in loco*. Alguns pregando o evangelho, outros pedindo dinheiro e vendendo suas mercadorias (doces, frutas, aparelhos eletrônicos em geral, etc.), alguns ainda coletando assinaturas para ajudar a fundar um partido político conservador⁵¹. Nenhum deles estava no *shopping*, sequer em um *shopping* popular, como o Royal Plaza⁵², o que evidencia suas relações contraditórias com o calçadão, pautadas tanto na articulação, quanto na oposição, entre espaço privado e espaço público.

⁵¹ Importa detalhar que nos dias das observações de campo, havia uma pessoa sentada em uma cadeira e mesa de plástico com guarda sol e caderneta em frente ao cartório de notas na segunda quadra do calçadão, coletando assinaturas para a fundação desse partido. Poucas vezes se reuniam grandes grupos em torno da mesa, embora fossem frequentes as conversas com sujeitos que passavam e paravam ali para assinar. Esse novo partido político visava, com abrangência nacional, obter o apoio de mais de 490 mil assinaturas coletadas em várias cidades brasileiras que deverão ser validadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e é significativo que, em Londrina, isso tenha sido buscado no calçadão.

⁵² Shopping localizado contíguo ao calçadão entre as ruas Maranhão e Mato Grosso. Sua implantação, em 1999, foi uma estratégia de revalorização pela incorporação de um elemento comercial de grande apelo (GÓES *et al.*, 2019, p. 41).

Os cientistas sociais mexicanos Emilio Duhau e Angela Giglia (2008), baseados na escritora estadunidense Jane Jacobs, elaboram uma concepção de espaço público bastante apropriada à realidade latino-americana e que nos ajuda a compreender o que ocorre na realidade brasileira no que se refere ao fato urbano. Eles refletem, justamente, sobre essa interpenetração e complementaridade entre os domínios e os usos de tais espaços e a vida pública que os compõem.

Nas palavras dos autores:

el uso de los espacios jurídicamente públicos depende en gran medida de la presencia y mezcla de locales que los circundan y las correspondientes actividades (incluida la de residir) asociadas a tales locales (oficinas, tiendas, talleres, restaurantes, bares, cafés, oficinas públicas, servicios, mercados). En la medida que buena parte de estos locales y las actividades que en ellos se desarrollan, conforman espacios jurídicamente de dominio privado, pero de uso público, y que el propio uso de los espacios públicos depende entonces en grados diversos de locales privados pero de *uso público* al menos de concurrencia de un cierto público, como sería el caso de consultorios médicos y despachos de notarios y abogados, la animación y *lo que ocurre en los espacios jurídicamente públicos siempre ha dependido en gran medida de lo que ocurre con los locales y espacios privados que los circundan*⁵³. (DUHAU; GIGLIA, 2008, p. 55, grifos no original)

Duhau e Giglia (2016, p. 55) ainda destacam a importância dos “cafés” e equivalentes – podemos pensar nos quiosques e lanchonetes do calçadão que foram retirados durante as reformas no início da década de 2010 e a aplicação da Lei Cidade Limpa⁵⁴ – como tipos de locais que permitem “ao preço de um café” (ou um suco, uma cerveja, uma porção de frios, por exemplo), uma multiplicidade de atividades e travessias (ou trajetórias) urbanas. Era possível realizar ali encontros e conversas, observar o que acontece ao redor, ler uma revista, jornal ou livro, parar um instante, relaxar, conversar

⁵³ Em tradução livre: “o uso dos espaços juridicamente públicos depende em grande medida da presença e mistura dos locais que os circundam e das atividades correspondentes (incluindo a de residir) associadas a tais locais (escritórios, lojas, oficinas, restaurantes, bares, cafés, serviços, mercados). Na medida que boa parte destes locais e as atividades que neles se desenvolvem, compõem espaços juridicamente de domínio privado mas de uso público e o próprio uso dos espaços públicos depende em graus diversos de espaços privados de uso público ou ao menos de concorrência de um certo público como seria o caso de consultórios médicos, despachantes, escritórios de advocacia. A animação e o que ocorre nos espaços juridicamente públicos sempre dependeu em grande medida do que ocorre com os espaços privados que os circundam”.

⁵⁴ Lei Cidade Limpa, n. 10.966 de 29 de julho de 2010, dispõe sobre a ordenação dos anúncios que compõe a paisagem urbana do município de Londrina – PROJETO CIDADE LIMPA e dá outras providências. Em linhas gerais, a lei (e os decretos aprovados posteriormente) cria uma série de restrições e regulamentações para letreiros, campanhas publicitárias, anúncios diversos e mobiliários de estabelecimentos comerciais e de logradouros públicos da cidade (LONDRINA, 2010).

informalmente com outros frequentadores do local, com o proprietário, comerciante, vendedor, garçom, etc.

el *café* en cuanto local, establecimiento, servicio y lugar, no sólo implica en sí mismo el desarrollo de ciertas actividades típicamente urbanas, sino que facilita la realización de otras y el tránsito por y el uso de la ciudad en cuanto conjunto de espacios públicos. Se podría afirmar incluso sin temor a exagerar, que la vitalidad de los espacios jurídicamente públicos, es expresada en una medida considerable por la mayor o menor presencia del *café* o sus equivalentes. No porque los *café*s por si mismos garanticen o determinen tal vitalidad, sino porque su difusión resulta un claro testimonio de la vigencia de los espacios públicos circundantes en cuanto, precisamente, *espacios públicos*⁵⁵. (DUHAU; GIGLIA, 2008, p. 55, grifos no original)

No calçadão ainda é possível realizar essas atividades. Entretanto, tanto as ferramentas e ações utilizadas pelo município com a referida lei e o discurso envolvido, o que ela representa e seus objetivos se materializam em uma higienização e uma “asepsia”, expressão metafórica emprestada da medicina, que tem ocorrido na cidade. A crônica da jornalista Camila Mossi (2019) recentemente publicada, nos ajuda a pensar nessas transformações dos conteúdos do calçadão, com foco a partir de suas vivências nesse espaço. Na crônica, é tecida uma crítica a essa “asepsia”.

A jornalista coloca em relevo o calçadão que passou e tem passado por mudanças e também podemos pensar na própria cidade de Londrina e uma vida pública de décadas anteriores, realizadas ou não nos espaços públicos, a qual já foi bastante alterada no decorrer do tempo. Na crônica, são citados a retirada dos antigos quiosques, botecos, coreto... a “diversidade de classes sociais”, as famílias tradicionais e o incômodo social delas pelas práticas ali realizadas:

Além disso, há de se fazer cumprir as leis. Ora, se o Chopão, boteco do calçadão de Londrina, estava ilegal, tem mesmo é que fechar. O Chopão, o Dedé, só dava bêbado, bêbado e puta. A polícia vivia lá. A gente, que era estudante, também. O misto de cerveja barata, porção gordurosa e diversidade de classes sociais era um contexto interessante para os jovens sonhadores. Laboratório da vida real. Incomodava as famílias quatrocentonas – pode-se falar em quatrocentão londrinense? - que moram nos prédios antigos do calçadão, aquelas que não migraram para

⁵⁵ Em tradução livre: “o *café* enquanto local, estabelecimento, serviço e lugar, não implica nele mesmo o desenrolar de certas atividades tipicamente urbanas, mas facilita a realização de outras e as trajetórias na cidade enquanto conjunto de espaços públicos. Se poderia afirmar inclusive sem medo de exagerar que a vitalidade dos espaços jurídicamente públicos é expressa em uma medida considerável pela maior ou menor presença de *café*s e seus equivalentes. Não porque os *café*s por si mesmos garantam ou determinem tal vitalidade, senão porque sua difusão resultam um claro testemunho da vigência dos espaços públicos circundantes em quanto, precisamente, *espacios públicos*”.

a Gleba. Tirava o ar europeu do calçadão. Nessa leva, a banca de jornais também dançou. Os pequenos quiosques de café. O coreto. É surpreendente que ainda haja bancos no calçadão. Hora ou outra um político, exemplo de trabalhador dedicado, reclama dos velhinhos aposentados – vagabundos – que povoam os bancos e, a contrassenso da saúde pública, alimentam os pombos. (MOSSI, 2019)

Essa crítica feita por Mossi (2019) pela retirada dos quiosques do calçadão, pode apontar evidências “idealistas e nostálgicas”, às quais se contrapõem duas concepções de espaço público: a primeira identifica sua transformação em mero lugar de passagem, ou seja, um contingente do movimento, segundo o sociólogo Richard Sennett (2014).

Nesse sentido, as cidades, sob o modo de produção capitalista, transformaram as pessoas em figuras passivas, a vida pública esvaziada e os espaços públicos, descaracterizados, não teriam razão de existência (BORGES, 2018, p. 186).

A segunda concepção é proposta pelo geógrafo Angelo Serpa, a partir de pesquisas nas cidades de São Paulo, Salvador e Paris. Segundo o autor, o espaço público “é um meio de controle social, sobretudo das novas classes médias, destino final das políticas públicas, que, em última instância, procuram multiplicar o consumo e valorizar o solo urbano nos locais onde são aplicadas” (SERPA, 2007, p. 21). Serpa ainda salienta que os espaços públicos têm se tornado muito semelhantes aos *shopping centers* e destaca a sua “visibilidade”, gigantismo e espetacularização (a depender do público, da localização e de elementos arquitetônicos-urbanísticos) para e entre as classes médias.

Em uma parte da entrevista com Letícia, também compareceu a retirada dos quiosques, das bancas e de algumas lanchonetes do calçadão, o que revela que a memória já desempenha papel relevante na relação com a cidade, mesmo para essa jovem trabalhadora de 26 anos:

Pesquisador – Muita gente com quem conversei mencionou a retirada dos quiosques (Chopão, por exemplo), você tem alguma lembrança disso?

Letícia – Verdade, tinha o Chopão mesmo. Isso foi antes desse processo de higienização... por exemplo, [...] era lotado de máquinas [carrinhos/barraquinhas] de lanche... foi tudo retirado. Dentro do calçadão, tinha esse Chopão que era ali próximo à Marisa... tem aquele ponto de ônibus em frente à Marisa, e nessa parte dessa semi-praça... era o Chopão... as pessoas confraternizavam lá... muita movimentação no centro... Era uma estrutura fixa, o pessoal ficava lá, como se fosse um barzinho, além do Chopão, eu não lembro se tinha outro ali próximo às Lojas Americanas [Quadra 3] e ali próximo da fonte [Quadra 1]... ali também tinha um espaço assim, uma estrutura que era elevada, as pessoas se sentavam, era coberta e tal, onde as pessoas faziam um piquenique... mas foi retirado. Se eu não me engano, a justificativa da

época era por que pessoas em situação de rua iriam até lá para procurar abrigo... (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

A justificativa que Letícia destaca sobre a retirada de mobiliários e equipamentos para que pessoas em situação de rua não usassem como abrigo ou permanência intermitente, tal como acontecia no coreto, por exemplo, é amparada por instrumentos e mecanismos que permitem ou facilitam uma limpeza social visando (direta ou indiretamente) o modelo dos *shopping centers*: higienizados, controlados, separados, diferenciados, distanciados, privativos, etc. A Lei Cidade Limpa e seus instrumentos arquitetônicos-urbanísticos, anteriormente citada, pode denotar parte desse processo de higienização do calçadão, ou “assepsia” nas palavras de Camila Mossi.

O poder público, por meio de suas forças policiais (municipais e estaduais), inibe os usos dos espaços públicos pelas pessoas em situação de rua, mas não em todos os momentos e nem em todas as circunstâncias e situações. Os “indesejáveis”, como diz Silva (2013b), ainda estão lá, “gerando incômodo” de alguma forma, “sendo um problema incontornável”⁵⁶ para alguns comerciantes, lojistas e cidadãos que vociferam contra eles, apenas pela sua presença, mesmo que pessoas em situação de rua não estejam realizando qualquer outra atividade, além de pedir dinheiro ou alimentos.

A retirada dos quiosques e das lanchonetes do calçadão implicou em algumas perdas aos encontros e à visualização dos outros naquele espaço público, com direcionamento para as práticas de consumo e alguns serviços, sempre momentâneas. Mas continua presente uma vitalidade que é demonstrada na sociabilidade, ainda que bastante mediada pelo consumo, pelas compras e também pela possibilidade de parar um instante, um momento durante o dia ou após o dia de trabalho e se deparar com a diversidade de cidadãos, que se restringe quando as lojas fecham, mas não desaparece.

No caso do Zéirão, há um exemplo interessante que nos ajuda a compreender essa relação contraditória e de articulação intensa entre o público e o privado. Ali funciona um local destinado à gastronomia, inaugurado nos últimos anos, com *food trucks*, mesas e cadeiras para as refeições, chamado Sabor&Ar (Figura 16).

Implantado nos últimos anos, revela, simultânea e contraditoriamente, as mudanças ocorridas nos espaços públicos. Pode apontar, por um lado, nos termos de Serpa (2007), uma valorização do consumo nos espaços públicos, fortemente

⁵⁶ Essa expressão compareceu em alguns discursos dos cidadãos com quem conversei durante as observações de campo.

relacionada à privatização, e por outro, como discutimos nos tópicos anteriores, uma combinação de usos, funções e interdependência entre público privado, como apontado por Duhau e Giglia (2008).

Essas possibilidades de consumo (de alimentos e bebidas) ofertada por um serviço privado e formalizado, ocorre num espaço aberto, sem cercamento, direcionado à sociabilidade, podendo ser combinada com as outras atividades praticadas no Zerão.

Quando consultamos sua página oficial no *Facebook*, Sabor&Ar é definido da seguinte forma: “O Sabor&Ar quer viver a cidade Londrina, resgatar os espaços públicos e trazer conforto para quem gosta de momentos prazerosos em meio a natureza” (SABOR&AR, 2020, grifos nossos). Nesse caso, a parceria público-privada favorece a visibilidade, atração e permanência nesse espaço público? A resposta parece ser positiva. Mas é preciso questionar ainda: tais práticas de consumo são voltadas a sujeitos de determinado segmento/classe social, como aqueles que residem nas proximidades, contribuindo assim para a segmentação dos seus frequentadores e, nesse sentido, se contrapondo ao potencial democrático desse parque?

Questionamos ainda: O que significa, realmente, “resgatar” esse espaço público? De qual conforto se fala? O conforto produzido pela lógica do consumo segmentado e pautado naquilo que está presente nos espaços privados de lazer e consumo, como os *shopping centers*?

As diversas práticas espaciais dos cidadãos são atravessadas por esse par dialético, assim como o próprio espaço público e quem o frequenta é alvo direto e indireto dos interesses privados.

O Sabor&Ar proporciona uma das oportunidades dos cidadãos de estar em um espaço público aberto, enquanto consome bebidas e comidas. Os proprietários e funcionários dos *food trucks* do local comercializam bebidas alcoólicas, petiscos, refeições originárias de diversos países, em horários pré-estabelecidos e proporcionam o consumo dentro de um espaço público. Mas o Zerão não pode/não deveria ser reduzido apenas ao Sabor&Ar. Ou melhor: este não precisaria resgatar aquele.

A combinação de práticas e atividades que ocorrem no Zerão compareceram da seguinte forma nas respostas das enquetes com os cidadãos: os passeios, o relaxar e a prática de exercícios físicos, são atividades realizadas, em sua maioria, coletivamente. Não necessariamente isso significa ir junto ao espaço, como detectado em algumas respostas, mas a possibilidade de encontrar amigos e colegas para lá fazer alguma

atividade em conjunto. Os cidadãos podem ir sozinhos ou acompanhados dos amigos, da família, de colegas que praticam a mesma ou atividade física similar.

Já no calçadão, os resultados indicam que, com exceção daqueles que vem ao calçadão para encontrar os amigos, mais da metade dos cidadãos colaboradores vai ao calçadão sozinho para trabalhar (como explorado nos parágrafos anteriores). O restante vai ao espaço para fazer compras, encontrar amigos, pagar as contas, pregar o evangelho, estudar e descansar/passear.

A faixa etária predominante no Zerão é entre 18 e 29 anos (58%), ou seja, os jovens são os principais frequentadores. Os cidadãos entre 30 e 39 e entre 50 e 59 anos compõem juntos 18% cada. Já os que tem entre 40 e 49 anos representam 5% dos respondentes. No calçadão, ocorreu uma proporção semelhante ao do Zerão a respeito da faixa etária predominante: 55% dos respondentes são jovens entre 18 e 29 anos. A segunda faixa é composta por idosos com mais de 60 anos (13%) com a mesma proporção para cidadãos entre 50 e 59 anos. Os cidadãos entre 30 e 39 e entre 40 e 49 anos compõem juntos 10% cada.

Em ambos os espaços, ocorre a predominância de mulheres respondentes, ultrapassando 60%, entretanto, não necessariamente são as que mais frequentam o espaço, todavia são as que mais colaboram com essas pesquisas.

Quando observamos os perfis profissionais, o Zerão é mais diversificado que o calçadão. Nesse espaço, há vendedores (26%), trabalhadores informais⁵⁷ (16%), trabalho em restaurante (10%), estudante (10%), missionário (6%), advogadas (6%), aposentadas (6%), desempregado (3%) e outros trabalhos formais como empregada doméstica, engenheiro da computação, recepcionista, técnico em computação e cuidadora de idosos que apareceram uma vez cada (juntos compõem 16%).

Já no Zerão, notamos a ausência de respondentes desempregados ou trabalhando informalmente. A proporção, então, é a seguinte: professores(as) (25%), psicólogos(as) (15%), estudantes (13%); vendedores(as), autônomos(as) e servidores(as) públicos(as) compõe 5% cada. Assistentes administrativos, artistas, empresário(a) e policiais militares, compõe 4% cada. Outras profissões compareceram apenas uma vez como: advogada, almoxarife, analista ambiental, bancária, enfermeiro, engenheiro civil, *personal trainer*, diretor comercial e auxiliar de *marketing* (juntas somam 16%).

⁵⁷ Inclui trabalhadores de aplicativo e vendedores ambulantes.

No que se refere ao que os cidadãos gostam nos dois espaços públicos, no calçadão, as respostas que mais compareceram (45%) mencionaram o movimento de pessoas e a diversidade do comércio presente no espaço. O depoimento de Letícia a respeito desses aspectos positivos do calçadão também destaca esses elementos elencados pelos respondentes das enquetes e traz ainda outros aspectos:

Eu gosto do fato de ser arborizado... isso traz um frescor para o local... é mais fresco, confortável de você transitar... Eu gosto de andar pelo calçadão pois eu vejo as pessoas... então para quem atua dentro de um escritório... é bom tomar esses ares... (...) O fato de ser acessível... você ter tudo ali próximo a você... às vezes até coisa que não precisa. Tem ali à sua disposição, farmácia, tem o shopping que é perto, tem a questão cultural, a proximidade com os centros culturais próximos... tem os bancos... de tudo um pouco... isso eu acho bem agradável no calçadão. Mas principalmente o fato dele ser arborizado, embora pudesse ser mais. (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Segundo a experiência da entrevistada, como antiga moradora do centro, frequentadora do calçadão para trabalho (além de atividades realizadas nos intervalos) e de outros espaços públicos para lazer, os atributos positivos e também negativos de cada um deles podem ser diretamente afetados por suas funções, assim, a diversidade de práticas e ritmos do calçadão, são atrativos nos parques e demais espaços públicos de lazer:

O que eu acho mais positivo nesses espaços é o “para quem ele é feito”... se alimentar nesses espaços... ou você leva sua própria alimentação... ou você faz um piquenique... ou comprar de alguma barraquinha que tenha ali... e ali você pode fazer o que decidir fazer porque é um espaço público... pode jogar uma bolinha, passear com o cachorro, uma forma de lazer não precificado... (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Em outra parte da entrevista de Letícia, quando perguntada sobre a possibilidade de socializar no calçadão e de encontrar seus amigos ali, como aspectos considerados positivos, ela responde:

Encontro de amigos é em lugares específicos... um café no *shopping*... geralmente, nunca marquei de encontrar no calçadão, a céu aberto... sem ter um lugar específico para ir... sempre com lugar específico. [...] O calçadão serve de ponto de encontro até que o grupo se localize e vá para outro espaço... até espaços próximos, como Sesc, *shopping*, algum café, algum restaurante... sempre procurando um lugar fora... poucas vezes me reuni para conversar no calçadão... na praça e nos bancos próximos à praça [Floriano Peixoto]. (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão, grifos nossos)

Nesse trecho da entrevista, podemos notar que o calçadão “serve como ponto de encontro até que o grupo se localize e vá para outro espaço”, um espaço de passagem, que não oferece ou não possui, como possibilitava há um tempo, os encontros nas lanchonetes e quiosques. Os encontros aqui são mais fugazes, direcionados e momentâneos.

Compareceu no depoimento também “o café no *shopping*”, demonstrando a transferência desse momento de encontro mais demorado, para a pausa, conversas, convivência para dentro de um espaço privado de uso público, altamente controlado e vigiado, com suas regras de sociabilidade mais restritas (GÓES, 2016), além de outras opções de domínio privado, como restaurantes e cafés fora do calçadão. Demonstrando, como nos indicam Duhau e Giglia (2008, p. 55), a articulação contraditória e combinada entre espaços com domínios jurídicos e usos diferentes, entretanto compartilhados.

Os cidadãos também indicaram os encontros e a tranquilidade como aspectos positivos (configuraram 13% cada). Outro aspecto positivo que compareceu foi a localização do espaço com 10% das respostas e arborização com 6%. Aspectos que compareceram apenas uma vez foram: caminhabilidade, estética, “nada” e “formato engraçado das praças” (somam juntos 13%).

Já a resposta usual no Zerão diz respeito à “natureza”, às “árvores/arborização”, “o verde”, “o espaço/área verde” (31%). Embora tenhamos agrupado outras respostas como “múltiplos aspectos” (43%), como veremos adiante, as primeiras respostas foram agrupadas para indicar como os respondentes se sentem atraídos a esse espaço público. Essa característica/atributo e o que ela significa/promove (“do verde”, “natureza”, etc.) para quem realiza suas atividades cotidianas em espaços bastantes diferentes do Zerão, como escritórios, consultórios, salas de aula, hospitais, etc., ou seja, em espaços mais tipicamente urbanos.

Há ainda cidadãos que responderam especificamente alguns elementos positivos do parque: equipamentos e locais para atividades físicas (17%), tranquilidade (5%), “tudo” (4%) e 2% não respondeu à pergunta. Quando avançamos para os “múltiplos aspectos”, algumas respostas agrupadas nessa categoria chamam atenção. Essas respostas mais completas, combinaram não só o “contato com a natureza” com a possibilidade de realizar atividades físicas, enquanto outras levaram em conta aspectos arquitetônicos, a estrutura desse espaço público e os equipamentos que permitem *shows* e espetáculos, além da proximidade em relação à residência/moradia (Figura 9).

Muitas respostas estão diretamente relacionadas ao perfil dos sujeitos que as responderam, seja por suas profissões, classe social, residência próxima ou não ao Zerão e aos estilos de vida. Novamente, o entorno do Zerão que corresponde ao Lago Igapó I e II, com área de condomínios residenciais de médio e médio-alto padrão e preço do solo valorizado, como a Gleba Palhano e adjacências, deve ser levado em conta.

Os entrevistados Leonardo, Gael e Valéria, mencionaram a questão da multiplicidade e da diversidade de usos e práticas como bastante positiva e agradável.

Para Leonardo, “[...] o Zerão é muito diverso...” e continua: “tem desde loga até a galera da dança, nossa... tem varias vertentes diferentes... de exercício físico, práticas sociais lá... tudo converge no mesmo lugar... [...]” e destaca as características e elementos naturais, construídos e o que tange a centralidade do parque – citados pelos respondentes das enquetes – na prática corporal do Parkour⁵⁸ que ele e seus amigos realizam todos os sábados no Zerão, inclusive quando chove.

No trecho a seguir, o entrevistado fala sobre o motivo da escolha do parque pelo grupo para a prática do Parkour:

[...] por causa dos obstáculos que têm lá... por causa da centralidade... um espaço confortável, de sombreamento, vegetação... tem toda essa questão da vegetação que é muito importante dentro do Zerão... e às vezes a gente faz uns treinamentos dentro da natureza... quando chove não dá para usar o tênis por causa da grama que escorrega... então a gente tira o tênis, tira a camisa e vai treinar correndo descalço pelo Zerão... pulando nas coisas... então acho que esse é um ponto que eles escolheram o Zerão. (Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão)

Gael, professor de educação física e *personal trainer*, pontua sobre a sua vivência em diversas partes do Zerão, evidenciando também que o parque possibilita a diversidade de sujeitos e de eventos artísticos e culturais que acontecem ali. Em suas palavras,

Como eu frequento em diversas áreas do Zerão, então você vai conhecendo... o pessoal dos *dogs*... que eles estão ali sempre... o pessoal da calistenia...⁵⁹ do Parkour... o pessoal que revende... a tia do coco, o Seu Menezes... [...] o Zerão dá para ser o centro de Londrina... o coração de Londrina para quem treina... ele tem um quilômetro perfeito..

⁵⁸ Segundo Andrade Júnior *et al* (2016), o Parkour se trata “...de uma prática corporal que visa deslocar-se no ambiente, de um ponto ao outro de forma eficiente, utilizando apenas o corpo. A modalidade surgiu na França e foi disseminada em outros países por meio de documentários, filmes e vídeos na internet” <https://www.scielo.br/rbme/a/QC7fJhgtNgy86jzGCXhtvXd/?format=pdf&lang=pt>.

⁵⁹ São séries de exercícios físicos realizados sem equipamentos de musculação. Se utiliza apenas o peso corporal (Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/09/18/calistenia-defina-os-musculos-com-exercicios-feitos-so-com-o-peso-do-corpo.htm>).

[...] Uma das coisas que a gente mais gostava dos finais de semana eram as atrações artísticas, culturais, quando tinha o pessoal da Quizomba, a galera do circo com as crianças, cara... até as festinhas... uma vez rolou o eletrônico lá, a galera curtiu demais... porque terminou todo mundo limpou tudo... sabe, eu acho que essa é a essência... [...] a gente gostava muito quando tinha as atrações com os meninos dos palhaços, com as crianças... lotava de gente... lotava de criançada.. a gente mandava para todo mundo do grupo... “galera, tá rolando coisa no Zerão.. vem para cá, vem para cá...” e tem esse lance de ser ao ar livre [...] eu acho que tudo que é bem feito, bem organizado... deve e tem que ser continuado... (Gael, 30 anos, frequentador do Zerão)

O Zerão permite essa multiplicidade de usos e práticas e isso é destacado e reconhecido por Gael e também demonstrado por meio das enquetes. O “poder de atração” (GÓES; RICHMOND, 2021, p. 11) do parque influencia direta e/ou indiretamente o que ocorre e o que não ocorre nele, assim como influencia quem o frequenta.

Outro ponto importante é o reconhecimento por parte de Gael das práticas de outros sujeitos e coletivos e a relevância que essas práticas têm na produção do Zerão como um espaço público aberto e que possibilita uma diversidade de usos, interações sociais entre coletivos e uma organização entre eles. Na passagem a seguir, Gael comenta a respeito:

[...] eu faço questão de pelo menos uma vez ao dia, levar meu filho para pedalar, no caso hoje ele estava brincando no *Parkour*, tem uma pistinha de *Parkour* que fizeram, quem fez foram os próprios meninos do *Parkour*... eu acompanhei... eles cavando lá os buracos, as coisas... que nem os meninos do skate né? Eu presenciei lá um ano... eles com as picaretas, um ia dormir, o outro continuava... sabe? Uma coisa que você fala assim “Caraca, velho... quem ama faz acontecer...” (Gael, 30 anos, frequentador do Zerão)

A entrevistada Valéria também salienta esses aspectos múltiplos e diversos do Zerão no trecho a seguir de seu depoimento. Além de salientar a imprevisibilidade do espaço e a interação entre sujeitos. Valéria cita como exemplo a relação do inesperado com as brincadeiras das crianças no Zerão, por conta dos aspectos positivos relacionados à “natureza”:

Pesquisador – A gente falou e você citou alguns pontos que enxerga no Zerão, existe além dessa questão da diversidade que você mencionou, desse contato com a natureza, alguns outros pontos positivos e agradáveis?

Valéria – Bom, primeiro é realmente a questão da natureza, do contato com a natureza, você poder conviver com pessoas diferentes lá ne, eu acho que eles têm um ponto de relação, de relacionamento. [...] Eu me lembro ate hoje, um dia a gente estava lá e tinha uma palmeira, e a folha estava caindo, mas ela ainda estava pendurada... meu... a folha virou um

cipó da criançada e eles se balançavam naquilo e rodavam, e rodavam, é a natureza virar o brinquedo deles, e é espontâneo, aquela folha amanhã não iria estar mais lá, é essa dinâmica que só a natureza permite, porque o parquinho de diversão toda vez que você vai, toda vez vai ser aquilo, você nunca vai ser surpreendido por algo diferente e ali por estar nessa natureza, você possibilita cada vez você ter uma experiência diferente ali que a natureza te traz, um bichinho diferente que a criançada vê. Isso eu acho essencial, e pra mim é o principal do espaço.

Outro aspecto considerado como positivo e interessante pela entrevistada é a caracterização do Zerão como um espaço democrático, salientando as diferenças entre ele e um *shopping center*, onde as práticas espaciais e sociabilidade, como sabemos, são mediadas pelo controle social e pela vigilância em suas dependências (GÓES, 2016; GÓES; SPOSITO, 2016). Nas palavras de Valéria, o Zerão pode

[...] [S]er esse espaço democrático, todo mundo pode chegar, diferente de um *shopping*, que você tem que pagar estacionamento, que você tem que estar vestido adequadamente pra entrar naquele espaço, talvez algumas pessoas podem se sentir até constrangidas a entrar em um *shopping* e em um parque não. O parque é livre pra qualquer um entrar e sair a hora que quer, do jeito que quer (Valéria, 45 anos, frequentadora do Zerão).

Na mesma direção, o entrevistado Leonardo valoriza a presença e apropriação de coletivos e grupos, o que importa quando pensamos na produção dos espaços públicos contemporâneos:

Acho que a galera ficou muito mais organizada agora... Tem muito mais grupos do que antigamente tinha... A parte daquele local de Gastronomia lá também aumentou bastante a vivacidade do local... acho que ajudou... foi uma boa mudança que teve lá... A apropriação dos grupos [...] O povo do skate continua construindo a pista de skate deles lá... e agora nosso grupo do Parkour também... a prefeitura doou uma parte do Zerão para fazermos nossa pista de obstáculos. Então a prefeitura também está vendo que está tendo essa apropriação...apesar que teve que pressionar bastante e ainda assim eles não investem... a gente que tem que fazer as coisas... fazer as obras, juntar dinheiro... mas eu vejo isso... tem bastante grupos, vai formando esses grupos e eles vão se consolidando com o tempo... (Leonardo, 22 anos frequentador do Zerão)

Para o entrevistado, isso tem corroborado com a visão de que no Zerão é possível abarcar as diferenças e os encontros planejados ou não entre diferentes, o que comparece também, positivamente, no depoimento de André, skatista, membro do

coletivo “Big Oh!”, que anda de *skate* nas quadras poliesportivas do Zerão (Figura 17)⁶⁰. Assim, constatamos que esse potencial de atração se sobrepõe a qualquer outra tendência.

Por volta de 2005, eu comecei a andar de *skate* por causa de alguns amigos e eles andavam e aqui perto da minha casa construíram uma pista de *skate* que era próxima. [...] o *skate* ele vem da rua né? [...] Mas a gente vem de uma época que tinha pouco acesso... era muito discriminado né... essa atividade... então a galera procurava andar na rua que é a cultura do *skate* e em alguns lugares assim pra poder se encontrar e praticar ali... E o Zerão foi um deles... ali a gente se encontra... tem 4 quadras esportivas e mais uma de areia... Desde a época dos anos 80... tipo.. se eu não me engano... 89, essa virada de 80 para 90, o pessoal do *skate* já praticava no Zerão e a gente tem os registros de campeonatos antigos que foram feitos... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão)

André ressalta, assim como Leonardo, o reconhecimento dos outros sujeitos que frequentam o parque, enaltecendo também a multiplicidade dos conteúdos socioespaciais do espaço público e das possibilidades de produzi-lo de maneira mútua, criativa e colaborativa. Nas palavras dos dois entrevistados:

[...] É importante ter diversas e diferentes atividades lá para fortalecer essa visão de que qualquer um pode fazer o que quiser... que ali não é só a galera da corrida... porque se vier um cara com um bagulho diferente todo mundo não vai ficar olhando estranho e a pessoa não vai se sentir desconfortável lá... Então todo mundo é aceito...acho que essa é a relevância em ter nossa pratica lá e diferentes praticas que às vezes são marginalizadas em outros lugares da cidade que ali podemos ser quem quisermos. (Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão)

Quem frequenta bastante sabe o que é... [o coletivo “Big Oh!”] conhece... [...] quem está sempre frequentando sabe do corre que a gente faz pelo espaço... então a gente tem uma aceitação muito boa... por exemplo, o pessoal do Sabor&Ar já conhece a gente... a galera que trabalha ali com o Menezes e a Vera, que são os tiozinhos que vendem caldo de cana... sabe um eles ficam em dois pontos, eles conhecem todo mundo ali no skate... até quando a gente vai fazer campeonato, a gente compra energia deles e dá um pouquinho de grana para eles, pega energia deles.... são bem parceiros assim... muita gente ali conhece a gente, sabe do nosso corre... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão)

⁶⁰ A quadra que os *skatistas* utilizam é a da primeira foto (Figura 14). Como é possível verificar, no primeiro semestre de 2021, estava sendo reformada pelo grupo.

André complementa, comparando essa diversidade do parque com a diversidade de sujeitos, ideias e pensamentos encontrada no interior e nas ações do coletivo de *skate*⁶¹:

Esse espaço é frequentado pelos mais variados tipos de pessoas, de pensamentos... eu já venho de uma cultura que eu lido muito com a rua... com pessoas diferentes, pensamentos, pessoas de várias classes sociais... então pra mim é bem tranquilo... até o skatista tem que saber lidar como outros tipos de pensamento... até porque a gente sempre está invadindo o espaço dos outros assim... a rua... o skate é muito da rua... então a gente tem que saber lidar... saber também respeitar as pessoas... as diferenças... dentro do próprio skate a gente já tem algumas diferenças... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão)

Concomitantemente, acompanhado pelos aspectos positivos apontados tanto pelos respondentes das enquetes, como pelos entrevistados, compareceram os aspectos negativos e os que menos agradam nos usos cotidianos do calçadão e do Zerão. Certamente, são opiniões que aparecem de maneira conjunta com os aspectos positivos, inclusive nas mesmas frases e colocações. Ou seja, não há uma separação tão rígida entre elas, demonstrando, portanto, como o cotidiano acontece de maneira integrada.

No calçadão, 19% dos respondentes mencionaram a presença de pessoas em situação de rua, 16% não levantou nenhum aspecto desagradável e 13% não saberiam dizer o que seria negativo a respeito do espaço. Falta de segurança, movimento de pessoas e vendedores ambulantes foram indicadas por 10% dos respondentes cada uma. 12% dos entrevistados indicaram a falta de manutenção das calçadas (6%) e a falta de arborização (6%). É interessante notar que para alguns cidadãos o movimento de pessoas pode ser um aspecto positivo e para outros, negativo. As últimas proporções indicam como aspectos desagradáveis, a “presença de bêbados”, a falta de limpeza e a presença de imigrantes e contam com 3% cada uma delas.

Letícia também destaca alguns elementos que considera negativos e elabora uma reflexão acerca da presença de pessoas em situação de rua e diferencia as atitudes dessas pessoas em relação ao período do dia, aspecto apontado como o mais desagradável pelos cidadãos colaboradores:

Falta de lixeiras... mais estrutural mesmo... Essa segunda parte mais próxima ao *shopping* [Royal Plaza Shopping], eu acho que o piso tem partes mais soltas, esburacadas, menos regulares (...) comparado a

⁶¹ Esses aspectos relacionados ao coletivo “Big Oh!” serão explorados em seção posterior neste trabalho.

segunda parte que teve aquela modificação da Pernambucanas para lá... [...] (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Para mim, as pessoas em situação de rua causam um incômodo social normal devido à falta de mecanismos para mudar aquela realidade. Quando eu saía dos eventos culturais (no Sesc e no Ouro Verde) eu saía sempre muito tarde, entre 22h e 23h e passava todo esse caminho do Sesc até ali no ponto de ônibus no calçadão (próximo à Loja Marisa). Eles (pessoas em situações de rua) se aglomeram por ali no período noturno e gritam, vão para cima... pedindo dinheiro... então eu sempre me senti bem acuada, mas durante o dia, não me senti desprotegida... (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Já no Zerão, os cidadãos falaram do que não gostavam no espaço: 29% mencionaram a (falta de) manutenção de equipamentos, locais e mobiliários, 11%, a falta de segurança, 9% não indicaram nada em específico ou não responderam, 15% responderam (5% cada) que no Zerão faltam banheiros; que há muita sujeira e falta lixeiras no local e atitudes desrespeitosas dos cidadãos em relação à pandemia de COVID-19 (não uso de máscaras de proteção). 4% mencionou o uso e os usuários de drogas ilícitas (recreativas ou não) e o restante dos respondentes com 2% cada, indicou: a presença da polícia à noite; insetos; iluminação e falta de atenção e cuidado ao animal doméstico que algumas pessoas levam ao parque. 24% das respostas indicam mais de um desses elementos descritos.

Uma das respostas, “anfiteatro abandonado”, chamou nossa atenção. Pichações, sujeira bastante aparente são evidências desse abandono, conforme também observamos em campo, embora o mesmo cidadão comente que frequenta shows e concertos nesse anfiteatro. Entretanto, mesmo que a parte interna do anfiteatro não esteja sendo utilizada (sem iluminação, tem vidros quebrados e trancada, por exemplo), a parte das escadarias e do anfiteatro em si é utilizada (apesar dos resíduos), no período vespertino e noturno, como local da prática de esportes (como corrida, boxe, etc.) e como local de encontros de cidadãos para escutar música, utilizar recreativamente drogas ilícitas e bebidas alcóolicas, etc.

Sobre a questão da limpeza, uma das respostas das enquetes associou diretamente a questão da sujeira, do lixo e de garrafas quebradas à presença de moradores em situação de rua naquele espaço, o que evidencia o papel dos estigmas e a representação simbólica inerente ao corpo desses cidadãos.

O entrevistado Gael comenta a respeito da falta de lixeiras e do que ele considera uma falta de cuidado com o espaço pelo poder público que não as instala ou instala poucas no parque. Ele também associa parte dos cidadãos que frequentam o espaço e

não descartam os resíduos que geram em suas atividades de maneira correta. O entrevistado também salientou o “impacto ambiental” negativo que isso causa às gerações que virão:

[...] E onde acumula mais lixo no Zerão? É nas escadarias... então se você for um dia observar em volta da escadaria não tem um lixo (lixeira), nem entre os lances (das escadas)... então a gente tá falando de uma região de sei lá uns 100, 200, 300 m² que não tem um lixo (lixeira). E quando tem nas pontas e eles estão sobrecarregados... a pessoa... por isso que ela vai deixando...ela olha para um lado, olha para o outro... e não vê nada... às vezes é mais fácil você deixar para trás e fingir que não viu.. [...] não tenho nada contra, sou tranquilo em relação a isso... que é o uso de “coisas naturais” (drogas ilícitas)... mas tudo que é químico... você estraga o ambiente... então bebida, cigarro... enfim... então tudo que é industrializado e fica depois o lixo para trás... aquilo ali... cara... você quebra várias gerações depois que você sai dali... porque todo mundo que vai treinar, todo mundo que vai passear, todo mundo que vai fazer algum rolê, pisa em um caco de vidro ou sei lá... você tem que ficar recolhendo lixo no chão... daí as pessoas às vezes nem vão para a região por causa dessa... às vezes é uma falta de consciência, você fica prestando tanta atenção em outras coisas que você esquece às vezes da coisa mais importante que é seu lixo, a limpeza do local. (Gael, 30 anos, frequentador do Zerão)

A questão do uso de drogas ilícitas (recreativas ou não) foi mencionada tanto por Gael – como é possível ver na citação anterior – como pelos respondentes das enquetes. Entretanto, o entrevistado não as viu como um fator de insegurança em si, mas considerou que os resíduos sólidos gerados por alguns dos sujeitos que fazem uso delas, acompanhadas de bebidas alcóolicas e outras drogas lícitas, são inconvenientes e afetam negativamente os outros usos do parque, principalmente na parte das escadarias e do anfiteatro, onde ocorrem também a maioria dos eventos artísticos e culturais.

Leonardo, sobre esse ponto, diz que não vê a questão das drogas ilícitas como um problema em si no Zerão. Nem o que tange aos resíduos produzidos, nem à questão da segurança. Ele adiciona alguns comentários a respeito das pessoas em situação de rua que, de acordo com o entrevistado, não estão mais frequentando o espaço de maneira regular e quando frequentavam “não importunavam ninguém”, a não ser por sua própria presença carregada de estigmas associados a esses sujeitos:

[...] e sobre a questão da droga não vejo tanto problema assim, mais a galera que usa maconha e de vez em quando tem alguém utilizando na baixada mas geralmente se utiliza mais nas escadarias do teatro... e não tem problema com eles, são bem suaves e tal... antes tinha até moradores de rua, dormiam ali, faziam uma barraca, mas também meio que sumiram... não sei se eles aparecem só de noite... não sei o que aconteceu com eles, para onde eles foram... eles estão em algum lugar...

poderia até ser um problema mas eles não mexiam com ninguém.
(Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão)

O depoimento de Valéria evidencia, por um lado, sua preocupação com o uso de drogas ilícitas de alguns cidadãos, durante os exercícios físicos que ela fazia pela manhã no Zerão. Por outro lado, nesta fala podemos detectar que embora ela e outros cidadãos afirmem que os espaços públicos permitam a diversidade e são espaços democráticos, há disputas e contradições entre os usos.

quando eu fiz o Mahamudra, tinha uma época que eu fazia de manhã e tinha uma época que eu fazia no final da tarde, e a gente faz exercício ali na escadaria, eles usam as escadas pra fazer os exercícios, e você estava subindo e descendo e no topo tinha uma turminha consumindo droga, fumando maconha. A gente aqui não vai discutir a questão do uso ou não da maconha, mas a questão é o consumo que está ocorrendo ali. E quando eu ia de manhã, que eu ia seis e meia da manhã sempre encontrava, que você via que era garrafa quebrada, coisa que ficava ali, encontrava cachimbinho, encontrava preservativo. Você vai encontrando todas essas coisas que é desagradável, quer dizer que o espaço não está sendo ocupado pro fim dele.

Outro ponto que compareceu nas enquetes e nas entrevistas é a demanda pela presença de uma guarita e/ou viatura fixa da Polícia Militar e/ou Guarda Municipal. Gael comenta, inclusive sobre a instalação de câmeras de vigilância.

Uma das coisas que eu vejo como ponto negativo é a falta de uma guarita. Então se tivesse uma guarita, como tem bastantes espaços... terrenos que são da prefeitura beirando o Zerão, se você for ali ver sempre tem um recortinho que é da prefeitura, onde o pessoal utiliza para guardar carros... cara... vários alunos meus chegaram depois da aula com o vidro no chão... “pô, (...)”, levaram meu note, levaram minha bolsa, meu óculos...” começou a ser tão repetitivo isso que eu pensei em ter um segurança à noite para treinar no Zerão. Cara... aí veio a ideia de sair das escadarias, que a gente estava treinando lá próximo, e fomos lá para as barras... Então hoje a gente dá o nosso treino nas barras... e aí os roubos, os furtos pararam de acontecer... (Gael, 30 anos, frequentador do Zerão)

Como dito anteriormente, uma das respostas das enquetes menciona a presença da polícia à noite como um fator negativo. Assim sendo, no que tange a questão da (falta de) segurança no parque, comparado ao depoimento de Gael, fica explícito que as ações de policiamento (municipal ou estadual), seja para segurança e/ou para a repressão, são assimiladas de diferentes maneiras para diferentes cidadãos (dependendo sempre dos recortes sociais, de gênero, econômicos, etc.).

A atitude do grupo de Gael de sair das escadarias do anfiteatro e treinar nas barras de exercício físico (próximas ao Sabor&Ar, espaço privado de uso comum) foi uma estratégia frente a algumas situações de violência e roubos vivenciada pelo grupo. Isso nos remete ao que Jane Jacobs (2011) comenta sobre a segurança nos espaços públicos e como a presença de pessoas e também da iluminação nesses espaços, pode aumentar a sensação de segurança

[...] [A] boa iluminação amplia cada par de olhos – faz com que os olhos valham mais porque seu alcance é maior. Cada par de olhos a mais e qualquer aumento em seu alcance representam um trunfo para as áreas apagadas e desvitalizadas. Porém, as luzes não têm efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação do apoio geral na rua para a preservação da civilidade. (JACOBS, 2011, p. 38)

Segundo a autora, “uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não.” Leonardo também nos contou que sente receio em andar pelo Zerão no período noturno por conta de algumas áreas serem mal iluminadas e até sem iluminação.

Só a noite que acaba diminuindo o movimento... a questão da iluminação na parte de baixo que acaba dando uma complicada... Ainda assim... eu acho seguro. Porque já frequentei lá de noite... às vezes... mas sempre acompanhado... sozinho pode ser uma outra história. (Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão)

Já Valéria fornece exemplos que nos ajudam a pensar sobre a segurança no espaço, principalmente quando uma mulher está sozinha em um espaço público, salientando a possibilidade das variadas violências de gênero que podem vir a acontecer. Tais questões são relevantes e sempre necessitam um amplo e cuidadoso debate amparado em pesquisas científicas e nas falas das mulheres e outras minorias que se identificam como tal. Essas discussões podem e devem comparecer no debate sobre segurança dos espaços urbanos em geral. A entrevistada comenta:

[T]em a questão da iluminação. Por exemplo, eu já a muito tempo eu estou com as minhas crianças, então eu faço minhas atividades sempre de dia, mas eu lembro que, por exemplo, tinha época que eu ficava sozinha ali, chegava uma hora que eu falava, “não já tenho que ir embora porque ali já vai ficando escuro... um pouquinho abandonado”. Dai aquilo que é positivo que é a natureza pode ser um fator de descuido, ainda mais sendo mulher né? Então, infelizmente, as mulheres ainda pensam muito mais na questão da falta de segurança, porque ali não tem guarda, não tem nada. Chegou a noite é você e Deus, se tivesse mais iluminação.... Mas mesmo por exemplo quando eu ia no “Sabor&Ar” que a gente ia no final da tarde e ficava até de noite, a gente ficava ali naquele pedacinho. A gente não ia pra escadaria, você já sabe que daí pode ter

problema de segurança, a questão da segurança é totalmente ausente ali.

Ainda sobre a questão da segurança, ou insegurança, conforme a perspectiva adotada, para essa pesquisa, é importante levar em conta a dissertação de Martins (2011), significativamente intitulada “Impactos no uso das cidades: a violência no uso dos espaços públicos de Londrina – PR (Zerão, Igapó I e Igapó II), defendida em 2011⁶². Dentre outros problemas presentes desse trabalho, não houve uma preocupação metodológica mais qualitativa no tocante a essas questões. Em linhas gerais, a dissertação apresenta uma “visão de sobrevoo” (SOUZA, 2007) não só do Zerão, mas também do Lago Igapó I e II.

Na pesquisa que sustenta àquela dissertação, não ficam claras as condições de realização dos procedimentos metodológicos. A autora afirma que aplicou 386 questionários⁶³ mas não menciona com quem, como e onde aplicou⁶⁴. Embora defenda a tese de que nos três espaços públicos (Zerão, Igapó I e Igapó II) existem expressões de violência bastante fortes e identificados como *agressão física, assalto ou roubo e presença de ‘marginais’*⁶⁵, mais de 80% dos sujeitos que participaram da sua pesquisa, afirmaram que não observaram, vivenciaram, presenciaram ou tomaram conhecimento de situações de violência nos espaços públicos pesquisados por ela. Contraditoriamente, tal como se apresenta no título, essa dissertação acaba por contribuir com a representação violenta desses parques públicos que, no entanto, pretendeu denunciar.

Dos entrevistados para nossa pesquisa, apenas Gael relatou episódios de roubo que vivenciou no Zerão:

⁶² O trabalho em tela buscou estabelecer uma relação entre a insegurança no mundo moderno gerada pelo processo de urbanização e a expressão da violência em três espaços públicos de Londrina (Zerão, Lago Igapó I e II). Detectamos uma série de problemas e lacunas em seu plano teórico e conceitual. Por um lado, há um deslizamento incoerente entre espaço, lugar, espaço urbano, espaço público, espaço social, espaço vivido e espaço geográfico. São conceitos diferentes e não podem ser alternados como se fossem sinônimos e/ou complementares. Embora seja pertinente a bibliografia da área e de áreas correlatas, não há um cuidado em fazer um recorte analítico, teórico e conceitual. Cada um dos autores utilizados tem um contexto discursivo e uma matriz epistemológica-filosófica próprias, além de propor conceitos complexos que não deveriam se intercambiar metaforicamente (MARTINS, 2011, p. 14–27; 49–61).

⁶³ Em algumas passagens da dissertação, a autora afirma que são questionários, em outras, que são entrevistas.

⁶⁴ Se os questionários foram aplicados nos próprios espaços públicos pesquisados ou nos espaços de residência daqueles cidadãos, se ela mesma interagiu com as pessoas/aplicou os questionários, se estava com outros pesquisadores e obteve ajuda deles, etc. São informações relevantes que estão ausentes na dissertação.

⁶⁵ Essa expressão, carregada de estereótipos, foi incluída no próprio questionário elaborado pela autora e em nenhum momento do texto da dissertação, foi problematizada.

Pesquisador – Você já presenciou algum assalto ou furto no Zerão?

Gael – Já. Três vezes. [...] Um na escadaria... o cara saiu correndo com uma arma... no meio de todo mundo... mas aí ele caiu lá embaixo e a polícia conseguiu pegar ele... acabou a *vibe* da aula... eu falei “galera, pode ir para casa... acabou a *vibe*...” aí desceu carro de polícia, aí chegou moto...aquele monte de gente... [...] era um cara que estava próximo... ele estava lá ouvindo uma música, sentado ali... aí o cara chegou, pegou ele com o revólver... o cara começou a gritar... ele (o assaltante) saiu correndo com o revólver na mão... passou no meio de todo mundo... e aí ele caiu na escada lá embaixo, um polícia, um segurança... conseguiram pegar ele... aí fez aquela baderna, enfim... e os outros foram furtos assim.... uma pessoa está correndo com o celular na mão, o moleque pega e sai correndo de bike... tudo antes da pandemia, tá? Depois da pandemia, não presenciei mais nada... Desde quando voltou o parque, eu não presenciei mais nada.

Esse exemplo de Gael demonstra que em uma pesquisa qualitativa se faz necessário ouvir os cidadãos colaboradores e isso corrobora com uma valorização crítica das singularidades e contradições dos casos estudados, das vivências daqueles e das pesquisas já realizadas. Dito de outra forma, episódios de roubo e furto acontecem e são exemplos e manifestações da violência nos espaços públicos, todavia não devemos tomar a parte pelo todo e sobrevalorizar aqueles episódios como recorrentes, deduzindo que, por isso, os espaços públicos devem ser evitados e abandonados.

Essa ideia nos ajuda a elaborar uma crítica ao estudo de Martins (2011). Seu trabalho traduziu “...um sentimento que nos permite pensar na revitalização do vínculo do sujeito - cidadão londrinense - com o espaço público de lazer perdido no complexo cenário urbano” (MARTINS, 2011, p. 122).

Isso corrobora algumas das respostas e depoimentos que obtivemos, como apontadas nos parágrafos anteriores, e não são a maioria delas, que destacaram essa preocupação legítima com a falta de segurança no Zerão, sobretudo, no período noturno. Entretanto, nas análises de Martins (2011), a tese da “morte do espaço público”, defendida por Sennett (2014) e contestada por Souza (2018) é norteadora, como as expressões “revitalização” e “perda” demonstram, embora isso não seja explicitado pela autora.

Do ponto de vista analítico, tal como os autores que criticam essa ideia têm argumentado, uma visão utópica e idealista pode ajudar a compreendê-la e a superá-la (GOMES, 2018), enquanto que, do ponto de vista empírico, nossas observações de campo, enquetes e entrevistas com frequentadores do Zerão, são evidências da vitalidade desse parque público. Mas outros aspectos sobre os espaços públicos devem ser levados em conta, como discutimos no capítulo seguinte dessa dissertação.

3 OUTRAS POSSIBILIDADES NO CALÇADÃO E NO ZERÃO: MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS, ARTÍSTICAS, CULTURAIS E APROPRIAÇÕES DIVERSAS

3.1 O calçadão e o Zerão: do político ao artístico-cultural

Em artigo publicado recentemente no dossiê dedicado à temática dos espaços públicos como espaços políticos, Castro (2018) defende que quando se pensa e produz conhecimentos acerca dela na Geografia, isso não seja feito de maneira simplista e abstrata, tanto no plano teórico, quanto no empírico. Nesse sentido, a autora argumenta:

algumas décadas foram necessárias para o reconhecimento do espaço político como uma categoria de análise na disciplina [Geografia]. Este tem sido desde então um desafio para pensar o espaço e a política não como duas acepções distintas ou interligadas numa compreensão generalizante, mas como passíveis de um sentido próprio quando a política torna-se um atributo de um determinado espaço e este uma parte constitutiva daquela. Ou seja, quando este espaço qualifica a política que o diferencia de outros espaços e lhe atribui uma dinâmica própria da qual resulta um conteúdo diferenciado desse espaço. (CASTRO, 2018, p. 18)

De acordo esse argumento (2018, p. 13), os espaços públicos “são espaços do cotidiano, da sociabilidade e não possuem qualquer essência política”, só se transformam em espaços políticos quando sua natureza – “lugar de encontro, do ver e se ser visto” – é alterada temporariamente, por exemplo, mediante a ocorrência de manifestações, protestos, assembleias, etc.

Não se pode ignorar a necessidade dessa diferenciação entre os conceitos supracitados, em sua dimensão epistemológica, empírica e multiescalar, especialmente no campo da Geografia, justamente no que se refere aos próprios domínios dessa disciplina e em seus nexos interdisciplinares (Arquitetura, Urbanismo, Sociologia, Ciência Política, etc.). Em síntese,

O espaço político é então um tipo de espaço ao mesmo tempo de disputa sobre interesses conflitantes, cujos acordos revelam a capacidade de algumas vontades imporem-se sobre outras. Não se trata aqui, portanto de abstração, mas de prática social, visível e acessível e personifica a materialidade inerente à vida política que supõe pensar e falar como meios de persuasão e o agir como finalidade dos atores institucionais [...] lugar mobilizado para o confronto, onde os homens agem coletivamente com uma intenção, o lugar da defesa de interesses, da negociação e da disputa de poder sobre os acordos em relação às normas necessárias ao convívio pacífico entre diferentes visões de mundo. Há, pois na ação no espaço político uma dimensão instituinte, ou seja, uma conexão com o

poder decisório governamental, qualquer que seja a sua escala. (CASTRO, 2018, p. 22)

A autora diferencia os dois conceitos, buscando estabelecer divisões claras entre eles, uma vez que não são intercambiáveis/sinônimos. Acionando outros conceitos, como cidadania, democracia, civilidade e opinião pública, estabelece interlocuções com autores de outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, observando que

o debate motivado por interesses divergentes como meio de alcançar o compromisso sobre a civilidade e a cidadania se faz nos muitos fóruns adequados aos muitos temas, públicos e locais que não podem ser confundidos genericamente com os espaços públicos urbanos. Portanto, nem o debate público, nem a cidadania, nem a democracia são condições substantivas para qualificar esses espaços como políticos. Afinal o debate público vai bem além da ideia da co-presença; a cidadania é um construto legal e diferenciado em muitos países onde pessoas gozando de direitos limitados frequentam espaços públicos; espaços de uso público existem e são frequentados em sociedades não democráticas. (CASTRO, 2018, p. 30)

Nesse debate, o que é mais relevante para esta pesquisa é justamente a preocupação epistemológica, evitando explicações genéricas ou esvaziadas de empiria. Mas as ideias presentes no texto de Castro (2018) limitam as possibilidades analíticas das práticas espaciais dos cidadãos nos espaços públicos.

Dessa maneira, ao acionar e analisar as práticas espaciais dos cidadãos nos espaços públicos entendemos que as mesmas demonstram a dimensão política daqueles. Afinal, os espaços são praticados e produzidos pelos sujeitos e entre os sujeitos nas dinâmicas de interação (GÓES; SPOSITO, 2016; LINDÓN, 2006), bem como são capazes de congrega cidadãos para evidenciar e visibilizar uma pauta contestatória e deliberativa (BORGES, 2018; GOMES; RIBEIRO, 2018). Em uma de suas falas, Letícia, frequentadora do calçadão cita a relevância dessas manifestações e de sua participação nesses atos:

Sempre participei de praticamente todos os eventos e manifestações que ocorreram na cidade de Londrina e tiveram como ponto de encontro/ponto inicial o calçadão. Basicamente todas as manifestações iniciam-se ali... Eu acho que o local está diretamente ligado à própria ideologia da manifestação, por exemplo, quando a gente fala do calçadão como ponto de encontro/partida, ali vai ser possível que as pessoas que tenham veículo próprio possam estacionar, possam chegar até ali com maior facilidade e segurança, você entende que a maioria das pessoas que vão se encontrar ali, vão vir de transporte público e o calçadão é local mais próximo e mais seguro para transitar do terminal central ao local de encontro... (...) é mais viável. (...) É um tipo de encontro e é um tipo de local mais democrático... para tudo, tanto para as manifestações de viés

político, quanto manifestações artísticas etc. (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Tal “congregação” encontra no calçadão de Londrina uma possibilidade efetiva, uma vez que “a maioria das pessoas que vão se encontrar ali, vão vir de transporte público e o calçadão é local mais próximo e mais seguro para transitar do terminal central ao local de encontro”, segundo a entrevistada Letícia.

A partir do entendimento da realidade e da possibilidade ou não do questionamento de cada cidadão, a fala de Letícia pode ser melhor compreendida, quando se leva em conta três aspectos principais do potencial político inerente aos espaços públicos: (i.) comunicar – indivíduos movem-se com o objetivo direto de informar, emitir, influir e formar uma opinião; (ii.) contestar e pressionar – sugerir o debate político e (iii.) obter um efeito político abrangente – influenciar a agenda governamental ou interferir nas decisões políticas (BORGES, 2018, p. 165, grifos nossos).

Todos eles estão presentes nas manifestações mencionadas pela entrevistada, mas a importância das dimensões espacial e política se evidenciam com mais ênfase, quando ela estabelece a diferença entre as manifestações ocorridas no calçadão, do ponto de vista ideológico, e àquelas ocorridas em apoio à Operação Lava Jato e ao ex-juiz e ex-ministro da Justiça e Segurança Pública do atual governo, Sérgio Moro⁶⁶ que ocorrem desde 2014; as manifestações *pró-impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff entre 2014 e 2016, em atos favoráveis ao atual presidente da república e suas ações têm ocorrido na cidade desde 2019, em relação aos espaços escolhidos e, inclusive, ao papel conferido aos automóveis, uma vez que são “carreatas”:

quando a gente vê manifestações de viés ideológico fora desse padrão (das que ocorrem/se iniciam no calçadão), você sempre, primeiramente, não vê manifestações à pé, você vê carreatas (...) elas sempre congestionam e se iniciam a partir da região central, próximo ao (colégio) Vicente Rijo, àquela igreja (Paróquia Coração de Maria), tanto que nessas manifestações (...) houve o bloqueio dessa área (...) eu já identifiquei isso... e quase sempre, na verdade eu não me recordo deles terem avançado para o calçadão nesse tipo de manifestação, eu sempre

⁶⁶ Segundo o Ministério Público Federal, a operação Lava Jato é a “maior iniciativa de combate a corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil”. Teve início em 2014, perante a Justiça Federal em Curitiba/PR, com a prisão e a responsabilização de pessoas de grande expressividade política e econômica e recuperação de valores aos cofres públicos (Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>). Há muitas críticas e evidências em relação à condução e conduta ética e jurídica bastante parcial de juízes (especialmente o ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro) e promotores envolvidos (vide a série de vazamentos veiculados pelo portal de jornalismo investigativo *The Intercept Brasil*, a Vaza Jato: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/> em 2019), além da exposição e interesse midiático, econômico e político no decorrer das investigações, julgamentos e prisões.

vi que seria da Higienópolis para baixo, mais região Gleba Palhano, Lago [Igapó] e tal... Quando as manifestações iniciam-se no calçadão, eles pegam todo o calçadão e descem a Higienópolis... (Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão)

Segundo matérias veiculadas pela imprensa, os atos e manifestações ligadas a essas demandas, são realizadas nos finais de semana, principalmente aos domingos e se iniciam no cruzamento da Avenida Juscelino Kubitschek com a Avenida Higienópolis, passam por algumas ruas do centro e se direcionam ao calçadão (G1, 2015; G1 E RPC, 2019).

Ao ler essas notícias e ver os vídeos das reportagens veiculadas pela mídia, algumas questões são interessantes, no que se refere ao tratamento e cuidado dado por aquela. Em uma reportagem de 2015 sobre uma das manifestações *pró-impeachment* da então Presidenta Dilma Rousseff em Londrina (G1, 2015), foi afirmado que era um ato plenamente democrático, sem violência, apartidário e lutava contra a “corrupção instaurada pelo governo”. Como em um desfile de carnaval ou um passeio qualquer (inclusive com cachorros na coleira) pelas ruas do centro da cidade, percorrendo todo o calçadão, a reportagem mostrava as pessoas, em verde e amarelo protestando e performando seus discursos e repertórios políticos delineados.

Já outros grupos e movimentos sociais, também heterogêneos, realizam manifestações contrárias às violências, preconceitos e discriminações identitárias, raciais, sociais e de gênero. Protestam por melhores salários, pagamento de bolsas de estudos, contra os cortes e contingenciamento dos recursos das universidades públicas, contra as ações (políticas ambientais predatórias, discursos machistas, racistas e violentos, etc.) do atual chefe do poder executivo federal, seus ministros, base no congresso, partidários e apoiadores. Em geral, se encontram no calçadão e permanecem apenas por lá, podendo ir em direção à Avenida Higienópolis, eventualmente. Esses eventos são realizados durante a semana, salvas algumas exceções (BERTICELLI, 2020; G1, 2020; REDE MASSA, 2019).

Quem, afinal, pode acessar e participar de tal(is) manifestação(ões)? A proximidade com o terminal urbano central de ônibus nos ajuda na resposta, conforme já comentamos e se observa na Figura 5. Certamente, o fluxo de pessoas que transitam pelo calçadão diariamente é um ponto relevante, influenciado por sua centralidade.

Por um lado, há um entrecruzamento entre localização e acessibilidade do calçadão e a prática socioespacial política de Letícia e daqueles que buscam visibilizar pautas identitárias, individual e coletivamente, de um movimento social e/o político-partidário.

Por outro lado, o fato das manifestações e atos ligados aos setores mais conservadores ou à direita no espectro político, terem a concentração no cruzamento da Avenida Juscelino Kubitscheck e Higienópolis e acabarem no calçadão, também nos chama a atenção.

É um mecanismo ou estratégia de visibilidade aos movimentos e grupos, que busca uma diferenciação (menos ou mais consciente) em relação aos *outros* movimentos que se concentram e se manifestam no calçadão diretamente? Nesse caso, a convergência entre a dimensão política e espacial dessas práticas políticas se evidencia.

Em outubro de 2019, ocorreu no calçadão a 3ª parada cultural LGBTI+⁶⁷ de Londrina visando demonstrar a luta e visibilidade desse movimento político e social contra o preconceito, a discriminação e a LGBTfobia. O evento teve a concentração de pessoas, movimentos e coletivos no próprio calçadão e se dirigiram, em cortejo, com ações, performances e apresentações, rumo ao Zerão, seguindo em cortejo pela Avenida Higienópolis, passando pela Avenida Juscelino Kubitscheck até o Anfiteatro do Zerão, onde reuniu 10.000 pessoas (MENEZES, 2019).

Essa manifestação política e identitária também reitera o potencial das ações organizadas dos cidadãos nos espaços públicos: comunicar, contestar/pressionar e obter um efeito político abrangente, como identificado por Borges (2018). Certamente, a parada cultural LGBTI+ vai além, incorporando outros elementos, como as apresentações musicais, performances teatrais e artísticas, trio elétrico, dança, coreografias, etc., mas não deixa a contestação, pressão e a busca por um efeito político mais abrangente em sua organização e realização na cidade de Londrina.

Outro ponto importante levantado por Borges (2018, p. 169–70) sobre a potência política dos espaços públicos é o “caráter – competitivo, reativo e pró-ativo” – deles, a depender das características e dos contextos de cada espaço, manifestação, ideais, sujeitos e grupos sociais presentes. O caráter “competitivo” diz respeito às rivalidades dentro de um sistema constituído, o “reativo”, às ações voltadas à defesa dos direitos ameaçados e o “pró-ativo” à reivindicação de direitos ainda não conquistados.

No caso da parada LGBTI+, por ser ao mesmo tempo e complementarmente uma manifestação política, identitária e artística, seu caráter transita entre reativo e pró-ativo, uma vez que nessas manifestações, os cidadãos buscam a visibilidade de suas pautas

⁶⁷ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Interssexuais, Queer, etc. Essa sigla representa um movimento político e social que engloba diversas identidades de gênero e orientação sexual.

e lutas contra a LGBTfobia e o machismo na sociedade. Um exemplo que demonstra a relevância das pautas e lutas do movimento são os dados tabulados pela Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos e divulgados pelo UOL, em 2019. Segundo esses dados, entre 1963 e 2018, 8.027 pessoas LGBTs foram assassinadas no Brasil em razão de sua orientação sexual e identidade de gênero (PREITE SOBRINHO, 2019).

Para essa pesquisa, a conexão entre os dois espaços públicos é evidente e carregada de intencionalidades, utilizada politicamente, de maneira artística e identitária pelos movimentos e coletivos, demonstra além dos elementos já citados como as ações e o caráter dessas manifestações e desses espaços caracteriza-se pela multiplicidade, para além da reunião de pessoas entorno dessas pautas, em espaços públicos específicos. Assim, há combinações contraditórias de práticas e espaços, forma e conteúdo, ritmos e redes constituídas no espaço urbano da cidade fragmentada contemporânea e os eventos artísticos também são oportunidades estratégicas para tais combinações.

No Zerão, os eventos artísticos e culturais foram mencionados por 23 dos 36 cidadãos que o frequentam⁶⁸. Dentre eles, foram citados alguns festivais, como o Festival Internacional de Música de Londrina, que tem como objetivo proporcionar acesso a apresentações musicais das mais variadas formações, possibilitando a inclusão de novos públicos e ativação de novos circuitos culturais (FESTIVAL DE MÚSICA DE LONDRINA, 2019).

Dentro do Festival Internacional de Música, destacou-se um evento que ocorreu na edição do ano de 2019: a orquestra de refugiados. Instrumentistas e cantores brasileiros e refugiados da Palestina, do Irã, da Guiné-Conacri e do Congo se apresentaram para um “público variado e heterogêneo”, diversos sujeitos como “crianças a idosos [...] grupos de jovens e famílias” compareceram ao espaço. O grupo de refugiados foi criado há 15 anos pelo compositor e multi-instrumentalista Carlinhos Antunes, que comentou o seguinte: “Nosso país tem um histórico de receber povos diferentes. O Paraná, em especial, é formado por muitas etnias, mas hoje essa apresentação tem um poder social e político enorme” (ORQUESTRANDO BRASIL, 2019). Nessa apresentação da orquestra que ocorreu no Zerão e no discurso do músico, se evidencia o potencial político que está

⁶⁸ Se refere às enquetes aplicadas *online*. Nas enquetes aplicadas presencialmente no Zerão em setembro de 2021, as questões sobre os eventos organizados foram suprimidas a fim oferecer uma celeridade ao procedimento.

na reunião e agremiação de tantos sujeitos diferentes, no que se refere à idade, inclusive, tanto no palco do anfiteatro, quanto sentados nas arquibancadas em torno da apreciação de uma forma de vinculação social e intercâmbio cultural muito forte, dado pela música no espaço público.

Tal fato, que é, ao mesmo tempo, previsto, no sentido de que foi previamente anunciado, mas imprevisto, em função das suas características específicas, especialmente decorrentes da origem dos sujeitos envolvidos, se contrapõe à concepção de Castro (CASTRO, 2018) sobre o espaço público, limitada ao encontro, convívio e sociabilidades. Os encontros com outros são políticos, mediados por uma manifestação cultural, a música, e assim possibilitando outra visibilidade aos “refugiados”.

Outro evento foi o Festival Internacional de Londrina (FILO), festival de dança, teatro e de oficinas diversas, com espetáculos nacionais e internacionais e ocorre anualmente, há mais de 50 anos. Os espetáculos de dança, teatro e as intervenções artísticas podem ocorrer em espaços públicos, como o Zerão, ou não (FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA, 2019).

Com menor alcance, o Festival Peroba-Rosa (sem fins lucrativos) foi organizado por estudantes do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Londrina. Havia apresentações de música, teatro, performances, intervenções, exposições, oficinas, dentre outras. Várias edições ocorreram na universidade e também em alguns espaços públicos da cidade (FESTIVAL PEROBA-ROSA, 2020).

Outras apresentações musicais ocorreram no Zerão, como da orquestra filarmônica da UNICESUMAR⁶⁹, shows de bandas e artistas diversos, como Moraes Moreira e Ana Carolina, além de outras expressões artísticas, como batalha de *rap*, peças de teatro, festival de dança, blocos de carnaval, Encontro de Contadores de Histórias de Londrina (ECOH) e shows de palhaços.

Além da arte e de manifestações que mesclam arte e política, como é o caso da parada LGBTQI+, mencionada anteriormente, eventos religiosos e militares se valem da multifuncionalidade do Zerão, ao mesmo tempo em que reforçam a multiplicidade de práticas, usos e funções, mesmo que não sejam cotidianas, mas esporádicas e planejadas.

⁶⁹ A orquestra filarmônica mantida pela UNICESUMAR (Centro Universitário de Maringá – PR) realiza concertos e apresentações em vários locais (UNICESUMAR, 2020).

Dentre as múltiplas relações que se estabelecem entre o Zerão e as manifestações culturais em Londrina, identificamos o Quizomba, que integra diversas apresentações de bandas e grupos musicais da MPB, samba, *reggae*, *rock* nacional, dentre outros estilos e tem um caráter político e identitário. Buscando compreender melhor tais relações e levando em conta o envolvimento de jovens com o Quizomba, entrevistamos um dos seus organizadores, que mencionou a importância e visibilidade do evento, além de sua origem:

O Quizomba surge no mesmo ano da implantação do sistema de cotas que vai fazer 15 anos, ano que vem também... então a gente surge meio como um braço cultural dessa perspectiva política e aí dona Vilma⁷⁰ inclusive falava que às vezes a gente não tinha dimensão da importância política do Quizomba, que a gente conseguia fazer política com o corpo, antes de falar da teoria, antes de refletir sobre a teoria, as pessoas já iam entrando no clima através da dança, através do corpo, através das manifestações... (Ivan, entrevistado membro do coletivo e organizador do Quizomba no Zerão)

A partir desse relato de Ivan, a proposta política de articular a escala do corpo à escala da cidade, por meio das expressões corporais e artísticas, incorporando a crítica e a contestação, através da roda de samba, na similitude com os terreiros das religiões de matriz afro-brasileira, é identificada na proposta do Quizomba. Em tal articulação, o Zerão desempenha papel estratégico, como “ágora”⁷¹:

a escolha do Zerão é (...) pelo seu significado histórico, pelas suas condições técnicas... elas possibilitam a gente puxar eletricidade com segurança, possibilita a gente colocar banheiros de uma forma interessante, facilita o acesso das pessoas porque é um ponto central na cidade com bastante opções de transporte público... tem uma galera da UEL que mora naquela região também consegue ir à pé para o Zerão... É um espaço que a gente tem que valorizar, um espaço público de lazer com a natureza e quanto mais puder ocupar o espaço público para re-exercer a cidadania... porque a gente tem sido individualizado muito, buscado dentro de casa.. e **o Zerão é essa possibilidade de criar uma ágora**, de criar um espaço de inter-relação entre os diferentes. (Ivan, entrevistado membro do coletivo e organizador do Quizomba no Zerão, grifo meu)

⁷⁰ Religiosa e militante do movimento negro de Londrina, Dona Vilma foi uma das protagonistas na luta por igualdade racial e social na cidade. Atuava em associações e conselhos para visibilizar a força e a expressão do movimento negro e das religiões de matriz afro-brasileira. Teve um relevante papel na implantação das políticas de ação afirmativa (cotas raciais e sociais) na Universidade Estadual de Londrina em 2004/2005 (LANZA *et al.*, 2010).

⁷¹ “Ágora” era o centro da vida política e administrativa da pólis grega antiga (BENEVOLO, 2011, p. 76 e seguintes).

Para contextualização desse depoimento de Ivan, não podemos deixar de levar em conta sua formação acadêmica, além da atuação militante e artística. A menção à “ágora” remete diretamente às origens dos principais debates sobre os espaços públicos, ancorados em interpretações no campo da filosofia política, produzidas pela filósofa Hannah Arendt que se baseia em um “modelo grego”. O entendimento do espaço público como categoria política tem origem na contribuição daquela filósofa (DELGADO, 2011, p. 18). Nesse sentido, podemos identificar o papel da universidade pública (UEL), como mediadora entre as escalas dos corpos dos participantes do Quizomba com a escala da cidade de Londrina.

Outro desdobramento da análise sobre a atuação do Quizomba, em sua relação com o Zerão, é a reiteração da contestação ao entendimento proposto por Castro (2018) para o espaço público, no que se refere ao não reconhecimento de sua dimensão política.

A localização do Zerão e de seu anfiteatro, assim como a acessibilidade favorecida pela proximidade do terminal central de ônibus e, inclusive, sua inserção no contexto da aglomeração urbana corroboram para a heterogeneidade dos seus frequentadores, inclusive, jovens, especialmente quando ocorrem esses eventos. A “galera da UEL” são os universitários, jovens, que atribui novo aspecto ao papel de intermediação desempenhado pela universidade pública, já comentado anteriormente.

Essa atribuição de significado ao Zerão é demonstrada pela sua infraestrutura com um anfiteatro que também contenha pichações. Entendendo que as pichações podem ser sinais de táticas (menos sutis) que focam em comunicar e demarcar significados territoriais e de disputa aos outros.

O skatista André também comentou que há pessoas que picham a quadra no Zerão mas que eles não fariam parte do coletivo e/ou não deveriam ser associados a eles. Podemos interpretar que esse espaço está em disputa com demarcações menos ou mais visíveis, por coletivos que se entrecruzam, se aproximam e se opõem para que suas demandas sejam ouvidas, aquelas do cotidiano mais direto, sem que se espere por manifestações e protestos.

Nesse sentido, a ativação política mais abrangente ocorre com as manifestações, protestos e como a parada LGBTQI+ que iniciou no calçadão e terminou no Zerão, mas também ocorre outras disputas e apropriações, mais sutis e táticas entre grupos e coletivos em determinada parte de espaço público, como é o caso dos skatistas. Esse exemplo é explorado na próxima seção.

3.2 O coletivo de skatistas “Big Oh!” no Zerão e sua relação com o espaço público

Dentre os frequentadores do Zerão, os skatistas do coletivo “Big Oh!” são importantes, seja pela sua presença cotidiana e também porque suas práticas espaciais estão fortemente relacionadas aos espaços públicos, em geral. Uma referência significativa para a compreensão dessas práticas espaciais é a tese de doutorado de Ramos (2017)⁷².

Ramos (2017, p. 86), apoiado em Turra Neto (2015), salienta que as práticas espaciais e as manifestações juvenis no espaço – em nosso caso, a prática de *skate* no Zerão – “em termos de uso, consumo, apropriação [...] agem na elaboração do próprio espaço, processo esse contínuo, em que os jovens também participam da produção de lugares”. Dessa forma, o papel dos agenciamentos juvenis é realçado, não somente porque se “servem das estruturas”, mas também “criam e/ou combinam com seus recursos e capitais, diferentes conteúdos, significados e sociabilidades” que se manifestam nos seus movimentos e territorializações na cidade.

A quadra poliesportiva do Zerão, “Big Oh!”, como apelidada pelos skatistas, (Figura 20) é um dos espaços preferidos pelos praticantes do *skate*. Essas práticas também podem extrapolar/ir além da quadra/se combinar com outros espaços, inclusive com a própria rua, mas o “Big Oh”, em específico, resguarda uma relevância na prática justamente por ser um espaço que foi produzido por meio do uso e da apropriação dos jovens. Isso é explicitado no seguinte trecho da entrevista com André:

existe a cultura de rua... eu sou grafiteiro também e a cultura de rua tem esse lance⁷³ de fazer grupos, de fazer comunidades... O *grafitte* mesmo, a gente tem esse lance que abasileirado... abasileiramos o termo que é *crew*... então no *grafitte*, quando você tem alguns amigos em comum... que você gosta de fazer o rolê⁷⁴ e tal, que se junta e faz... organiza... faz um grupo né... no *skate* também... a gente usa esse termo então... até por isso que a gente coloca “Big Oh” *crew* que é esse coletivo assim...
Mas eu acredito que esse grupo foi feito por causa do espaço... que o espaço que gerou esse grupo... Existem outros grupos em Londrina

⁷² Nesse trabalho, o autor investigou como jovens pobres das periferias de duas cidades médias paulistas – Bauru e Marília – criam e negociam estratégias socioespaciais no campo da diversão. Essas estratégias foram analisadas a partir de dois pilares interligados: um metodológico e outro conceitual-analítico. O primeiro diz respeito às descrições etnogeográficas das sociabilidades e as redes juvenis (as práticas espaciais) daqueles e o outro leva em conta a perspectiva socioespacial e simbólica dessas práticas, com base nos conceitos de rede, territorialidade, escalas, capital espacial e visibilidade (RAMOS, 2017, p. 17–22).

⁷³ “Lance” é uma expressão juvenil/coloquial que designa coisa, situação, questão, etc.

⁷⁴ “Rolê” é uma expressão juvenil/coloquial que designa encontros, acontecimentos, estar junto com os amigos...

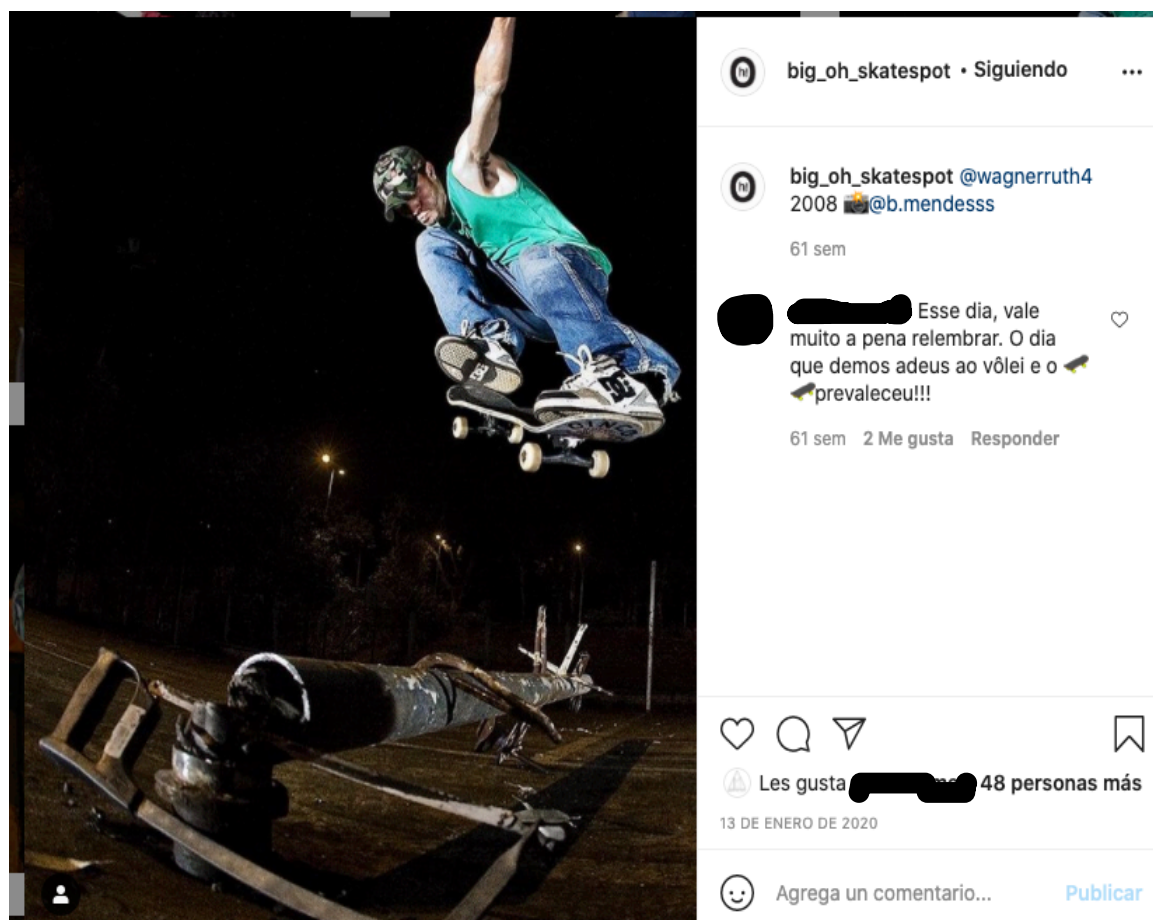
no *skate*, mas o “Big Oh” foi por causa dele... (...) **Eu acho que sem o espaço não existe esse coletivo.** Ele vai ficar só pra história né? Até porque que outras gerações estão vindo e já pegam o espaço com os obstáculos... muitos ali não tem nenhuma noção do que era antes... mas eles fazem parte também da história de hoje né... **e a história ali é o espaço...** sem aquele espaço de origem, não vejo o porquê do “Big Oh” né? (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão, meus grifos)

Sabemos que a prática de *skate* do Zerão não é um protesto/manifestação como àqueles que ocorrem no calçadão, citados anteriormente neste trabalho, e as outras manifestações políticas que ocorrem nos espaços públicos, discutidas por Borges (2018), Gomes e Ribeiro (2018) e Castro (2018).

o Zerão, ou “Big Oh” que a gente chama... esse apelido é por causa da forma... uma gíria americana... como a gente apadrinhou aquele espaço.... aquele lugar era uma quadra de vôlei e os skatistas andavam de *skate* na quadra e ali tinham dois pilares de vôlei... a galera colocava uma rede ali, quando não tinha ninguém jogando vôlei, os skatistas estavam lá, aí se os caras viessem para jogar vôlei... o pessoal ficava andando de *skate* só em volta... por que a quadra de vôlei é menor, né? Então tinha um espaço no fundo... a galera do *skate* ficava ali andando até a galera do vôlei sair fora... isso durou por um bom tempo... na época que eu comecei a frequentar mais o Zerão... quando tive carro... ter mais acesso ao centro.... rolou uma união da galera para começar a revitalizar o espaço e nessa diminuiu a frequência do pessoal que jogava vôlei... a gente dominou... os skatistas andavam muito... a gente andava... a galera do vôlei não vinha mais... Eu não sei exatamente... mas eu acho que em 2008, a gente resolveu fazer um obstáculo fixo na quadra... fora das demarcações da linha de vôlei... no canto, onde não interferia na quadra de vôlei... antes disso existiam obstáculos móveis... palquinho de madeira, corrimão, palquinho de ferro, que arrastava para o meio da quadra, depois colocava no canto... e nessa época a gente fez isso aí, um palquinho pequeno de cimento no canto da quadra... e começamos a andar... e o pessoal do vôlei não vinha... depois disso começamos a fazer mais obstáculos de cimento... fez no canto... tudo fora... por que tinha os canos que fixaram se não tinha gente que roubava ou tirava de lá... a gente acabou serrando... **e foi transformando a quadra em um espaço para o skate...** a gente pegou, de forma independente, e através de rifas, de campeonatos, festa para arrecadar um pouco de grana... a gente foi construindo os obstáculos e fazendo manutenção da quadra... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão, grifo meu)

Na Figura 22, vemos a foto e um comentário no Instagram oficial do coletivo: “Esse dia vale muito a pena relembrar. O dia que demos adeus ao vôlei e o *skate* prevaleceu!!!”. A imagem simbólica mostra um poste para fixação da rede de vôlei caído no chão da quadra, com o skatista saltando sobre ela.

Figura 21 – Foto do Instagram oficial do coletivo “Big Oh!” e comentário destacando a importância do momento em que a prática de *skate* prevaleceu sobre a prática de vôlei na quadra do Zerão, Londrina



Fonte: Instagram do coletivo “Big Oh!” (2021). Disponível: <https://bit.ly/3rYeSkn>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Como a imagem indica, as ações realizadas pelos skatistas envolvem a visibilidade das suas práticas e reações, que podem ser negativas, positivas e/ou indiferentes, mas dizem respeito às relações entre diferentes sujeitos que frequentam ou não aquele espaço.

De certa forma ali é um lugar da gente mostrar o que é o *skate*, o que é um skatista, o que é essa cultura... porque quando a gente está na rua andando, a gente só é visto como “olha lá a galera aqui que estraga as calçadas, que estragam as bordas das muretas, a galera que é sem nada pra fazer, os vagabundos, drogados...” (...) e quando a gente criou... começou a fazer os obstáculos fixos ali, a gente nunca teve nenhuma autorização... só que o órgão público, quando viu o quanto que a gente se dedicou e cuidou daquele espaço, eles acabaram cedendo porque a gente fez um trabalho bacana ali de restauração, é apropriação por uma coisa melhor sabe... (...) (também sofremos) alguns tipos de preconceito mesmo, o lance mais preconceito pelo estilo de vida que a gente leva... o skatista vem daquele... **parece que é um incômodo para a sociedade...** Pô... Londrina é uma cidade muito conservadora, então

qualquer coisa que a gente tentar, **qualquer estilo de vida que você tenta seguir, que confronta isso aí, a galera fica um pouco incomodada...** então a gente segue né... **acaba sofrendo um pouco de preconceito ainda... a gente é taxado de drogado... de vagabundo... essas coisas...** Tem também a parte de vandalismo, parte de pichação, são essas coisas que a quadra sempre tem... algumas escritas, algumas coisas ali... o que o pessoal olha aí, acaba criticando...mas na real, a gente também já foi muito elogiado pelas reformas, pelo cuidado que a gente teve... mas sempre quando a galera quer falar, vai lá e fala que é um bando de drogado... sem contar que alguns abusos policiais... a guarda municipal desceu na quadra e acabou enquadrando os skatistas, geralmente atrás de droga... porque acusam que os skatistas são drogados... O uso da maconha também é frequente não só na quadra, no Zerão inteiro... quando está rolando uma ronda e a polícia quer pegar... cai pra lá... quer pegar quem estiver com droga e tal e muitas skatistas também não usam... mas não importa né? A gente ainda sofre preconceito deles taxarem... (André, 30 anos, membro do coletivo de skate "Big Oh" no Zerão, grifos meus)

Frente ao processo de fragmentação socioespacial que está em curso na cidade de Londrina (GÓES *et al.*, 2019, p. 91 e seguintes) e sua relação com a qualidade da sociabilidade urbana, especialmente presente nos espaços públicos, atentar para as das práticas espaciais é muito importante. Isso porque, ainda que fugazes e imprevistas, tais práticas implicam na possibilidade ou necessidade de se visualizar os *outros*, diferentes, à qual muitos reagem, por exemplo, com base em estigmatizações (RAMOS, 2017, p. 217–18), quando a opção não foi pela preferência por restringir-se aos espaços intra-muros, controlados por mecanismos de segurança que impedem o acesso dos *outros*, que são então invisibilizados.

Em outros termos, frente a tantas barreiras e limites, tão ostensivos como visíveis e não permeáveis, produzidos no âmbito de um processo de fragmentação socioespacial, a importância da visibilidade e da copresença, apenas possível nos espaços públicos, como o Zerão, assume caráter político, como proposto por Gomes e Ribeiro (2018) e Borges (2018). Novamente, a entrevista com André é significativa:

Pô... tem nego que sai de Ibiporã⁷⁵, para vir andar no Zerão... nego que sai lá de Cambé⁷⁶ para vir andar no Zerão... conheço amigos... tem o pessoal do Cincão, Cinco Conjuntos... a galera sai na remada do Cinco Conjuntos para o Zerão andar de skate... anda o dia inteiro e volta na remada... então tipo é um lugar de conexão, sabe? É um lugar meio de conexão... Eu vou no Zerão andar e encontrar amigos de todas as áreas, de todas as regiões e das cidades próximas... (...) várias vezes eu já cheguei ali em época de reforma e lá de cima você vê tipo um monte de

⁷⁵ Ver mapa na Figura 5.

⁷⁶ Ver mapa na Figura 5.

molecada, se ajudando, carregando carriola, tijolo, batendo massa... indo para lá e pra cá, um ajudando o outro e as pessoas acabam vendo essa realidade, aí passa alguns dias chega lá, lá de cima, olha a quadra pintadinha, novinha, tudo bonito, um monte de gente andando feliz e então acaba sendo um choque, porque elas olham as quadras do lado todas abandonadas e a quadra dos skatistas que são os caras mais taxados de vagabundos... dos estilos ali.. e fala “cara, a molecada não é tudo isso...” é uma forma deles verem também o que a gente faz quando tem campeonato, saber que a gente que organiza... e quando tem uns pais e familiares que descem na quadra para andar ali e interagir, eles também conseguem notar que não é só um bando de sem nada pra fazer, um bando de vagabundo... (André, 30 anos, membro do coletivo de skate “Big Oh” no Zerão)

Essas representações sensacionalistas/preconceituosas, que estão na base dos estigmas têm raízes nas mídias, que veiculam notícias sobre pichações, depredação do patrimônio público, gangues e consumo de drogas, etc., relacionadas aos jovens (RAMOS, 2017, p. 67). Além disso, também veiculam notícias predominantemente preconceituosas e sensacionalistas sobre determinados bairros, distritos e espaços urbanos, sobretudo periféricos, como é o caso dos Cinco Conjuntos⁷⁷ (ver mapa na Figura 9) mencionados por André, produzindo e difundindo estigmas territoriais, que acompanham alguns desses jovens, quando estão no Zerão e adquirem visibilidade.

Nesse sentido, a contribuição de Domosh (1998, p.212) nos ajuda a entender as relações então estabelecidas, à partir das táticas empregadas pelos skatistas no Zerão:

use of the term “tactics” is important here, as it points to ways of acting that are not oppositional in the traditional sense, since they always incorporate the “other.” A tactic is not moored in its own space; it does not circumscribe a position. Rather, a tactical gesture derives its power from time: “A tactic insinuates itself into the other’s place, fragmentarily, without taking it over in its entirety, without being able to keep it at a distance... because it does not have a place, a tactic depends on time — it is always on the watch for opportunities that must be seized ‘on the wing’” (1984: xix)⁷⁸. Tactical gestures are enacted and resisted through everyday spatial practices, but practices that are fragmentary, fleeting, and not in place, i.e., a woman’s meaningful look back at those who fix their gaze on her, a momentary positioning on the sidewalk so that others must reposition themselves, an unintended touch in the crowd. None of these

⁷⁷ Localizados na zona norte de Londrina, os chamados “Cinco Conjuntos” (conhecidos popularmente como Cincão) tiveram origem no final dos anos 1970, com grandes empreendimentos imobiliários populares. Contam atualmente com cerca de 100 mil habitantes. Inicialmente, foram caracterizados pela atração de novos moradores que esperavam receber casas, quando chegassem à cidade, e pela produção de vazios urbanos, destinados à valorização imobiliária (SILVA, 2013a, p. 305–9).

⁷⁸ Essa citação é do livro *The Practice of Everyday Life* [A invenção do Cotidiano] (1984) do historiador e antropólogo francês Michel de Certeau.

actions have declared adversaries, none lead to forceful recognition, but all are manipulations of power⁷⁹.

Segundo a autora, essas táticas constituem formas de transgressão, ações que podem ou não ser, necessariamente, diretas, intencionais e/ou notadas pelos outros, ainda que para alguns sujeitos/coletivos/grupos isso seja o foco principal. As transgressões táticas são julgadas como ações que “atravessaram alguma linha que não deveria ter sido atravessada”. Essas ações podem ser leves, “educadas/polidas”, não muito óbvias, não estão circunscritas a um determinado local ou a uma posição, elas acontecem em determinados momentos e na menor das formas (DOMOSH, 1998, p. 212).

A visibilidade (positiva, negativa e/ou indiferente) da própria apropriação do espaço, que envolve as representações que os skatistas têm tanto de si (enquanto grupo/coletivo), de sua prática, quanto dos outros na/da cidade e do próprio poder público municipal, e as representações que os outros cidadãos elaboram sobre a prática e sobre os skatistas, as disputas (menos ou mais visíveis) nas quais estão envolvidos são influenciadas pela mídia, podem ser pautadas em estigmas, inclusive os territoriais, mas adquirem novas potencialidades nos encontros possibilitados por um espaço público como o Zerão.

Mesmo assim, não se pode desconsiderar as inúmeras influências/impedimentos de ordem social, econômica e mesmo simbólica nas escolhas espaciais e nos próprios espaços (públicos ou privados) que esses jovens acessam e onde sociabilizam com os outros e apesar dos outros, muitas vezes. Uma relação dialética entre o que é ofertado (e por quem é ofertado), enquanto diversão e lazer (enquanto indústria cultural e mercadológica) e o que é ou não aceito/incorporado por aqueles e outros sujeitos. Movimentos e possibilidade acontecem nos espaços públicos que têm em sua essência a abertura ao encontro e ao que não é esperado.

⁷⁹ Em tradução livre: “o uso do termo ‘táticas’ é importante aqui, pois aponta para formas de ação que não são opostas no sentido tradicional, já que sempre incorporam o ‘outro’. Uma tática não está amarrada em seu próprio espaço; ela não circunscreve uma posição. Ao contrário, um gesto tático deriva seu poder do tempo: ‘Uma tática se insinua no lugar do outro, de forma fragmentada, sem assumi-la em sua totalidade, sem poder mantê-la em desuso... porque não tem um lugar, uma tática depende do tempo – está sempre de olho nas oportunidades que devem ser aproveitadas’ (1984: xix). Gestos táticos são decretados e resistidos através de práticas espaciais cotidianas, mas práticas que são fragmentárias, fugazes e não estão no lugar, ou seja, o olhar significativo de uma mulher para aqueles que fixam seu olhar nela, um posicionamento momentâneo na calçada para que os outros se reposicionem, um toque não intencional na multidão. Nenhuma destas ações declarou adversários, nenhuma levou ao reconhecimento forçado, mas todas são manipulações do poder.”

Figura 22 – Quadra que os membros do coletivo "Big Oh!" praticam skate no Zerão, Londrina



Fonte: Instagram do coletivo "Big Oh!" (2021). Disponível em: <https://bit.ly/38QaXOK>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Quando falamos na presença cotidiana e das práticas espaciais desses jovens skatistas no Zerão, nos referimos ao lazer e tempo livre deles. De modo geral, essas dimensões estão relacionadas ao lazer mercadológico – setor da economia com poder e recursos – que implanta novos hábitos de diversão e consumo (RAMOS, 2017, p. 91), em cidades médias como Londrina. Um lazer dirigido/direcionado, que vai ao encontro dos desejos de uma geração, de sua vitalidade e da necessidade de fugir dos controles, dos cerceamentos, da organização imposta. Uma indústria do lazer que pode conformar e ser conformada pelos novos hábitos da vida social e, constantemente, é irrigada pelas formas renovadas da indústria cultural de massa, pelo entretenimento que se instaura como moda, voga e tendências (RAMOS, 2017, p. 92).

Essa indústria cultural e do lazer não está somente voltada aos jovens, porém adota e redefine, a partir de seus modelos e inovações, novas mercadorias culturais. Como signos do que é juvenil, essa indústria formata a própria juventude – elemento importante que entra nas representações do que é ser jovem hoje, e rebate nas práticas espaciais juvenis. De acordo com Domingo Comas (2000 *apud* RAMOS, 2017, p. 92), apesar de existirem espaços solidários onde os jovens vivem o estar-juntos, como é o caso dos espaços públicos, muitas vezes, isso não é um projeto deles, mas dos agentes

econômicos. A única forma de participação popular dos jovens é consumir, o que implica numa “rebeldia controlada”.

Mas é possível reconhecer um sentido mais libertário no uso dos tempos e espaços para o lazer, em que se encontra viva a expressão identitária individual e coletiva *underground*, como é o caso da “cultura de rua”, do *grafite*, do *skate*..., pelas quais, outras escolhas, expressões e fazeres se evidenciam. Na Figura 21, próximo a um dos obstáculos de concreto do Zerão, vemos a escrita “BIG OH! NEVER DIE!”, o que significa que tanto a prática de *skate* naquele espaço, quanto o coletivo que o frequenta ativamente, são repletos de significados, discursividade e importância para aqueles sujeitos.

Figura 23 – Frase escrita próximo a mobiliário na quadra do Zerão, Londrina



Fonte: Instagram do coletivo “Big Oh!” (2021). Disponível: <https://bit.ly/3lql8xt>. Acesso em: 10 mar. 2021.

São práticas de lazer que, em diferentes tempos, podem significar, às vezes, a própria crítica da cotidianidade dominada e dirigida pelo consumo. O lazer ainda pode ter suas ambiências e espacialidades produzidas a partir do impulso das próprias redes juvenis⁸⁰, nem sempre controladas pelos agentes econômicos controlam (RAMOS, 2017,

⁸⁰ As redes juvenis dizem respeito aos “nós [...], fusões, divisões de redes, territorialidades reticulares, [...] efemeridade das interações” e abrem “possibilidade de maior detalhamento para o entendimento de clivagens dentro de uma mesma [...] cultura juvenil, que costuma ser vista como estável e hegemônica” (RAMOS, 2017, p. 111).

p. 92–3). São redes que estabelecem acordos ou dissidências em torno de valores, regras e visibilidades, nas quais, ocorre a cristalização dos encontros entre os agentes, a descoberta de afinidades, convergência de gostos, dos compromissos afetivos e/ou estratégicos, no reconhecimento dos mesmos enfrentamentos. Os jovens envolvidos são sujeitos que vivem em grupos diversos e dispersos e também em múltiplas temporalidades, constituindo redes tecidas em torno de seus estilos de vida (RAMOS, 2017, p. 111–13), como podemos observar no depoimento de André:

O movimento do *skate* rola assim: é uma **comunidade de amizade...** onde rola alguns encontros que são os campeonatos e a reunião de skatista pra fazer.... uma competição, mas é uma competição um pouco diferente do que a gente vê hoje assim... de ganhar... porque é quase um encontro, saca? (...) **O campeonato de *skate* é um encontro para reunir um monte de amigo, se divertir, dar risada, escutar um som e essa cultura do *skate* ela sempre aconteceu...** Então, antigamente de 80 para 90, já rolavam campeonatos e um espaço, eles utilizavam ali pra fazer os campeonatos, colocar as rampas e os obstáculos era ali no Zerão... a gente tem registro de um tempão atrás aí... a galera já usufruindo do Zerão... Eu já venho de uma geração bem mais atual porque eu comecei a andar volta de 2005... então eu já peguei uma outra época... tem toda a geração de 90 que foi uma geração muito forte e é legal falar assim que a cultura do *skate* em Londrina teve uma importância muito grande a nível nacional... é o *skate* de Londrina, se eu não me engano, na época de 90, tinha uma força entre os skatistas... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão, meus grifos)

A capacidade de organização em rede do coletivo “Big Oh!” remonta aos anos 80, o que é muito tempo, “antigamente”, “um tempão atrás”, para esses jovens de hoje, que tinham origem em diferentes espaços urbanos, mas atribuíram uma centralidade ao Zerão, no que se refere às práticas dos skatistas que, segundo André, atingiram uma escala nacional. Isso constitui um apoio mútuo e afetivo do grupo e da busca de visibilidade por outros sujeitos e grupos próximos para construir, reformar e reparar os mobiliários da quadra. As práticas espaciais dessa rede juvenil podem ser entendidas como táticas e estratégias, como apontam Domosh (1998) e Ramos (2017). Isso comparece no seguinte trecho da entrevista de André:

E o “Big Oh” precisa de manutenção né? As coisas se deterioram... e agora a gente se deparou com um problema na quadra... está com rachaduras... tem muita coisa para fazer manutenção... Foi quando ano passado, **eu me juntei com alguns amigos que ainda frequentam a quadra para movimentar uma arrecadação de grana para reformar a quadra...** uma reforma um pouco grande... sim porque a gente vai precisar fazer um pouco do piso que estava muito feio... muita rachadura, sabe? Então a gente começou a fazer... venda de pizza... então conseguimos arrecadar um pouco de grana, aí para a reforma a gente ia fazer mais outras ações para levantar um pouco mais de grana... A ideia

era a gente estar reformando né? Só que agora com a pandemia a gente cessou todas essas ações... (...) tipo assim, é lógico que tem um grupo de pessoas... um grupo de skatistas que sempre está cuidando, zelando pelo espaço, mas tem aqueles também que vai lá e suja a quadra sabe... vai lá só para usar droga... tem aquelas pessoas ali que vai só para prática do *skate*... e aí as pessoas olham e acabam julgando... Mas quem está sempre frequentando **sabe do corre⁸¹ que a gente faz pelo espaço**... então a gente tem uma aceitação muito boa... por exemplo, o pessoal do Sabor&Ar já conhece a gente... a galera que trabalha ali com o Menezes e a Vera, que são os tiozinhos que vendem caldo de cana... sabe um eles ficam em dois pontos, eles conhecem todo mundo ali no *skate*... até quando a gente vai fazer campeonato, a gente compra energia deles e dá um pouquinho de grana para eles, pega energia deles.... são bem parceiros assim... Agora quem é meio por fora assim vai só por ir... não conhece muito não... (André, 30 anos, membro do coletivo de *skate* “Big Oh” no Zerão, meus grifos)

Tal capacidade de organização em rede é importante para garantir (financeiramente, mas não só) a prática (coletiva) do *skate*, ao mesmo tempo em que evidencia a importância do espaço, como proteção, identidade, refúgio, segurança e mesmo potência para (outras) práticas sociais (RAMOS, 2017, p. 113) e também outras instâncias da vida. Isso envolve um esforço coletivo (menos ou mais organizado/projetado/planejado) empreendido para tal fim.

Essas estratégias possibilitam que outros cidadãos conheçam os sujeitos que praticam esse espaço e as práticas ali realizadas, para além dos estereótipos. Há uma capacidade de aprendizagem que potencializa a abertura para as trocas, para os convívios plurais, encontros e a diversidade geracional entre os sujeitos pertencentes a esse coletivo, as outras redes juvenis de Londrina e os outros frequentadores do Zerão, como é o caso dos comerciantes citados por André, por exemplo.

Ramos (2017, p. 246–49) entrevistou, na cidade de Marília, o jovem “Edu do *skate*”, o que possibilita uma comparação entre as práticas de skatistas em cidades médias. Na entrevista, Edu mencionou as restrições de estrutura de lazer e os territorialismos que se justapõem em suas circulações pelos espaços, desde o recinto de um poliesportivo até a escala da cidade. Quando o entrevistador pergunta onde ele e seus amigos andam de *skate* e se existem espaços preferenciais, Edu responde que andam em qualquer lugar, mencionando a “cultura de rua, do asfalto, da calçada”, também comentada por André,

⁸¹ “Corre” (ou fazer um corre/correria) é uma expressão juvenil/coloquial que diz respeito aos compromissos/problemas/questões (urgentes ou não) de um sujeito/grupo.

acrescentando que “a Prefeitura não ajuda em nada”⁸² e que as pistas estão meio abandonadas, com presença de usuários de drogas.

O trecho da entrevista a seguir evidencia a questão bastante relativa das distâncias e dos espaços a serem apropriados pelos skatistas, revelando como isso não é impeditivo para a prática:

Entrevistador: - E como vocês vão para outros locais na cidade?

Edu do skate: - Ah, nós vamos de *skate* mesmo

Entrevistador: - De *skate* mesmo?

Edu do skate: - É, anda Marília inteira de *skate*

Entrevistador: Putz, mas é cansativo, hein?

Edu do skate: Ah, é, mas é divertido até né? Você vai conhecendo os lugares. (RAMOS, 2017, p. 247)

Tal aspecto comparece também na entrevista com André. Ele comenta que vários jovens vêm de cidades da aglomeração urbana de Londrina, como Cambé e Ibiporã, por exemplo, de *skate*, “na remada”, até a quadra do Zerão. A partir da experiência dos sujeitos jovens skatistas nos espaços urbanos, com base em Ramos (2017, p. 246–49), observamos que eles podem reinventá-los, dando-lhe novos usos e, desse modo, produzem um novo espaço, distinto do original que se materializa na “transformação” e nas reformas da quadra poliesportiva do Zerão em quadra de *skate* “Big Oh!”⁸³. Ramos (2017), assim sintetiza a relação do skatista com os espaços urbanos:

O corpo do *skater* dialoga com a arquitetura do espaço por onde desliza, como se nesse “corpo a corpo” se produzisse uma nova discursividade urbana. O *skater* recusa aceitar o espaço como um dado pré-existente. Dá-lhe uma existência própria quando o desafia a usos diferentes dos previstos ou pré-estabelecidos.

Interações com a cidade são experimentadas pelos jovens que integram esses coletivos, em Marília e Londrina, com contextos e complexidades diferentes, resguardam na cultura de rua, a nômade cultura do *skate*, *underground*, um lazer em movimento e um lazer contextualizado e arraigado a um espaço público, ao mesmo tempo (RAMOS, 2017, p. 246–49).

Carregam elementos de identificação e significação semelhantes (cultura, rua, calçada, quadras, pistas) e diferentes (origem, classe social, local de moradia, etc.). Há

⁸² O “Big Oh!” também não conta com qualquer incentivo público.

⁸³ Mas isso não ocorreu sem disputa, outra categoria analítica importante para entender as transformações recentes nos espaços urbanos, especialmente envolvendo jovens.

uma interligação entre eles na produção da cidade, na apropriação dos espaços urbanos, principalmente os públicos, na relação com os demais membros do seu grupo/coletivo e na comunicação e visibilidade dessas práticas aos demais sujeitos e atores sociais (em diversas plataformas) e às estruturas e formas espaciais que os conformam.

As redes juvenis são também maximizadas pelas redes e mídias sociais e digitais em que esses jovens (“protagonistas e consumidores de artefatos de comunicação e compartilhamento da informação”) combinam não só os campeonatos e os encontros, mas também como o financiamento das reformas no espaço se organizará com as rifas, as vendas de pizza, as festas em bares da cidade, etc.

Além disso, há a divulgação de vídeos e fotos desses encontros e competições em páginas (Instagram e Facebook) do próprio grupo, o que facilitou o acesso do pesquisador ao coletivo “Big Oh!” e suas práticas. Segundo Ramos (2017, p. 69-70), é uma geração e juventude digital – “signatária das recentes transformações na modernidade, como dos novos estilos de consumo, performances e expressões estéticas” – que se articula e organiza em redes pela internet e sistema de comunicação *online* e instantâneo.

Sendo assim, o coletivo de skatistas “Big Oh!” congrega diferentes sujeitos em rede que potencializam e materializam seus modos de vida e suas práticas espaciais no Zerão, a partir dele e para além dele. Isso evidencia um papel de contestação e apropriação interessante desse espaço público. O grupo o nomeia conforme os ideais e acepções coletivas e criativas, demonstrando a capacidade deles de reunir-se e buscar nessa prática esportiva e de lazer (de maneira conjunta), modos de vivenciar a cidade fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação de mestrado em Geografia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente, teve como objetivo realizar uma caracterização do calçadão e do Zerão, dois espaços públicos de Londrina inseridos no contexto do processo de fragmentação socioespacial que está em curso nessa cidade média.

Tendo como ponto de partida a relação entre fragmentação socioespacial e a influência do par dialético público-privado nas práticas espaciais dos cidadãos, entendendo seus conteúdos e tais práticas que os produzem cotidianamente, como fundamentais na compreensão das dinâmicas urbanas das cidades médias brasileiras, consideramos que esse debate aciona a necessidade de trabalhar com um conceito de espaço público mais aberto e apropriado à realidade latino-americana, sobretudo a brasileira.

A literatura especializada tem demonstrado que essa leitura é possível a partir dos estudos de Emilio Duhau e Angela Giglia, dentre outros autores latino-americanos e dos esforços coletivos e interinstitucionais do GASPERR, via projetos temáticos, financiados com recursos estaduais e federais. Essa capacidade analítica do grupo de pesquisa amplia nossa visão e entendimento da realidade e do fato urbano, andando lado a lado as preocupações de ordem epistemológica, empírica e metodológica.

Assim, amparada pelo aparato institucional supracitado, nossa pesquisa contribuiu com a ampliação, em nível de mestrado, desses estudos e buscou oferecer uma discussão crítica e contextualizada sobre os dois espaços públicos. Salientamos que eles são altamente influenciados pelo processo em curso e problematizamos acerca da tese do “fim dos espaços públicos” ou da privatização desses espaços, ideias e noções defendidas por autores não só da Geografia mas de outras áreas do conhecimento.

Mas o desenvolvimento da pesquisa foi bastante impactado pela emergência da pandemia global de COVID-19 que, no momento da escrita dessas considerações finais, chega a triste marca de 600 mil mortes só no Brasil. Durante esses quase dois anos de pandemia, foi extremamente difícil lidar com a saúde mental e emocional, sobretudo, a concentração, o distanciamento dos amigos e da família, as mortes por conta dessa doença, a onda de negacionismo e anti-ciência, a distância da vida acadêmica, a impossibilidade dos trabalhos de campo e do contato direto com os cidadãos, das

reuniões do grupo de pesquisa presenciais, as orientações, enfim, da vida que tínhamos antes de tudo isso começar.

Nesse quadro totalmente atípico e desmotivador em continuar sendo pesquisador, não só os procedimentos metodológicos tiveram que ser alterados e reformulados, mas a pesquisa teve que ser mais delimitada e recortada, após a qualificação. Afinal, como estamos trabalhando com uma investigação qualitativa que leva em conta as interações sociais e os espaços públicos, os trabalhos de campo, aplicação de enquetes e entrevistas presenciais tiveram que ser suspensos e repensados. Outros procedimentos metodológicos tiveram que ser suprimidos, como a geoetnografia, observação participante e os percursos comentados.

Com a vacinação avançando no Brasil e no mundo, esses procedimentos podem ser, sempre resguardados os devidos cuidados, paulatinamente retomados para que se possa ampliar as análises contidas nesta dissertação. Isso permite qualificar o debate e levar em consideração mais pontos de reflexão sobre os espaços públicos contemporâneos, com metodologias mistas, podendo inclusive aprimorar as já utilizadas nesta pesquisa, como a aplicação de enquetes, realização de entrevistas e trabalhos de campo.

Esse é um ponto que podemos levar em consideração, dentro do escopo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ao menos, do papel do pesquisador frente ao desenvolvimento e da articulação das etapas e dos prazos de uma pesquisa científica que são altamente afetadas e influenciadas pelos contextos socioespaciais, políticos, econômicos e pelas dificuldades e mudanças que aparecem no plano pessoal, emocional e existencial durante mais de dois anos de um curso de nível superior.

De qualquer forma, foi possível realizar essa pesquisa dentro dos parâmetros estabelecidos e com as ferramentas construídas no decorrer desses mais de dois anos. Nosso estudo é comparativo e exploratório, destaca a multiplicidade e a presença de diferentes cidadãos que veem no calçadão e no Zerão, espaços com usos e funções diferentes (direta ou indiretamente) dentro de uma produção do espaço urbano desigual e fragmentada e que vão a esses dois espaços para realizar suas práticas espaciais relacionadas ao lazer e ao consumo.

No calçadão e no Zerão, há possibilidade ainda para a contestação política, a performance, a arte e a cultura dos cidadãos, o inesperado dos encontros e da sociabilidade que o cotidiano interacional e contraditório nesses espaços também permite. São dimensões que atravessam as preocupações socioespaciais e urbanas.

Infelizmente, não foi possível dedicar-se à temática das juventudes e das redes mais detalhadamente nesses espaços públicos, por conta das refinações da pesquisa, conforme citado anteriormente. Mas é uma agenda de pesquisa interessante, investigar os grupos e coletivos como o “Big Oh!” que se apropriam de espaços como Zerão e se territorializam em espaços contíguos ao parque e outros espaços da cidade.

Duas frentes de pesquisa também podem ser indicadas, a primeira seria a possibilidade de realizar análises comparativas entre centro-periferia e periferia-periferia, uma vez que tais relações não desapareceram com o processo de fragmentação socioespacial, embora tenha se tornado mais complexas. Nossa pesquisa se dedicou especificamente a alguns aspectos de dois espaços públicos do centro (já bastante consolidado) da cidade. A segunda frente seria levar em conta os recortes de gênero, raça e cor nos espaços públicos em questão e em outros debates tão necessários na compreensão da produção do espaço urbano.

Em suma, quando pensamos na capacidade de abertura ao inesperado, na pluralidade de práticas e nos encontros que ocorrem nos espaços públicos, devemos pensar que eles estão sendo ocupados e vivenciados de alguma maneira e para fins que não necessariamente foram aqueles planejados pelo poder público municipal por meio de engenheiros, arquitetos e urbanistas de um determinado tempo e da ideologia de uma sociedade. São sempre relevantes e desafiadoras as discussões que destaquem que esses espaços estão sendo produzidos e alterados cotidianamente pelos cidadãos em suas práticas, que envolvem discursos e imaginários, e também por outros agentes sociais que produzem contraditoriamente a cidade – dentro de um modo e modelo de produção capitalista na sua vertente mais extrema, a do neoliberalismo, e que restringe e/ou direciona o direito à cidade.

A cidade e seus espaços públicos não são produzidos somente para fins econômicos dos agentes hegemônicos. Eles podem ser rabiscados pelas práticas dos cidadãos, pelas suas decisões que se combinam, contraditoriamente, às decisões a eles impostas. Esse é um debate que está apenas começando e dependerá de múltiplas forças para que ele avance da maneira qualitativa, democrática e socialmente responsável.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, W. **A produção imobiliária e a reestruturação das cidades médias: Londrina e Maringá/PR**. Presidente Prudente: Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BERTICELLI, C. **Londrina: manifestantes participam de ato no calçadão da cidade**. Disponível em: <<https://ricmais.com.br/noticias/politica/manifestantes-calçadão-londrina-protesto-contragoverno/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- BORGES, S. Espaço político e tensão democrática: os protestos recentes e a potência política das ruas. **Geografares**, n. 26, p. 162–181, 2018.
- BORTOLO, C. A. **Produção e apropriação de espaço livre público: o lago Igapó - Londrina - PR**. Londrina: Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- BORTOLO, C. A. **A dinâmica dos espaços públicos de Lazer em cidades da aglomeração urbana de Londrina - PR**. Maringá: Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de Maringá, 2015.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.
- CASTRO, I. E. Espaços públicos como espaços políticos: o que Isso quer dizer? **Geografares**, n. 26, p. 12–33, 2018.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, v. 9, p. 143–159, 1998.
- CORREIA, R. L. Cidades médias e rede urbana. In: SILVA, W. R.; SPOSITO, M. E. B. (Eds.). **Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 29–37.
- CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa : o debate orientado como técnica de investigação**. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. **Anais...Ouro Preto**: ABEP, 2002
- DELGADO, M. **El espacio público como ideologia**. Madrid: Catarata, 2011.
- DIMENSTEIN, M.; SCOCUGLIA, J. B. C. Em busca de novos caminhos metodológicos: percepção e experiência nos espaços públicos urbanos contemporâneos por idosos na cidade de João Pessoa. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 19, n. 3, p. 417–439, 2017.
- DOMOSH, M. Those “gorgeous incongruities”: polite politics and public space on the streets of nineteenth century New York. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 88, n. 2, p. 209–226, 1998.
- DUHAU, E.; GIGLIA, A. **Las reglas del desorden: habitar la metropoli**. Cidade do México: Siglo XXI Editores, 2008.
- DUHAU, E.; GIGLIA, A. El espacio publico en la ciudad de México. De las teorías a las practicas. In: GARZA, G.; SCHTEINGART, M. (Eds.). **Desarrollo urbano y regional**. Cidade do México: El Colegio de México, 2010. p. 389–448.

DUHAU, E.; GIGLIA, A. **Metrópoli, espacio publico y consumo**. Cidade do México: FCE, 2016.

FESTIVAL DE MÚSICA DE LONDRINA. **Sobre o festival**. Disponível em: <<http://www.fml.com.br/39/ofestival.asp>>. Acesso em: 10 set. 2020.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA. **Sobre**. Disponível em: <<https://filo.art.br/mostra-nacional-2019/sobre/>>. Acesso em: 11 set. 2020.

FESTIVAL PEROBA-ROSA. **Sobre**. Disponível em: <https://www.facebook.com/festivalperobarosa/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 11 set. 2020.

G1. **Manifestação em Londrina foi tranquila e durou duas horas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/manifestacao-em-londrina-foi-tranquila-e-durou-duas-horas/4038362/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

G1. **Manifestantes fazem protestos contra racismo e Bolsonaro, no Paraná**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/06/07/manifestantes-fazem-protestos-contra-racismo-e-bolsonaro-no-parana.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

G1 E RPC. **Manifestações em apoio a Sérgio Moro e Lava Jato são realizadas em Londrina e Maringá**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2019/06/30/manifestacoes-em-apoio-a-sergio-moro-e-lava-jato-sao-realizadas-em-londrina-e-maringa.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GÓES, E. M. Shopping center: consumo, simulação e controle social. **Finisterra**, v. 51, n. 102, p. 65–80, 2016.

GÓES, E. M. et al. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019.

GÓES, E. M.; RICHMOND, M. Morte e vida dos espaços públicos das cidades médias brasileiras: os casos de Dourados (MS) e Maringá (PR). **Geografares**, v. (No prelo), p. 1–23, 2021.

GÓES, E. M.; SPOSITO, M. E. B. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do calçadão de Presidente Prudente - SP. **Revista da Anpege**, v. 12, n. 19, p. 39–65, 2016.

GOMES, P. C. C. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, p. 115–119, 2018.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. Espaços públicos como lugares da política. **Geografares**, n. 26, p. 5–11, 2018.

GUEDES, S. M. **O calçadão de Londrina no ensino de História: pluralidades e apropriações de professores**. Londrina: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, 2018.

IBGE. **Londrina**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>>. Acesso em: 1 set. 2020.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JANUZZI, D. C. R. **Calçadas: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais**. São Paulo: Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.

LAGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, v. 22, n. 81, p. 235–248, 2021.

LANZA, F. et al. **Yá Mukumby: a vida de Vilma Santos de Oliveira**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

LINDÓN, A. Geografías de la vida cotidiana. In: LINDÓN, A.; HIERNAUX, D. (Eds.). **Tratado de Geografía Humana**. Cidade do México: Anthropos Editorial, 2006. p. 356–400.

LONDRINA. **Lei n. 10.966, de 26 de julho de 2010**. Dispõe sobre a ordenação dos anúncios que compõem a paisagem urbana do Município de Londrina – PROJETO CIDADE LIMPA e dá outras providências, , 2010. Disponível em: <<http://www2.cml.pr.gov.br/leis/2010/web/LE109662010consol.html>>

MAGRINI, M. A. O.; CATALÃO, I. Direito à cidade e consumo: contradições e convergências. In: GÓES, E. M. et al. (Eds.). **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019. p. 133–158.

MARTINS, S. M. B. **Impactos no uso das cidades: a violência no uso dos espaços públicos de Londrina - PR (Zerão, Igapó I e Igapó II)**. Londrina: Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Londrina, 2011.

MENEZES, M. H. Parada LGBTI+ de Londrina acontece no domingo; saiba mais. **Observatório G**, 2019.

MOSSI, C. **Geração asséptica**. Disponível em: <<https://bit.ly/2WKiJkw>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

OLIVEIRA, C. S. **Lago Igapó II, Londrina (PR): natureza, história e afeto no campo do patrimônio cultural**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2018.

ORQUESTRANDO BRASIL. **Orquestra de refugiados faz espetáculo no Zerão, em Londrina/PR**. Disponível em: <<https://orquestrandobrasil.com.br/orquestra-de-refugiados-faz-espetaculo-no-zero-em-londrina-pr/>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PORTAL BONDE. **Skatistas promovem evento para arrecadar fundos para reforma da pista de skate do Zerão**. Disponível em: <<https://bit.ly/30RkgK6>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

PREITE SOBRINHO, W. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. **UOL Notícias**, fev. 2019.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. **Perfiles latinoamericanos**, v. 9, n. 19, p. 33–56, 2001.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F.; PINEDA, R. C. Buenos Aires: La fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada. **EURE**, v. 34, n. 103, p. 73–92, 2008.

RAMOS, É. C. M. **“Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens das periferias”: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade**. Presidente Prudente: Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2017.

REDE MASSA. **Londrina: manifestações contra o corte de verba para a educação**. Disponível em: <<https://www.redemassa.com.br/noticias-da-massa/londrina-manifestacoes-contr-o-corte-de-verba-para-a-educacao/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A forma urbana das cidades de médio porte e dos patrimônios fundados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 28, n. 1, p. 93–103, 2006.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. O território e a paisagem: a formação da rede de cidades no norte do Paraná e a construção da forma urbana. **Paisagem e Ambiente**, n. 25, p. 37–54, 2008.

RIBEIRO, T. F. Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, v. 10, n. 3, p. 1334–1356, 2018.

SAAB, T. B.; BRAGUETO, C. R. Industrialização do município de Londrina-PR: processo inicial e transformações recentes. **Geografar**, v. 10, n. 2, p. 62–87, 2015.

SABOR&AR. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saborearzero/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SCUDELLER, B. P. **Mudanças no consumo/mudanças no espaço urbano: lojas populares, centros tradicionais e vendas pela internet nos anos 2000**. Presidente Prudente: Relatório parcial (Iniciação Científica - FAPESP), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Não publicado), 2016.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. 2. ed. São Paulo: Record, 2014.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, A. L. **Edifícios de alto padrão e as estratégias de venda dos agentes imobiliários. Um estudo de casos: Ecoville (Curitiba-PR) e Gleba Palhano (Londrina-PR)**. Maringá: Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de Maringá, 2014.

SILVA, W. R. Londrina e a reestruturação urbana. Atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Eds.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina**. São Paulo: Outras Expressões, 2013a. p. 193–333.

SILVA, W. R. O centro de Londrina. Nova vida e novos conflitos. In: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. (Eds.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Cidade do Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT, 2013b. p. 243–254.

SOUZA, A. F. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares**, n. 26, p. 182–213, 2018.

SOUZA, M. L. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Cidades**, v. 4, n. 6, p. 101–114, 2007.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, v. 19, n. 19015, p. 1–13, 2020.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M. E. B. (Ed.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos**. São Paulo: Projeto de pesquisa, FAPESP, 2018.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana**

e fragmentação socioespacial. São Paulo: Edunesp, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. Da diferenciação à fragmentação socioespacial. In: GÓES, E. M. et al. (Eds.). . **Consumo, crédito e direito à cidade.** Curitiba: Appris, 2019. p. 96–124.

STOIAN, V. C. O. **Espaço público em Bauru e Presidente Prudente: a “circulação dos afetos” e sua influência nas práticas espaciais contemporâneas.** Presidente Prudente: Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2019.

TURRA NETO, N. **Pesquisa qualitativa em Geografia.** XVII Encontro Nacional de Geógrafos. **Anais...**Belo Horizonte: 2012

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. DE S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Eds.). . **A cidade e seus jovens.** Goiânia: PUC Goiás, 2015. p. 119–136.

UNICESUMAR. **Orquestra.** Disponível em: <<https://www.unicesumar.edu.br/dca/dca-departamento-de-cultura-e-artes/orquestra/#>>. Acesso em: 11 set. 2020.

WHITACKER, A. M.; MIYAZAKI, V. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **GOT - Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, p. 307–327, 2012.

ZANON, E. R. **O centro ainda é centro: formação e permanência das centralidades funcional e representativa do centro principal da cidade de Londrina - PR.** Londrina: Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Londrina, 2014.

APÊNDICE A – ENQUETES APLICADAS

1) Modelo em branco:

PROJETO TEMÁTICO: FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E URBANIZAÇÃO BRASILEIRO: ESPAÇOS PÚBLICOS		
Enquetes realizadas em		
DATA:	PESQUISADOR(ES):	HORÁRIO DE APLICAÇÃO:
1. Gênero: _____	1. Gênero: _____	1. Gênero: _____
2. Idade: _____	2. Idade: _____	2. Idade: _____
3. Ocupação: _____	3. Ocupação: _____	3. Ocupação: _____
4. Vem: () só () acompanhado (de quem?): _____	4. Vem: () só () acompanhado (de quem?): _____	4. Vem: () só () acompanhado (de quem?): _____
5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? _____	5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? _____	5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? _____
6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? _____	6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? _____	6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? _____
7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? _____	7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? _____	7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? _____
8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? _____	8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? _____	8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? _____
9. O que gosta do espaço? _____	9. O que gosta do espaço? _____	9. O que gosta do espaço? _____
10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? _____	10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? _____	10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? _____
11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? _____	11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? _____	11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? _____
12. Qual(is) prefere e porque? _____	12. Qual(is) você prefere e porque? _____	12. Qual(is) prefere e porque? _____

2) Modelo preenchido:

PROJETO TEMÁTICO: FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E URBANIZAÇÃO BRASILEIRO: ESPAÇOS PÚBLICOS		
Enquetes realizadas em		
DATA:	PESQUISADOR(ES):	HORÁRIO DE APLICAÇÃO:
1. Gênero: F	1. Gênero: F	1. Gênero: F
2. Idade: 71	2. Idade: 71	2. Idade: 71
3. Ocupação: Aposentada	3. Ocupação: Aposentada	3. Ocupação: Aposentada
4. Vem: (x) só () acompanhado (de quem?):	4. Vem: (x) só () acompanhado (de quem?):	4. Vem: (x) só () acompanhado (de quem?):
5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? Centro	5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? Centro	5. De onde vem (bairro, outra cidade...)? Centro
6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? A pé	6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? A pé	6. Como vem (carro, moto, a pé, ônibus...)? A pé
7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? Todos os dias (c/nh)	7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? Todos os dias (c/nh)	7. Com que frequência vem àquele espaço (uma vez por semana, uma vez por mês, todo dia...)? Todos os dias (c/nh)
8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? Encontrar amigos	8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? Encontrar amigos	8. Porque vem (fazer compras, passear/sentar/relaxar, encontrar amigos, fazer algum esporte/outra atividade)? Encontrar amigos
9. O que gosta do espaço? Cachorros / Encontros	9. O que gosta do espaço? Cachorros / Encontros	9. O que gosta do espaço? Cachorros / Encontros
10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? Mendigos / "Segurança"	10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? Mendigos / "Segurança"	10. O que não gosta/acha que podia ser melhor? Mendigos / "Segurança"
11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? Não	11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? Não	11. Frequenta outros espaços públicos na cidade? Quais (pode mencionar os outros incluídos da pesquisa)? Não
12. Qual(is) prefere e porque? Gosta + de frequentar o calçadão.	12. Qual(is) prefere e porque? Gosta + de frequentar o calçadão.	12. Qual(is) prefere e porque? Gosta + de frequentar o calçadão.

Ubidade de levar os cachorros p/ passear.

APÊNDICE B – ENQUETE APLICADA PELO GOOGLE FORMS SOBRE O ZERÃO

1) Modelo em branco:

Em nossa pesquisa de mestrado em Geografia, desenvolvida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente/SP, por mim, Nicolas Veregue Ruiz e orientada pela Prof. Dra. Eda Maria Góes, estamos pesquisando dois espaços públicos de Londrina, o calçadão (Av. Paraná) e o Zerão (área de recreação e lazer Luigi Borghesi). Esta é uma enquete para que conheçamos melhor o perfil dos/as frequentadores/as do Zerão e os motivos pelos quais utilizam esse espaço. Todas as respostas e informações serão mantidas em absoluto sigilo. Qualquer dúvida e sugestão, você pode entrar em contato comigo e com Eda nos seguintes e-mails: nicolasveregue@gmail.com/nicolas.veregue@unesp.br e eda.goes@unesp.br.

Endereço de e-mail: _____

1. Gênero: () Masculino () Feminino () Outros
2. Idade: () Até 17 anos () Entre 18 e 29 anos () Entre 30 e 39 anos () Entre 40 e 49 anos () Entre 50 e 59 anos () 60 ou mais
3. Ocupação (profissão, atividades, etc.): _____
4. Vem ao Zerão, só ou acompanhado? () Só () Acompanhado
5. Se acompanhado, com quem? _____
6. De qual bairro você vem? _____
7. Como vem (carro, moto, à pé, ônibus...)?
8. Com que frequência vêm a esse espaço? () Diariamente (3x ou mais vezes por semana) () Semanalmente (1 ou 2 vezes por semana) () Quinzenalmente (1 ou 2 vezes a cada quinze dias) () Mensalmente (1 ou 2 vezes por mês)
9. Por que vem?⁸⁴ () Passear/relaxar () Encontrar amigos(as) () Fazer algum exercício físico () Outros
10. Já foi ao Zerão para assistir shows, atividades e/ou apresentações culturais? De qual(is) se lembra? _____
11. E para curtir festas? De quais se lembra? Qual foi a última? _____
12. O que gosta do espaço? _____
13. O que não gosta/acha que poderia ser melhor? _____

⁸⁴ Nessa questão, a pessoa poderia escolher mais de uma alternativa e/ou inserir outra atividade.

14. Frequenta outros espaços públicos na cidade? (ex. calçadão de Londrina, entorno do Lago Igapó, Lago Norte, Aterro do Lago Igapó, Praça Nishinomiya, Jardim Botânico, Parque municipal Arthur Thomas, dentre outros) () Sim () Não
15. Qual(is) prefere e por quê?
16. A fim de ampliar essa pesquisa e obter um perfil mais detalhado dos frequentadores dos espaços públicos de Londrina, seria interessante, se possível, uma futura entrevista com você, agendada com bastante antecedência. Caso haja interesse, deixe seu número de celular para entrarmos em contato. Seu contato e o conteúdo da entrevista serão mantidos em absoluto sigilo e só serão acessados, analisados e publicados mediante sua expressa autorização. Apenas eu e minha orientadora teremos acesso a esses dados de pesquisa:

_____.

2) Modelo preenchido:

21/10/2020 Enquete sobre o Zerão (área de recreação e lazer Luigi Borghesi)

Enquete sobre o Zerão (área de recreação e lazer Luigi Borghesi)

Em nossa pesquisa de mestrado em Geografia, desenvolvida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Londrina, o calçadão (Av. Paraná) e o Zerão (área de recreação e lazer Luigi Borghesi). Esta é uma enquete para que conheçamos melhor o perfil dos/as frequentadores/as do Zerão e os motivos pelos quais utilizam esse espaço. Todas as respostas e informações serão mantidas em absoluto sigilo. Qualquer dúvida e sugestão, você pode entrar em contato comigo e com Eda nos seguintes e-mails: nicolasveregue@gmail.com / nicolas.veregue@unesp.br e eda.goes@unesp.br

Email address *

Gênero *

☒ Masculino
☐ Feminino
☐ Outros

Se acompanhado, com quem? *

Amigos

De qual bairro você vem? *

Cafezal 4, Londrin-PR

Como vem (carro, moto, à pé, ônibus...)? *

Carro

Idade *

☐ Até 17 anos
☒ Entre 18 e 29 anos
☐ Entre 30 e 39 anos
☐ Entre 40 e 49 anos
☐ Entre 50 e 59 anos
☐ 60 ou mais

Ocupação (profissão, atividades, etc.) *

Enfermeiro

Vem ao Zerão, só ou acompanhado? *

☐ Só
☒ Acompanhado

Porque vem? *

☒ Passear/relaxar
☐ Encontrar amigos(as)
☐ Fazer algum exercício físico
☐ Other: _____

Já foi ao Zerão para assistir shows, atividades e/ou apresentações culturais? De qual(is) se lembra? *

Não

21/10/2020

Espaço verde e Zólio (área de recreação e lazer Luigi Bonghe)

O que não gosta/acha que poderia ser melhor? *

Manutenção da limpeza

Frequenta outros espaços públicos na cidade? (ex. calçadão de Londrina, Entorno do Lago Igapó, Lago Norte, Aterro do Lago Igapó, Praça Nishinomiya, Jardim Botânico, Parque municipal Arthur Thomas, dentre outros) *

☒ Sim☐ Não

Qual(is) prefere e por quê? *

Igapó e jardim botânico. Gosto do contato com a natureza

A fim de ampliar essa pesquisa e obter um perfil mais detalhado dos frequentadores dos espaços públicos de Londrina, seria interessante, se possível, uma futura entrevista com você, agendada com bastante antecedência. Caso haja interesse, deixe seu número de celular para entrarmos em contato. Seu contato e o conteúdo da entrevista serão mantidos em absoluto sigilo e só serão acessados, analisados e publicados mediante sua expressa autorização. Apenas eu e minha orientadora teremos acesso a esses dados de pesquisa.


https://docs.google.com/forms/d/1Pa-RtG1KAQ7ML7_d6C3d4J3B4pCgXqXVLGmF5qGA/edit#response=ACYDBN5yPL3U0IzD2TW3-WD0E1GWAqBwDL1-cxYX4-KFP3c000qUdY2F44GX7Y

5/6

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Questões gerais a respeito de ambos os espaços
 - 1.1. Perfil
 - 1.1.1. Escolaridade/formação
 - 1.1.2. Característica étnico-racial (autodeclaração)
 - 1.1.3. Profissão/ocupação (detalhes)
 - 1.1.4. Renda familiar aproximada
 - 1.1.5. Tipo de residência (casa, apartamento, edícula, etc. se reside em condomínio fechado, conjunto habitacional, etc.) e bairro
2. Questões específicas a respeito do calçadão
 - 2.1. Quantas vezes você vai ao calçadão por semana?
 - 2.2. Qual meio de transporte utiliza para chegar?
 - 2.3. Por quais motivos/para quais atividades?
 - 2.4. Se for para comprar/consumir, o que você costuma comprar/consumir?
 - 2.5. Se for para outras atividades, detalhar
 - 2.6. Além do calçadão, realiza atividades/utiliza outros locais da área central? Para quê? Com que frequência?
 - 2.7. Essa frequência tem diminuído, aumentado, ou se mantido?
 - 2.8. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar no calçadão (detalhar)?
 - 2.9. Quais aspectos/elementos negativos/desagradáveis você poderia apontar no calçadão (detalhar)?
 - 2.10. (Caso não tenha sido mencionada a questão da segurança) Você se sente segura(o) no calçadão?
 - 2.11. (Se a resposta for negativa) Em alguma quadra/parte específica?
 - 2.12. Quais elementos/aspectos do calçadão te fazem sentir seguro(a)?
 - 2.13. Quais elementos/aspectos do calçadão te fazem sentir inseguro(a)?
 - 2.14. Você já foi assaltado(a)/furtado no calçadão?
 - 2.15. Você já presenciou e/ou ficou sabendo de algum assalto/furto/similar no calçadão?
 - 2.16. Você se identifica com pessoas que utilizam esse espaço? Por quais motivos (detalhar)?
 - 2.17. Você socializa com pessoas que utilizam esse espaço? Por quais motivos (detalhar)?
 - 2.18. Quais comportamentos/práticas dessas pessoas, você considera mais agradáveis/mais desagradáveis?
 - 2.19. A respeito dos elementos físicos e construídos (arborização, iluminação, calçamento, mobiliário, fachadas, etc.), o que poderia dizer deles (qualidade, uso, função, relevância...)?
 - 2.20. Você poderia citar algum evento que reúne/reuniu um grande número de pessoas que você participou ou que tenha conhecimento (algum colega, amigo, familiar tenha participado e/ou você leu/acompanhou em algum jornal, mídia, internet etc.). O que você acha desse tipo de evento (aspectos positivos/negativos)?

- 2.20.1. Sobre manifestações políticas (partidárias ou não de movimentos mais ou menos organizados: o que você pensa sobre elas? Você se identifica com alguma dessas pautas? Acha que elas deveriam acontecer ali? Você participa/costuma participar (de algumas) delas?
- 2.21. Você poderia citar algum(a) elemento/característica/aspecto (comportamentos, práticas, atitudes, encontros, eventos, locais, tipo de comércio, tipo de estabelecimento, etc.) que já não existe/ou há certo tempo não ocorre/ou por algum motivo não ocorra mais no calçadão e você tenha lembranças (positivas e negativas)?
- 2.22. O que você acha que poderia melhorar no calçadão?
- 2.23. Acompanhou as mudanças/reformas no calçadão (ocorridas a partir de 2010)? O que achou delas?
- 2.24. Outros espaços de lazer e consumo, além do calçadão
- 2.24.1. Você costuma frequentar outros espaços públicos (parques, praças, etc.) além do Calçadão?
- 2.24.2. Se a resposta for positiva, o que costuma fazer nesses outros espaços?
- 2.24.3. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar nesses espaços (detalhes)?
- 2.24.4. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar nesses espaços (detalhes)?
- 2.24.5. Frequenta outros espaços para lazer? Quais? Com que frequência?
- 2.24.6. Frequenta outros lugares para compras, além do calçadão? Quais? Com que frequência?
- 3. Questões específicas a respeito do Zerão**
- 3.1. Quantas vezes você vai ao Zerão por semana?
- 3.2. Qual meio de transporte utiliza para chegar?
- 3.3. Por quais motivos/para quais atividades?
- 3.4. Costuma frequentar o Zerão em períodos diferentes/alternados para uma ou mais de uma atividade?
- 3.5. Além do Zerão, realiza atividades/utiliza outros locais da área central, pericentral e das proximidades? Para quê? Com que frequência?
- 3.6. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar no Zerão (detalhar)
- 3.7. Quais aspectos/elementos negativos/desagradáveis você poderia apontar no Zerão (detalhar)?
- 3.8. (Caso não tenha sido mencionada a questão da segurança) Você se sente segura(o) no Zerão?
- 3.9. Quais elementos/aspectos do Zerão te fazem se sentir (in)seguro(a)?
- 3.10. Você já foi assaltada(o)/furtado no Zerão?
- 3.11. Você já presenciou e/ou ficou sabendo de algum assalto/furto/similar no Zerão?
- 3.12. Como você vê a questão do policiamento/segurança nesse espaço? Dê detalhes
- 3.13. Você socializa com pessoas que utilizam esse espaço? Por quais motivos (detalhar)?

- 3.14. Quais comportamentos/práticas dessas pessoas, você considera mais agradáveis/mais desagradáveis?
- 3.15. Você acha que alguma ou algumas das práticas realizadas por indivíduos ou coletivos no Zerão atrapalham/interditam/incomodam as suas atividades ou outras atividades?
- 3.15.1. (Para os que utilizam o Zerão para práticas esportivas [caminhada, corrida, mahamudra...] e/ou para passear/relaxar/levar as crianças) O que você pensa a respeito de eventos como as batalhas de rap (ocorrem geralmente às sextas à noite), parada LGBTQ+ e eventos dentro da parada (ocorre uma vez ano ano), Quizomba (ocorreram algumas vezes no Zerão), apresentações artísticas/peças teatrais do Festival Internacional de Londrina (FILO), apresentações de orquestras sinfônicas (da UNICESUMAR), *shows* de rock, mpb e sertanejo (ocorrem ocasionalmente), adoração de imagens sacras e encontros religiosos (datas comemorativas para as igrejas e movimentos religiosos) e encontros do dia do soldado e uso das quadras esportivas para pista de *skate*? Como você vê essas atividades em relação às suas atividades? Você acha que essas atividades/eventos deveriam ser realizados em outros locais? Você considera que tenham elementos/aspectos/características nessas pessoas que frequentam/participam/estão (n)esses eventos que te aproximem delas ou o que te diferenciem delas?
- 3.15.2. (Para os que utilizam o Zerão em algum evento específico/mais de um evento) Como vocês vêm as práticas esportivas (corrida, caminhada, mahamudra, etc.) e as pessoas quem vêm passear/relaxar/trazer as crianças no Zerão? Você considera que tenha elementos/aspectos/características nessas pessoas que utilizam o Zerão dessa forma que te aproximem delas ou o que te diferenciem delas?
- 3.15.3. Sobre manifestações políticas (partidárias ou não, caso não lembre apontar as manifestações *pró-impeachment* de Dilma Roulseff (instalação do telão para acompanhar a votação em 2016...) no ou a partir do Zerão: o que você pensa sobre elas? Você se identifica com elas?
- 3.16. A respeito dos elementos físicos e construídos (arborização, iluminação, quadras, parquinhos, academia ao ar livre, pista de corrida, mobiliário, bebedouros, anfiteatro, etc.), o que poderia dizer deles (qualidade, uso, função, relevância...)?
- 3.17. Você poderia citar algum(a)/alguns(mas) elementos/características/aspectos (comportamentos, práticas, atitudes, encontros, eventos, shows, batalhas de rima, rap e hip-hop, festas, etc.) que já não existem/ou há certo tempo não ocorrem/ou por algum motivo não ocorram mais no Zerão e você tenha lembranças (positivas/negativas)?
- 3.18. Acompanhou as mudanças/reformas Zerão (ocorridas entre 2017-2020)? O que achou delas?
- 3.19. O que você acha que poderia melhorar no Zerão (levando em conta as diferentes atividades e diferentes locais existentes ali)?
- 3.20. Outros espaços de lazer e/ou manifestações, além do Zerão
- 3.20.1. Você costuma frequentar outros espaços públicos (parques, praças, etc.) além do Zerão?

- 3.20.2. Se a resposta for positiva, o que costuma fazer nesses outros espaços?
 - 3.20.3. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar nesses espaços (detalhes)?
 - 3.20.4. Quais aspectos/elementos positivos/agradáveis você poderia apontar nesses espaços (detalhes)?
 - 3.20.5. Frequenta outros espaços para lazer? Quais? Com que frequência?
4. Organizadores(as) de eventos/manifestações artísticas-culturais no Zerão
- 4.1. Idade
 - 4.2. Escolaridade/formação
 - 4.3. Profissão/ocupação (detalhes)
 - 4.4. Conte a respeito da sua trajetória de vida e como (e se) ela se combina com a organização desse evento
 - 4.5. Que tipo de evento (movimentos, pautas, visibilização de lutas, etc.) você(s) organiza(m) no Zerão?
 - 4.6. Porque escolheram o Zerão para realizá-lo?
 - 4.7. Há algum financiamento e/ou patrocínios para o evento (participação em editais municipais, estaduais e federais, financiamento coletivo online (Catarse, Vakinha, dentre outros), empresas, instituições, etc.)?
 - 4.8. Há quanto tempo vocês organizam esse evento? Quantas “edições” já ocorreram/foram realizadas?
 - 4.9. Onde vocês costumam divulgar esses eventos (redes sociais (Instagram, Facebook, grupos fechados de mensagens no Whatsapp/Telegram, etc.)?)
 - 4.10. Qual deles consideram mais eficiente para divulgação?
 - 4.11. Há outros meios de divulgação, não digitais? Quais?
 - 4.12. É mais organizado/produzido ou “espontâneo”? Ou foi um processo, ou seja, em um primeiro momento foi mais espontâneo e depois mais organizado ou vice-versa?
 - 4.13. Para qual tipo de público/segmento/idade?
 - 4.14. O evento reúne/congrega outros movimentos sociais, políticos, religiosos, etc.?
 - 4.15. O que pensa a respeito de atividades e/ou eventos que estão acontecendo em concomitância (quando estão) ao de vocês (ex. atividades físicas, batalhas de rap, parada LGBTQ+, shows, peças, evento religioso, etc.)
 - 4.16. Para a realização de eventos no Zerão, há muita burocracia/impedimentos/exigências/interdições do poder público municipal ou de alguma outra instância (associação de bairro, associação comercial, etc.)?
 - 4.17. Como você vê o papel/função do policiamento (municipal e estadual – polícia militar e guarda municipal) na realização dos eventos? Há excessos por parte da polícia? Na sua visão, se ela está ali, ela deveria estar ali?
 - 4.18. Você acredita que a mídia/imprensa (quando e se notícia) o evento ela o coloca como positivo/negativo; agradável/desagradável; importante/indiferente?

- 4.19. O evento já sofreu represálias/ataques/confrontos de algum setor da sociedade (políticos, alguns grupos religiosos...)?
- 4.20. Se o evento sofreu/tem sofrido, algum tipo de represália/ataque, direto (violência, confronto físico, verbal...) e/ou indireto (alvo de *fake news* nas redes sociais, matérias e postagens caluniosas em diferentes mídias e plataformas), você acha que isso se conecta, de alguma maneira, ao contexto atual e recente, de polarização política e social?
- 4.21. O evento já foi realizado em outros espaços públicos da cidade (Aterro do Lago, Concha acústica, Praça do Aeroporto, etc.)? Qual(is)?
- 4.22. (Se a resposta for positiva) Vocês notam diferenças na realização do evento entre os diferentes espaços públicos da cidade?
- 4.23. (Se a resposta for negativa) Por que não aconteceu/não foi realizado em outros espaços públicos? Quais foram as interdições e impedimentos? Houve possibilidades?
- 4.24. O evento já foi realizado em outros espaços (espaços privados como *shoppings centers*, bares, restaurantes, casa de shows, boates, etc.)? Qual(is)?
- 4.25. (Se a resposta for positiva) Vocês acreditam que tenha diferenças (quaisquer que sejam, de público, algum “retorno financeiro” ou outro retorno/”prestígio social”, outra visibilidade, outras questões) quando da realização em espaços privados ao invés de espaços públicos?
- 4.26. (Se a resposta for negativa) Porque não aconteceu? Quais as interdições?
- 4.27. Qual a importância/relevância dos eventos serem realizados no Zerão?
- 4.28. O que te motiva a continuar participando da organização desses eventos no Zerão?
- 4.29. O que te desmotiva(ria) a continuar participando da organização desses eventos?
5. Questões para coletivos/grupos que frequentam o Zerão e tem alguma atividade mais específica e regular
- 5.1. Idade
- 5.2. Escolaridade/formação
- 5.3. Profissão/ocupação (detalhes)
- 5.4. Conte a respeito da sua trajetória de vida e como (e se) ela se combina com esse coletivo/grupo
- 5.5. Que tipo de coletivo/grupo é esse (prática específica, atividades, etc.)?
- 5.6. Porque escolheram o Zerão para realizá-las?
- 5.7. Ela(s) pode(m) ser realizadas em outro(s) espaço(s)?
- 5.8. Ela(s) são realizadas em outros espaços ou são bem específica(s)/atrelada(s) ao Zerão?
- 5.9. O grupo/coletivo de vocês já teve problemas na utilização do Zerão (para os skatistas, citar as quadras esportivas que não são próprias para a prática-piso, falta de obstáculos, etc.)?
- 5.10. Vocês já sofreram/ou sofrem algum preconceito por parte de frequentadores do Zerão? Se sim, detalhar.
- 5.11. Vocês se identificam com as pessoas que utilizam o Zerão? Por quais motivos? O que te diferenciam ou te aproximam delas?

- 5.12. Em qual horário do dia e dia da semana, as práticas do coletivo acontecem? (Dependendo de qual for a resposta, perguntar por que não ocorrem em outro horário/dia)
- 5.13. Qual a percepção de vocês a respeito dos eventos (citar exemplos) que acontecem no Zerão (concomitantemente ou não)?
- 5.14. (Para os skatistas) Na construção dos obstáculos e de certa adaptação na quadra esportiva para a prática de *skate*, como vocês encararam isso? Vocês acham que deveriam ter tido algum apoio/financiamento por parte do município/esse apoio/financiamento foi solicitado em algum momento/veio depois, em outro momento?
- 5.15. O coletivo/grupo é financiado por alguma instância/pessoas/outras coletivos (vakinha, catarse, etc.)? Quais maneiras são utilizadas para financiamento do coletivo e da prática (citar festas organizadas pelo coletivo em bares da cidade, como é feito isso, se é mais espontâneo e se é possível realizar festas/eventos ali)?
- 5.16. A quadra que vocês utilizam para a atividade é satisfatória/poderia ser melhor/não atende a alguma especificidade da prática?
- 5.17. Qual a importância/relevância da prática do coletivo/grupo no Zerão?
- 5.18. O que te motiva a continuar com a prática do coletivo no Zerão?
- 5.19. O que te desmotiva(ria) a continuar com a prática do coletivo no Zerão?

APÊNDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista 1: Letícia, 26 anos, frequentadora do calçadão

Data: Segunda-feira, 22 de junho de 2020

Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre sua formação... um pouco sobre você... onde você estudou, qual sua escolaridade...

Eu sou advogada, sou pós-graduada em Direito Digital, formada pela UEL e a pós-graduação no Damásio. Eu trabalho na região central, porém eu moro na Zona Leste.

Que bairro você mora ali na Zona Leste?

(Residencial) Abussafe, próximo a Universidade, a UTFPR.

Como você se autodeclara?

Branca.

Na sua casa, você pode apontar uma renda familiar aproximada, por salário mínimo?

Uma renda familiar de aproximadamente 3 mil... 3 mil e 500...

Uns três salários mínimos mais ou menos?

Por aí.

E lá vocês moram em casa, apartamento... como que é?

Casa própria e três integrantes.

Frequência, mobilidade e atividades no calçadão

Quantas vezes você vai para o calçadão, por semana, você pode me dizer... tem aproximado isso?

Vou cinco vezes por semana.

Aos sábados, você não vai...? Sábados... domingos...

Não, não costumo ir. Somente nos dias de trabalho mesmo, de segunda à sexta...

E para você chegar lá, onde você trabalha ali no centro e no calçadão, você vai do que, da sua casa?

Atualmente, estou indo de carro (próprio) e carona também. Na época que eu respondi a enquete, eu ia de ônibus.

Você costuma comprar no calçadão, consumir ou você consome em outros espaços da cidade?

Costumo consumir no calçadão, nas lojas na beira do calçadão (lojas próximas).

Você gosta de comprar ali, então?

Sim, é mais acessível. Tem maior variedade.

Além de trabalho e compras... você tem outra atividade ali no calçadão... ou não?

Sim, tenho. Diversos eventos culturais, principalmente ali no Sesc... que sai um pouco do calçadão mas é ainda nessa região. Então quando eu não trabalhava, quando não estava em horário de trabalho, sempre ia no período que estava aberto... nesses tipos de evento, que é peça teatral, mais musical do que teatro... nesses lugares específicos.

O Sesc tem bastante opção mesmo, né...

(...) Às vezes no Ouro Verde também tinha (...)

Sua frequência ali no calçadão para compras, trabalho e tal... durante o tempo, diminuiu, aumentou ou se manteve... suas atividades no centro e no calçadão...

Vou fazer uma linha... Quando eu trabalhava... eu sempre trabalhei mais na área do calçadão mesmo, na área central... Quando eu tinha o trabalho registrado, eu tinha que cumprir uma carga horária, bater ponto... era bem menor a frequência, ficava limitado ao horário do almoço, quando eu saía para o horário do almoço, então era bem limitado a minha frequência pelo calçadão, inclusive, conseqüentemente (em

relação às) compras também. Agora como atuo de forma autônoma, então eu faço meu horário... Então às vezes preciso resolver coisas no banco, às vezes sair e almoçar, no centro mesmo, então... o meu consumo e a minha frequência (e consumo) nessa área aumentou devido a ser autônoma. (...)

E você, por estar ali no centro, prefere consumir por ali mesmo? Inclusive fazer as refeições ou você traz de casa... por que tem alguns restaurantes no calçadão e na área central também...

A questão da alimentação é sempre em relação ao que eu faço no centro... não tem uma logística eu pegar e sair do centro para resolver outras coisas, até por que o centro me fornece tudo que eu preciso: compra, alimentação, questões de trabalho e tudo mais... (...)

Você poderia me falar algum elemento, aspecto que você considera agradável/positivo na sua vivência ali no calçadão... que você gosta e tal...

Eu gosto do fato de ser arborizado... isso traz um frescor para o local... é mais fresco, confortável de você transitar... Eu gosto de andar pelo calçadão pois eu vejo as pessoas... então para quem atua dentro de um escritório... é bom tomar esses ares... (...) O fato de ser acessível... você ter tudo ali próximo a você... às vezes até coisa que não precisa. Tem ali à sua disposição, farmácia, tem o shopping que é perto, tem a questão cultural, a proximidade com os centros culturais próximos... tem os bancos... de tudo um pouco... isso eu acho bem agradável no calçadão. Mas principalmente o fato dele ser arborizado, embora pudesse ser mais...

Você acha que o fato do shopping Royal estar ali ao final do calçadão amplia suas possibilidades?

Para mim, particularmente não. Porém eu acredito que ele é um ponto especial na movimentação do calçadão... Por que eu vejo que a maior frequência é lá mesmo no shopping... o pessoal vai... quem almoça... procura uma alimentação mais barata, *fast-food*, coisa do tipo... quem trabalha na região central... quem vem no centro para passear também... procura a praça de alimentação do shopping ao invés de procurar restaurantes (fora)... até por que os restaurantes têm um horário de serviço limitado, comparado ao shopping que você pode ir lá qualquer horário comer e tal... Para mim que faço uso do centro mais para trabalho, ele não é tão essencial e também não me movimenta tanto... mas para as outras pessoas, eu enxergo ele dessa forma... (o shopping) movimenta mais a parte central do que os próprios estabelecimentos do centro que acabam tendo um horário mais específico... (...) Mas o shopping não... o shopping sempre está aberto.

De aspectos negativos no calçadão, elementos que você não gosta, são desagradáveis, quais você poderia me dizer?

Falta de lixeiras... mais estrutural mesmo... Essa segunda parte mais próxima ao shopping, eu acho que o piso tem partes mais soltas, esburacadas, menos regulares (...) comparado a segunda parte que teve aquela modificação da Pernambucanas para lá (quadras 1 a 4...).

Na verdade, aquela parte ali [quadra 5] foi mantida mais próxima da que foi durante um tempo e tal, próximo ao Ouro Verde (...)

Deveria manter a característica (...) as pedras também poderiam ajeitar para que elas não se soltassem e preenchessem os espaços que estão sem. (...) Geralmente o que eu ouço de pontos negativos do calçadão, eu não concordo. Então, para mim são mais esses mesmo.

Quais pontos negativos você ouviu sobre o calçadão e não concorda?

A questão de (vendedores) ambulantes. Tem muita gente que discorda, não aceita a presença de ambulantes (e pessoas que fazem artesanato) no calçadão... Para mim, eu não sinto nenhum impacto negativo em relação a presença deles.

Eu ouvi muito nas enquetes que eu apliquei, questões sobre segurança... Você se sente segura no calçadão?

Depende do período. Durante a tarde, por exemplo, ou depois das 10 da manhã, que a frequência de pessoas é maior, tem mais pessoas na rua, sim (sente-se mais segura). Mas já ouvi relatos de pessoas que, por exemplo, sofreram assédio no calçadão e não teve ninguém para recorrer. Então talvez não seja o ambiente mais seguro, principalmente no período noturno que não tem quase ninguém e também não tem segurança. Já morei na região central e frequentei o centro durante a noite, então eu a considero perigosa. Principalmente nessa parte ali da Concha Acústica. E no começo da manhã também, inclusive já fui informada por comerciantes do local que não era bom ficar ali no começo da manhã (7h da manhã ou antes) (...)

Em alguma quadra/parte específica do calçadão você se sente insegura?

(...) Próximo à Catedral que dá acesso ao calçadão

A praça Floriano Peixoto?

Isso. Eu sinto insegura ao estar ali à noite.

Você já foi assaltada/furtada no calçadão?

Não, mas é frequente ter abordagem perto da Marisa, por exemplo, para pedirem dinheiro, mas assaltada nunca fui, nunca sofri nenhum tipo de violência naquela região.

E você já ficou sabendo de furtos e assaltos ali no calçadão?

Só por comentários desses comerciantes (ênfatisou mais uma vez a concha acústica e proximidades).

O que ouvi muito também foi sobre aqueles que ficam pedindo, os mendigos... e muitos disseram que aquilo era absurdo, que era incômodo... Você acha que essas pessoas te incomodam de alguma forma (...) O que você pensa sobre isso?

Para mim, as pessoas em situação de rua causam um incômodo social normal devido à falta de mecanismos para mudar aquela realidade. Quando eu saía dos eventos culturais (no Sesc e no Ouro Verde) eu saía sempre muito tarde, entre 22h e 23h e passava todo esse caminho do Sesc até ali no ponto de ônibus no calçadão (próximo às Loja Marisa). Eles (mendigos) se aglomeram por ali no período noturno e gritam, vão para cima... pedindo dinheiro... então eu sempre me senti bem acuada, mas durante o dia, não me senti desprotegida...

Você mencionou a questão da polícia e da guarda municipal... e eu vi muito policiamento ali no calçadão... o que você pensa sobre isso?

Eu vejo isso mais durante o dia... acho ok... até porque nunca ouvi relato de excesso de poder sobre ambulantes... nunca presenciei nada do tipo... mas a partir do momento que houvesse esse tipo de atitude eu já não consideraria (ok)... por que a finalidade da guarda municipal ali é de assistência e fiscalização, não de interferência desnecessária... mas eu entendo que muita gente faz uso de informações por parte da guarda municipal (pede informações e orientações diversas aos guardas municipais e policiais militares)... então acho necessário, não só pela questão do que seria de útil no calçadão mas por questões que extrapolam a vivência ali no calçadão... por exemplo, para você ter acesso ao policial, ou você faz a chamada ou você vai até uma delegacia... e se são pessoas mais humildes que necessitam de alguma informação, elas podem facilmente encontrar um guarda municipal que pode dar informações de outros assuntos... (...) Vou citar um exemplo para ficar mais palpável, uma pessoa que seja humilde e está passando por uma violência na sua casa, ao andar no calçadão, ela não precisaria, necessariamente, ir à delegacia... ela poderia ter esclarecimentos ali mesmo... então a polícia municipal (guarda), ao meu ver, ali naquela localidade (...) rompe a necessidade de segurança local, ela serve para outros motivos também (...) só que falta muito ainda (...) à noite já não tem... (...) para finalidade de calçadão, já falham no período noturno. (...)

E o fato da polícia e/ou guarda municipal estando ali, você se sente segura?

(...) Fazendo o recorte social, de raça e econômico, da qual eu pertenço, sendo uma mulher... pós-graduada, branca, etc... eu me sinto segura, porém pode ser que determinados grupos não se sintam confortáveis com a presença e até a abordagem de guardas municipais naquele local...

Eu gostaria que você desse mais detalhes sobre elementos físicos do calçadão, você mencionou a arborização como positiva etc. você pode detalhar outros elementos como iluminação, qualidade das calçadas, mobiliário etc. no sentido de relevância, como você os enxerga tendo em vista a qualidade ou não...

(...) Olha, eu não considero uma boa iluminação no calçadão... acredito que ele poderia ter mais... e isso vai de encontro com o que eu entendo da arborização... por que quanto mais árvores, mais é necessário que esses pontos sejam iluminados... não tanto durante o dia mas principalmente durante à noite. Isso tem um impacto direto na segurança por que se você está em um ambiente mais iluminado, você se sente mais seguro, a possibilidade das pessoas esgueirarem-se nas partes mais sombrias do local, diminui... a possibilidade de identificação de qualquer abordagem é maior, em consequência, a segurança também é maior. Então, a questão da arborização e da iluminação são ligadas. Por esse motivo da segurança e desconexa no sentido que são necessárias mais árvores por infinitas finalidades mas principalmente pela sensação de temperatura do calçadão, por ser um lugar mais plano, mais aberto, dá impressão que ele é mais quente, então se houvessem mais árvores, teriam mais sombras, maior ventilação...

Mais lugares disponíveis de forma gratuita para as pessoas descansarem – as pessoas que trabalham na área central... (Sobre os) bancos (para sentar)... acho que tem até uma disponibilidade de lugares ok... dentro do que é possível ser colocado no calçadão... é que realmente tem um fluxo muito grande no

período do almoço, principalmente por pessoas idosas... principalmente aquela parte do Banco do Brasil (entre a quadra 3 e 4)... então é até ok a quantidade de bancos...

E a qualidade deles? Por ex. o material, o estado de conservação...

Olha, já faz um tempinho que não dou uma olhada, mas o material eu considero bom, porém acredito que poderiam ser mais confortáveis... pois tem bancos que não tem encosto para as costas... tem uns que são só o banco mesmo....

A questão da limpeza, acho que falha um pouco. Por que... (tem) fezes de pombo etc. Acho meio difícil manter a limpeza dele (do calçadão).

Eu vi muita gente limpando as primeiras quadras (1 e 2), no início...

De todo o calçadão, ali é a parte melhor estruturada, com maior atenção até pela (presença da) polícia, que eu vejo naquela parte, guarda municipal e tal... é a parte mais iluminada também, então eu vejo essa diferença... entre essa primeira parte e a segunda que se aproxima do shopping Royal, que eu sinto que é mais desleixada (...).

Falando um pouco agora sobre vivência e convivência... você se identifica com as pessoas que usam o calçadão, que estão ali...?

Então ali no calçadão, na grande maioria não.

Por quais motivos?

Eu trabalhei muito tempo ali e um dos meus costumes era ficar observando o povo andar e eu percebia que sempre quando estou nesse acesso ao calçadão... é tudo muito objetivo a finalidade de eu estar ali. Ou para descansar do almoço... parada, observando ou para cumprir algum compromisso bancário, pagar alguma conta etc. Raramente eu saía para passear e eu sempre observei que a grande maioria que frequenta o calçadão, frequenta por motivo de lazer, então não causa essa identificação para mim. Tanto é que nos momentos que eu estava lá... e pode até ser um preconceito isso..., eu sempre me questionava, vendo as pessoas com sacolas de compras... de forma despreocupada, se elas estariam fazendo uso do horário de almoço ou se elas estavam "à toa" no centro. Por isso que não me causava identificação, porque meu tempo era muito limitado (...) Uma não-identificação por finalidade. A finalidade das pessoas irem ao centro não é a mesma que eu tenho. As (finalidades) delas para lazer e a minha mais objetiva, mais profissional.

Essa questão da não-identificação te promove alguma reação desagradável, incômodo... muito profundo ou mais um certo incômodo, uma não-identificação no geral mesmo?

Seria uma não-identificação no geral mesmo. Exceto o dia que eu estou atribulada e irritada e o número de pessoas acumuladas, principalmente no local que eu quero ter acesso, daí acaba me incomodando. (...) Por exemplo, muita gente no centro, o tipo de pessoas no centro não me incomodam...

E assim... sobre socialização... você socializa com as pessoas ali naquele espaço, no calçadão...

Depende dos objetivos que eu tenha ali. Se eu estou com um objetivo de cumprir alguma tarefa, eu geralmente não (socializo). Eu vou, faço o que tenho que fazer e volto, pronto. Agora, por exemplo, quando descansava do meu almoço, sentada na praça, eu me socializava com quem estivesse lá, com quem quisesse falar comigo... sem problema nenhum. E quando tinha evento livre no calçadão, às vezes, era comum ter alguma apresentação, um músico tocando... então eu sempre socializava... com o músico... com o apresentador...

Por quais motivos você socializa/socializaria ali no calçadão?

Um contexto artístico, alguém apresentando alguma coisa, cantando alguma música... ou nesses momentos em que eu não estivesse fazendo nada e a pessoa puxasse algum assunto comigo eu ia responder... esclarecer alguma dúvida... dar alguma orientação... que não é incomum alguém pedir informação no calçadão... agora de livre e espontânea vontade, alguém passar e chamar para conversar... não. (...) Encontro de amigos é em lugares específicos... um café no shopping... geralmente, nunca marquei de encontrar no calçadão, a céu aberto... sem ter um lugar específico para ir... sempre com lugar específico. (...) O calçadão serve de ponto de encontro até que o grupo se localize e vá para outro espaço... até espaços próximos como Sesc, shopping, algum café, algum restaurante... sempre procurando um lugar fora... poucas vezes me reuni para conversar no calçadão... (no caso ali seria) na praça e nos bancos próximo à praça (Floriano Peixoto).

Quais práticas/comportamentos das pessoas no calçadão você considera agradáveis e quais, desagradáveis?

Como eu falei para você, não tenho um grande grau de identificação com as pessoas que frequentam ali (...) o que me causa certo desconforto são pessoas gritando ou não pedem licença. (...) Uma crítica que eu sempre faço ao calçadão... é em período chuvoso... tá chovendo e tem gente de guarda-chuva e gente sem guarda-chuva e subentende-se que quem tem guarda-chuva anda pela parte central do calçadão (meio) e quem não tem, pela parte coberta... sempre me incomoda essa falta de senso e essa falta (...) de empatia das pessoas ao transitarem pelo calçadão e fazem isso, andam com guarda-chuva aberto na parte coberta... ou molhando todo mundo ou fazendo com que as pessoas se molhem e tenham que sair daquela parte. (...)

O trânsito (de pessoas) muito devagar... me incomoda muito as pessoas andando, assim, como se não tivesse nada para fazer no calçadão... isso eu acho muito irritante.

Ou quando anda um grupo ou até duas pessoas com as mãos dadas e ocupam todo o calçadão e também não te deixam passar.

(Aspectos) agradáveis... eu não paro muito para reparar... apenas quando eu vejo essas apresentações culturais.

Eu encontrei no calçadão muita gente pregando (o evangelho)... um pastor que sempre fica ali perto das [Lojas] Pernambucanas e a galera que fica pregando mais nas outras partes... os que perguntam “posso orar por você?” etc... Isso te incomoda de alguma forma?

Me incomoda extremamente. Por vários motivos. O fato da pregação em si não me incomoda. Mas os ataques religiosos que eles fazem nas pregações me incomodam (...) Eu entendo que ele (o pastor) está ali na liberdade dele de se expressar.. da mesma forma como eu admiro o trabalho artístico expresso livremente no calçadão... Muita gente não aprecia e acaba tendo que escutar e ouvir... da mesma forma eu entendo essas pregações, porém essas pregações – eu trabalho há mais de quatro anos na área central – então, de todo esse período, essas pregações já foram até motivo de abaixo-assinado, principalmente no prédio que eu trabalho (...) devido aos constantes ataques à outras religiões e às pessoas em um geral. Por exemplo, já teve ataque de uma moça – e isso eu presenciei e inclusive era uma advogada colega do escritório – passar usando batom vermelho e ele falar “Olha o demônio...”, “Essa pessoa representa o demônio”, “Uma mulher de batom vermelho representa o demônio”... Outras situações também (como) críticas à outras religiões, na verdade não são críticas, são verbalizações de preconceitos em relação à religiões de matrizes africanas, tanto ao próprio catolicismo... (por exemplo) Maria (Mãe de Jesus Cristo) não é isso..., Maria não é aquilo... e faz ofensas nesse sentido. É frequente e quando alguém rebate, acontece da pessoa se sentir incomodada ao ponto de querer rebater esses pastores... essas pessoas que ficam pregando e daí (o pastor) partir para ofensa, já que ele está com o microfone na mão, ele acaba tendo esse poder de fala maior. Além de ficar ofendida e irritada, acabo me sentindo impotente por que qualquer tipo de reação, além do fato de ele estar com microfone na mão..., ele se vale da liberdade religiosa e de expressão para fazer esse tipo de ofensas e por terem uma boa oratória, eles acabam oprimindo as pessoas que estão ali. E de tudo é o que mais me irrita.

E quando o pastor/pessoa que está pregando começa a ofender diretamente uma pessoa ali (por algum motivo específico), qual a reação das pessoas que estão assistindo a pregação ou ao redor?

Ninguém se intromete. Quando há uma situação de alguém verbalizar algum descontentamento ou reagir... ninguém vai dar socorro, ninguém apoia, nem nada. Tanto que várias vezes ele falou que esse tipo de pessoa (quem reage) é a manifestação do satanás. (...) Isso já fez com que eu me retirasse do calçadão por diversas vezes.

Você mencionou a questão dos abaixo-assinados... como que funcionou isso?

Foi assim que eu entrei no escritório, não teve nenhum retorno... foi passado no prédio e não me lembro quem teve a iniciativa, mas no meu andar (décimo) que era todo de serviços de advocacia, todos assinaram.. com pedido de retirada e, pelo que eu soube, todos os outros andares também (assinaram). (...) A pregação dava para ouvir de dentro da minha sala.

Você pode citar algum evento com grande número (ou representativo número) de pessoas participou e que você ou algum colega, amigo seu tenha participado... e o que você acha sobre esse tipo de evento...

Acho necessário. Sempre participei de praticamente todos os eventos e manifestações que ocorreram na cidade de Londrina e tiveram como ponto de encontro/ponto inicial o calçadão... Geralmente é feito próximo àquela praça, perto das (lojas) Pernambucanas (Praça Floriano Peixoto), então... nesse ponto eu acho o calçadão amplamente importante, além de ser ponto de encontro, como um espaço em que é possível agrupar um grande número de pessoas e que possam percorrer em conjunto desde o início (Pernambucanas) até o final... até a (Avenida) Higienópolis... nessas questões das manifestações culturais ou protestos... qualquer evento que se faça necessário grande número de pessoas reunidas no mesmo local, acho o calçadão um ponto importante (...) De fácil, acesso, comunicação, visibilidade, você tem uma

visibilidade do espaço que você vai percorrer e de onde você veio... (...) (grande) diversidade de pessoas (...) (e) por uma questão de segurança por que qualquer tipo de intervenção policial ou intervenção de grupos mais violentos... é fácil a dispersão dos grupos...

E a gente percebe, tanto na vivência, quanto lendo os portais de notícia, a quantidade relativamente interessante de manifestações e protestos ali no calçadão (de estudantes, professores e servidores da UEL, dos servidores públicos, contra ataques do governo...) teve um protesto que eu não fui lá no dia mas me lembro da repercussão na mídia... quando o Ouro Verde foi reinaugurado e o Beto Richa que era governador na época participou e foi feita uma barreira policial para não dar acesso à população... e eu senti um certo descompasso/interdição política entre a função de um espaço cultural daquele como Ouro Verde e a relação que o Ouro Verde tem com o calçadão...

Eu me recordo e acho que isso é visível (descompasso/interdição política) não só nessa situação (barreira policial para proteger o governador e manifestações em frente ao Ouro Verde)... quando a gente fala do calçadão, a gente fala do espaço físico, comum e dos espaços que são acessados pelo calçadão (Ouro Verde, por ex.) que diríamos que é de acesso público... porém eu verifico que há um certo elitismo ou uma privação popular de acesso a alguns ambientes... Ouro Verde é um deles. Que a maioria das festividades, das peças, dos eventos realizados naquele local não são voltados para consumo popular. Embora a gente verifique um movimento crescente para popularizar, tornar acessível os eventos culturais... o Ouro Verde ainda não é o ambiente mais popular de acesso para as pessoas que transitam no calçadão... o Sesc ao contrário já é... por que nele é frequente ter eventos gratuitos ou acesso por troca de quilo de alimento... Aí você vê a marginalização por que o Sesc ele já é de certa forma mais afastado da parte central, tanto que não acredito que muita gente conheça aquele local perto da concha acústica. E ao meu ver é um ponto (Ouro Verde) do calçadão de mais insegurança, menos iluminação etc. (...)

[Mencionei outras manifestações como os protestos em 2018 e 2019 (#Elenao, #mulherescontraofascismo, contra os desmatamento da Amazônia, da educação, etc.) e as manifestações de grupos ligados ao espectro da “direita”/conservadores/reacionários que se encontram em outros espaços da cidade como o entroncamento da JK com a Higienópolis, em frente ao Colégio Vicente Rijo, contrapondo com as pautas das que iniciam no Calçadão]

Basicamente todas as manifestações iniciam-se ali... Eu acho que o local está diretamente ligado à própria ideologia da manifestação, por exemplo, quando a gente fala do calçadão como ponto de encontro/partida, ali vai ser possível que as pessoas que tenham veículo próprio possam estacionar, possam chegar até ali com maior facilidade e segurança, você entende que a maioria das pessoas que vão se encontrar ali, vão vir de transporte público e o calçadão é local mais próximo e mais seguro para transitar do terminal central ao local de encontro... (...) é mais viável. (...) É um tipo de encontro e é um tipo de local mais democrático... para tudo, tanto para as manifestações de viés político, quanto manifestações artísticas etc. Agora quando a gente vê manifestações de viés ideológico fora desse padrão, você sempre, primeiramente, não vê manifestações à pé, você vê carreatas (...) elas sempre congestionam e se iniciam a partir da região central, próximo ao (colégio) Vicente Rijo, àquela igreja (Paróquia Coração de Maria), tanto que nessas manifestações que você citou houve o bloqueio dessa área (...) eu já identifiquei isso... e quase sempre, na verdade eu não me recordo deles terem avançado para o calçadão nesse tipo de manifestação, eu sempre vi que seria da Higienópolis para baixo, mais região Gleba Palhano, Lago (Igaporé) e tal... Quando as manifestações iniciam-se no calçadão, eles pegam todo o calçadão e descem a Higienópolis...

E daí acabam ali (na Higienópolis), não começam...

Até por que, o alvo das mensagens são pessoas desses grupos econômicos e sociais que estão nesse lugar específico.

A respeito das manifestações com pautas identitárias, de serviço público, estudantis... você se identifica com elas?

Sim. Na verdade, toda a minha criação e minha forma de trabalhar é voltada a essas pautas... (...) e por fazer parte desse grupo de pessoas... mais pró-esquerda, defensoras de pautas identitárias...

Você costuma participar dessas manifestações?

Sim.

Outros elementos e aspectos sobre o calçadão

Você se lembra de outros elementos (comportamentos, atitudes, práticas, eventos, tipos de comércio, etc.) que já não existem mais e/ou que não ocorrem há muito tempo? Você tem alguma lembrança nesse sentido?

Teve um período de higienização do calçadão, no qual foram retiradas as barraquinhas de lanche, etc. Mas a última vez eu frequentei o calçadão (em março), eu vi que essas atividades foram retomadas

(barraquinhas, pessoas vendendo seus orgânicos...), vi que teve uma paralisação durante um tempo, devido a essa proibição por parte da prefeitura...

Acredito que nos anos de 2017 e início de 2018 assim, eram mais visíveis apresentações artísticas, depois disso eu notei uma queda.

Muita gente mencionou a questão da existência de muitos quiosques (Chopão, por ex.) por ali... você tem alguma lembrança disso?

Verdade, tinha o Chopão mesmo. Isso foi antes desse processo de higienização... por exemplo, algumas pessoas entendem parte do calçadão ali próximo (em direção) ao Terminal (Quadras 2 e 3)... na parte externa era lotado de máquinas (carrinhos/barraquinhas) de lanche... foi tudo retirado. Dentro do calçadão, tinha esse Chopão que era ali próximo à Marisa... tem aquele ponto de ônibus em frente à Marisa, e nessa parte dessa semi-praça... era o Chopão... as pessoas confraternizavam lá... muita movimentação no centro... Era uma estrutura fixa, o pessoal ficava lá, como se fosse um barzinho, além do Chopão, eu não lembro se tinha outro ali próximo às Lojas Americanas (Quadra 3) e ali próximo da fonte (Quadra 1)... ali também tinha um espaço assim, uma estrutura que era elevada, as pessoas se sentavam, era coberta e tal, onde as pessoas faziam um piquenique... mas foi retirado. Se eu não me engano, a justificativa da época era por que pessoas em situação de rua iriam até lá para procurar abrigo...

Mencionei a crônica da jornalista Camila Mossi e as interdições e impossibilidades de encontros pela retirada desses espaços no calçadão...

A minha visão sobre isso é muito clara... e me retirando do meu lugar de fala... é mais fácil você podar e limitar determinados acessos do que você investir em segurança e condições de uso... principalmente, considerando que o destinatário, ou seja, a pessoa final que faz uso desses lugares tenham (que encontrar os) "populares" (contato com os outros)... elas (as pessoas em situação de rua) teoricamente estariam fazendo uso de forma gratuita daquele local e quem gastaria dinheiro com lazer não gastaria naquele ambiente... (os proprietários, donos, comerciantes...) não teriam nenhum retorno econômico privado... (pelas pessoas em situação de rua estarem ali ou próximas ao local).

O que acha que poderia melhorar no calçadão?

Esses espaços... agora que me remeteu a como era... esses espaços mais populares.. de encontro... contem com infraestrutura para isso... e as questões que eu já falei de infraestrutura... iluminação, arborização, a própria segurança para fazer uso desse local (do calçadão)...

Você costuma frequentar outros espaços públicos na cidade... você mencionou alguns na enquete (a Praça do Aeroporto, o Zerão, etc.) eu gostaria que você falasse sobre eles...

(...) Eu frequento a parte ali do Zerão, onde tem aquela estrutura (Anfiteatro)... e mais para baixo onde tem o gramado que é onde, geralmente, aos fins de semana, tem um grupo de pessoas que vão passear com o cachorro e minha amiga é uma delas, então às vezes eu frequento aquele espaço. (...) Eu também frequento o aterro (do Lago Igapó), próximo ao (shopping) Aurora... diversas vezes... tanto em eventos culturais, onde o pessoal faz encontros de carnaval ou festas específicas e também encontros, onde, geralmente, uma amiga costuma dar aula de Yoga... a parte do aterro mais próxima ao Valentino, acho mais afastado e costuma ter menos gente naquele local e eu fui poucas vezes ali... outro local também é a praça do Aeroporto e a maioria dos eventos que eu vou, carnaval, visualização astronômica... e de todos os lugares que eu mencionei ali é onde me sinto mais segura e confortável, a questão da segurança pela própria segurança do aeroporto e do comércio local e nesses eventos sempre reúnem um bom número de pessoas... (...) (embora) seja um número limitado de pessoas, comparado ao calçadão e ao aterro. Talvez seja esse o ponto da segurança... quanto mais pessoas.... (mais seguro).

Aspectos positivos nesses espaços... o que você poderia apontar...

Aspectos positivos de acesso, primeiro. A praça do aeroporto e o aterro, acho menos acessível. Entendendo acessibilidade via transporte público, de massa... pontos de ônibus tanto na parte do aeroporto, quanto do aterro... são mais distantes do local... comparados ao calçadão, por isso considero menos acessível... (...) O que eu acho mais positivo nesses espaços é o "para quem ele é feito"... se alimentar nesses espaços... ou você leva sua própria alimentação... ou você faz um piquenique... ou comprar de alguma barraquinha que tenha ali... e ali você pode fazer o que decidir fazer porque é um espaço público... pode jogar uma bolinha, passear com o cachorro, uma forma de lazer não precificado... sem que você tenha que pagar para ter... dentre esses... o calçadão e a praça que eu frequento do aeroporto, são mais acessíveis que o aterro pela questão do local... quando você vai procurar alimentação, você vai ter esse acesso mais caro... diferente do preço que você vai pagar na praça do aeroporto, na região do lago é no mínimo o dobro. (...) Não é só o acesso... como vou chegar ao local... é como vou usufruir dali... (...)

E de negativo/desagradável o que pode me contar?

Mais a falta de segurança... As pessoas podem até entender que não há espaços públicos para entretenimento e lazer por que não há demanda... é justamente o contrário... há demanda porém não há segurança para que essa demanda seja correspondida... As pessoas acabam sendo podadas desse uso e desse direito ao lazer. No caso da praça do aeroporto, são espaços para uso quando está sol... quando o tempo está aberto... se há chuva, não tem nenhuma estrutura alternativa que possa permitir que as pessoas façam uso... uma quadra coberta, por exemplo... Até mesmo o calçadão... quando chove... (a alternativa) é você entrar dentro de um comércio, restaurante... não tem nenhuma parte coberta... que seria interessante...

Outros espaços para lazer fora esses que você mencionou.. quais você frequenta...

Cinema... Sesc... que às vezes tem oficinas etc. Bares, *happy-hour*... lugares para dançar... (...)

E frequência?

Umas três vezes ao mês bares... os gratuitos uma ou duas vezes na semana... cinema... uma vez por mês...

Entrevista 2: André, 30 anos, membro do coletivo de skate ("Big Oh") no Zerão

Data: Segunda-feira, 22 de junho de 2020

Eu gostaria que você falasse um pouco sobre você... da sua vivência, do skate... sua idade... queria ouvir um pouco da sua história.

(...) tenho 30 anos, trabalho com arte e com ilustração, também faço grafite... (...). Eu ingressei na arte por volta de... eu comecei a ter alguns trabalhos artísticos... comecei a trabalhar na rua também, pintar na rua por volta de 2009, mais ou menos... Eu falo isso porque (...) quando eu entrei na parte de artes, principalmente a arte de rua, arte urbana do grafite, o movimento que me levou até lá foi o skate, então achei coerente falar isso porque se a gente vai falar do Zerão... (...) o que me direcionou, o que eu estou vivendo hoje é muito o eco lá de trás... Foi o skate que transformou minha vida para me direcionar até onde eu estou hoje, de forma até profissional, né... E como eu levo minha vida, estilo de vida, *hobbie*, ele vem tudo dessa bagagem. Então, o meu contato com o skate, eu comecei um pouco mais tarde... tem cara que começa com 10 anos já tá andando... eu comecei um pouco mais tarde, com uns 15 anos... então foi (por volta de) 2005, eu comecei a andar de skate por causa de alguns amigos e eles andavam e aqui perto da minha casa construíram uma pista de skate que era próxima, então comecei a praticar mais e me dedicar mais ao skate e aí durante essa época comecei a ter contato com a galera que andava e comecei a me envolver mais no rolê para o centro, aonde a gente chega lá até o Zerão, o espaço que fica localizado ali na parte dos fundos, localizado naquela parte de trás, mais perto dos fundos do late Clube e aí tem algumas quadras poliesportivas e nessa época como a gente tinha pouco acesso para andar de skate assim... o skate ele vem da rua né? A gente procurou lugares para se encontrar e virar um point do rolê como se fosse uma pista né... Daí Londrina demorou muito pra conseguir construir uma pista pública... foi essa acho que a primeira pista aqui perto de casa...

Onde é?

Buracão no CSU (Centro Social Urbano)...

Essa pista foi a primeira?

Eu acho que, se não me engano é a primeira pública na cidade de Londrina... fora isso... os skatistas andavam na rua e a cultura do skate sempre foi um pouco deixada de lado... hoje a gente vê um pouco mais de atenção, porque a cultura e os praticantes cresceram bastante né... Aí hoje o poder público dá um pouco de atenção... hoje em dia com esse lance de Olimpíadas a galera começa a ver com a forma mais comercial... começa a atenção...

Mas a gente vem de uma época que tinha pouco acesso... era muito discriminado né... essa atividade... então a galera procurava andar na rua que é a cultura do skate e em alguns lugares assim pra poder se encontrar e praticar ali... E o Zerão foi um deles... ali a gente se encontra... tem 4 quadras esportivas e mais uma de areia... Desde a época dos anos 80... tipo.. se eu não me engano... 89 essa virada de 80 para 90, o pessoal do skate já praticava no zerão e eu tenho alguns registros e a gente tem os registros de campeonatos antigos que foram feitos...

Eu vi no Instagram de vocês algumas coisas e na associação de skate de Londrina me parece que tinham umas coisas bem interessantes mesmo...

O movimento do skate rola assim: é uma comunidade de amizade... onde rola alguns encontros que são os campeonatos e a reunião de skatista pra fazer.... uma competição, mas é uma competição um pouco diferente do que a gente vê hoje assim... de ganhar... porque é quase um encontro, saca?

(...) O campeonato de skate é um encontro para reunir um monte de amigo, se divertir, dar risada, escutar um som e essa cultura do skate ela sempre aconteceu...

Então, antigamente de 80 para 90, já rolavam campeonatos e um espaço eles utilizavam ali pra fazer os campeonatos, colocar as rampas e os obstáculos era ali no Zerão... a gente tem registro de um tempão atrás aí... a galera já usufruindo do Zerão... Eu já venho de uma geração bem mais atual porque eu comecei a andar volta de 2005... então eu já peguei uma outra época... tem toda a geração de 90 que foi uma geração muito forte e é legal falar assim que a cultura do skate em Londrina teve uma importância muito grande a nível nacional... é o skate de Londrina, se eu não me engano, na época de 90, tinha uma força entre os skatistas... tinha muito skatista considerado (importante) que era daqui da cidade... teve uma lançamento de um vídeo... um vídeo que chamava "Dirty Money" que foi um clássico do skate no Brasil... a cultura do skate também tem esse lance de produzir filme... a galera registra vários registros dos caras andando de skate na rua, em pista, fazendo rolê, se divertindo, produz o vídeo e lança... essa cultura também é comum no skate... então o pessoal de São Paulo produziu esse filme em Londrina... grandes campeonatos aconteceram aqui... grandes skatistas tinham aqui na cidade... essa época que Londrina estava numa cena muito boa... com destaque em nível nacional e a primeira associação de skatistas do Brasil saiu aqui de Londrina... foi uma das primeiras associações até então que os gestores dessa associação se tornaram os gestores da CBSK que era a Associação Brasileira de Skate... para você ver o nível de importância de Londrina... só para situar o movimento...

Importante você falar isso... e esses campeonatos de skate... em Londrina eram realizados no Zerão unicamente ou tinham em outros espaços... claro... além da rua... mas um (outro) lugar para reunir a galera... como que é isso?

Os campeonatos nunca foram só no Zerão. Já teve campeonatos que foram realizados dentro do Moringão. Campeonatos geralmente eram feitos em colégio, espaços que tinham uma quadra... chão liso... para colocar obstáculos... existiam campeonatos na rua, em algumas quadras poliesportivas... No Zerão quando você pede uma autorização prévia da prefeitura, você consegue utilizar... e por ser um lugar bacana, arborizado, um clima bem legal, a galera gostava de fazer... Alguns campeonatos clássicos já foram feitos lá.... No decorrer desse tempo, o Zerão, ou "Big Oh" que a gente chama... esse apelido é por causa da forma... uma gíria americana... como a gente apadrinhou aquele espaço.... aquele lugar era uma quadra de vôlei e os skatistas andavam de skate na quadra e ali tinham dois pilares de vôlei... a galera colocava uma rede ali, quando não tinha ninguém jogando vôlei, os skatistas estavam lá, aí se os caras viessem para jogar vôlei... o pessoal ficava andando de skate só em volta... por que a quadra de vôlei é menor, né? Então tinha um espaço no fundo... a galera do skate ficava ali andando até a galera do vôlei sair fora... isso durou por um bom tempo... na época que eu comecei a frequentar mais o Zerão... quando tive carro... ter mais acesso ao centro.... rolou uma união da galera para começar a revitalizar o espaço e nessa diminuiu a frequência do pessoal que jogava vôlei... a gente dominou... os skatistas andavam muito... a gente andava andava andava... a galera do vôlei não vinha mais... Eu não sei exatamente... mas eu acho que em 2008, a gente resolveu fazer um obstáculo fixo na quadra... fora das demarcações da linha de vôlei... no canto, onde não interferia na quadra de vôlei... antes disso existiam obstáculos móveis... palquinho de madeira, corrimão, palquinho de ferro, que arrastava para o meio da quadra, depois colocava no canto... e nessa época a gente fez isso aí, um palquinho pequeno de cimento no canto da quadra... e começamos a andar... e o pessoal do vôlei não vinha... depois disso começamos a fazer mais obstáculos de cimento... fez no canto... tudo fora... por que tinha os canos que fixaram se não tinha gente que roubava ou tirava de lá... a gente acabou serrando... e foi transformando a quadra em um espaço para o skate... a gente pegou, de forma independente, e através de rifas, de campeonatos, festa para arrecadar um pouco de grana... a gente foi construindo os obstáculos e fazendo manutenção da quadra...

De 2008 para frente?

Isso e eu apelidei assim que é a revolução do cimento na quadra... antigamente era só obstáculo móvel... isso foi uma revolução né, cara? Eu era bem mais novo... eu era mais de fora... comecei a colar mais com a galera ali... já eram todos conhecidos... [...] Daí 2009, a gente começou a fazer alguns campeonatos... e nessa parte eu já mexia com arte... em parceria com outro amigo meu... a gente começou a fazer as artes dos campeonatos... dos cartazes... de 2009 para frente, a maioria dos cartazes de arte eu ajudei a fazer ou eu que fiz... então eu tenho registros... tenho fotos... fotografias de amigos andando... e eu comecei a ter uma participação mais artística na "Big Oh!"... tem um amigo meu que, parceiro, amigão, criou o símbolo do "Big Oh" também... ele é designer e ele acabou criando esse símbolo... e a gente precisa passar tinta para o chão da quadra ficar bom... para deixar ele melhor para andar... a tinta ajuda... a gente sempre tenta manter a quadra tampando os buracos por que com o tempo vai rachando, a gente sempre tenta reformar e pintar e quando pinta, faz o símbolo da "Big Oh" no chão... e eu sempre faço um símbolo grande,

pinta, coloca algumas escritas... a gente sempre busca manter a quadra com essa manutenção de forma independente... [...] e mantendo a cultura viva... e tentando sempre arrecadar um dinheiro e colocar a galera que anda lá em contato para poder ajudar a reformar... a fazer alguns eventos e levantar grana para manter... por que é um espaço que a gente usa... e mantém do próprio bolso... não tem nenhum incentivo público ali...

E financiamento coletivo, “Catarse”, “vakinha”?

A gente nunca chegou a fazer isso... a gente geralmente fazia uma rifa, campeonato... que não era coisa muito grande... O que acontece assim... o começo da revolução no concreto na quadra... ela foi feita através de um pessoal que estava muito disposto... teve uns amigos assim que tomaram a frente... e fizeram um *correzão* gigantesco para acontecer tudo... e com o tempo a galera vai ficando mais velha... compromissos... vira pai... e vai deixando essa disposição de lado... então essa galera de 2008... 2009... muitas pessoas abriram mão... e as novas gerações tem que vir tomando a frente para poder continuar... ter essa sequência... e por alguns anos a gente deixou a quadra meio que... não teve uma manutenção legal... a gente não teve uma atenção para ela... isso também por que teve abertura de outras pistas em Londrina... também teve uma pista particular... que ficou ativa por alguns anos... hoje ela não está mais...

Onde era essa pista particular?

Era ali na (avenida) Pará entre a (rua) Brasil e a (avenida) Duque (de Caxias). Era um galpão ali...

(...) E o “Big Oh” precisa de manutenção né? As coisas se deterioram... e agora a gente se deparou com um problema na quadra... está com rachaduras... tem muita coisa para fazer manutenção...

Foi quando ano passado, eu me juntei com alguns amigos que ainda frequentam a quadra para movimentar uma arrecadação de grana para reformar a quadra... uma reforma um pouco grande... sim porque a gente vai precisar fazer um pouco do piso que estava muito feio... muita rachadura, sabe? Então a gente começou a fazer... venda de pizza... então conseguimos arrecadar um pouco de grana, aí para a reforma a gente ia fazer mais outras ações para levantar um pouco mais de grana...

A ideia era a gente estar reformando né? Só que agora com a pandemia a gente cessou todas essas ações... então a gente tem uma grana aí guardada para fazer a próxima reforma, mas a gente ainda vai ter que, quando voltar, a gente puder fazer alguma coisa... vamos ter que arrecadar mais um pouco de grana... e partir para uma próxima reforma...

Quando você fala da “Big Oh” você acha que ela poderia ter surgido em outro lugar ou ela é muito específica do Zerão assim enquanto coletivo... ?

Ela não tinha como surgir em outro lugar não... o espaço que fez um coletivo sabe... Na verdade assim... muitos amigos do skate... eles são do skate independente do lugar... eles se conheceram através do skate... é só que o espaço que fez esse... coletivo né? Até pelo nome... existe a cultura de rua... eu sou grafiteiro também e a cultura de rua tem esse lance de fazer grupos, de fazer comunidades... O grafite mesmo a gente tem esse lance que abraçamos... abraçamos o termo que é *crew*... então no grafite quando você tem alguns amigos em comum... que você gosta de fazer o rolê e tal que se junta e faz... organiza... faz um grupo né... no skate também... a gente usa esse termo então... até por isso que a gente coloca “Big Oh” *crew* que é esse coletivo assim... Mas eu acredito que esse grupo foi feito por causa do espaço... que o espaço que gerou esse grupo... Existem outros grupos em Londrina no skate, mas o “Big Oh” foi por causa dele... (...) Eu acho que sem o espaço não existe esse coletivo. Ele vai ficar só pra história né? Até porque que outras gerações estão vindo e já pegam o espaço com os obstáculos... muitos ali não tem nenhuma noção do que era antes... mas eles fazem parte também da história de hoje né... e a história ali é o espaço... sem aquele espaço de origem não vejo o porquê do “Big Oh” né?

Acho que isso se conecta um pouco justamente por que você também foi se apropriando e isso está relacionado de certa forma com a escolha do espaço do Zerão né? Isso se conecta um pouco, não?

Olha, eu falando por mim assim né? A minha experiência pessoal. Tem vários outros lugares hoje em dia aqui em Londrina às vezes é até melhor assim para andar... condições de chão, em condições até de ser mais perto... mas eu tenho um apelo grande por aquele lugar... por causa do clima... por causa do ambiente... saca? É um lugar que te proporciona outra energia... eu gosto de lá porque quando você vai você desce um buraco, mesmo separado, é muito bem arborizado... então, eu me sinto muito mais conectado com a natureza, um ambiente que é bem mais fresco... você tá dentro da cidade, você está no meio da muvuca toda... mas aquele ambiente te dá uma sensação de mais natural... te tira um pouco do caos da cidade e eu tenho uma conexão muito grande com a natureza... particularmente, gosto bastante. Então quando a gente fala de espaço, aquele lugar ali tem um peso muito positivo... do ambiente... do lugar... Eu acredito que por ser esse espaço onde tem grama, área verde, muita árvore... sabe você está ali, escuta os pássaros... vê família de gambá andando... às vezes tem até umas aranhas assim na quadra... mas eu acho que é uma proposta muito legal... para um pouco com esse lance de cidade... skate

já é um esporte urbano... que tem que dividir espaço com o carro, com fumaça, com buzina, na hora que você vai lá e é um *relax* assim é bem legal...

Você mencionou a questão das dificuldades... num primeiro momento a questão da “disputa” pelo lugar com o pessoal do vôlei e o pessoal ficou ali né... insistindo, esperando a galera sair para praticar o skate... e depois os obstáculos móveis, a manutenção da quadra, depois construir obstáculos etc. Esses foram alguns dos problemas que foram aparecendo... houveram outros tipos de problemas para além dos buracos ou para além do piso... além dessa dessas questões mais materiais... você pode me apontar?

Ah... teve um pouco de divergência com o pessoal do vôlei, mas nem tanto até porque eles nunca reclamaram, mas a gente acabou tomando o espaço deles... e quando a gente criou... começou a fazer os obstáculos fixos ali, a gente nunca teve nenhuma autorização... só que o órgão público quando viu o quanto que a gente se dedicou e cuidou daquele espaço, eles acabaram cedendo porque a gente fez um trabalho bacana ali de restauração, é apropriação por uma coisa melhor sabe... então a gente teve um problema inicial, mas acabaram deixando passar... um problema que a gente tem fora isso... alguns tipos de preconceito mesmo, o lance mais preconceito pelo estilo de vida que a gente leva... o skatista vem daquele... parece que é um incomodo para a sociedade...

Pô... Londrina é uma cidade muito conservadora, então qualquer coisa que a gente tentar, qualquer estilo de vida que você tenta seguir, que confronta isso aí a galera fica um pouco incomodada... então a gente segue né... acaba sofrendo um pouco de preconceito ainda... a gente é taxado de drogado... de vagabundo... essas coisas... tem também a parte de vandalismo, parte de pichação, são essas coisas que a quadra sempre tem... algumas escritas, algumas coisas ali... o que o pessoal olha aí acaba criticando... mas na real, a gente também já foi muito elogiado pelas reformas, pelo cuidado que a gente teve... mas sempre quando a galera quer falar, vai lá e fala que é um bando de drogado... sem contar que alguns abusos policiais... a guarda municipal desceu na quadra ou acabou enquadrado os skatistas, geralmente atrás de droga... porque acusam que os skatistas são drogados... o uso da maconha também é frequente não só na quadra, no Zerão inteiro... quando está rolando uma ronda e a polícia quer pegar... cai pra lá... quer pegar quem estiver com droga e tal e muitas skatistas também não usam... mas não importa né? A gente ainda sofre preconceito deles taxarem...

Um certo estigma né?

Tem bastante.

E por parte das pessoas que frequentam, a galera que caminha, que corre por ali que faz exercício físico, tem algum entrave tem algum problema ou é mais tranquilo, a galera aceita... como que é isso?

Quem frequenta bastante sabe o que é... conhece... tipo assim é lógico que tem um grupo de pessoas... um grupo de skatistas que sempre está cuidando, zelando pelo espaço, mas tem aqueles também que vai lá e suja a quadra sabe... vai lá só para usar droga... tem aquelas pessoas ali que vai só para prática do skate... e aí as pessoas olham e acabam julgando... mas quem está sempre frequentando sabe do corre que a gente faz pelo espaço... então a gente tem uma aceitação muito boa... por exemplo, o pessoal do Sabor&Ar já conhece a gente... a galera que trabalha ali com o Menezes e a Vera, que são os tiozinhos que vendem caldo de cana... sabe um eles ficam em dois pontos, eles conhecem todo mundo ali no skate... até quando a gente vai fazer campeonato, a gente compra energia deles e dá um pouquinho de grana para eles, pega energia deles.... são bem parceiros assim... muita gente ali conhece a gente, sabe do nosso corre... agora quem é meio por fora assim vai só por ir... não conhece muito não... Teve um cara que é um algum justiceiro... um ex-policial e ele foi fazer algumas ações no Zerão... tipo denunciar maconheiro... essas coisas assim... o cara é um extremista... saiu apontando para todo mundo lá... julgando as pessoas... então assim é lógico que tem alguns momentos que aparecem pessoas assim... (...) são pessoas que são extremistas, algumas pessoas assim que julgam... por consumir algum tipo de droga... e quando eu falo droga, geralmente a maioria é maconha mesmo... mas em contrapartida vejo muita gente indo em família... pai levando criança sabe... ali na quadra e as pessoas, os jovens ou a galera do skate sempre conversando e se ajudando sabe... eu consigo ver os dois lados... muita gente apoia nossa causa, o movimento que a gente faz né... mas sempre tem essas pessoas assim que são mais extremistas e preconceituosas... acho que eles não conseguem discernir e diferenciar... principalmente pelo consumo de droga ou pelo estilo, pela música que você escuta ou pelo jeito que você se veste e acaba te julgando...

Você se identifica com a galera que vai no Zerão? Você tem uma identificação ou uma não identificação com as outras pessoas que frequentam ali...

Eu sou bem tranquilo assim nessa questão... até porque o espaço público... esse espaço é frequentado pelos mais variados tipos de pessoas, de pensamentos... eu já venho de uma cultura que eu lido muito

com a rua... com pessoas diferentes, pensamentos, pessoas de várias classes sociais... então pra mim é bem tranquilo... até o skatista tem que saber lidar como outros tipos de pensamento... até porque a gente sempre está invadindo o espaço dos outros assim... a rua... o skate é muito da rua... então a gente tem que saber lidar... saber também respeitar as pessoas... as diferenças... dentro do próprio skate a gente já tem algumas diferenças... de estilos de música... a gente tenta respeitar e pelo menos da minha parte é tranquilo...

Quais dias da semana vocês utilizam aquele espaço?

De modo geral, os skatistas usam todos os dias... Eu não estou andando agora... eu estou evitando por causa da pandemia... mas quando estava tudo normalizado assim pelo menos duas vezes na semana... eu ia depois do meu trabalho... eu trabalhava e ia depois final da tarde... ficava lá até à noite, final de semana também buscava ir pra lá... só que final de semana é muito cheio lá... no sábado e domingo é mais cheio... eu vou de semana então é onde tem mais pessoas andando, mas mesmo assim de semana tem muita molecada mais nova, estudante... uma galera que não trabalha... o pessoal que estuda às vezes no período da manhã ou da tarde vai lá andar... de semana sempre tem... de semana, geralmente é mais de tarde pra noite e final de semana sempre tem muita gente... (...)

É bem diversificado... Tem um pessoal que anda de *bike* e dependendo do estilo, do jeito que a pessoa anda, a bicicleta deteriora muito o espaço ali... os banquinhos, as cantoneiras... então quando tem alguém andando de *bike* lá, a gente orienta... “Oh... não é para andar com as pedaleiras!” para não amassar... porque ela prejudica muito... (...)

No Zerão ocorrem muitas outras atividades... além da galera caminhando fazendo Mahamudra, a galera do Sabor&Ar e tal... só que também nós temos ali a questão do teatro, da concha... onde ocorrem muitos eventos ali... algumas festas, paradas LGBTQI+ e tal... Qual é a relação que você vê, o que você enxerga desses eventos, a percepção que você tem a respeito disso, em relação ao coletivo de vocês, a prática de vocês... são atividades que muitas vezes ocorrem concomitantemente...

Quando tem algum evento, a gente sente o fluxo maior no espaço... você já nota mais pessoas em torno dele... até porque como é um oval, a galera sai caminhando, não vai só para caminhar e correr, você vê pessoas passeando... então quando tem um evento, a gente já sente... até dá pra ouvir um pouco do som lá na quadra... você já sente um fluxo maior de pessoas caminhando... Em relação com a quadra assim quando estava rolando intervenções ali no teatro de sexta-feira, tinha batalha da concha que era a batalha da concha no centro e passou para o anfiteatro... porque a batalha de *freestyle* que o WMC organiza... aí na sexta-feira a gente já sentia que tinha uma galera diferente... por que até na quadra mesmo... a galera ia para quadra e depois para a batalha... a gente notava um fluxo de pessoas, mais pessoas... as pessoas estavam indo pra aproveitar a quadra e o evento...

Nos momentos que você estava presente ou que você ouviu sobre... por que você mencionou pessoas diferentes frequentando... na sua percepção, teve algum problema, algum conflito ou quando há esse aumento de fluxo de pessoas.. houve desentendimento, problemas ou não há problemas, é mais tranquilo... como que é para você isso?

Na quadra, a gente tem um certo respeito, a galera que anda... um cuidado... porque tudo é a gente que tem que fazer: pintar, manutenção... Você acaba tendo esse apego, porque sempre quando a gente tá ali e cria um lixo... ah vai lá tomar um chope no Sabor&Ar, a galera toma um vinho, alguma coisa... tem alguém que sempre está frequentando a quadra e joga o lixo no lixo, dá aquela limpada na quadra... e geralmente quando tem um fluxo maior de pessoas que vêm para outros eventos, têm as pessoas que não limpam, que acabam deixando sujeira na quadra... deixa copo descartável, garrafa... esse eu acho que é o único atrito assim que eu achei chato, que eu já me deparei, não só por causa do movimento no anfiteatro... é lógico se tem um movimento no anfiteatro, tem mais pessoas intencionadas à bebida alcoólica, a festa... então esse pessoal que está mais intencionado para festa, para rolê... às vezes não toma cuidado com a parte de limpeza mesmo...

Quando eu li a notícia sobre vocês no Portal Bonde que dizia que vocês fizeram uma festa no Bar do Japa, achei isso muito interessante... de reunir a galera a galera para ajudar, comprar o convite para festa, para ajudar vocês, etc. Tem a questão da rifa também que você mencionou... Você acha assim que o poder público municipal poderia auxiliar vocês de alguma forma ou você acha que isso se distancia da ideologia ou do que vocês pensam... como você vê isso?

Na real, a gente tem um problema sobre a questão de financiar alguma coisa ali na quadra. Como eu citei a SKL é uma organização que sempre está tentando ter um contato com os órgãos públicos e gerenciar espaços melhores, “skatáveis” na cidade... também é um direito nosso... então a SKL já entrou com vários pedidos de pista, de reforma... me parece vários projetos pela cidade de Londrina... já foi citado a gente fazer melhorias ali na quadra do Zerão, só que a gente se depara com algumas barreiras técnicas que ali

é um espaço que não é feito para ter uma pista de skate sabe... a gente tem um dilema ali porque aquele espaço é feito para inundar... o Zerão é bem baixo e corre um rio ali, um córrego... tem muito fluxo de água na cidade... quando chove demais, aquilo ali alaga... a água passa dos bancos, ela sobe... é quase meio metro, bate na cintura água quando chove demais... é um espaço que a gente tem esse problema, quando vem um período de chuva, alaga... a gente fica com a quadra toda coberta de barro, fica um tempo assim, a gente tem que varrer, limpar a quadra por que fica uma poeira de terra... qualquer alagamento ali a quadra fica toda suja. Isso é um problema muito grande que a gente tem... então a gente já tentou solicitar, o pedido para fazer uma quadra de uma pista aí ou reformas, a gente se depara com essas questões técnicas... então A SKL tentou fazer esse projeto, acabou mudando as verbas que tinha para fazer projetos ali (e transferiu) para outros lugares porque ali seria um lugar impróprio e eles não iriam fazer nada... então, a gente tem essa noção de que os órgãos públicos não vão conseguir fazer alguma coisa e temos que ser independentes para conseguir manter o espaço “skatável”... a única coisa que eles fizeram foi passar a tinta e tamparam os buracos... mas eles fazem um serviço muito ruim... o último buraco que eles tamparam não durou um mês, um cimento bem ruim, passa uma tinta lá que é mais para dar uma mascarada... o governo sempre faz isso em época de eleição... a quadra é a gente que tem que manter, a gente acaba não conseguindo a verba disponível para uma reforma ou uma pista...

Vocês consideram a quadra satisfatória depois de tudo que aconteceu, dessas reformas, do empenho de vocês e tal... vocês acham que hoje é satisfatória ou podia ser melhor ou não atende alguma especificidade da prática?

Muita coisa ali poderia ser melhor. Já teve até alguns empecilhos do tipo arrumar obstáculo, mudar os obstáculos, daí tem uma parte (da galera) que gostou, a parte que não gostou... é até difícil a gente fazer uma transformação na quadra porque tem gente que gosta, tem gente que não... cada reforma a gente tenta mudar alguma coisa e ela é bem mutável, já se transformou várias vezes, em cada reforma ela se transforma um pouco e com certeza dava pra gente ter feito alguma coisa melhor, porque tudo o que foi feito ali foi improvisado. A gente aprendeu muito sobre construção, sobre o que é ser pedreiro porque foram os amigos que não sabiam fazer mesmo... a galera que trabalhava na empresa de engenharia e pediu ajuda para os pedreiros para aprender... teve obstáculo que a gente teve que refazer três vezes pra ficar bom... então tudo ali foi feito muito no improvisado, no teste e várias coisas são mal feitas... porque o skate é meio que *Do it yourself*, você tem que fazer você mesmo... a galera que vai, chega na rua assim é um lugar legal, que dá pra andar de skate, às vezes passa uma massa para tampar os buracos e usa para andar de skate e aí já sabe esse espaço é feito de uma forma irregular, mal feita só que tem pessoas que gostam disso... do mal feito. Galera que caracteriza como “esse é original skate mesmo, tá ligado?” e aí tem aquela galera que vai fazer mais bem feito e tal mas aí tem a que vai falar que não... que o bem feito não é o original... sabe rola essas paradas... com certeza a gente poderia ter umas melhorias muito grandes ali na quadra, mas o que a gente tem, o mal feito que a gente tem é bem satisfatório também, com algumas brigas, algumas discussões, isso não é legal... isso é... tinha que deixar daquele jeito... mas isso é normal né? tipo de cada um... assim agora o que interfere muito pra gente hoje são os buracos que tem no chão e foram abrindo de tanto andar, que eu acho que um problema maior de tudo é que o chão acaba ficando muito áspero e isso dificultou para a gente andar, para cair, acaba se tornando um obstáculo que não é legal...

Eu gostaria que você falasse mais sobre essa importância e relevância da prática de skate no Zerão.

Cara, eu acho que a importância do zerão e ele é o que é porque é um lugar, eu acho que até porque geograficamente ele está localizado no centro... é um espaço onde pessoas de todas as zonas de Londrina vão andar, gente da zona norte e sul, leste, oeste... gente de fora... Pô... tem nego que sai de Ibiporã, para vir andar no Zerão... nego que sai lá de Cambé para vir andar no Zerão... conheço amigos... tem o pessoal do Cincão, Cinco Conjuntos... a galera sai na remada do Cinco Conjuntos para o Zerão andar de skate... anda o dia inteiro e volta na remada (skate)... então tipo é um lugar de conexão, sabe? É um lugar meio de conexão... Eu vou não Zerão andar e encontra amigos de todas as áreas, de todas as regiões e das cidades próximas... Eu acho que essa que é a *vibe* dele... é uma ponte, saca? É um ponto de encontro... é um lugar onde conecta... não sei se porque ele é central também, não sei se é porque ali tem o lance também do anfiteatro, tem lugares onde a galera compra bebida... é um *point* que é no centro né? Onde tudo acontece... (...) Eu acho que é muito importante a gente estar naquele espaço, o skate estar naquele espaço porque como eu falei no decorrer da entrevista, a gente acaba tendo um certo julgamento pelo estilo que a gente leva, pelos preconceitos que a galera acaba taxando os skatistas e tal... de certa forma ali é um lugar da gente mostrar o que é o skate, o que é um skatista, o que é essa cultura... porque quando a gente está na rua andando, a gente só é visto como “olha lá a galera aqui que estraga as calçadas, que estragam as bordas das muretas, a galera que é sem nada pra fazer, os vagabundos, drogados...” e quando a gente está no Zerão e mostra a força que a gente tem, a amizade, o respeito no dia-a-dia ali.. as pessoas têm um outra noção, porque várias vezes eu já cheguei ali em época de reforma e lá de cima você vê tipo um monte de molecada, se ajudando, carregando carriola, tijolo, batendo massa... indo para

lá e pra cá, um ajudando o outro e as pessoas acabam vendo essa realidade, aí passa alguns dias chega lá, lá de cima, olha a quadra pintadinha, novinha, tudo bonito, um monte de gente andando feliz e então acaba sendo um choque, porque elas olham as quadras do lado todas abandonadas e a quadra dos skatistas que são os caras mais taxados de vagabundos... dos estilos ali.. e fala “cara, a molecada não é tudo isso...” é uma forma deles verem também o que a gente faz quando tem campeonato, saber que a gente que organiza... e quando tem uns pais e familiares que descem na quadra para andar ali e interagir, eles também conseguem notar que não é só um bando de sem nada pra fazer, um bando de vagabundo... é um tipo de cultura, um estilo de vida ali que tem pessoas de boa índole... que se usam ou não droga, estão ali... são pessoas... humanos... então eu vejo essa importância, quando a gente só tá na rua, se tem outra visão mas quando eles viram que a gente construiu em cima daquilo... principalmente no Zerão que é onde reúne muitas pessoas de várias classes sociais... a gente consegue transformar um pouco a visão de quem olha por fora...

O que te motiva ainda a continuar com essa prática no Zerão, o que te faz continuar?

Tem a parte física que é o ambiente... natureza... a quadra que a gente vai tem umas grades... umas trepadeiras, umas árvores em volta... quando você andava em volta... um dia a prefeitura foi lá e cortou todas as árvores ficou tudo pelado... as grades ficaram sabe... na verdade, eles cortaram muito das árvores e as trepadeiras para iluminar mais a quadra mas eles tinham pouca luz dentro da quadra e eles cortarem e aquilo ali me deu uma dor no coração porque quando você estava ali parecia que era muito mais confortável, sabe... mais arborizado e acabou me dando até uma *bad*... mas eu acho que um dos fatores é isso pelo lugar, um ambiente mais natural... mais natureza... mais verde e a outra questão para mim é meio que emocional porque foi uma época onde eu comecei a desenvolver muito minha personalidade, tanto artística como espiritual... conheci várias pessoas... teve aquele momento teve uma importância muito grande e quando eu me disponho a fazer um corre para poder ajudar a reformar, fazer campeonato, movimentar uma coisa lá porque eu vejo que muitas pessoas que estavam naquela época, não estão mais hoje... a gente precisa ainda incentivar as gerações seguintes a continuar esse legado, entendeu? Então, o skate tem as pessoas, os skatistas fazendo acontecer e a gente tem que mostrar para a molecada mais nova que tem que dar uma sequência nisso... que essa cultura para ela continuar... porque hoje tem muito acesso... hoje querendo ou não é um pouco mais fácil para moleque ter material, ter acesso de vídeo de skate, de roupa... até um lugar pra andar... só que um tempo atrás antes de eu começar a andar era mais difícil... na minha época era um pouco difícil, agora está um pouco mais fácil mas eles têm que ter também esse valor de conseguir manter a cultura porque se a gente não demonstrar para essa geração agora que a gente tem que fazer por nós... pode ser que aquele espaço ali fique abandonado...

Tem algo que desmotivaria a continuar com a prática no Zerão?

O que me desmotiva é mais a repressão mesmo... a gente teve um problema um tempo atrás que começou a rolar muito assalto na quadra, a galera começou a colar lá para assaltar... então isso aí acaba deixando a gente bem desmotivado. Uma porque quando a gente recorre a polícia, eles tão cagando pra nós né? porque eles não eles meio que ignoram a gente... e não tem uma fiscalização... a guarda municipal mesmo pra ir lá pra cuidar da gente... eles vão reprimir... então eles só estão passando ali de passagem, passa lá... olha torto para gente às vezes enquadra e julga.. mas não tem nenhum policial que fica cuidando pra gente ter uma proteção... então eu acho que isso é o que mais motiva a gente... de não ter uma segurança e você ainda sofrer repressão...

Esses assaltos que aconteceram muitas vezes... foi recorrente isso?

Foi. Teve uma época que a galera estava colando armada na quadra... não só na quadra mas no Zerão... estava tendo vários registros de roubo... teve uma época que eu não sei porque mas estourou muitos registros de roubo...

Você lembra quando foi?

Faz um tempo isso... ainda tem... nunca parou... teve uma época que era recorrente cara... agora eu não consigo te falar assim... foi 2017, 2018, de 2016 para 2018... não lembro... foi mais ou menos isso...

Entrevista 3: Ivan, organizador do Quizomba no Zerão

Data: Quarta-feira, 24 de junho de 2020

Eu pediria para você dizer sua idade, se apresentar, falar do Quizomba e falar como ele se relaciona com a sua trajetória.

(...) Sou professor do Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina (UEL), tenho mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Humanidades pela Universidade Autônoma de Barcelona e tanto no mestrado, como no doutorado, eu trabalho como investigador, com o tema das políticas públicas de cultura ou políticas públicas para as artes, dentro dessa perspectiva, eu fui construindo ao longo da trajetória, algumas dinâmicas que tenham... palavras-chave importantes: a primeira delas é práxis, a ideia do Paulo Freire de que o seu discurso tem que ser a sua prática e sua prática tem que ser o discurso. Não pode ter dicotomia entre aquilo que você fala e aquilo que você pratica. Outro conceito importante é o conceito de transdisciplinaridade... ou melhor de totalidade... de tentar ter uma compreensão mais de totalidade... tentando superar essas barreiras, das fronteiras muito rígidas entre as disciplinas... Um outro ponto importante é o conceito de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão... Como a produção do conhecimento, ou seja, pesquisa se articula com a transmissão de um conhecimento anteriormente reproduzido e sistematizado e como é que tanto a produção do conhecimento, como a socialização do conhecimento se articula com os conhecimentos populares, tradicionais, que não estão na academia... Esses conhecimentos são importantes para mim, entre outras coisas, pela minha própria formação como docente e eu participei da comissão que coordenou a elaboração do estatuto da UEL e esses conceitos passaram a ter uma presença muito forte na minha prática docente. Eu brinco que o Quizomba é o lugar onde eu me sinto mais professor, né? Porque exatamente possibilita você praticar todas essas coisas juntas... às vezes dentro da disciplina normal da graduação, o limite da ementa, do conteúdo da disciplina, carga horária, forma de avaliação, dificulta um diálogo mais incisivo, mais espontâneo, menos formal... e o Quizomba é uma prática de extensão que articula pesquisa... nós já tivemos trabalho de conclusão de curso tendo como objeto o Quizomba... eu mesmo tenho um projeto de política e ação cultural, ligado à universidade, que presta trabalho junto com o Quizomba, então é um foco privilegiado de atenção em relação às políticas públicas de cultura. Eu acho que é um bom exemplo de uma política que é desenvolvida pela sociedade civil em articulação com universidade, em articulação com o poder público já que durante alguns períodos o Quizomba é financiado pelo ProMic, Programa Municipal de Incentivo à Cultura. Ao mesmo tempo o Quizomba me possibilita e me instrumentaliza para dar uma aula no curso de Artes Visuais da UEL que é uma disciplina que chama "Política e Ação Cultural", então Quizomba é meu laboratório prático que me possibilita pensar questões para essa disciplina. Do ponto de vista da extensão, o Quizomba é articulado pelo coletivo Quizomba que é um coletivo de jovens, de várias pessoas que montam um projeto... Então, ele não é vinculado diretamente à UEL no sentido de que é a comunidade da UEL que concebe, faz a curadoria e executam o Quizomba... A universidade dá um suporte através do projeto para que isso aconteça... O Quizomba surge em 2004, 2005... vamos fazer quinze anos agora... como um laboratório de um projeto que tentava formar agentes culturais... Então a ideia do curso que a gente fez era que o aluno deveria ter a ideia e transformar a ideia em projeto, executar o projeto e avaliar o projeto. Dentre as várias ideias que surgiram, uma delas foi criar um ponto de encontro para as pessoas que gostam de samba, que gostam das manifestações afro-brasileiras ligadas ao batuque, ele surge a partir dessa ideia... a gente tinha um contexto que algumas repúblicas faziam festas de samba, a gente tinha uma articulação aí com as escolas de samba do município através do carnaval... Eu pude trabalhar durante quatro anos na Secretaria Municipal de Cultura e uma das minhas atribuições era organizar o carnaval... e a gente tem um conjunto de terreiros de candomblé na cidade... A ideia do Quizomba inicialmente foi aproximar esses três grupos fazendo como se fosse uma roda de samba na casa de amigos, só que que ampliada...

Além dessa questão que você mencionou do Paulo Freire, da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, da relação entre teoria e prática e obviamente isso se conecta muito com o estender esse conhecimento para fora dos muros da universidade... a gente está entendendo então que é um coletivo bem grande... para além das festas que são realizadas... então isso serve como um pensamento e uma atuação também... como uma espécie de laboratório... quando as edições são realizadas desse evento no Zerão... porque são realizadas ali? É um dos espaços mais importante? Como você vê isso?

O Quizomba iniciou-se no terreiro da Usina Cultural que é uma vila cultural do município... foi escolhido esse local porque tinha uma mangueira linda e a gente queria fazer uma coisa bem pé no chão... que fosse bem referência do terreiro de candomblé, da coisa mais, de certa forma, mais rústica... que não fosse uma coisa "gourmetizada" e depois que a gente terminou na usina, a gente ficou com essa ideia na cabeça que a gente devia explorar o máximo possível os espaços abertos, espaços ao ar livre... depois desse trabalho na usina que foi até 2010, a gente teve um período aí que a gente ficou inativo porque eu saí para fazer o doutorado e a Camila Sampaio que era a estudante que fazia estágio e era responsável pela coordenação do Quizomba também mudou-se da cidade... então nós ficamos um período aí até 2013 sem atividade do Quizomba... Quando eu retornei do doutorado, nós tivemos um fato muito triste, muito trágico que foi a morte da Dona Vilma, da Ya Mokumby e quando eu voltei do doutorado em 2011, 2012 a gente já começou a discutir a possibilidade de retomar o Quizomba... mas a morte da Dona Vilma acelerou esse processo e aí a gente constitui um coletivo na época... eu acho que eram treze pessoas que já tinham participado da

primeira fase do Quizomba e coincidiu também com a criação de uma outra vila cultural, chamava Kinoarte, estava alugando uma chácara perto da UEL... e aí juntou a fome com a vontade de comer... juntou possibilidade do espaço que a gente não tivesse que pagar aluguel, que fosse ao ar livre e a possibilidade de uma parceria do Quizomba com a vila cultural assim como foi na primeira fase... a gente ficou mais um ano lá na Kinoarte e em alguns momentos a gente teve que tomar uma decisão de ir para espaços públicos, não fechados... Por exemplo, nós tivemos ameaças de alguns órgãos e a Kinoarte foi ameaçada, então teve edição que a gente fez questão de fazer, por exemplo, no aterro (do Lago Igapó)... teve edições que a gente pegou todo o restinho do dinheiro que a gente tem e fez no Zerão... uma forma de dar um presente para a cidade... fazer no Zerão é uma forma do Quizomba colaborar com a implantação de políticas públicas de cultura que sejam tão instigantes que sejam não-alienantes que são uma alternativa de lazer, onde possa ir toda a família... que a gente tem desde atividades para bebê até atividade pra idosos... tem gente do rock, tem gente do rap, hip-hop... O Quizomba consegue aglutinar uma diversidade muito grande de grupos de pessoas e você não tem uma história de mobilização, de coisa meio *underground*... Me lembro quando eu me mudei para Londrina em 1991 e a gente saía do Valentino e descia para o Zerão... para tomar um vinho, para tocar um violão e ficávamos lá até às 7:00 da manhã, até clarear... a gente fez várias vezes... várias gerações de Londrina passaram pelo Zerão, um espaço público de lazer no centro da cidade, um espaço verde, espaço bonito... e que infelizmente não tem tido o cuidado necessário, ele poderia ser potencializado como área de lazer... nós temos uma área ali debaixo do anfiteatro que é um mini anfiteatro subterrâneo... com banheiros que poderiam ser reforçados, reformados... O Zerão nos atrai porque já tem uma história de políticas gratuitas, quantos shows a gente fez... eu ajudei a organizar os 60 anos de Londrina... a gente trouxe Arrigo Barnabé, trouxe muitos músicos extremamente importantes de graça... festival de música, fez o FILO... então já tem uma tradição... a gente optou por trabalhar ao lado de trás concha que é aquela parte onde tem os campos de futebol, aquele gramado que é exatamente para as pessoas poderem colocar um pano, poder sentar... como se fosse um grande piquenique... e você tem um palco à disposição com a programação do ponto de vista artístico muito bem escolhido, muito bem preparada... Agora nós estamos com uma outra perspectiva que tivemos no ano passado... o Quizomba itinerante... a ideia era levar o Quizomba para os segmentos que gostariam de se apropriar do projeto, de vivenciar o projeto mas que nunca tinham visto falar, então a gente fez edições no Cafezal, a gente fez edições no Maria Cecília, na universidade, na zona Oeste e o último foi no Zerão... exatamente por essa tradição da gente tentar fazer as edições de aniversário do Quizomba no Zerão e foi o que aconteceu ano passado... a gente conseguiu fazer uma festa grande, trouxemos a Mãe Beth de Oxum que é uma liderança religiosa, artística, da área da comunicação muito importante... uma militante do movimento negro, do movimento feminista e a gente levou 2000 pessoas para o Zerão... conseguimos fazer um evento bem legal... a escolha do Zerão é por isso pelo seu significado histórico, pelas suas condições técnicas... elas possibilitam a gente puxar eletricidade com segurança, possibilita a gente colocar banheiros de uma forma interessante, facilita o acesso das pessoas porque é um ponto central na cidade com bastante opções de transporte público... tem uma galera da UEL que mora naquela região também consegue ir à pé para o Zerão... É um espaço que a gente tem que valorizar, um espaço público de lazer com a natureza e quanto mais puder ocupar o espaço público para re-exercer a cidadania... porque a gente tem sido individualizado muito, buscado dentro de casa... e o Zerão é essa possibilidade de criar uma ágora, de criar um espaço de inter-relação entre os diferentes...

Então eu estou entendendo que ele congrega diversos movimentos... não só, vamos dizer assim, as pautas e lutas do movimento negro, movimento preto... mas uma perspectiva feminista, uma perspectiva LGBTQ+, uma perspectiva política como um todo... no sentido de reunião da galera... No Quizomba é essa perspectiva que você enxerga... de encontro mesmo entre os diferentes etc.?
Totalmente. A gente tem várias publicações em que a gente coloca isso... tem um livro sobre a Dona Vilma que é um texto que a gente coloca isso de forma bastante incisiva... O Quizomba tem caráter político, ele não é apenas uma festa... tem o caráter de combater inicialmente a invisibilização das manifestações tradicionais... e as pessoas não sabem que o samba vem do terreiro de candomblé... ele tinha uma pegada muito forte da questão do combate à discriminação étnico-racial e a Dona Vilma era uma militante do movimento negro... Dona Vilma foi a primeira pessoa que a gente conversou... O Braguinha, Joaquim Braga que foi o primeiro proponente do ProMic que é totalmente inserido no movimento negro... Nós participamos do processo de instauração das cotas na UEL, eu estava na administração da UEL, na gestão da professora Ligia Pupatto, quando foi introduzido as cotas... nós participamos de efetivamente várias discussões da cidade... e o Quizomba surge no mesmo ano da implantação do sistema de cotas que vai fazer 15 anos ano que vem também... então a gente surge meio como um braço cultural dessa perspectiva política e aí dona Vilma inclusive falava que às vezes a gente não tinha dimensão da importância política do Quizomba, que a gente conseguia fazer política com o corpo antes de falar da teoria, antes de refletir sobre a teoria, as pessoas já iam entrando no clima através da dança, através do corpo, através das manifestações culturais... o processo meio que de sedução que levasse às pessoas a refletir sobre essas questões étnico-raciais... Como ele é também um estágio, um bloco de formação de agentes culturais, o

coletivo varia de época para época, dependendo da sua composição. A partir de um determinado momento nós tivemos uma influência muito grande de meninas, de mulheres no coletivo Quizomba e mulheres engajadas na luta feminista... então Quizomba ampliou seu leque do trabalho voltado para as questões étnico-raciais para trabalhar também com a questão do feminismo e hoje a gente brinca que o Quizomba é uma ode à diversidade, um canto à diversidade... a possibilidade de um convívio prazeroso entre as diferenças... então hoje a gente brinca que a linha do quizomba é tentar construir uma sociedade onde não haja nenhuma forma de exploração econômica, nenhuma forma de dominação ideológica e nenhuma forma de discriminação por orientação sexual, por questões de gênero ou por questões religiosas e a gente tenta falar isso dentro da linguagem do Quizomba. Por exemplo, a gente o ano retrasado trouxe um grupo de mulheres, um grupo de samba só de mulheres feministas de São Paulo, então a gente mescla uma certa suavidade, uma certa maneira que seja potente mas que não seja aquele discurso panfletário... aquele discurso que sobe em cima do tamborete... a gente tenta pegar por outras partes também, então eu penso que é isso tudo... um coletivo que defende isso e pensa arte e a cultura não desassociada da sociedade mas como uma das formas de pensar a realidade e de agir sobre a realidade visando transformá-la em um contexto em que as pessoas possam viver dignamente.

Vocês já sofreram represálias, de mídia, de alguns governos de alguns sujeitos? Como é isso... quando da realização no Zerão ou em outros espaços também...

A gente ficou sabendo que tem muita gente que gosta do Quizomba... porque 15 anos, a gente formou muitos fãs... tem gente esparramada por muito lugar da cidade também e a gente recebe informações... uma das informações que a gente teve era que ia ter uma batida em um domingo que estava marcado Quizomba e que nessa batida haveria a tropa de choque... uma coisa meio pesada e depois nós ficamos sabendo em uma reunião com a promotoria que houve uma denúncia de uma pessoa que falou que encontrou... que tinha sentido o cheiro de alguém fumando maconha dentro do Quizomba e a gente argumentou que era uma chácara muito grande, um espaço muito grande e que a gente por mais que avisasse o tempo todo, porque desde a usina cultural que a gente faz essa campanha... que as pessoas não fumem dentro do Quizomba por uma questão lógica que é uma vila cultural, essa vila cultural é financiada com recurso público, então quem vai ser penalizado sobre o processo seria a vila cultural não um indivíduo que está fumando... a gente falava “olha, quer transgredir? pode sair do portão, vai lá na rua... e transgrida na rua...” mas mesmo com essa orientação, é praticamente impossível a gente garantir que ninguém iria fumar... Isso chegou na Kinoarte de uma maneira muito pesada e a Kinoarte ficou receosa e com razão de sofrer algum processo de ruptura de contrato com a prefeitura... então nós tínhamos avisado a Kinoarte que nós não iríamos fazer aquela edição do Quizomba, naquele dia, na Kinoarte... e a gente conseguiu uma coisa espantosa, uma autorização da prefeitura em 15 minutos para pode realizar, através da intervenção da reitoria da universidade, a gente conseguiu de sexta para sábado, alterar o local na cidade e a gente fez ali no Aterro (do Lago Igapó)... a gente já teve ameaças, quando a gente se posicionou contra o golpe... em defesa da universidade, eu já fui fisicamente ameaçado de pessoas pegarem no meu braço e dizerem “se vocês continuarem falando isso que você estão falando, tomem cuidado... algo muito ruim pode acontecer com vocês...” então teve esse tipo de intimidação... tem algumas críticas também... tinha uma pichação no muro em frente à Kinoarte que falava: “Quizomba para quem?” mas isso não é uma ameaça... a gente acha que é muito mais uma possibilidade de refletir do que ameaça... mas a gente já teve várias ameaças também... algumas mais veladas e algumas mais explícitas... porque a gente trabalha com movimento negro, a gente trabalha com movimento LGBT, a gente trabalha com movimentos feministas, a gente trabalha com os movimentos sociais... e qualquer perspectiva de criticar o *status quo* sofre represália... mas é isso... a gente entrou nisso para enfrentar, se fosse para não enfrentar as contradições que a realidade coloca, não faria sentido ter um Quizomba... inclusive por esse nome...

Essa questão do evento ser organizado, no primeiro momento, em locais mais fechados, locais privados e depois a realização em espaços abertos, espaços públicos... como você vê isso... qual é o tipo de resposta... qual é o tipo de objetivo... o que muda nessa questão...

Eu prefiro sempre espaço aberto, sempre espaço aberto... público, gratuito inclusive na Kinoarte a gente chegou a propor isso... de abrir os portões, não ter bar, cada um leva seu lanche, leva o que você quiser tomar... o problema é que a gente depende de montar uma infraestrutura que gasta... por exemplo o equipamento de som... não dá para ter uma atividade cultural com as características do Quizomba sem um bom equipamento de som... a gente já não paga... apesar do cachê do Quizomba ser um dos maiores cachês da cidade para os artistas em um domingo à tarde... e todo mundo reconhece que é um dos melhores da cidade, a gente acha que ele é alguém do valor das pessoas que se apresentam no Quizomba... mas nós temos... cachê, pagar cachê, tem que pagar segurança, tem que pagar bombeiro, tem que pagar equipamentos de som, tem que pagar tem uma série de despesas fixas e tem um pessoal que trabalha também... tem que comer... então o que nos levou num primeiro momento no espaço fechado era um trabalho com as vilas culturais... essa é a primeira ideia... como é que um projeto da UEL pode

interagir com as vilas culturais no sentido de intercambiar reflexões, soluções... e como é que a gente poderia pensar as vilas enquanto objeto de pesquisa pública de pesquisa sobre política pública... depois que a gente se afastou da UEL porque aí ganhou uma outra gestão e a gente tem muita dificuldade de trabalhar com essa nova gestão da UEL, a gente tinha necessidade de cobrar mesmo que fosse R\$ 3, R\$ 4 para cobrir os gastos mínimos do Quizomba... Na Kinoarte, a gente teve uma facilidade porque a gente conseguiu um ano ter o financiamento do ProMIC e no outro ano a gente tentou ProMIC e não foi aprovado... a hipótese mais provável da não aprovação é porque entendeu-se que o Quizomba tinha uma autonomia e conseguia através do pagamento de ingressos do seu público se manter... mas durante um ano a gente teve o ProMIC e teve a portaria, isso possibilitou a gente constituir um caixa, um fundo e nos permitia, em alguns momentos, ir para o espaço público sem ter que cobrar ingresso... então a gente testou isso e tem a ver também com outro projeto que aconteceu na UEL chamado festival Peroba Rosa, o festival era um grupo muito próximo do Quizomba e eles faziam uma crítica... parece que teve um evento ligado à universidade lá na Sociedade Rural, em que o pessoal dividiu espaço VIP e o espaço para a galera e houve uma crítica muito grande a isso... eles propuseram o Peroba Rosa exatamente nessa perspectiva de usar os espaços públicos da cidade, de ocupar os espaços públicos... Em um determinado momento do Quizomba, a gente principalmente a partir daquela frase... "Quizomba para quem?... a gente queria sair um pouco da zona de conforto daquela coisa da Kinoarte... a Kinoarte é muito agradável, muito fácil de fazer para gente com o tempo... aí a gente resolveu... adotar um desafio... vamos ver como é que funciona... A primeira edição a gente estava morrendo de medo porque a gente não sabia como seria no Maria Cecília... nas franjas do Maria Cecília... na periferia do Maria Cecília... na zona norte... uma praça que chama Angelo Kretã, em homenagem ao cacique Kaingang importante... e nós não sabíamos se o público do Quizomba iria se deslocar do centro até lá e a gente não sabia se a população da região iria abraçar o projeto... tanto é que a gente foi um mês antes, conversamos com o pessoal da vizinhança, fizemos contato, fomos nas escolas... (contatamos) lideranças e no final foi lindo... porque a gente conseguiu levar um ônibus de pessoas da terra indígena, Apucarânia... do grupo de dança Nen-Gá... então misturou os indígenas, a população local com o público tradicional do Quizomba e foi uma grande festa. A gente viu que dava certo, que era importante jogar foco sobre espaços públicos, verdes, importantes da cidade que muita gente não conhece... no Angelo Kretã tem perobas centenárias, tem bosque maravilhoso, tem um gramado enorme e são espaços muito pouco utilizados e ao mesmo tempo tentar articular com o serviço público para que ele pudesse fazer uma transformação efetiva daqueles espaços em locais de lazer... então o Quizomba itinerante foi um pouco isso... a gente mapear locais, realizar e articular com o poder público... o Zerão é tentar conseguir mantê-lo como um espaço privilegiado de lazer público, com a possibilidade de uma programação cultural interessante e que possa agregar todo mundo, todas as tribos... a gente nunca teve uma briga no Quizomba, a gente nunca teve informação de ter um empurra-empurra em 15 anos... isso mostra que que é possível você ter um lazer interessante, instigante, divertido, prazeroso com várias pessoas diferentes... isso é importante para pensar a questão urbana, do planejamento urbano na cidade, de pensar espaços como esse, de garantir o mínimo de infraestrutura para que a população possa interagir socialmente, possa trocar nesses espaços públicos.

O que te motiva e te desmotiva a continuar realizando os eventos no Zerão e em outros espaços da cidade?

Tem uma coisa meio egoísta quer é dar prazer em fazer. Quando você vê aquela quantidade de pessoas se divertindo e você pensa que seu dedo está ali... que parte de você, do que você dedicou está ali... é muito grande porque eu acho que a questão da celebração da vida, da felicidade é o sentido da existência... meu sentido da existência é a gente ser feliz, a gente celebrar a vida... Quando a gente consegue, nesse mundo injusto, nesse mundo alienado, nesse mundo preconceituoso e de disseminação de ódio... criar alternativas que você leva 1000, 1500, 2000 pessoas para o mesmo espaço e essas pessoas durante 8 horas convivem e saem de lá com a vontade de comer o mundo com colherinha, isso do ponto de vista pessoal, do ponto de vista subjetivo, é muito importante. Segundo, é um compromisso político... como é que a gente pode construir um mundo melhor e como é que eu posso construir esse mundo melhor na minha área de atuação que é as políticas culturais, arte e cultura... Eu acho que cada um tem uma obrigação cidadã de construir um mundo que tenha como perspectiva o bem-comum e não o privilégio de uns em detrimento, do sofrimento de outros... então o que me leva também a uma dimensão política... a terceira coisa é a possibilidade do trabalho coletivo... me encanta muito o enriquecimento que traz processo coletivo, de discussão, reflexão... Eu aprendo muito, eu aprendo muito com o coletivo do Quizomba, com o pessoal mais novo... que eu sou o mais antigo do Quizomba... a maioria da galera tá aí na faixa dos 26, 27 e 28 anos e alguns mais novos... então essa possibilidade de diálogo, de construção coletiva, de resultado é muito interessante porque a gente nunca votou no Quizomba no coletivo... nunca teve uma posição assim... vou botar a maioria contra a minoria... a gente se dá o direito de convencer e ser convencido... de um diálogo muito honesto, espontâneo entre nós e a gente sempre constrói consensos, a gente sempre conseguiu construir consensos... então no mundo onde as pessoas não dialogam ou não conseguem se dar o direito de ouvir o outro e pensar sobre o que o outro está falando, o

Quizomba torna-se um espaço muito privilegiado de construção coletiva, então basicamente são essas três questões que me levam a privilegiar... pensar e executar políticas públicas em espaços da cidade... espaços públicos da cidade... de maneira gratuita com uma programação que não seja alienante, pelo contrário uma programação que seja do ponto de vista artístico de grande qualidade e do ponto de vista político de grande impacto.

Há algo que te desmotiva?

Não. Eu acho que tem coisas que dificultam... a burocracia, algumas morosidades... por exemplo, no último Quizomba no Zerão, os postes públicos da cidade estavam todos apagados... Nós pedimos à prefeitura para verificar... quando nós fazemos o pedido de autorização que é uma burocracia.. e você tem um monte de documento que você tem que pedir para ter autorização de fazer tudo, da maneira certinha... a gente pede que seja feita uma limpeza no espaço que se verifiquem as questões de iluminação... e de repente, os postes que eram para ligar automaticamente às 6:00 da tarde não acenderam e você imagina o que é ter 2000 pessoas num espaço, sem segurança da guarda municipal e da polícia militar, só com a segurança privada do evento ter que trabalhar no escuro... uma questão de segurança mesmo... tem criança correndo... essa falta de sensibilidade, de agilidade do poder público em garantir que esses espaços estejam em condição de receber evento me desgasta um pouco... porque é uma perda de tempo e energia que nós não devíamos fazer... isso já teria que estar lá pronto... isso é estrutura urbana... que não pode depender de nenhum evento para as pessoas... tem que acontecer sempre... Agora os desafios também são motivações... quando a gente fica com sangue no zóio e eles tentam barrar a possibilidade da gente fazer as coisas, a gente sempre fala: "Aqueles que atravancam o meu caminho, eles passarão eu passarinho..."

Entrevista 4: Leonardo, 22 anos, frequentador do Zerão

Data: Segunda, 9 de agosto de 2021

Nicolas – Bom dia, Leonardo... eu queria que você se apresentasse, falasse sua idade, sua escolaridade, sua profissão, onde você mora, se você mora em Londrina, etc. Queria que você falasse sobre isso um pouco.

Leonardo – Bom, eu sou o Leonardo, tenho 22 anos, tenho ensino médio completo, sou estudante da graduação em Arquitetura e Urbanismo, eu moro no fim da (Rua) Bélgica né... perto da (Avenida) 10 de dezembro com a PR-445 (Bairro Inglaterra – Zona Sul da cidade).

Nicolas – Mora em casa ou apartamento?

Leonardo – Casa.

E você é de Londrina mesmo?

Leonardo – Sim.

Nicolas – Quantas vezes você vai para o Zerão por semana... ou você ia... com essa questão da pandemia, está tudo meio incerto...

Leonardo – Uma vez por semana, normalmente. De ir mesmo para ficar lá.

Nicolas – Você usa qual meio de transporte para chegar lá?

Leonardo – Bicicleta.

Nicolas – E você vai para fazer o que lá no Zerão?

Leonardo – Me exercitar e socializar também. Eu participo do grupo de Parkour lá... A gente se encontra todo sábado.

Nicolas – Que legal... então você vai no sábado... Eu tinha visto algumas imagens no instagram do grupo e é bem interessante por que eu não conhecia... Interessante ver as práticas de vários coletivos e grupos no Zerão...

Leonardo – É... e o Zerão é muito diverso... tem desde Yoga até a galera da dança, nossa... tem várias vertentes diferentes... de exercício físico, prática sociais lá... tudo converge no mesmo lugar...

Nicolas – Você faz outras atividades lá no Zerão?

Leonardo – Não. (Mas) quando a gente vai lá fazer o esporte, a gente acaba conversando um monte, com a galera do grupo...acaba sendo um evento social também, além do esporte e do físico...

Nicolas – E você costuma frequentar ali o Sabor&Ar que é próximo?

Leonardo – Não... nem conheço na verdade.

Nicolas – É um espaço gastronômico... São os contêineres que ficam por ali...

Leonardo – Ah sim. Mas não frequento.

Nicolas – Você usa outros locais ali do centro para fazer atividade física?

Leonardo – Ah... uso o Lago para correr e andar de bike e às vezes nosso grupo acaba escolhendo outras praças para fazer as atividades... Praça do Japão, Praça da Juventude também e acaba mudando dependendo do dia.

Nicolas – Quais elementos do Zerão você considera agradáveis/positivos e você poderia me apontar.

Leonardo – Nossa... acho que a vegetação e a visibilidade... como aquela parte do meio é mais baixa e a maior atividade fica na margem com a galera correndo e tal... então acaba tendo bastante visibilidade aquela parte de baixo, então dá uma segurança também... além do equipamentos também e a possibilidade de ser e de fazer coisas e criar talvez uma apropriação do local...

Nicolas – E pontos negativos/desagradáveis que você poderia me apontar.

Leonardo – Talvez a falta de iluminação na parte de baixo, à noite... às vezes a falta de um investimento público ali pois os equipamentos acabam se deteriorando e daí não tem uma manutenção... deixa eu ver... acho que só... Eu vou pensando conforme eu ache mais alguma coisa eu falo.

Nicolas – Você se sente seguro no Zerão?

Leonardo – Acho que sim.

Nicolas – Você mencionou a questão da segurança... então de certa forma você o considera um local seguro...é isso?

Ricardo – Isso... Só a noite que acaba diminuindo o movimento... a questão da iluminação na parte de baixo que acaba dando uma complicada... Ainda assim... eu acho seguro. Porque já frequentei lá de noite... às vezes... mas sempre acompanhado... sozinho pode ser uma outra história.

Nicolas – Existem mais alguns elementos que tocam nessa questão da segurança e você gostaria de mencionar?

Leonardo – Acho que a presença da guarda municipal que volta-e-meia eles estão lá e aumenta a sensação de segurança. E o movimento, né? Bastante gente lá... (aumenta a sensação de segurança)...

Nicolas – E você acha que é uma presença (da guarda municipal) ostensiva? Você acha que eles estão lá, às vezes...?

Leonardo – É frequente. Às vezes eles estão lá... Eles ficam nas margens ali...

Nicolas – Você já foi assaltado/furtado no Zerão?

Leonardo – Não.

Nicolas – Você já ficou sabendo de assalto, furto... lá no Zerão?

Leonardo – Já mas não era no Zerão em si. Era naquela parte dos cisnes, gansos... que é do lado do Zerão basicamente...

Nicolas – Parte dos cisnes?

Leonardo – Tem o late Clube, ao lado (Margens do Lago Igapó...)

Nicolas – Você já deu alguns detalhes de como você se sente seguro com a presença da Guarda Municipal... existe algum outro ponto sobre a segurança que você gostaria de falar?

Leonardo – Acho que não... Ah... talvez a própria área gourmet ali que você tinha falado... ela traz uma vivacidade para o local... mesmo à noite, eles permanecem abertos com movimento ali...acho que aumenta essa sensação de segurança.

Nicolas – Você falou que vai com grupo de amigos... além dessas pessoas, você socializa com outras pessoas que estão utilizando o local?

Leonardo – Geralmente a gente acaba conversando com uma ou outra... aquelas interações básicas... às vezes uma pessoa vem praticar com a gente... a gente chama... Tem esse tipo de interação...

Nicolas – Quando você está lá praticando o Parkour... existe algum comportamento ou prática de pessoas que estão lá no local que você considera agradável e/ou desagradável?

Leonardo – Desagradável é sempre aquela pessoa que acaba invadindo o espaço dos outros, não acaba respeitando o espaço mínimo... Sei lá... que acha que pode pegar a pista de caminhada inteira para ela... Esse tipo de coisa... Ou levar os cachorros e ficar atrapalhando... não pegar a sujeira do cachorro... e lá tem esse grupo de pessoas que levam os cachorros e tal. A prática agradável talvez seria a permanência e a aceitação de todo mundo fazer o que quiser lá e não ter problema nenhum... Ninguém julgar os outros pelo que estão fazendo.

Nicolas – Eu gostaria que você comentasse um pouco sobre outros eventos que acontecem no Zerão... se você tem conhecimento sobre outros eventos que acontecem no Zerão...

Leonardo – Eventos? Em que sentido?

Nicolas – Eventos como o Quizomba, por exemplo. Atividades da parada LGBTQ... apresentações artísticas, peças de teatro, etc.

Leonardo – Acho importante que eles aconteçam no Zerão... para dar maior visibilidade, mostrar que aquilo lá é um ambiente cultural e de importância para a cidade. E democracia, né? (...) A gente também tem noite do rap e tem eventos cristãos... e volta-e-meia tem gente pregando... Acho importante que esses eventos aconteçam...

Nicolas – Você mencionou a questão da pregação... acha que em algum aspecto isso atrapalha... as suas atividades?

Leonardo – Acho que não tem problema nenhum, em partes... porque tem vários grupos religiosos lá... há alguns grupos de religiões da Ásia... que praticam lá... mas a gente tem problemas com os evangélicos que eles acabam toda hora abordando a gente para querer rezar... querer converter... sei lá... A gente está lá só praticando nosso esporte e acaba sendo chato... Eles fazem um evento, pegam uma 100 pessoas, ficam abordando todo mundo que tá passando no Zerão, entregando livrinho... Então, isso eu acho que é uma atividade conflitante dentro do Zerão...

Nicolas – Você acha que essas pessoas que estão pregando o evangelho... deveriam estar em outro locais?

Leonardo – Elas não deveriam ficar abordando todo mundo na rua... se a pessoa quer descobrir onde é... ela vai atrás... não elas irem atrás da gente...

Nicolas – Você acha que isso faz com que você se afaste deles?

Leonardo – Com certeza. Faz com a gente tenha uma visão preconceituosa deles... como um grupo “os chatos” (risos)...

Nicolas – Você frequenta o Zerão há quanto tempo mais ou menos?

Leonardo – Desde 2015/2016 talvez...

Nicolas – Você poderia apontar alguma mudança que houve no Zerão durante esse tempo que você tem frequentado...

Leonardo – Acho que a galera ficou muito mais organizada agora... Tem muito mais grupos do que antigamente tinha... A parte daquele local de Gastronomia lá também aumentou bastante a vivacidade do local... acho que ajudou... foi uma boa mudança que teve lá... A apropriação dos grupos... O povo do skate... apesar que antes tinha um grupo de skate... acho que agora eles não são mais um grupo... eles faziam campeonatos lá... eles que construíram a pista... acho que foram eles que fizeram... não ouvi mais falar deles... O povo do skate continua construindo a pista de skate deles lá... e agora nosso grupo do Parkour também... a prefeitura doou uma parte do Zerão para fazermos nossa pista de obstáculos... Então a prefeitura também está vendo que está tendo essa apropriação...apesar que teve que pressionar bastante e ainda assim eles não investem... a gente que tem que fazer as coisas... fazer as obras, juntar dinheiro... mas eu vejo isso... tem bastante grupos, vai formando esses grupos e eles vão se consolidando com o tempo...

Nicolas – E você presenciou alguma reforma no Zerão que você queira pontuar... o que você achou?

Leonardo – Eles pintaram o Zerão inteiro com umas cores feias (risos)... um monte de cor feia que só piorou as coisas... eles pintaram nossos pneus... o que dificultou porque diminuiu a aderência com a tinta que eles usaram... eu achei que foi uma merda de uma reforma que eles fizeram... e eles reformaram o parquinho das crianças... tinha um monte de brinquedo de madeira e eles botaram brinquedo de ferro... achei que foi uma boa coisa...

Nicolas – O que você acha que poderia melhorar no Zerão?

Leonardo – Nossa... difícil, hein?

Nicolas – Levando em conta as diferentes atividades e os diferentes locais que existem ali...

Leonardo – Ah... talvez o auxílio da prefeitura para esses grupos... que esses grupos tem algumas reivindicações em questão de estrutura, de quadra, etc. que a prefeitura poderia dar um apoio aí que eles acabam não dando.

Nicolas – Você falou que vai a outras praças e tal... então você costuma frequentar outros espaços públicos da cidade...

Leonardo – Só que com pouca frequência daí...

Nicolas – Além do Lago também teria mais alguns?

Leonardo – Para prática de esporte mesmo?

Nicolas – De maneira geral...

Leonardo – A UEL... eu estudo lá mas na pandemia eu vou lá para andar de bike... passo lá... Acho que o calçadão também... todos como passagem... acabo não permanecendo muito lá porque como estou sozinho de bike não tem muito o porquê de eu parar...

Nicolas – Você poderia apontar alguns elementos positivos? Você mencionou a questão da passagem... então são espaços que você utiliza para chegar em outros...

Leonardo – Não necessariamente eu uso para chegar em outros espaços, eu uso para passar lá mesmo com um roteiro talvez... roteiro de caminho, de bike... como visita... acabo olhando as coisas, as construções... vegetação...

Nicolas – Ali no calçadão existe alguma coisa que você acha positiva?

Leonardo – Acho que sim... como é uma área só para pedestres e tem aquela questão residencial em volta... tem esse uso pelos moradores que eu acho legal... além da ambiência... tem umas árvores e a beleza histórica...

Nicolas – E aspectos negativos... do calçadão... já que estamos falando nele...

Leonardo – Às vezes ele fica muito vazio... e que ele tá proibido bike e eu não entendo o porquê... mas enfim...

Nicolas – Existem algumas placas de proibição ali mesmo... quando você estava utilizando bike... você já foi parado...?

Leonardo – Não... dá para andar de boas lá... mas eu também nunca fui em momentos de pico... sempre vou de final de semana... ou de noite... não tem quase ninguém ou pouca gente... então não tem esse problema... não sei como é no dia de semana...

Nicolas – Você frequenta outros espaços de lazer na cidade...shoppings, por exemplo...

Leonardo – Não... eu visitava para almoçar só... Só que como agora mudei de lugar de estágio... não faço mais essa atividade...

Nicolas – Eu gostaria que você contasse um pouco da sua história com o coletivo de Parkour...

Leonardo – Eu entrei na pira do Parkour... vendo os vídeos na internet... esse tipo de coisa... daí fui procurar no Facebook... *Parkour Londrina*... e tem esse grupo... que é basicamente liderado pelo Luis Oliva que é um professor de Educação Física e ele faz *pro bono* essa atividade... então ele gosta de fazer parte do grupo, ele gosta de ensinar o Parkour para as pessoas... ele é o que lidera e o que ensina... então eu conheci eles, fui lá um dia da semana no sábado e estava tendo... eles me receberam e comecei a treinar... e fui conhecendo a galera lá... a galera é legal... e acabei fazendo as amizades...

Nicolas – Quanto tempo mais ou menos isso...

Leonardo – Foi lá em 2016...

Nicolas – E porque escolheram o Zerão para praticar o esporte?

Leonardo – Olha... não sei... mas eu acho que é por causa dos obstáculos que tem lá... por causa da centralidade... um espaço confortável, de sombreamento, vegetação... tem toda essa questão da vegetação que é muito importante dentro do Zerão... e às vezes a gente faz uns treinamentos dentro da natureza... quando chove não dá para usar o tênis por causa da grama que escorrega... então a gente tira

o tênis, tira a camisa e vai treinar correndo descalço pelo Zerão... pulando nas coisas... então acho que esse é um ponto que eles escolheram o Zerão... E agora a gente tem esse terreno que a prefeitura doou então... agora é meio que o lar do Parkour Londrina....

Nicolas – Mas vocês já chegaram a utilizar outros espaços para praticar o Parkour?

Leonardo – De vez em quando vai para outro lugar... só para sair um pouco daquele espaço... e aumentar a criatividade para passar os obstáculos...

Nicolas – Vocês já tiveram algum problema utilizando o Zerão?

Leonardo – Acho que não... como a gente está construindo nossa parte... os obstáculos lá... então a gente conseguiu a doação de vários pneus... a gente tinha deixado os pneus lá... aí alguém botou fogo no pneu... a gente perdeu todos os pneus que tinham lá... esse é o nosso problema...

Nicolas – Você acha que essa queima do pneu ela está relacionada com algum preconceito ou um desconhecimento de outras pessoas?

Leonardo – Acho que não... Alguém entrou na pira de fazer uma fogueirinha lá e fez... Vandalismo mesmo... a pessoa faz independente do quê.

Nicolas – O grupo de vocês já sofreu algum tipo de preconceito?

Leonardo – Não. A galera é bem curiosa... O pessoal que tá passando, andando com as crianças, as crianças ficam animadas em ver a galera pulando... A gente tem essa reciprocidade da população... ao invés de ser um preconceito...

Nicolas – Você mencionou que o professor que orienta vocês é *pro bono*... mas o grupo em si tem algum financiamento coletivo?

Leonardo – A gente faz a vaquinha mas é muito difícil a gente fazer isso... Geralmente, dependemos de doação... vamos atrás de coisas que as pessoas não estão utilizando... Por exemplo, teve um empreendimento da A.Yoshii que eles tinham comprado alguns tubos de concreto e eles pararam de usar... aí o Luis Oliva entrou em contato com eles e eles falaram que a gente poderia usar só que a gente tinha que buscar e como a gente não tem dinheiro para pagar caminhão, nem guindaste... então acaba que a gente não conseguiu utilizar esses tubos ainda mas a gente já tem, em tese, a propriedade deles.

Nicolas – Me fala onde é o local de vocês ali é perto das quadra dos skatistas?

Leonardo – Do lado basicamente.

Nicolas – Qual a relevância ou a importância da prática de vocês no Zerão?

Leonardo – Acho que sim é importante ter diversas e diferentes atividades lá para fortalecer essa visão de que qualquer um pode fazer o que quiser... que ali não é só a galera da corrida... porque se vier um cara com um bagulho diferente todo mundo não vai ficar olhando estranho e a pessoa não vai se sentir desconfortável lá... Então todo mundo é aceito...acho que essa é a relevância em ter nossa prática lá e diferentes práticas que às vezes são marginalizadas em outros lugares da cidade que ali podemos ser quem quisermos...

Nicolas – E esses são os aspectos que te motivam a continuar usar o Zerão e continuar com a praticar o Le Parkour ali?

Leonardo – Sim e também a questão da saúde em si, questão social e pensar que a gente tá fazendo algo pela cidade.... que a gente acaba incentivando mais gente a fazer um esporte... que às vezes os esportes convencionais a pessoa não gosta tanto... vê um negócio diferente, se anima... a gente aceita a pessoa lá, ensina... então tem essa importância também...

Nicolas – E quais te desmotivam... existe algo que te desmotiva?

Leonardo – Essa dificuldade das coisas andarem... Essas obras que a gente está fazendo... São bem devagar as coisas... Vamos às vezes nos domingos... para acabar as coisas, plantar a graminha no barranco, cavar um negócio para botar o pneu... Mas se a gente tivesse um incentivo da prefeitura, a prefeitura fosse lá e pegassem os tubos de concreto... seria ótimo... Isso acaba desmotivando bastante.

Nicolas – Caminhando para o final da entrevista... tem alguma pergunta de algum assunto que eu não fiz que você gostaria de falar sobre ou apontar mais alguma questão a respeito do Zerão?

Leonardo – Ah, acho que não...

Nicolas – Então eu te agradeço, estou muito feliz em descobrir algumas coisas, eu acho que a pesquisa científica serve para isso mesmo... Obrigado.

Leonardo – Acho que tem mais duas coisas que eu gostaria de falar... Acho que como o Zerão é esse zero e essa baixada no vale... acaba agregando muito na questão de privacidade... você faz seu esporte, faz sua coisa lá... mesmo você estando observado, você não se sente observado... você se sente confortável para fazer o que quiser lá... acho que é um ponto importante. Pode ser a própria questão da física do espaço... questão da baixada, da vegetação... enfim... e sobre a questão da droga não vejo tanto problema assim, mais a galera que usa maconha e de vez em quando tem alguém utilizando na baixada mas geralmente se utiliza mais nas escadarias do teatro... e não tem problema com eles, são bem suaves e tal... antes tinha até moradores de rua, dormiam ali, faziam uma barraca, mas também meio que sumiram... não sei se eles aparecem só de noite... não sei o que aconteceu com eles, para onde eles foram... eles estão em algum lugar... poderia até ser um problema mas eles não mexiam com ninguém...

Nicolas – Obrigado por você fazer essas pontuações... uma outra coisa que você falou agora que eu achei interessante.... sobre “ver e ser visto”, você poderia falar um pouco mais sobre isso?

Leonardo – As pessoas olham (para quem está fazendo a atividade no Zerão) mas não dá bola... não fica apontado, esse tipo de coisa... então tem a questão visual, mas você não sente esse problema em ser visto, você se sente confortável...

Nicolas – Isso se altera em espaços fechados como por exemplo em shoppings?

Leonardo – Acho que sim porque no shopping você tem que ter... tem que estar vestido de uma certa maneira... tem que se comportar de certa maneira... se você sai um pouco disso, você vira um alvo de julgamento e olhares... não em si, verbais mas a gente percebe esse tipo de coisa... Acho que no Zerão isso não acontece... a gente pode estar sujo, imundo que tá sem problema... Se fosse todo mundo igualzinho, todo mundo iria julgar uma coisa diferente no Zerão...

(...)

Nicolas – Eu agradeço muito sua participação, achei muito importante...

Leonardo – Beleza, valeu! Espero que ajude, até mais!

Entrevista 5: Gael, 30 anos, frequentador do Zerão

Data: Quarta-feira, 11 de agosto de 2021

Nicolas – Bom dia, Gael. Eu gostaria que você se apresentasse, falasse sua idade, sua escolaridade, sua profissão, onde você mora...

Gael – Meu nome é Gael*, hoje eu sou professor, tenho 30 anos. Já fiz Administração, não terminei... depois eu fiz Educação Física... Conclui né... Foi na Educação Física que eu me encontrei... Tanto é que eu já era um praticante de loga, já gostava de fazer treinos ao ar livre... Foi onde no final da faculdade que eu comecei a observar que esse era o meu caminho, trabalhar com pessoas ao ar livre, compartilhando a saúde. Então lá em São Paulo, eu fiquei 10 anos lá... Com 19 anos eu fui para lá... E de lá a gente construiu um método, um método de treinamento ao ar livre e com isso voltei para Londrina faz 6 anos... Então faz 6 anos que hoje meu trabalho, minha vida praticamente é dentro do Zerão porque a gente tem turmas de manhã, à noite e eu dou *personal* no Zerão. Então... é manhã, tarde e noite... é um campo que eu gosto bastante e a gente tem muito para somar aí com certeza.

Nicolas – Onde você mora em Londrina?

Gael – Eu moro na rua de cima do Zerão (Bairro Higienópolis – Centro) (...) Na verdade quando eu vim de São Paulo para Londrina, eu já estava pesquisando, vendo algumas casas e quando eu cheguei aqui, na verdade, não tinha muita iluminação, então 2015...2016... era um local que muita gente já tinha uma recriminação. Então quando eu vim morar aqui, muitas pessoas vieram falar para mim: “Cuidado que é perigoso...” Mas assim, cara... Quem gosta da natureza, tem que estar próximo dela. Eu estou sempre morando próximo de parques. Em São Paulo, eu morava perto do Ibirapuera...e assim por aí...

Nicolas – Então você vai ao Zerão todos os dias, manhã, tarde e noite?

Gael – Todos os dias praticamente. De segunda, quarta e sexta de manhã e à noite... terças e quintas na parte da manhã... e à tarde *personal*, né? Apesar que eu atendo *personal* em casa... direcionado a um público personalizado... Com a pandemia, os grupos também ficam um pouco mais restritos, então a gente começou a dividir esses grupos e aí começou uma nova vertente que são o *personal* em casa.

Nicolas – Eu achei interessante o que você disse sobre o Zerão ser o seu local de trabalho... e você utiliza o Zerão para lazer?

Gael – Utilizo. Por exemplo, agora eu me atrasei para a reunião porque eu estava com as cachorras no Zerão... Então todas as manhãs, ali próximo do almoço, eu costumo levar elas no parque... é um horário que não tem muita gente, a parte de baixo fica viva... a grama reflete, as árvores projetam sombra, então é um local gostoso de você caminhar ali, principalmente próximo do almoço... que é o horário que você tem livre... e eu complemento com essa volta com as *dogs*.

Nicolas – E você utiliza outros parques, outros espaços ali próximos ao Zerão... no centro... algum espaço público que você vá...

Gael – Eu costumo frequentar bastante essas áreas verdes... o Lago II, eu acho ele muito visado, ali não dá para você fazer uma corrida prazerosa... eu evito... Eu deixo lá para realmente quando precisar e esticar um pouco a corrida ou alguma coisa... Mas eu utilizo bastante o Lago I que é o de baixo que é próximo ao late Clube... que no caso está um pouco abandonado... porque a cidade inteira está iluminada e só ali que eu não sei o que acontece... está tudo meio atrasado mas enfim... E o Zerão porque a iluminação... como ela chegou de uma forma de *LED*... queira ou não... você consegue fazer outras coisas noturnas também... abriram um barzinho ali bem no começo do Zerão... e cara... foi algo fantástico... então dá para levar as crianças para fazer um *skate*... para jogar um basquete... alguma coisa noturna... que antigamente não dava... por causa da iluminação precária...

Nicolas – O barzinho que você fala é o Sabor&Ar?

Gael – Sim, o Sabor&Ar... nossa... trouxe diversos benefícios para aquela região ali... porque nas barras, onde era o campo de treino... que todo mundo mais frequenta... quem treina realmente... é ali naquela parte. As escadarias, a gente utiliza bastante para o treino de membros inferiores... treino de perna, treinos de resistência... subida... Para lazer, aquele canto não é tão formidável... não tenho nada contra, sou tranquilo em relação a isso... que é o uso de “coisas naturais” (drogas ilícitas)... mas tudo que é químico... você estraga o ambiente... então bebida, cigarro... enfim... então tudo que é industrializado e fica depois o lixo para trás... aquilo ali... cara... você quebra várias gerações depois que você sai dali... porque todo mundo que vai treinar, todo mundo que vai passear, todo mundo que vai fazer algum rolê, pisa em um caco de vidro ou sei lá... você tem que ficar recolhendo lixo no chão... daí as pessoas às vezes nem vão para a região por causa dessa... às vezes é uma falta de consciência, você fica prestando tanta atenção em outras coisas que você esquece às vezes da coisa mais importante que é seu lixo, a limpeza do local... enfim... mas esses são alguns detalhes que utilizo bastante quando o porquê que eu não utilizo mais... dava para utilizar... mas enfim... tem algumas coisas que a gente fica limitado justamente pelo convívio de outras coisas, outras pessoas, enfim.

Nicolas – Você falou dessa questão do verde, da natureza, desse encontro com a natureza... você poderia me citar mais elementos positivos/agradáveis?

Gael – Com certeza. Tem o parquinho das crianças, inclusive eu saí de lá agora e encontrei a banda Mamaquila, eles estavam ali com as crianças brincando... eu nunca tinha visto eles porque eu vou sempre ali... e cara... isso foi bacana... porque fazia muito tempo que eu não via essa banda... é uma banda de Londrina... desde quando eu saí daqui... vi eles hoje... eles estavam lá com duas ou três criancinhas lá brincando... e eu vejo que aquele parquinho... pô, ele tem tudo para ser o parque, ele não pode ser reformado só em pinturas, ele já está atendendo uma população infantil... eu acho fenomenal porque as escolas, a maioria municipal estão fechadas... estudando uma vez na semana... então não está tendo esse contato social entre as crianças... eu faço questão de pelo menos uma vez ao dia, levar meu filho para pedalar, no caso hoje ele estava brincando no Parkour, tem uma pistinha de Parkour que fizeram, quem fez foram os próprios meninos do Parkour... eu acompanhei... eles cavando lá os buracos, as coisas... que nem os meninos do *skate* né? Eu presenciei lá um ano... eles com as picaretas, um ia dormir, o outro continuava... sabe? Uma coisa que você fala assim “Caraca, velho... quem ama faz acontecer...”

Nicolas – Interessante ver o parque sendo construído por quem o utiliza...

Gael – Exato... sendo que teria que ser o inverso né? Mas enfim... Eu acho que a necessidade vai fazendo o construtor...

Nicolas – Você falou das garrafas e dos vidros jogados... como aspectos negativos, você poderia me citar mais alguns elementos negativos...

Gael – Cara... falta de lixo (lixeiras)... Se você andar na parte de cima tem bastante lixo (lixeiras)... e onde acumula mais lixo no Zerão? É nas escadarias... então se você for um dia observar em volta da escadaria não tem um lixo (lixeira), nem entre os lances (das escadas)... então a gente tá falando de uma região de sei lá uns 100, 200, 300 m² que não tem um lixo (lixeira). E quando tem nas pontas e eles estão sobrecarregados... a pessoa... por isso que ela vai deixando...ela olha para um lado, olha para o outro... e não vê nada... às vezes é mais fácil você deixar para trás e fingir que não viu... E na parte de baixo, na parte de baixo também... a maior reclamação, as pessoas que vão utilizar, a maioria que desce na parte

de baixo principalmente no período da tarde, final de semana são com os cachorros... porque na pista de cima já deu bastante intriga entre corredores nas pedrinhas e a galera que deixa cachorro solto na parte de cima e realmente eu que corro... pô... eu cruço com o cachorro e o cachorro assusta... ou avança, entra na frente... cara mas eu levo minhas cachorras... eu deixo elas soltas em baixo... (parte do gramado) porque ninguém nasceu para ser livre... entendeu? As pessoas que estão lá.. “pô tem que prender seu cachorro...” cara... você anda preso? Não” mas tem que ter um espaço para ele... e eu vejo que o espaço de baixo seria essencial para os *dogs*... então se é utilizado 90% por pessoas que utilizam o cachorro como animal de estimação... cara tinha que ter um bebedouro para cachorro... ou lixeiras para a bosta de cachorro... orgânica... não tem essa visão local... provavelmente quem tá vendo isso é quem frequenta... por isso que eu estou te falando que são uns detalhes... como eu estava em São Paulo, cheguei... fiquei no Zerão... eu comecei a comparar o Ibirapuera com o Zerão... O Ibirapuera tem um bebedouro que você aperta no pé... ele sai lá 30cm do chão uma biquinha... que já cai em uma tigelinha e o cachorro bebe ali e já tá limpo... são alguns detalhes que você fala... “Cara...porque ainda ninguém veio aqui ver isso?” (...) Porque eu acho que quando você constrói os espaços públicos, tem que ter uma auditoria do que eles estão utilizando... o que eles estão fazendo nesse espaço... deixa eu observar... então eu acho que está faltando essa auditoria e eu vejo muito o lance da fundação de esportes passando tinta... “show!” mas cara... tem que ter projeto, tem que ter algo que fala assim “opa... ali vai construir... o basquete, a pista de skate, eles estão lá em baixo...” cara, tá um em cima do outro...já já um vai querer pegar o espaço do outro... porque a gente tá falando de uma cidade de 500.000 pessoas... só uma quadra, velho... é loucura...

Nicolas – Você se sente seguro no Zerão?

Gael – Cara... uma das coisas que eu vejo como ponto negativo é a falta de uma guarita. Então se tivesse uma guarita, como tem bastantes espaços... terrenos que são da prefeitura beirando o Zerão, se você for ali ver sempre tem um recortinho que é da prefeitura, onde o pessoal utiliza para guardar carros... cara... vários alunos meus chegaram depois da aula com o vidro no chão... “pô, (...), levaram meu *note*, levaram minha bolsa, meu óculos...” começou a ser tão repetitivo isso que eu pensei em ter um segurança à noite para treinar no Zerão. Cara... aí veio a ideia de sair das escadarias, que a gente estava treinando lá próximo, e fomos lá para as barras... Então hoje a gente dá o nosso treino nas barras... e aí os roubos, os furtos pararam de acontecer... No começo, eu não conhecia a cidade, eu não sabia como que estava à noite ali no Zerão... mas pela situação que estava precária... falta de iluminação, estava com asfalto quebrado... então a galera que ia não era muito do treino, uma galera um pouco mais estranha... então começamos a observar que tinha outros detalhes até querer cobrar só segurança;;; e aí gente começou a fazer várias denúncias, várias ligações.... a Sercomtel assumiu a iluminação... a gente fez um mutirão de todas as lâmpadas que estavam queimadas do Zerão... para ser acesa... porque a gente não estava fazendo isso em prol só do Zerão, a gente estava fazendo isso pela nossa segurança... porque começa a perder alunos, então... pô as pessoas saem lá do condomínio, lá do Royal Golf... vem fazer uma aula aqui... chega o carro dela tá estourado... essa pessoa nunca mais volta... e ela fala para mais dez que o Zerão só tem malandro, né? Enfim.... mas isso estava acontecendo bastante antes da pandemia...

Nicolas – Você já presenciou algum assalto ou furto no Zerão?

Gael – Cara... já... três vezes. Um na escadaria... o cara saiu correndo com uma arma... no meio de todo mundo... mas aí ele caiu lá embaixo e a polícia conseguiu pegar ele... acabou a vibe da aula... eu falei “galera, pode ir para casa...acabou a *vibe*...” aí desceu carro de polícia, aí chegou moto...aquele monte de gente...

Nicolas – Era um aluno seu (que foi assaltado)?

Gael – Não... era um cara que estava próximo.. ele estava lá ouvindo uma música, sentado ali... aí o cara chegou, pegou ele com o revolver... o cara começou a gritar... ele (o assaltante) saiu correndo com o revolver na mão... passou no meio de todo mundo... e aí ele caiu na escada lá embaixo, um polícia, um segurança... conseguiram pegar ele... aí fez aquela baderna, enfim... e os outros foram furtos assim.... uma pessoa está correndo com o celular na mão, o moleque pega e sai correndo de bike... tudo antes da pandemia, tá? Depois da pandemia, não presenciei mais nada... Desde quando voltou o parque, eu não presenciei mais nada...

Nicolas – Você falou da questão da guarita... que você acha interessante que fosse colocada uma ali da guarda municipal ou da polícia militar...

Gael – Isso. Qualquer uma...

Nicolas – Têm mais alguns detalhes ou outros elementos que você gostaria de apontar sobre a questão da segurança....

Gael – Cara... se não conseguir colocar guarita... câmeras, né? Tem que ter uma observação... porque se hoje a tecnologia está em alta... porque não investir nela... então se a guarita tem um custo elevado... de

manter... ou não vão ter pessoas para cuidar delas, coloquem câmeras... foca na tecnologia, tenha uma comunicação visual, porque assim... se não tiver, vamos dizer, se não tiver o radar da rua aí vira zona...

Nicolas – Você socializa com outras pessoas que utilizam o espaço além das pessoas com as quais você vai?

Gael – Sim, sim. Como eu frequento em diversas áreas do Zerão, então você vai conhecendo... o pessoal dos dogs... que eles estão ali sempre... o pessoal da calistenia... do Parkour... o pessoal que revende... a tia do coco, o Seu Menezes... está ali há mais de 20 anos... se você quer saber qualquer coisa sobre o Zerão ou sobre o passado do Zerão, o Seu Menezes é a raiz ali... tem tudo... o Zerão dá para ser o centro de Londrina... o coração de Londrina para quem treina... ele tem um quilômetro perfeito... então se tivesse uma estrutura, uma infraestrutura para fazer uma pista de corrida interna, algum murro de arrimo na parte interna... porque muita gente fala que quando chove, cai pedra para dentro... alagam todas as quadras... lógico... o Zerão é o coração... mas ele foi construído quando? 1970-1980? Ele está precisando de uma atualização... uma reforma... de um novo Zerão... agora se o pessoal ficar fazendo tudo picado... “ah vou passar uma tinta aqui... amanhã, eu reformo ali, amanhã eu faço isso aqui...” vão ter pessoas que vão barrar o projeto... vão ter pessoas que não vão ser à favor... porque não dá para agradar todo mundo picado... ou faz uma coisa só para todos... então eu vejo que a iluminação melhorou, a segurança melhorou... mas pode melhorar ainda mais... a comunicação entre os grupos melhorou... então você vê que hoje... a galera do skate, a galera do basquete, porque cada um... vamos dizer... focou na sua vertente... então os meninos do skate, melhoraram o skate... reformaram lá a cesta, os meninos do futsal sempre estão lá também... o pessoal da calistenia está ali também... os *mahas* (mahamudras) estão fazendo de tudo... a gente está fazendo esse mês 6 anos de mahamudra e eu olhei todas as fichas de cadastro no sistema já tem 1023 pessoas... então durante esses 6 anos já passaram 1000 pessoas pelo maha que nem eu sabia porque vai acontecendo né... as coisas vão acontecendo... e se a gente não tiver essa força-tarefa vão vir meus filhos, seus filhos, seus netos e as coisas vão ficar assim só com o “passa uma tinta, poda ali.. beleza...”

Nicolas – Você estava falando sobre a diversidade de práticas e atividades que acontecem no Zerão... a gente sabe que há outros grupos que também se apropriam do espaço... a galera da batalha do rap, a galera da parada LGBTQ, Quizomba e outras apresentações artísticas que acontecem ali... Você acha que algumas dessas práticas e/ou outras que eu não mencionei e você conhece, elas atrapalham ou incomodam a atividade de vocês?

Gael – De jeito nenhum. Uma das coisas que a gente mais gostava dos finais de semana eram as atrações artísticas, culturais, quando tinha o pessoal da Quizomba, a galera do circo com as crianças, cara... até as festinhas... uma vez rolou o eletrônico lá, a galera curtiu demais... porque terminou todo mundo limpou tudo... sabe, eu acho que essa é a essência... se for fazer algo que às vezes é grande que envolve diversas pessoas, de diversos tipos... mas você anuncia... “galera, todo mundo pegue seu lixo... galera... cuida desse espaço como se fosse sua casa...” Cara... as coisas fluem... fluem e com certeza vai ser feita de novo... e vai ser feita de novo e de novo... agora quando não tem esse princípio na organização, no evento... cara, aí é problema, né? Porque poderia ser algo super bacana... a gente gostava muito quando tinha as atrações com os meninos dos palhaços, com as crianças... lotava de gente... lotava de criançada... a gente mandava para todo mundo do grupo... “galera, tá rolando coisa no Zerão.. vem para cá, vem para cá...” e tem esse lance de ser ao ar livre, e às vezes o custo pode ser bancado pela prefeitura, ou sei lá, feito uma arrecadação comunitária... mas cara, eu acho que tudo que é bem feito, bem organizado... deve e tem que ser continuado...

Nicolas – Você acha que, de certa forma, você se identifica ou você se diferencia dessas pessoas?

Gael – Cara, eu me identifico. Eu me identifico porque assim, tudo que aconteceu... a LGBT, na última que rolou, todo mundo foi... estava todo mundo lá... encontrei vários alunos... encontrei vários amigos, amigas, enfim... e assim, nada contra. Rolou o lance do lixo, então eles estavam fazendo uma arrecadação de lixo, ficou muito lixo para trás, não me importei muito... no dia seguinte, a gente pegou várias sacolas, teve uma galera que fez um mutirão... foi lá fez a limpeza do local... as coisas acontecem... mas quando passa da quantidade, passa um pouco do limite, tem que ter o anúncio... tem que ter a comunicação dos promoters... quem tá construindo o evento? Esse cara está se preocupando com o espaço, está se preocupando com todo o evento? Então se tiver essa preocupação, com certeza, quem utiliza o Zerão, já vai estar mais confiante com o próximo... então todo o evento que tem, quando é bem feito... a gente fala “pô, velho...continua, continua!... porque cara vai dar bom...!”

Nicolas – Você falou que frequenta o Zerão há alguns anos, uns 6 anos mais ou menos?

Gael – 6 anos.

Nicolas – Você acha que alguma coisa mudou no Zerão nesses seis anos, você já mencionou alguns aspectos... você pode dar mais alguns detalhes?

Gael – A reforma física que eu observei nesses 6 anos...foi o asfalto que era todo precário... cheio de raízes... a iluminação... que é uma iluminação em óleo foi para LED... a reforma do parquinho... que deu um *up*... a pintura de todo Zerão, do espaço Zerão... quando eu cheguei, ele era totalmente cinza e preto cheio de lodo, então nos últimos seis anos, hoje você vai no Zerão... ele está vivo, está colorido, você sente que tem um cuidado, a poda das árvores, que era uma das coisas que muita gente reclamava, que quando acontecia algum assalto, alguma coisa embaixo ninguém conseguia ver de cima, então a poda das árvores... hoje você consegue ter uma visibilidade melhor... bom por enquanto foi isso... De pontos negativos que não mudaram.. foram os alambrados... todos os alambrados que estão lá parecem uma peneira, cheio de buraco... isso aí é normal... as pessoas que utilizam não se importam tanto em cuidar... porque a gelera está na quadra, chuta a bola atravessa o alambrado e pega a criança lá no parquinho... então são uns detalhes assim... a iluminação na parte de baixo existe... porém com a falta da guarita.. eles roubam os fios... então já presenciei várias vezes na parte da manhã, todos os fios lá para fora cortados... lá do campo... porque tem os refletores... fios grossos... e como muita gente não está ali à noite.. o que acontece? a galera vai lá embaixo e rouba esses fios... então é a terceira ou quarta vez que eu já vejo esses fios cortados... e eles vão lá e arrumam.. agora nesse momento, esses fios estão cortados de novo... não tem iluminação no campo à noite... o lance das latas de lixo que é algo que é inaceitável... só na parte de cima tem lixo (lixeira) na parte de baixo não tem, nas escadarias não tem... com a SANEPAR tem que ver as bocas de saída então hoje nós temos duas torneiras no Zerão, então as mesmas torneiras que a galera bebe água, os cachorros bebem, os moradores de rua tomam banho... a galera que almoça lava o prato... porque a torneira é um cano... todas as torneiras que eles colocam... o Seu Menezes me falou um dia... que os nórias quebram essas torneiras para fazer um cachimbo e aí quando colocaram torneiras de plástico... começou a ficar...porém torneira de plástico não tem durabilidade nenhuma... no quarto ou quinto rosqueamento, ela espana... a evasão que sai de água dali... então às vezes é melhor ser só um cano... é melhor porque não tem essa especificidade, não tem a saída para o cachorro... algo de ferro que não pode ser arrancado... algo que não seja útil, só se for para aquilo... não tem uma saída talvez um bebedouro de concreto... enfim... tinha que estudar as cidades grandes, o que eles fazem nos piores lugares... com os vândalos... o que eles colocam de proteção.. então eu acho que está faltando essa visão de fora... para trazer para o meio interno... agora realmente um cano alimenta todo mundo... esse é um detalhe...e a guarita né... se não tiver a guarita vai ser bem difícil tudo isso começar a acontecer...

Nicolas – Caminhando agora para o final da entrevista... eu gostaria que você tivesse algo a acrescentar, algo mais para falar... algum elemento ou aspecto... que você gostaria de mencionar... ou uma pergunta que você tenha para fazer para mim...

Gael – Na verdade, eu acho que o seu trabalho... provavelmente, tomara Deus que deva influenciar ou potencializar alguma ideia... (...) e eu creio que essas ideias que fazem os resultados acontecerem... então não adianta nada a gente achar uma coisa e às vezes na realidade é outra, né? A didática é outra...eu quero muito que essa conversa aqui seja complementada com outras ideias e provavelmente coloque isso em prática, tá? Mas é isso...

Nicolas – Eu gostaria de agradecer muito sua participação e o que você trouxe na sua entrevista, muito obrigado...

Gael – Tamo junto! Valeu!

Entrevista 6: Valéria, 45 anos, frequentadora do Zerão

Data: Sábado, 14 de agosto de 2021

Eu queria que você se apresentasse, falasse a sua idade, sua escolaridade, sua profissão, onde você mora e o tipo de residência que você mora.

Valéria - Tá, eu sou Valéria, tenho 45 anos, eu me formei em jornalismo, trabalhei por um tempo no jornal de Londrina e depois eu montei uma confecção, hoje eu sou empresária, então eu tenho uma confecção de roupa infantil, bebe infantil. Moro aqui em Londrina.

Qual bairro você mora?

Valéria - eu moro aqui no Vivendas do Arvoredo. Aqui pra trás do shopping, eu moro em um condomínio de casas, no Alphaville 2.

Ah, no Alphaville 2, legal! (...) quantas vezes você vai ao Zerão por semana? Você sabe me dizer?

Valéria - Então, dai ne... antes ou depois da pandemia né (risos).

Pode ser uma mescla dos dois, se você vai agora, quantas vezes você ia antes e tals. Porque estamos no período meio conturbado né!

Valéria - Exato, tem esse impacto. Eu antes da pandemia ia bastante, a cada 2 semanas eu ia lá. Eu tenho 3 crianças pequenas, então a gente sempre costumava levar as crianças lá e principalmente também depois quando estruturaram um pouco o “sabor e ar” lá. Então pra mim era um espaço perfeito! De contato com a natureza, então a gente sentava ali, via aquele arvoredo, dava uma volta ali, as crianças ficavam ali brincando e naquela brincadeira, daí tem aquela academia até ao ar livre ali que é um parquinho pra eles (risos), e então pra mim era perfeito! A gente ia muito lá, e com a pandemia, a gente é cuidadoso, bem zeloso, então a gente não tá indo, e como eu moro numa casa, num condomínio fechado, eu acabo ficando mais com meus filhos aqui no meu espaço, no meu quintal... vamos dizer assim... mas era muito divertido ir lá, porque você ia lá, você encontrava pessoas, então pra mim ele era perfeito assim como um espaço social de convivência né, porque você estava ali mergulhado naquela natureza, que era a coisa mais linda! Londrina é muito quente, ali é um lugar super fresco o Zerão. Então a gente frequentava bastante lá.

E além das atividade de recreação que você mencionou com as suas crianças e tal, você ia pra praticar algum exercício físico? Alguma pratica esportiva?

Valéria - Então, dessas minhas idas assim por lazer mesmo eu via o pessoal que tem lá do Mahamudra!

A sim, eu conversei com eles!

Valéria - É né, e daí eu via eles fazendo atividade e eu adorava aquele jeito que era feito a atividade deles, e me chamava muito a atenção. E eu comecei a fazer inclusive, por um tempo eu fiz o Mahamudra lá, eles são ótimos. Eu falo gente, aquela ocupação que eles fazem do espaço é muito legal, a proposta deles de estarem ali fazendo uma atividade mas ao ar livre, no contato com a natureza! Então muitos momentos da pratica eles colocar você se conecta com o céu, olha pro céu. Era muito legal fazer! E algumas vezes eu fazia yoga no parque, quando tinha lá de domingo, que era atividade gratuita. Assim, de colaboração espontânea, mas é um outro projeto, não sei se você conhece...

Eu já ouvi falar dessa galera que se reúne pra fazer yoga, mas eu não sei o grupo que faz. Se era um grupo muito...

Valéria - Se você tiver o interesse eu tenho o contato de alguns dos professores. É um grupo de professores, cada domingo é um que faz a pratica e no intuito de divulgar mesmo o trabalho deles e esse intuito de levar as pessoas pro parque, para ali o espaço de convivência. Era muito legal, assim, mas eu confesso que eu não sou uma pessoa muito esportiva então eu nunca ocupei muito o Zerão para eu fazer esporte individual. Fiz nessa época do Mahamudra, depois eu parei, depois eu voltei na pandemia, fiz online, parei de novo, eu sei até que eles já voltaram a fazer lá a atividade. E daí por exemplo, assim de ocupação de atividade física é isso, meu marido tinha uma época que gostava de correr e gostava bastante de correr lá no Zerão. Exatamente por conta daquele arvoredo, do frescor, do lugar, então ele gostava muito de correr lá. Esse é minha ocupação assim, então a gente também ia muito quando tinha apresentação lá no Zerão, apresentações musicais, de teatro. A gente sempre participou dessas atividade, que eu acho que é perfeito, que é muito legal, ali no Zerão, embaixo ali, que tem um parquinho pras crianças e ali é um espaço amplo, criança corre, eu falo assim, que eu lamento inclusive que Londrina faça muito pouco uso dos seus espaços, seus parques, seus espaços naturais, porque é muito gostoso, ainda mais Londrina sendo uma cidade quente e é um espaço assim muito democrático, de confraternização, porque, por exemplo, eu lembro quando a gente vai lá com as crianças, ou mesmo antes quando a gente não tinha as crianças, a gente dava uma volta lá, então ali você conversa com pessoas que não estão diretamente no seu núcleo de convivência, e é uma oportunidade de você conhecer pessoas diferentes. E muitas vezes a gente queria ir lá, mas as vezes tá meio abandonado, meio sujo, o problema ali da escadaria que tem um pessoal que fica usando droga ali, fica bebendo. Então sempre tem, você sempre encontra coisas ali abandonada, suja, cheiro de xixi ali na parte do anfiteatro, assim isso é muito lamentável porque as vezes algumas pessoas facilmente são afastadas, deixam de ir por conta disso, por exemplo, quase não tem lixeira. Eu falo assim, por exemplo, eu já morei em Curitiba, então você vai em um parque lá é muito bem estruturado e é também bem cuidado, que você nem ousa jogar um papel no chão! Porque está bem cuidado, o estão bem cuidado as pessoas respeitam mais o espaço também. Se você vai lá em Curitiba, tem todos aqueles parques maravilhosos e as pessoas vão muito, os parques ficam cheios, e aqui em Londrina parece que a coisa tá meio largadão, o Zerão ali vai meio que sobrevivendo, tem época que tá bem cuidado, depois fica meio abandonado, até quando saiu a pesquisa eu falei nossa eu vou responder porque eu acho super importante falar desse espaço, acho que tem que ser cuidado. Você pensar como cidade é um espaço perfeito de conviver. Aqui em Londrina pessoa vão fazer de lazer, elas acabam indo muito pra shopping, sendo que elas tinham que ir pro parque, só que não

é muito bem estruturado nossos espaços, assim, abertos aqui em Londrina, eu acho que isso poderia, tem muito pra melhorar.

Eu fiquei interessado no que você falou, sobre a questão da diversidade de sujeitos que estão ali no Zerão, e essa diferença, porque as pessoas não vão no shopping, alias, porque as pessoas acabam indo pro shopping ao invés de irem pros parques. Você costuma fazer suas atividades de consumo nos shoppings? Ou você tem essas atividades ou outras ali perto do centro? Ou você tá acostumando comprar online? Como você tá fazendo nesse sentido?

Valéria - Assim eu sempre fui muito pouco de ir em shopping, mas as vezes pela necessidade, as vezes a gente acaba escolhendo pela sua praticidade, por exemplo, para mim é muito pouco pratico ir para o centro. Estacionamento é mais difícil, as vezes tem coisas que você precisa que tem lá, mas eu costumo ir bem pouco, eu tenho procurado comprar mais perto de mim, ou eu já fazia, comprar muito online, mesmo antes da pandemia a gente acabava comprando muito online. Então com a pandemia mais ainda, faz muito tempo que eu não vou pro centro, até você falou que a sua pesquisa também é de calçadão né?! Assim, só a título de comparação, por exemplo, eu quando morava em Curitiba e as vezes quando eu tinha dia de folga, uma das coisas que eu adorava era passear pelo centro de Curitiba, passear pelo calçadão de Curitiba. Exatamente por isso, por você ver pessoas diferentes, você tá ali andando, você tá vendo diversidade, jeitos diferentes, só que lá era muito bonito ao mesmo tempo, porque tem toda a conservação que existe lá daquele centro histórico, e você vai andando, vai andando e de repente, pumba, você caiu em uma galeriazinha, eu gostava muito de andar aleatoriamente lá, e eu falava vou pro calçadão e vou me jogando. Quando eu mudei aqui pra londrina, aquele calçadão é bem fraquinho, é descuidado, então assim, eu gostava de andar por essa de ver as pessoas, o jeito que elas são, mas os espaços são mau cuidados aqui em Londrina, essa questão do espaço como uma ocupação social mesmo, como uma ocupação cultural, deixa muito a desejar. Por exemplo, o centro ele acaba virando mais comercial, um centro comercial mesmo, você vai lá pra comprar coisas e não pra de repente fazer um passeio. Então eu hoje vou muito pouco ao centro, como eu moro aqui também perto do Catuaí, por exemplo, eu preciso coisa de papelaria, eu compro na “Kalunga” dentro do shopping, ou peço no site pra retirar ali na loja, a minha papelaria acaba sendo a “Kalunga”, mas não é um espaço meu de escolha, eu ia pro shopping pra ir pro cinema, agora não to indo (risos).

A gente falou e você citou alguns pontos que enxerga no Zerão, existe além dessa questão da diversidade que você mencionou, desse contato com a natureza, alguns outros pontos positivos e agradáveis que você enxerga no Zerão?

Valéria - Bom, primeiro é realmente a questão da natureza, do contato com a natureza, você poder conviver com pessoas diferentes lá ne, eu acho que eles tem um ponto de relação, de relacionamento. Agora eu acho que de positivo, de coisas boas, eu acho que é isso, porque de infraestrutura não é uma coisa boa, por exemplo, quando começou o pessoal que é do “Sabor&Ar” e daí tinha aquele outro também que ... do “Green”, não sei como que chamava um, não sei se você se lembra?! Eles abriram também um espaço bem grande, então você ia, acabava entrando lá e tals, e depois saia, então ele atraía a convivência, ele atraía as pessoas. Mas falta infraestrutura ali pro Zerão, eu acho que falta infraestrutura, pra mim o espaço ele tem que ser em contato com a natureza em primeiro lugar, algo que a gente tá bem distanciado e que nos é tão necessário, principalmente pra crianças. Esses espaços estão fazendo muita falta, muita falta no desenvolvimento das crianças, o você olhar, então as crianças vão lá e elas veem um bicho diferente. Eu me lembro ate hoje, um dia a gente tava lá e daí tinha uma palmeira, e a folha tava caindo, mas ela ainda tava pendurada... meu a folha virou um cipó da criança e eles se balançavam naquilo e rodavam, e rodavam, é a natureza virar o brinquedo deles, e é espontâneo, aquela folha amanhã não iria estar mais lá, é essa dinâmica que só a natureza permite, porque o parquinho de diversão toda vez que você vai, toda vez vai ser aquilo, você nunca vai ser surpreendido por algo diferente e ali por estar nessa natureza, você possibilita cada vez você ter uma experiência diferente ali que a natureza te traz, um bichinho diferente que a criança vê. Isso eu acho essencial, e pra mim é o principal do espaço. E na segunda, ele ser esse espaço democrático, todo mundo pode chegar, diferente de um shopping, que você tem que pagar estacionamento, que você tem que estar vestido adequadamente pra entrar naquele espaço, talvez algumas pessoas podem se sentir até constrangidas a entrar em um shopping e em um parque não. O parque é livre pra qualquer um entrar e sair a hora que quer, do jeito que quer. Agora por exemplo, quando eu ia com a minha mãe, que eu ia com a família inteira (risos), pra minha mãe era um pouco ruizinho, porque ela já é mais de idade, e daí que eu falo da questão da infraestrutura. A infraestrutura ali deixa um pouco a desejar, por exemplo, pessoas mais idosas, não aqueles mais esportivos, que daí já é tranquilo ne, mas minha mãe não é uma pessoa muito esportiva, mas que adora aquele espaço, pra ela a gente parava pra ela descer, então é essa questão da infraestrutura que eu acho que falta.

Além da questão da infraestrutura que você já apontou como um aspecto que precisaria melhorar, como um ponto não muito agradável, negativo. Você também mencionou a questão das escadarias, que você considera que elas estão um pouco abandonadas segundo a sua visão, existe mais alguns outros pontos que você poderia mencionar pra mim sobre esses aspectos desagradáveis?
 Valéria - Desagradáveis?! Vamos ver ne!

Pontos Negativos...

Valéria - Bom, essa questão da infraestrutura acaba sendo, atendendo toda ali... porque eu lembro ali, o Zerão é um fundo de vale ne?! Ali embaixo tem o córrego que passa, que agora me fugiu o nome daquele córrego, e que tinha uma época que tinha problema ali que ficava entupido, ficava muito lixo que acaba ali descendo pra lá, todo o lixo da cidade, ali naquele córrego vai muito lixo da cidade inteira. Mas de desagradável o que me vem é mais essa questão da infraestrutura por exemplo, igual as escadarias ne, as escadarias são bem abandonadas, aquele espaço. Se houvesse um trabalho por parte do poder público de ocupação melhor daquele espaço, de levar atividades culturais, esportivas, você levar eventos, toda essa parte do pessoal que fica ali largado, consumindo droga e bebida, isso vai afastando. Quando você não ocupa o espaço adequadamente ele é ocupado de outro jeito. É uma judiação, porque aquele espaço é uma delícia pra fazer atividades, atividades culturais, aquilo lá é uma delícia. Agora de desagradável que eu vejo é.... não sei te dizer..., se você tivesse assim alguma coisa que você pudesse me puxar o fio da meada.

Você falou da questão das pessoas que ficam ali usando drogas, quando você ia mais frequentemente pro Zerão, você visualizava aquela pratica de uso de droga, de entorpecente, como frequente? Toda vez que você ia, você via pessoas usando?

Valéria - Sim, sim via, quando eu fiz o Mahamudra, tinha uma época que eu fazia de manhã e tinha uma época que eu fazia no final da tarde, e a gente faz exercício ali na escadaria, eles usam as escadas pra fazer os exercícios, e você tava subindo e descendo e no topo tinha uma turminha consumindo droga, fumando maconha. A gente aqui não vai discutir a questão do uso ou não da maconha, mas a questão é o consumo que esta ocorrendo ali. E quando eu ia de manhã, que eu ia seis e meia da manhã sempre encontrava, que você via que era garrafa quebrada, coisa que ficava ali, encontrava cachimbinho, encontrava preservativo. Você vai encontrando todas essas coisas que é desagradável, quer dizer que o espaço não tá sendo ocupado pro fim dele.

Você quando frequentava mais regularmente, você se sentia segura naquele espaço?

Valéria - De ir sozinha mais no final da noite não, daí agora que você falou assim, tem a questão da iluminação. Por exemplo, eu já a muito tempo já eu tô com as minhas crianças, então eu faço minhas atividades sempre de dia, mas eu lembro que, por exemplo, tinha época que eu ficava sozinha ali, chegava uma hora que eu fala, não já tenho que ir embora porque ali já vai ficando escuro, mas um pouquinho abandonado. Daí aquilo que é positivo que é a natureza pode ser um fator de descuido, ainda mais sendo mulher né N.?! Então, infelizmente, as mulheres ainda pensam muito mais na questão da falta de segurança, porque ali não tem guarda, não tem nada. Chegou a noite é você e Deus, se tivesse mais iluminação. Mas mesmo por exemplo quando eu ia no “Sabor&Ar” que a gente ia no final da tarde e ficava até de noite, a gente ficava ali naquele pedacinho. A gente não ia pra escadaria, você já sabe que daí pode ter problema de segurança, a questão da segurança é totalmente ausente ali.

Você já foi assaltada ou furtada ali no Zerão?

Valéria - Não, não!

E você já presenciou algum assalto, furto ou similar ali no Zerão?

Valéria - Não, não, nunca presenciei.

Entendi.

Valéria - Eu lembrei que tem a ferinha da lua, ali naquela parte de cima. Se aquele espaço também é considerado. Então você veja quanta coisa que poderia estar. Por exemplo, aqui em Londrina poderia ter uma feira de artesanato, ali de domingo poderia ter uma feira de artesanato. Olha que delicioso que seria, uma feira de artesanato ali no domingo daí as pessoas olham a ferinha e depois descem pro Zerão. Olha só que perfeito.

Eu não sei se a ferinha... a feirona ne, que acontece ali na Saul, ela comporta o artesanato. Não sei se as pessoas vendem artesanato ali, provavelmente não.

Valéria - Mas ali não é um artesanato assim... eles vendem muito produtos populares, que comprem já.

Sobre a questão de socialização. Quando você ia pro Zerão, você costumava se socializar com as pessoas? Você se integrava com as pessoas que estavam ali? Ou você era mais na sua, com as suas crianças?

Valéria - Isso é uma coisa que eu já apontei que eu acho que o parque permite isso, permite você se socializar, você ir pra lá e não olhar pros lados não tá correto, o bacana de ir lá é exatamente isso, é você estar ali e você tromba com uma pessoa, fala oi e tals, isso foi uma coisa que eu sempre gostei, eu sempre que vou pra lá eu to ali, qualquer pessoa pode ser um novo amigo. E mesmo aquela coisa de conversar, porque as crianças interagem muito e a gente vê como isso é legal, e você começa a conversar. E pra mim isso que sempre foi o legal, essa oportunidade de conversar com o diferente, com as vezes uma pessoa que não é aquela que tá no meu núcleo, que tá na minha bolha. E que a gente possa ver outros jeitos de ser, e o parque é legal por isso, exatamente por permitir a diversidade, permitir a interação com a diversidade. Ali você pode ver gente de tudo quanto é jeito, jovem, mais velho. O que eu percebo é que a terceira idade tá meio desprivilegiada ali, você não vê quase pessoas mais velhas passeando ali no Zerão. Mas ali você vê de tudo, você vê criança, você vê de classes diferentes, sociais, econômicas, e isso é bacana você interagir. Você poder ter esse contato e enxergar o diferente, se não você fica só no seu espaço, e você nunca enxerga o diferente e se você nunca enxerga o diferente como você vai respeitar o diferente. E quando você tá ali, mesmo quem tá fazendo exercício, você vê que elas se solidarizam também. Eu lembro quando eu fazia mais caminhada lá, você vai encontrando sempre aquelas pessoas que fazem naquele horário, e que as vezes você começa uma conversa. Você estar nesse espaço é perfeito, é diferente de você estar passeando em um shopping. Em um shopping essa tua conversa com o outro não tá aberta, você está ali para comprar, você tá ali pra fazer aquela diversão que eles estão propondo, diferente do parque que a diversão as vezes acontece, a diversão principalmente com as crianças. Encontrou um tronco que caiu, pronto, já vira um brinquedo pra criança né, daí uma vê, a outra vê, e daí começa uma interação. Então acho que o parque proporciona muito. Chutou uma bola, a bola foi lá naquele outro grupinho, aquele outro grupinho já joga bola, já faz uma brincadeira, então isso é muito bacana.

Você considera que alguma das praticas que acontecem ali, que são feitas pelos indivíduos, elas atrapalham? Incomodam as suas atividades? As coisas que você faz ali no Zerão?

Valéria - Não, não me atrapalha, primeiro porque a gente tem que pensar que ali é um espaço público, um espaço de todos, então ninguém é dono daquele espaço. Eu não posso achar que o que o outro vai fazer me atrapalha. O que eu tenho é a questão da segurança, que isso é em qualquer situação né, a questão de você poder estar segura, e a questão da sujeira, por exemplo, as vezes você quer ficar ali na escadaria, mas tá com cheiro de xixi. Naquela marquise também tava correndo o risco de desabar, ali no anfiteatro que tava com risco de desabar por um total descuido. Então por exemplo, a questão da sujeira, o espaço é de todos mas a sujeira ela te atrapalha vamos dizer assim, eu acho que nesse sentido. Mas vamos dizer assim, essas coisas elas criam espaços no parque quando o parque não tá cuidado, quando o espaço não está cuidado e ocupado. Se eu passo ali e tá com cheiro de xixi, mas pessoas se sentem a vontade pra fazer xixi ali, sendo que se tá bem cuidado. Questão da segurança, se tem um guarda ali, aquele que não tá com a intenção positivamente boa para todas, ele não vai fazer ali. Mas quando a coisa tá abandonada infelizmente você dá chance pra isso, agora, eu nunca deixei de ir quando quis ir, talvez aquilo que eu falei, não fiquei até tarde, a questão da segurança a noite ela é importante, bem importante. E as vezes você quer usar alguns espaços que não dá. Por exemplo, um parque que a gente queria ir antes com as crianças, que é um parquinho do aterro 2 lá do lago, e a gente ia lá nossa, tinha vomito nos brinquedos, bebida, garrafa, camisinha, muita sujeira, muita sujeira, daí não dava. Então aquela coisa, a máxima, o parque é de todos e isso que é o legal, porque a gente vive em uma sociedade que cada vez mais as pessoas são restritas, e tudo daqui a pouco você tem que pagar. O parque é importante por isso, porque ele é livre, ele é de todos, e isso que eu lamento, que ele não tá bem cuidado. Porque se eu quero passear com meu filho, e eu não tenho dinheiro nem pra ir tomar um sorvete com ele, ou ir pra algum lugar, ir pra um shopping, ir pra qualquer outra coisa, eu vou no parque e eu me divirto. Eu entro ali e não preciso pagar nada. A gente tem que sempre pensar nessa importância do parque que é para todos, só que quando não tá bem cuidado, acaba evitando.

Você já foi em eventos que acontecem no Zerão? Quais?

Valéria - Sim, eu sempre ia no festival de teatro, festival de música, a gente sempre participou muito do encontro dos contadores de história, do eco, que eles sempre ocupavam bastante lá. Inclusive, tenho muitas memórias de teatro, de contações que foram apresentadas lá com as crianças, era muito legal. Basicamente são esses os eventos, os dois festivais, o de música e de teatro que ocupam lá, o ECOH, que ocupa bastante. Agora, fora isso é difícil ter alguma outra iniciativa que ocupe lá, sendo que poderia. Por exemplo, nessa atual pandemia, poderia estar iniciando com alguma coisa lá, nem que seja de teste ainda, poxa aquele espaço, tem o anfiteatro e tem o gramado, é um espaço delicioso pra fazer as coisas, pra acontecer. A gente sempre participou bastante dessas atividades que tem lá, mas elas parecem que

foram rariando bastante. Eu acho até que quando as minhas crianças eram pequeninhas tinha mais coisas lá e agora é bem pouco. Pensei, porque olha que legal que seria se tivesse festival de grupos amadores, pessoal de Londrina, que quer só se apresentar, seria super legal ter esse tipo de atividade lá, mas bem pouco.

Você acha que nesses eventos que você citou, existe coisas que te aproxima mais desses eventos, que tem uma identificação com esses eventos, porque são eventos que você participava, então você sente uma certa identificação com esses eventos! Você acha que esses eventos deveriam ser, porque além desses eventos que você citou nos também temos a batalha de rap, o quizomba, algumas atividades da parada LBBT aconteceram ali, alguns shows de rock, mpb, eletrônica. São eventos que você frequenta?

Valéria - Sim, o quizomba eu também já fui, a batalha de rap eu sabia mas nunca fui, eu confesso que como eu estou com as crianças, a gente acaba indo em passeios que envolvem também eles. A batalha de rap eu lembro que teve, mas a gente não foi, o pessoal do lgbt eu não sei que atividade já fizeram lá, eu sei que fizeram em outras passeatas, mas um evento específico lá eu não me recordo. (...)